

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/351061499>

Olhares Sobre a Formiga: comunidade, escola e universidade em um encontro de saberes.

Book · April 2021

CITATIONS

0

READS

37

2 authors:



Daniel Fonseca de Andrade

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

42 PUBLICATIONS 119 CITATIONS

SEE PROFILE



Tainá Figueroa Figueiredo

Federal University of Rio de Janeiro

11 PUBLICATIONS 1 CITATION

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:

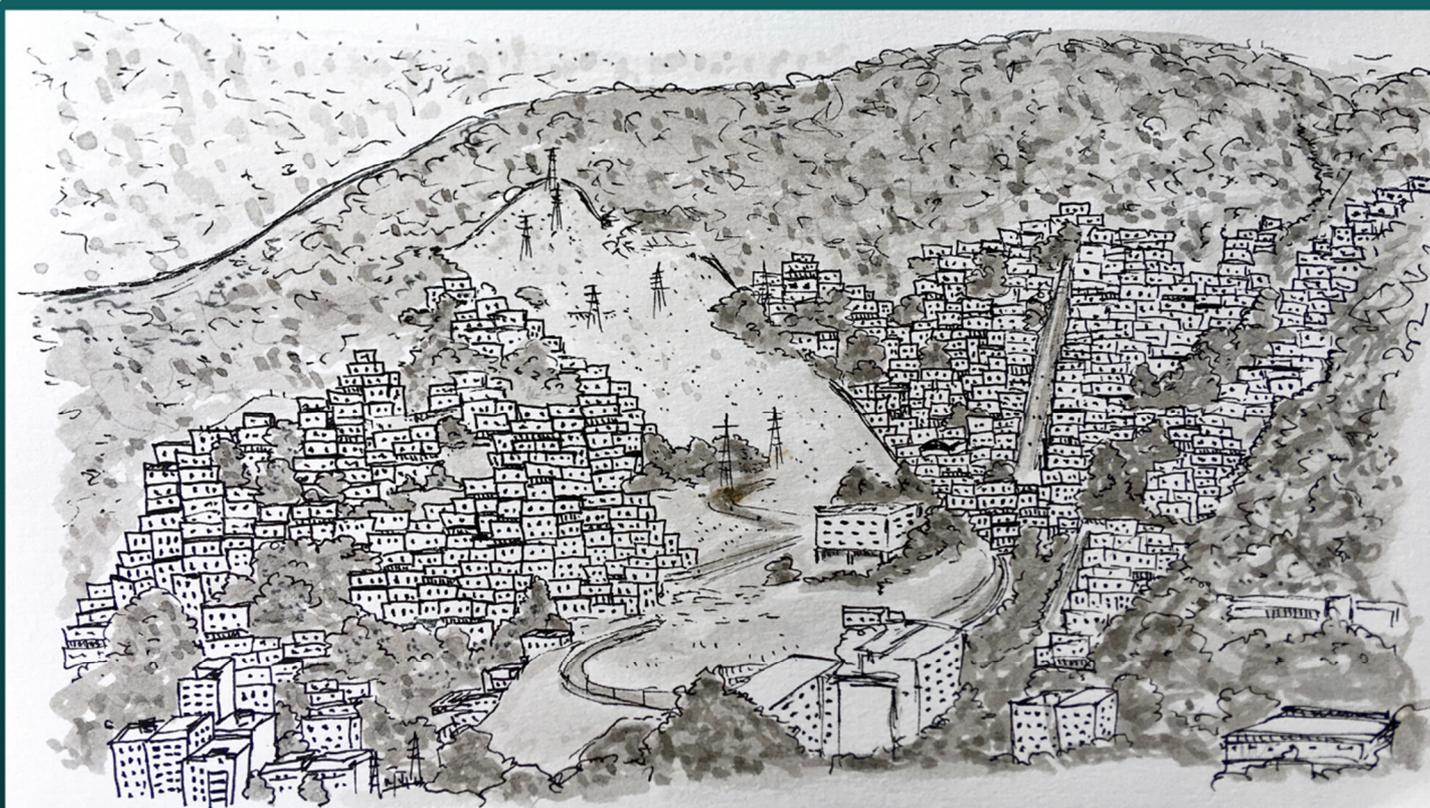


Um estudo exploratório sobre o uso de metodologias ativas e participativas no ensino superior [View project](#)



Sustainability in science education: research and development of contemporary pedagogical strategies [View project](#)

Olhares sobre a Formiga: comunidade, escola e universidade em um encontro de saberes



ORGANIZADORES:
DANIEL FONSECA DE ANDRADE
TAINÁ FIGUEROA FIGUEIREDO

Olhares sobre a Formiga: comunidade, escola e universidade em um encontro de saberes

Organizadores

Daniel Fonseca de Andrade

Tainá Figueroa Figueiredo

Colaboradores:

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – PROExC UNIRIO

Projeto ‘Tecendo Saberes: Escola e Comunidade na Gestão Ambiental Local’

Bolsistas: Natália Helena Ribeiro Chaves, Tainá Antonio Fernandes, Tainá Figueroa Figueiredo e Nina Neder.

Projeto ‘Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas públicas do Rio de Janeiro’

Bolsistas: Tainá Figueroa Figueiredo, Flávia Moura Fernandes, Ana Carolina S. Sousa, Pammella Casimiro de Souza.

Projeto ‘Articula-Ação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário’

Bolsistas: Bernardo Lauria, João Marcelo Quintiliano, Luiza de Andrade Lima Sjostedt

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE/UNIRIO

Bolsista: Max Murilo Alexandre

Escola Municipal Jornalista Brito Broca

Laboratório de Ecologia Florestal (LEF/ UNIRIO)

Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur)

Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAr/UNIRIO)

Ilustração da capa e interior: Daniel Renaud Camargo





© 2021 dos organizadores

Direitos reservados desta edição

NUPEM Editora

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olhares sobre a Formiga [livro eletrônico] :
comunidade, escola e universidade em um
encontro de saberes / organizadores Daniel
Fonseca de Andrade, Tainá Figueroa Figueiredo. --
1. ed. -- Macaé, RJ : Instituto de Biodiversidade
e Sustentabilidade, 2021.

PDF

Vários colaboradores
Bibliografia
ISBN 978-65-87507-16-3

1. Comunidade - Desenvolvimento - Brasil -
Rio de Janeiro (Cidade) 2. Educação 3. Escolas
4. Meio ambiente 5. Reflorestamento - Brasil
6. Universidade - Brasil I. Andrade, Daniel Fonseca
de. II. Figueiredo, Tainá Figueroa.

21-57373

CDD-307

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidade : Desenvolvimento : Sociologia 307

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Universidade Federal
do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora

Denise Pires de Carvalho

Vice-Reitor

Carlos Frederico Leão Rocha

Pró-Reitora de Graduação

Gisele Viana Pires

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Denise Maria Guimarães Freire

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Eduardo Raupp de Vargas

Pró-Reitora de Pessoal

Luzia da Conceição de Araújo Marques

Pró-Reitora de Extensão

Ivana Bentes Oliveira

Pró-Reitor de Gestão e Governança

André Esteves da Silva

Pró-Reitor de Políticas Estudantis

Roberto Vieira



Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade

Diretor
Rodrigo Nunes da Fonseca

Vice-Diretor
Francisco de Assis Esteves

Diretor Adjunto de Apoio a Pós-Graduação
Fábio Di Dario

Diretor Adjunto de Apoio a Pós-Graduação
Pedro Holanda Carvalho

Diretora Adjunta Administrativa
Adriana Furtado Lima

Diretora Adjunta de Pesquisa
Cíntia Monteiro Barros

Diretora Adjunta de Extensão
Mirella Pupo Santos

Sumário

Apresentação	7
Prólogo	14
Capítulo 1	
A MULHER, liderança, A FLORESTA E A COMUNIDADE: o olhar de 'Dona Nilza'	17
Capítulo 2	
Projeto REFLORA: o olhar da universidade sobre o reflorestamento	36
Capítulo 3	
O olhar do morador: ressignificados e o papel na comunidade	45
Capítulo 4	
A conjuntura internacional e os projetos Mutirão de Reflorestamento e Hortas Cariocas no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ	55
Capítulo 5	
O olhar da direção e coordenação da Escola Municipal Jornalista Brito Broca	69
Capítulo 6	
O olhar docente e as naturezas da Formiga: do chão da comunidade para o chão da escola	77
Capítulo 7	
Reflorestamento: olhares da comunidade.....	90
Capítulo 8	
Olhares sobre o reflorestamento: diagnóstico socioambiental simplificado na comunidade do Morro da Formiga	118
Capítulo 9	
O olhar acadêmico sobre a arborização urbana do Morro da Formiga.....	129
Capítulo 10	
O olhar da universidade sobre as Sociedades da Água do Morro da Formiga	139
Capítulo 11	
'Aprender brincando com a Natureza': o Morro da Formiga como espaço de extensão e formação universitária	149

Apresentação

Este livro, 'Olhares sobre a Formiga: comunidade, escola e universidade em um encontro de saberes', é fruto de um trabalho coletivo que envolveu várias pessoas e instituições ao longo de sete anos.

A história que levou à organização desta obra iniciou-se em 2013, quando o Laboratório de Ecologia Florestal (LEF) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenado pelo prof. Dr. André Scarambone Zaú, começou um trabalho de pesquisa no Morro da Formiga, comunidade situada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Esse trabalho tinha como foco a análise da qualidade de um projeto de reflorestamento municipal, o projeto 'Mutirão Reflorestamento', em andamento desde 1997 na cabeceira do morro. A justificativa para a contratação do LEF para essa pesquisa foi analisar a saúde da floresta em formação aproximadamente 30 anos após o início da sua implantação.

A entrada do LEF para atuar no reflorestamento da comunidade possibilitou o desenvolvimento de outros projetos, realizados também por pesquisadores do laboratório. Tais projetos tinham natureza socioambiental, ou seja, eram focados na questão ambiental, mas a consideravam de forma integrada ao contexto social local. Foi nesse movimento que emergiu, junto a alguns dos estudantes e pesquisadores envolvidos, o desejo de se aproximar da escola do morro, a Escola Municipal Jornalista Brito Broca. Isso culminou na transferência, para lá, de um projeto de extensão universitária que era realizado pelo LEF em outras localidades, o "Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro". Esse projeto, então, foi iniciado na escola ainda em 2013 e se mantém ao menos até o momento de escrita dessas palavras.

Em 2015, no âmbito do projeto "Aprender Brincando", já sob minha corresponsabilidade, aventamos a possibilidade de reunir pesquisadores e educadores da UNIRIO com trabalhos na comunidade da Formiga para um encontro informal de compartilhamento de experiências e do conhecimento até então produzido.

Essa ideia original rapidamente evoluiu para outra, um pouco mais sofisticada, de realizar esse encontro na própria comunidade, o que propiciaria não apenas um compartilhamento entre os acadêmicos, mas também seria uma espécie de devolutiva dos resultados dos projetos de pesquisa para moradores da localidade pesquisada.

Embora mais desafiadora do que a primeira, essa segunda ideia também foi logo superada: não fazia sentido realizar um evento na comunidade e colocar seus moradores na condição exclusiva de ouvintes, já que eles não seriam os únicos beneficiados com o encontro. Foi então que nos ocorreu a possibilidade de estimular a realização de um encontro de saberes populares e acadêmicos acerca da comunidade e de suas questões ambientais. Ou seja, se a ideia original era apenas um encontro informal entre pesquisadores, algo muito maior e mais significativo estava tomando corpo.

Levamos, então, essa ideia, ao mesmo tempo como uma forma de consulta e convite, para a escola, que não só prontamente a acatou como também se ofereceu como sede para o encontro. Mais do que isso, tornou-se uma grande instigadora desse processo. Começava

a tomar forma o Fórum ‘Olhares sobre a Formiga’, que com a adesão da escola, trazia para o projeto mais um importante ator local e mais um olhar sobre a comunidade.

O Fórum ‘Olhares sobre a Formiga’ foi realizado na manhã úmida do dia 7 de novembro de 2015, na Escola Municipal Jornalista Brito Broca, das 9 às 12h. O objetivo do evento foi compartilhar conhecimento sobre a comunidade do Morro da Formiga a partir de pesquisas realizadas e de depoimentos de moradores e profissionais que trabalham na área. Seu formato foi definido com apresentações de quinze minutos que alternaram falas de moradores da comunidade envolvidos em projetos ambientais/lideranças locais, pesquisadores da UNIRIO e representantes da escola, tudo isso ao lado de uma bela mesa de café da manhã e intercalado com apresentações artísticas. A organização do evento ficou por conta do LEF, do Grupo de Estudos em Educação Ambiental ‘desde el Sur’ (GEASur) (ambos espaços da UNIRIO com pesquisas em andamento no Morro da Formiga) e da Escola Municipal Jornalista Brito Broca. As falas programadas foram feitas conforme abaixo:

- Prof. André Scarambone Zaú, da UNIRIO, sobre o projeto de reflorestamento da comunidade;
- Dejair Santos, encarregado do Projeto Mutirão Reflorestamento do Morro da Formiga, sobre o projeto de reflorestamento da comunidade;
- Nilza Rosa, liderança comunitária, sobre a história ambiental do Morro da Formiga;
- Lucas Santa Cruz de Assis Brasil, estudante de graduação em História da UNIRIO, sobre a história da comunidade e da questão ambiental na comunidade;
- Júlio Vitor Costa da Silva, cientista social e estudante de mestrado em Educação da UNIRIO, sobre as Sociedades da Água do Morro da Formiga;
- Gustavo Alves Cunha Martins, estudante de graduação em Ciências Ambientais da UNIRIO, sobre a arborização urbana no Morro da Formiga;
- A equipe da Escola Municipal Jornalista Brito Broca, sobre a escola, as crianças, a comunidade, as parcerias na comunidade e fora dela, os projetos passados, presentes e os sonhos para o futuro;
- Tainá Figueroa Figueiredo, estudante de graduação em Ciências Ambientais da UNIRIO, e Aline Silva Machado, bióloga com mestrado em Ecologia Vegetal, sobre as percepções socioambientais no Morro da Formiga a partir dos seus moradores.

O evento foi divulgado na comunidade por meio da afixação de um cartaz na porta da escola nos dias que antecederam o fórum (figura 1) e pela distribuição de panfletos (figura 2), ambos contendo detalhes sobre o encontro e ilustrados com dois desenhos feitos por estudantes da escola em uma atividade do projeto “Aprender brincando”. Os desenhos selecionados para compor os materiais de divulgação foram escolhidos pela equipe do projeto de extensão e reiterados pela diretora e coordenadora pedagógica da escola.



Figura 1. Banner de divulgação do fórum elaborado pela equipe do projeto de extensão "Aprender brincando".

Organização:

LEF - Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

GEASUR - Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el SUR da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Escola Municipal Jornalista Brito Broca

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Daniel Fonseca de Andrade – LEF/GEASUR/UNIRIO

Tainá Figueroa Figueiredo – LEF/UNIRIO

Aline Silva Machado – LEF/UNIRIO






E.M. Jornalista Brito Broca

Laboratório de Ecologia Florestal
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.
contato.lef.unirio@gmail.com
Endereço: Av. Pasteur, 458, Lab. 401,
Urca.

Fórum
"Olhares sobre a Formiga"



Local: Escola Municipal Jornalista Brito Broca – Morro da Formiga, RJ

Data: 07/11/2015

Horário: 9:00 – 12:00

Figura 2. Frente do panfleto distribuído na comunidade, no verso havia a programação do fórum.

Foram convidados para o evento, além de pesquisadores e educadores da UNIRIO e de outras universidades, toda a equipe da escola, líderes locais, representantes da secretaria municipal da Educação, do Posto de Saúde, da Defesa Civil, moradores, pais e estudantes da escola. No total, o Fórum contou com cerca de trinta pessoas.

Após as falas programadas, formou-se uma roda, de forma bem espontânea, e um grande diálogo deu uma sequência inesperada à programação. Agora sem o cerceamento do tempo e sem a tensão da exposição, essa roda final confirmou a importância do fórum e lançou sementes para o futuro. Foi com esse final, com a riqueza dos encontros e reencontros promovidos, com a importância dos conteúdos das falas, mas sobretudo com o sentimento de potencialização do agir de todos os envolvidos que a ideia deste livro brotou, com a intenção de registrar e preservar toda essa riqueza para além daquelas três horas oficiais e dos participantes presentes.

A organização desta obra foi uma realização difícil e demorada. Para isso, entre 2016 e 2018, criamos um projeto de extensão universitária específico junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO, a PROExC, chamado ‘Tecendo Saberes: Escola e Comunidade na Gestão Ambiental Local’ que teve, como um de seus objetivos, a organização deste livro. Quanto ao conteúdo, decidimos por uma composição que, assim como o fórum, alternasse os diferentes olhares, da comunidade, da escola e da universidade. E com a finalidade de gerar os conteúdos, convidamos os ‘palestrantes’ do fórum para compor um capítulo a partir de sua fala, ou por meio de redação própria, ou por meio da transcrição de uma entrevista que faríamos em um momento adequado.

Assim, do ponto de vista prático, a organização deste livro constou do convite aos palestrantes, da realização de entrevistas (para o caso daqueles que preferiram esse formato), da transcrição dessas entrevistas, da recepção de artigos prontos (dos palestrantes que preferiram redigir seus próprios textos), de três rodadas de revisão de cada um dos manuscritos, da devolutiva aos autores de seus textos para a última apreciação e aprovação do conteúdo final, da autorização por escrito para o uso do material, da padronização dos textos e da composição de uma versão final para envio para uma eventual editora. O processo de transcrição priorizou preservar a originalidade da linguagem e modo de dizer das entrevistadas e dos entrevistados. Assim, escolhemos manter as marcas de oralidade, que fogem, às vezes, da norma culta da língua portuguesa, a fim de valorizar as falas e possibilitar imaginar e experienciar as narrativas. Além disso, a elaboração deste livro constou da busca por uma editora em tempos de recursos absolutamente escassos e improváveis.

Foram envolvidos, ao longo de todo esse tempo, quatro bolsistas de extensão universitária que tiveram entre suas atribuições atuar na execução dessas tarefas de organização do livro. Além deles, todos os demais oito bolsistas de outros dois projetos (‘Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas públicas do Rio de Janeiro’ e ‘Articulação: Gestão Local e Fortalecimento Comunitário’), também atuaram ativamente. A participação desses bolsistas de extensão universitária foi absolutamente fundamental para a organização deste livro e, por isso, aproveito este espaço inicial para agradecer à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO pela cessão das bolsas e investimento nos projetos. Agradeço também aos bolsistas pelo envolvimento e o trabalho diligente. A efervescência vivida nesse período, em meio aos três projetos na comunidade,

além dos outros afazeres de ensino e pesquisa, levou à criação do LAPEAr, o Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental, coordenado por mim.

Quanto ao conteúdo, esta obra está composta por onze capítulos: o primeiro deles, 'A MULHER, liderança, A FLORESTA E A COMUNIDADE: o olhar de 'Dona Nilza', contém a fala de uma importante líder comunitária no Morro da Formiga, a moradora Nilza Rosa dos Santos, ou a Dona Nilza, como era conhecida. Nesse capítulo de abertura, ela fala sobre a sua história de vida, a história da comunidade, a sua construção, seus movimentos de resistência, de organização social e, por fim, sobre a questão ambiental a qual sempre se dedicou. D. Nilza foi presidente da Associação de Moradores e conheceu muito sobre a comunidade. Seu depoimento é muito importante para a compreensão do contexto local e se tornou ainda mais importante, no âmbito deste livro, após seu falecimento em 2017. Este livro é inteiramente dedicado a ela! Agradecemos a colaboração de seus familiares, em especial a de Nanci Rosa, sua irmã e grande parceira na elaboração deste livro.

O segundo capítulo, 'Projeto REFLORA: o olhar da universidade sobre o reflorestamento', é também a transcrição de uma entrevista com o Prof. Dr. André Scarambone Zaú, coordenador do LEF. Nela, o professor fala sobre a entrada do LEF no Morro da Formiga e sobre a formatação e execução do seu projeto de pesquisa no reflorestamento da comunidade, o projeto "Reflora". Ele explica sobre as justificativas para a realização do projeto, sobre a escolha para o desenvolvimento da pesquisa no Morro da Formiga, apresenta alguns dos resultados da pesquisa e, por fim, fala sobre o Fórum 'Olhares sobre a Formiga'. Como colocado acima neste texto, foi esse trabalho do LEF que engatilhou todo um envolvimento de estudantes e pesquisadores no Morro da Formiga que continua até hoje, e que culminou nesta obra.

O terceiro capítulo, 'O olhar do morador: ressignificados e o papel na comunidade', traz o resultado da entrevista realizada com o morador local Paulo Sérgio (Toliu). O Toliu, como é chamado, é um líder importante no Morro da Formiga e participou de vários projetos ambientais públicos realizados por lá, como os 'Guardiões do Rio', o 'Gari comunitário' e o projeto 'Mutirão Reflorestamento'. Por essa vivência, é um profundo conhecedor da história ambiental na comunidade, dos avanços conseguidos e das dificuldades enfrentadas que impedem que mais avanços sejam conquistados, ou até que fazem com que alguns sejam perdidos. Apesar disso, é um entusiasta da causa e continua um participante constante das iniciativas ambientais locais. Toliu fala sobre a sua vida na comunidade, sobre os papéis que desenvolveu em projetos e junto a Associação de Moradores, sobre a situação ambiental do morro, do saneamento básico, das questões de violência, sobre a reaproximação da Associação de Moradores com a escola, que foi um resultado inesperado do fórum, e sobre o fórum em si.

O quarto capítulo, 'O olhar da academia: a conjuntura internacional e os projetos Mutirão de Reflorestamento e Hortas Cariocas no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ', é um texto redigido pelos próprios autores, Lucas Neves da Cunha e Celso Sánchez, ambos da UNIRIO, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro, sob orientação do segundo. Nesse trabalho de pesquisa, os autores analisaram projetos ambientais públicos desenvolvidos na comunidade à luz de discursos ambientais globais e de como esses discursos muitas vezes justificam a precarização do trabalho em nome de um reconhecimento internacional. O trabalho faz uma importante reflexão sobre essa conexão

entre o global e o local e como que ela, em um contexto neoliberal, pode ser geradora da destituição de direitos trabalhistas e da redução da renda dos trabalhadores, tudo em nome do meio ambiente.

Os capítulos cinco, seis e sete estão dedicados às representantes da Escola Municipal Jornalista Brito Broca, localizada na comunidade e onde o Fórum 'Olhares sobre a Formiga' foi realizado. O capítulo cinco, 'O olhar da direção e coordenação da Escola Municipal Jornalista Brito Broca', é a transcrição de uma entrevista coletiva realizada com a diretora Angela Josefa de Almeida Guedes, a diretora-adjunta Marise de Oliveira Motta e a coordenadora pedagógica Maria Lucia Salatiel Braga, ativas em 2015, ano em que se deu o fórum. No capítulo, as gestoras abordam a história da escola, questões ligadas a sua gestão, projetos desenvolvidos e como variaram ao longo do tempo, a parceria com a UNIRIO (o LEF e depois o LAPEAR - Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental, criado em 2016 e coordenado por mim) e sobre a realização do fórum.

O capítulo seis, 'O olhar docente e as naturezas da Formiga: do chão da comunidade para o chão da escola', é uma entrevista com a professora Gildete Pereira Basilio Silva de Barros. Ela fala sobre a sua história na escola, sobre a sua participação no fórum e sobre como que essa participação influenciou a sua atuação como professora a partir de então. Além disso, ela aborda também os desdobramentos do fórum para a escola e nas suas práticas pedagógicas.

O capítulo sete, 'Reflorestamento: olhares da comunidade' é, mais uma vez, a transcrição de uma roda de conversa. Ela foi realizada na escola pela professora Gildete Barros, em uma de suas aulas, para qual convidou moradores que trabalhavam no projeto Mutirão Reflorestamento, Dejair dos Santos (encarregado do projeto em 2016), Alexandre Rosa, Paulo Sérgio e Nilza Rosa, para conversar com as crianças sobre a comunidade e suas questões ambientais, mais especificamente sobre o reflorestamento. Essa roda de conversa é, ao mesmo tempo, um desdobramento do fórum e uma aula importante para os estudantes, porque aprendem com os próprios moradores acerca de questões específicas de seu local de morada.

No capítulo oito, 'Olhares sobre o reflorestamento: diagnóstico socioambiental simplificado na comunidade do Morro da Formiga', os autores Aline Silva Machado, Tainá Figueiredo Figueroa, Alice Sá Rego de Azevedo, Victor Hugo dos Santos Pinheiro e André Zaú falam sobre o projeto de pesquisa de mesmo nome realizado na comunidade, no âmbito do projeto Reflora. No texto, os autores abordam os objetivos da pesquisa, que tinha como foco a relação entre moradores e o reflorestamento. Abordam também a relação da pesquisa com o projeto Reflora, o fórum e a sua participação no fórum, e apresentam os resultados da pesquisa.

O capítulo nove traz um texto escrito pelo cientista ambiental Gustavo Cunha, no qual apresenta a pesquisa realizada na comunidade do Morro da Formiga e que se tornou o seu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Nessa pesquisa, o pesquisador investigou a composição da arborização urbana da comunidade do Morro da Formiga e a sua distribuição pelo território. Em sua fala, o autor traz a sua história como pesquisador do LEF, sobre escolha do tema para o seu projeto de pesquisa, justifica o seu trabalho em um

contexto de favela e apresenta alguns resultados, a exemplo do que fez no fórum. Ao final, faz uma avaliação do fórum e de sua participação nele.

O capítulo dez é um texto produzido pelo então estudante de mestrado em Educação da UNIRIO, Júlio Vitor Costa da Silva, em parceria com o seu orientador, prof. Dr. Celso Sánchez. No texto, o primeiro autor fala sobre o seu envolvimento com a comunidade do Morro da Formiga e sobre como decidiu estudá-la quando ingressou no curso de mestrado, em 2014. Após isso, os autores abordam o tema central de seu trabalho, que foi apresentado no fórum, que é uma organização comunitária extremamente peculiar existente no Morro da Formiga que tem a finalidade de compensar problemas decorrentes da ausência de oferta de água pela concessionária pública para toda a comunidade. Os autores investigaram a organização das Sociedades da Água, como são conhecidas, seu histórico e formas de ação, seu papel na gestão hídrica e ambiental no morro, no mapeamento e preservação de nascentes, e na difícil tarefa de envolver as gerações mais novas nessa tarefa. Nesse contexto, trazem resultados da pesquisa e também impressões sobre o fórum.

No capítulo 11, 'Aprender brincando com a Natureza: o Morro da Formiga como espaço de extensão e formação universitária', a autora Tainá Figueroa Figueiredo aborda o projeto de extensão universitária 'Aprender Brincando com a natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro', presente na Escola Municipal Jornalista Brito Broca desde 2013 e em andamento até os dias de hoje. De certa maneira, o 'Aprender Brincando' é a espinha dorsal da permanência do LAPEAr na comunidade e desenvolve um importante papel não só para a escola, mas também na formação de educadores ambientais. É sobre a sua experiência no projeto entre 2013 e 2015 e sobre a importância formativa do mesmo na sua carreira que a autora descreve, além do fórum e da sua participação no mesmo.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, duas ilustrações complementam a intenção deste livro. Elas foram concebidas especialmente para ele pelo cientista ambiental, Mestre em Educação e Doutorando em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Daniel Renaud. Compostas a partir de fotografias, uma disponível *on-line* e outra do acervo do LAPEAr, colaboram na construção do cenário em que o fórum se deu. A ilustração da capa traz um olhar externo sobre a comunidade, e permite que o leitor tenha uma noção inicial sobre o ambiente topográfico, natural e urbano do Morro da Formiga. Além disso, essa ilustração enseja toda uma história de lutas e resistências que ali ocorreram e ainda ocorrem. A segunda ilustração, que demarca o início dos capítulos, traz um olhar interno, de uma atividade pedagógica da escola, com professora, crianças e monitores do LAPEAr junto ao rio Cascata, que corta a comunidade. Ela demonstra o nosso agradecimento à comunidade pelo acolhimento e aprendizado que nos permite lá.

Esperamos, com esta obra, compartilhar os diferentes olhares presentes sobre o Morro da Formiga para um público mais amplo, e com isso estimular novos olhares a se interessarem pela potência que existe nas comunidades cariocas e a se envolverem ativamente com elas. Boa leitura!

Daniel Fonseca de Andrade

Rio de Janeiro, outono de 2020.

Prólogo

O caminho que nos conduz até o Morro da Formiga, situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, mais precisamente na Tijuca, apresenta singularidades importantes, atravessa os bairros de classe média da cidade, subindo a rua Conde de Bonfim que segue cruzando a antiga benfeitoria do Engenho Velho, uma antiga fazenda que produziu café até meados do século XIX. Pelo outro lado, chega-se ao Morro da Formiga cruzando o Alto da Boa Vista pela Avenida Edson Passos que assume o verde com seus casarões e curvas acentuadas e atravessa a praça Afonso Viseu onde está a entrada do Parque Nacional da Floresta da Tijuca. O Morro da Formiga é um caminho do meio dessa cidade, uma favela num enclave de floresta, dentro de uma cidade que tem uma floresta bem no seu meio, o Rio de Janeiro.

O Morro da Formiga possui uma história interessantíssima, única entre as mais de mil favelas e comunidades que compõem a cidade: uma história que vai desde quilombos que povoaram as serras da Tijuca, Grajaú e do Andaraí, até a presença de “aparelhos” de militantes comunistas nos anos 1950, atuantes nos morros da Tijuca, sem esquecer-se de sua tradicional Escola de Samba, a Império da Tijuca, passando pela presença da Folia de Reis e de uma tradição de palhaçaria entre outras peculiaridades daquelas do tipo que só se descobrem indo lá. E quem vai, descobre também a vida pulsante dessa comunidade onde uma memória coletiva do sentimento de pertença que ali se manifesta, cria um ambiente de efervescência cultural e comunitária.

Entre as várias práticas sociais de iniciativa comunitária, não há como não destacar os projetos de cunho socioambiental que ali se manifestam. Parece que os moradores compreenderam que a natureza ali era um atributo a ser incorporado no próprio processo de ocupação. A floresta ali, diferentemente do que se vê Brasil afora, não é um limite que precisa ser dominado ou vencido, a floresta é uma aliada que protege a vida, garante a subsistência, a água e vida mesma da comunidade.

O Morro foi sendo historicamente ocupado de forma difusa, com seus imigrantes de Minas e Espírito Santo e de outras partes do Brasil, talvez também em parte, por suas características geológicas, mas sem dúvida por anos e anos de desleixo, esquecimento e completa ausência do poder público, sofreu muito com deslizamentos, com falta d'água, com falta de serviços básicos de saúde, educação, transporte, etc. Parte dos moradores nas áreas mais altas, por exemplo, se organizam há mais de 80 anos para acessar fontes d'água que jorram do Parque Nacional da Tijuca, com um sistema único de gestão ambiental de base comunitária. Com o passar dos anos, os moradores constituíram um saber popular extremamente fino na constituição das chamadas Sociedades de Água, um sistema singular de gestão comunitária e democrática de acesso à água. Há dezenas de sociedades de água, constituídas desde os anos 1930. Trata-se, sem dúvida, de um exemplo, que pode nos ensinar muito sobre como lidar com as questões ambientais contemporâneas, principalmente em uma época onde muito se fala na escassez dos recursos hídricos em várias regiões do Brasil.

O Morro da Formiga possui, ainda, inúmeros projetos ambientais e temos que ressaltar, sobretudo, o projeto de reflorestamento comunitário, que vem, nas últimas décadas, reflorestando grande parte da encosta do morro. Essa prática conservacionista

empreendida com a participação dos moradores da Formiga, não deve, em hipótese alguma, ser confundida com o conservadorismo muitas vezes difundido pelas correntes conservadoras da educação ambiental, correntes essas que não conseguem aliar as questões sociais com a preservação do meio ambiente. O que percebemos, nas experiências do Morro da Formiga, é a construção de um ambiente socialmente mais justo para os moradores, aliando preservação da natureza com a presença humana.

Além disso, no Morro da Formiga o que vemos surgir é uma organização comunitária em torno de importantes lideranças, em sua maioria mulheres, como Dona Nilza, que vão organizar desde creches comunitárias até movimentos políticos capazes de forçar o poder público se movimentar e colocar serviços básicos como posto de saúde e escola na comunidade. Aliás, no que diz respeito a educação, este aspecto assume uma evidente centralidade nas narrativas e demandas entre os moradores.

Subindo as íngremes ruas e vielas do Morro da Formiga, paralela ao Rio Cascatinha, um dos afluentes do rio Maracanã que vai, por sua vez, desaguar na Baía de Guanabara, chegamos a Escola Municipal Jornalista Brito Broca, que se localiza na parte alta da favela e onde encontramos professoras e professores engajados e determinados na construção de uma sociedade plural, ambiental e socialmente justa. O presente livro “Olhares sobre a Formiga: comunidade, escola e universidade em um encontro de saberes” organizado por Daniel Fonseca e Tainá Figueroa é também um testemunho do trabalho destas trabalhadoras da educação dedicadas a invisível tarefa cotidiana de transformar a sociedade por meio da escola pública e da educação. Este livro é um convite ao diálogo com o Morro da Formiga, um diálogo entre o morro e o asfalto, entre a cidade e a favela, entre a favela e a floresta, entre a escola e a comunidade e entre a universidade, a escola, a favela e a floresta. Desejamos uma excelente leitura e que este seja o início de um urgente e necessário diálogo para a construção de uma sociedade onde todos e todas possam ser e existir, onde as cidades possam ter suas florestas para respirar. Enfim, o Morro da Formiga é em síntese uma experiência possível para o desejo de construir uma Casa Comum.

Celso Sánchez e Rafael Soares Gonçalves



O OLHAR DAS CRIANÇAS DA ESCOLA MUNICIPAL JORNALISTA BRITO BROCA
SIMBOLIZA ESPERANÇA, MEMÓRIA, PRESENTE E ENCANTAMENTO...
NO DESENHO DE DANIEL RENAUD, ELAS OLHAM O RIO CASACATA/
CASACATINHA, NO MORRO DA FORMIGA.

Capítulo 1

A MULHER, liderança, A FLORESTA E A COMUNIDADE: o olhar de 'Dona Nilza'¹

Autora: Nilza Rosa dos Santos

Entrevistadoras:
Natália Helena Ribeiro Chaves e Tainá Antonio Fernandes

Data da entrevista: 11 de junho de 2016

Meu nome é Nilza Rosa dos Santos, sou moradora da Formiga, nasci aqui mesmo dentro na comunidade, na mão de parteira, nasci em 1952, no dia primeiro de maio, no dia dos trabalhadores. É. Eu sou de origem de uma família toda de Minas, sou carioca mas a família, meu pai é mineiro, minha mãe é mineira, meus avós é mineiro, padrinho de batismo é mineiro, sou casada com mineiro, e só gosto de comida mineira, ou é comida mineira ou é comida italiana. Mas eu gosto de comida mineira. Entendeu? Não tem jeito, é da minha origem. Gosto muito de chá de ervas, tomar chá, do jeito que fui criada.

Vou primeiro falar um pouquinho da minha história. Nasci aqui, fui criada aqui. A vida da gente, da gente quando eu falo, é da família, era muito difícil a vida, mas eu até te digo que a gente era muito mais feliz e livre, porque o respeito era muito grande, né? O pessoal era muito participativo com as coisas, todo mundo trabalhava em conjunto, era mais união, mais unido, né? Meu pai veio também de Minas, foi funcionário do antigo Estado da Guanabara, que era gari, né, e ele também ainda trabalhava também no cais do porto, como estivador. E isso que eu tô falando é uns setenta, do meu pai, uns setenta, oitenta anos atrás. Ele veio muito pequenininho e era um excelente pai. Minha mãe era uma excelente mãe, mas também era muita braba. Mamãe não era brincadeira não! Quando eu lembro de mamãe eu falo, eu falo hoje, se fosse hoje, no Estatuto da Criança e do Adolescente minha mãe tava presa, porque ela dizia que pé de galinha não matava pinto, e então ou você educava até com vara, pra amanhã não chegar a situação que a gente está vivendo hoje.

Eu tive dez irmãs, um irmão e quatro irmãos de criação. Era quinze filhos dentro de casa! Era muita gente, família numerosa e na época que a minha mãe, que nós estávamos menina, vinha gente demais de Minas, vinha todo mundo pro Morro da Formiga. Porque foi um grupo de mineiro vindo trazer o outro. E temos muito pouco do Norte, temos mais de Minas e também Espírito Santo aqui dentro da Formiga. Aí, essa vida da gente era muito difícil porque a casa era uma casa de pau a pique, de estuque, você não tinha direito muito à escola, você não tinha direito, não existia hoje, que nem clínica da família, não existia, só existia o hospital público que era o Souza Aguiar né? A maternidade não existia, a maioria nascia em casa, então eu nasci na mão de uma parteira, chamada dona Maria, e tinham

¹ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

outras, muitas outras parteiras, que até aqui na Formiga até hoje tem uma, né, uma, tem uma, que é a Dona Rosalina, e tem a outra que é a Zozoca. A Zozoca até hoje, até hoje ainda tem morador que tem filho em casa, e aí, foi mais ou menos assim.

A gente tinha um quintal na minha casa, assim, muito grande, muita árvore, tinha muita plantações, eu não entendi porque que quando eu comecei, casei, eu tinha que comprar banana, que eu não comprava, tinha que comprar aipim, batata doce, temperos, que a gente não comprava nada dessas coisas. Era tudo dentro, tinha tudo no quintal, na Formiga. Na casa da minha mãe, o quintal era imenso. Não consigo comprar tomate que eu olho esses tomate hoje, cheio de agrotóxico, eu nunca vim comer, eu vim comer veneno depois de adulta, porque eu não comprava essas coisas. E na casa a minha mãe ela criava cabrito, criava porco, criava pato, e criava galinha. Tudo tinha! A alimentação, você tinha mais alimentação do que hoje para as pessoas mesmo carente, porque tem muitas coisas que não se comprava. Olha, não se comprava sardinha, que era comida de gato da madame. Não se comia cabeça de peixe que era jogado fora, hoje vocês fala chipe, chispe né, que é mocotó, aquilo era jogado fora, dobradinha, que é o bucho, não se comia, a classe rica não se comia isso, e isso era tudo para filho de classe pobre, feijoada hoje que é caríssimo, era coisa que a gente mais comia era feijoada! Hoje quando eu vou comprar uma feijoada eu acho um absurdo, porque eu fui criada...

Tem uma coisa também que nós tivemos uma infância maravilhosa. Quando eu falo nós, são os irmãos, apesar de você não ter geladeira, não ter fogão, não ter luz, não ter água pot..., não ter água de CEDAE², porque eu acostumei com água da mata, eu nunca soube o que que era água contaminada. Eu bebia água natural pura, e hoje você compra mesmo da CEDAE tu toma água contaminada e passa mal. E mesmo na dificuldade, você tinha muita liberdade.

Eu tava falando outro dia, contando, que a gente brincava de batizado de boneca, brincava de boneca, e quais eram as comidas que fazia nas casinhas para brincar de boneca com batizado? Eu comia palmito, apanhava palmito no mato, comia amora, fruta de conde, goiaba, comia jaca, e isso você apanhava na mata, abacate. Se você andar na Formiga, você vê que tem muito abacate. Abiu, o que eu adoro, eu comia abiu! Comprar fruta de conde, isso é um absurdo, isso é um absurdo! Eu não comprava essas coisas, isso tudo era apanhado aqui dentro da mata. Então, pra umas coisas você não tinha, televisão, eu me lembro, eu era obrigada a assistir a Voz do Brasil, o Repórter Esso, que tinha um rádio, eu lembro até a marca do rádio, Rádio Canarinho, que meu pai tinha, todos nós filho era obrigado. Então quando teve até a época da ditadura, na minha casa era discutido isso. Porque meu pai, ele discutia muito isso com a gente, ele ensinava, porque ele dizia que a gente tinha que aprender para poder se defender, porque quem não aprende, quem não sabe, ele é manipulado. Só que ele não falava manipulado, ele falava usado, né, que era a linguagem deles, e ele obrigava a gente. Meu pai já discutia o direito da mulher, o direito da criança, isso gente, meu pai se estivesse vivo hoje, meu pai taria quase com cem anos. Minha avó, que hoje taria com uns cento cinquenta anos e morreu com cento e quatro, a minha avó, ela falava, que eu achava assim um absurdo, que todos nós não tava preparado pra democracia. A gente tinha dentro da gente ainda a ditadura, porque a gente não conseguiu, ela dizia que a democracia só mudava quando a gente desprendia, quando a gente começava a fazer, e a

² Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE) do estado do Rio de Janeiro

gente discute hoje, fala da democracia, fala da cidadania, mas a gente não faz a cidadania funcionar, a cidadania pra gente. Porque ela dizia que a gente era imediatista, então que a ditadura ainda não tava na época de acabar! A gente achava um absurdo ela falar isso.

Outra coisa muito engraçada que eu vou te dizer pra vocês, na minha casa todo mundo é um crânio em matemática. Todo mundo! Porque minha mãe não sabia ler e escrever. Mas ensinava! Agora eu não sei como! Não me conta que eu não sei. Principalmente matemática, minha mãe era um crânio em matemática, e minha mãe era analfabeta, mas nem a máquina calculadora passava a perna na minha mãe, porque ela nos ensinou a fazer matemática com caroço de milho e caroço de feijão. Hoje tem matéria que dá nas escolas que a gente aprendeu criança. E outra coisa, você também não tinha escola, então, uma coisa que eu não gosto de deixar de falar, você tinha uma senhora no morro, uma assim, que me marcou muito, foi tia Bela. Eu falo que a tia Bela era educadora social. Porque se você for fazer pesquisa nesse morro, tu vai pegar muita pessoa de oitenta ano, noventa ano, setenta ano, que não é analfabeta, que escreve muito bem e lê muito bem, porque foi todo mundo aluno da tia Bela. E ela foi a primeira catequista desse morro. E uma coisa que eu observava, assim, ela não tinha uma aparência bonita. Ela teve aquela doença, que tem lábio leporino, aqui naquela época não tinha operação. Então ela usava um algodão aqui, e ela era negra, ela dava aula até a quarta série primária. E aí você não se sabe de que família que ela foi criada. Que ela veio também de Minas, só que ela chegou aqui, ela dava aula. Então todos nós que passamos pela mão da tia Bela, quando nós fomos pra escola, que tínhamos que disputar uma vaga com a classe média, com a rica, com a classe média alta e classe rica, aí você já tinha que entrar na escola sabendo. Então, quando a gente chegava e entrava na escola, a gente não ficava para trás. Porque já sabia, já entrava! Eu, quando eu entrei na escola eu já sabia.

Eu entrei na escola com sete anos. Eu entrei na escola com sete anos. Eu já sabia ler, eu já sabia escrever, eu já sabia as quatro operação, que você tinha que saber, né? Dividir, multiplicar, subtrair e somar. E muito bem! Então com sete ano eu já sabia. Quem, quando a gente foi a aprender a ler, quem chegava do trabalho e ensinava também a gente a ler, juntar letra, era no jornal! Pobre não lia jornal nessa época de 1964. Não lia, porque isso era, a ditadura era terrível. Aí meu pai apanhava jornal velho na rua, porque meu pai era, era gari. Então, meu pai trazia aqueles jornais, revistas. Eu me lembro das revistas. Uma revista de foto novela, é, que não tinha televisão, era Sétimo Céu. Então a gente tinha que ler a Sétimo Céu em voz alta para meu pai ouvir, e meu pai dizia assim: “quem fala errado, lê alto pra você ouvir o que é que cê tá lendo”. E aí você consertava. Aí hoje você tem que ir pra vários lugares, e já na casa da gente já fazia. Ele botava o livro na cabeça da gente, e botava um outro aqui, “anda, equilibra o livro e vai lendo”, então você que tinha que equilibrar, porque a gente era muito obediente com os pais. Era muito respeito. O respeito à madrinha, à tia, à cumadi, ao pai, à vó, era uma coisa muito séria, que hoje a falta de respeito generalizou. Não tem cor, nem cor, nem raça e nem religião.

Natália: Deixe-me te fazer uma pergunta, então. Você acha que toda a sua militância, tudo em que você se transformou, veio grande parte de casa?

Nilza: Do meu pai! Veio de casa, de casa. Todas nós, todos, todos os filhos. Eu achava aquilo um martírio assistir a “Voz do Brasil”. Era obrigada. Assistir a rádio relógio, que hoje não tem, não tem mais, e assistia a rádio relógio. Assistia telenovela, “Jerônimo Herói do Sertão”,

“O Cavalheiro Fantasma”. Era aquelas coisas. Tinha que assistir. Porque aquele que não, que não tava em casa, então a gente tinha que contar pro papai no outro dia. Quando ele chegava, o capítulo daquele dia. Cê tá entendendo? Então nós aprendemos de militância. Uma coisa assim, também que me chamou muita atenção, eram aquelas reuniões na ditadura que tinha dentro da casa do meu pai! A Associação de Moradores da Formiga, ela foi discutida, foi conversada dentro da casa dos meus pais. Não foi só meu pai. Mas era um grupo que ia para lá. Então, tinha uma coisa muito engraçada na época, do regime militar. O meu pai juntava um grupo também de mulheres, enquanto os homens tava lá discutindo, as mulheres tavam na subida desse morro, aqui na curva do macaquinho, ali, o lado de cima, juntava pedra. Quando o DOPS³ vinha para saber onde estava todo mundo unido, o pessoal tacava pedra e eles não conseguiam passar. Aí chegava a informação cá em cima! Aí todo mundo dispersava porque senão ia ficar preso. E meu pai tirou carteirinha de maluco naquela época, em 1964, 1963. Ele tinha carteirinha de maluco, porque maluco não ficava preso. Aí meu pai discutia, meu pai discutia política com os filhos. Outra coisa muito engraçada que eu sinto falta, mas isso eu faço em casa, lá na minha casa, porque se você for, conseguir conversar com meus filhos, é muito politizado. Meu pai sentava, era obrigatório, não existia mesa, então fazia aquela mesa enorme de bambu e trançava folha de bambu e fazia aquela mesa. O banco também. Então ele tinha os filhos todos sentados dum lado, sempre tinha visita, aquilo parecia até creche, aí aquele banco, aquela mesa grande, e meu pai sentava numa ponta e minha mãe sentava na outra. E aí meu pai discutia tudo com a gente. Aí eu achava mais engraçado que na hora do jantar, meu pai, ele primeiro orava, ele rezava, ele rezava, agradecia a Deus por tudo, por aquele dia que tava encerrando, e pedia a Deus proteção pelo dia de amanhã! E falava com a gente, que até hoje eu tenho aqui na minha cabeça: “não é só do pão que vive um homem, ele vive também da graça de Deus!”. Não esqueço! Até hoje. E aí ele começava a discutir, perguntava “filho como é que foi na escola?”. “Meu filho como é que foi a prova?” “Como é que foi um teste?” Cê tá entendendo? “Pai, tá aqui!”. E todo mundo queria mostrar o teste. Que a gente vinha, na mão, pra mostrar ao papai. Aí ele olhava, aí ele olhava qual a matéria que você tava ruim porque também tinha uma coisa, os livros era um livro só, com todas essas matérias, ele era grosso assim! E os livros, tinha que cuidar dos livros, porque aquilo era uma coisa muito sagrada. Porque esse livro, a minha irmã, que vai começar a estudar no próximo ano, aquele ano já servia prá ela. Então a gente tinha um cuidado muito grande com o livro, que não poderia, é, livro era uma coisa muito séria! E o papai fazia agente ler.

Você quer ver uma coisa eu gostava muito? No jornal tinham aquelas crônicas que hoje eu nem sei se têm mais, a gente cortava aqueles crônicas e cada dia um tinha que ler.

Natália: E com quantos anos você começou a ler?

Nilza: Eu li com sete anos, lia jornal e lia muito bem. Pena que naquela época não tinha condições de você estudar mais, porque a dificuldade de ter escola era muito grande. E minha mãe também era de movimento, movimento assim: ela que organizava. Você quer ver uma coisa: minha mãe não sabia ler e escrever, minha mãe já discutia com as mulheres

³ O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 30 de Dezembro de 1924, foi o órgão do governo brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na Ditadura Militar de 1964, cujo objetivo era censurar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder (https://pt.wikipedia.org/wiki/Departamento_de_Ordem_Pol%C3%ADtica_e_Social).

para as mulheres não apanhar dos maridos, só que minha mãe ensinava a bater. Sabe o que minha mãe ensinou para uma vizinha minha? A mamãe ensinou ela: quando o seu marido vier bater na tua cara, tu dalhe um chute nele assim, ou então segura ele por baixo e aperta, que ele vai perder a força. Aí você mete muito soco dentro da cara dele.

(risos)

É verdade, eu assisti muitas vezes, mas homem não batia na minha mãe. E eu tenho uma filha igual a ela, Patrícia, igualzinha. E ela dizia: “mulher de vergonha não apanha na cara, apanhou a primeira vez, aprende a bater e vai a luta com teus filho”. Ela falava que a gente tinha assim: “Vocês tem que aprender a trabalhar para não depender de homem para comprar a peça íntima de vocês, então pra você não ficar presa e escrava do homem, vai trabalhar”. Ela fez a gente assinar carteira com 14 anos, e desde então todas começaram a trabalhar. Todas as filhas dela assinou carteira com quatorze anos e ela tinha um filho homem só do ventre dela e mais quatro de criação, era uma creche.

Então o que ela dizia para o meu irmão: “se você namorar e engravidar uma menina você vai casar”. E outra coisa, na época se você tava no exército, se uma menina se perdesse (se falava perdesse, hoje tão achando né, risos, por que os homem estão ficando assim meio envergado ai quando tem um só tem um monte assim né, igual tarântula) ai o que a mamãe falava para ele: “você casa, eu te caso!”. Eu tenho uma prima, e quando ela se perdeu com o namorado, gente que confusão! Todo mundo apanhou lá em casa! Mamãe botou no quarto e meteu o pau em todo mundo, meteu o couro em geral, nas filhas dela, na sobrinha, na afilhada, apanhou todo mundo, porque deu pro cara antes. Ela falava: “homem é bicho safado, ele vai te procurar, quem tem que botar o pé firme é você, porque depois quem vai aguentar todas as consequências ruins é você”. Assim que minha mãe falava e ela era analfabeta, isso que eu estou falando faz 50 anos atrás, ela falava já isso. Ela falava: “quando você for dormir com um homem saiba o que você esta fazendo e as consequências que você vai segurar. Ou então, minha filha, fica lacrada sozinha, trabalha e estuda pra você amanhã não depender de homem. A pior coisa que existe é ter que pedir dinheiro para homem”.

Agora não sei se vocês querem colocar, mas vou falar português claro: a pior coisa é você precisar comprar uma calcinha, e seu marido perguntar aonde cê vai, o por quê e ainda querer ir com você, então vai ter que vestir com você, ela dizia. Imagina bem, mamãe foi casada duas vezes, minhas três irmãs mais velhas, a Lurdes, Glória e Catarina são do primeiro casamento, e eu sou a filha mais velha do segundo casamento. Que na época foi um escândalo o meu nascimento, porque meu pai era funcionário público e casar com uma mulher com já três filhos, furada, meus avós então não aceitaram. E quando eu nasci, foi uma tragédia, mas aí depois todo mundo aceitou. Porque se não aceitasse também ia dar nele. Aí todo mundo entendeu, mas era um escândalo.

E aí por que eu entrei no movimento popular? Eu já tinha essa bagagem criada desde criança. Desde criança nesse movimento, era movimento na época da ditadura... Eu lutei pra gente ter direito a escola e educação. Ganhei muita borrachada! Era cassetete de polícia na minhas costas. Ganhei na minha cabeça, porque fui pra pracinha Xavier de Brito e fui lá na porta do colégio militar na São Francisco Xavier brigar porque a gente tinha que ter direito a mais escola. Eu achava um absurdo as mães irem dormir na fila de matrícula do colégio para ter uma vaga para o filho. Aí nas escolas públicas, primeiro eram para os filhos de classe média. Outra coisa que eu vou falar para vocês, eu tinha pavor de assistente social. Hoje não,

hoje eu me dou com assistente social, mas eu tinha pavor, porque existia a Fundação Leão XIII⁴. Quando as comunidades iam se organizar, a Fundação Leão XIII aparecia, ela vinha para observar aonde tava tendo os movimentos de discussão, para elas denunciarem. Aí o DOPS chegava na casa da gente.

Tainá: DOPS era o que? A polícia?

Nilza: Sim, era a polícia da época da ditadura. Aí a minha mãe não aceitava assistente social nas reuniões. Minha mãe já discutia creche, escola, posto de saúde. Uma coisa mais engraçada, os postos não subia a comunidade para vacinar. A gente não tinha direito a vacina na época que começou. Você vê que eu tive uma irmã que teve paralisia. Aí o que minha mãe fez? Foi no posto de saúde, conversou lá, o diretor viu, minha mãe pegava as enfermeiras, levava pra casa da minha mãe, e eles iam muito porque minha mãe cozinhava que era uma beleza. Então mamãe no dia que ia fazer vacina, ela colocava aquela mesa de comida mineira. Eu não sabia nem qual era mais gostosa, porque ela botava mesa e a mesa de sobremesa. E até hoje eu faço os doces de laranja da terra, de figo, de goiaba.

Faço tudo em casa, canjica, cuscuz, paçoca, e meu sonho era morar no sítio e ter meu fogãozinho de lenha lá. Posso ter um fogão à gás, tudo, mas gostaria de ter o fogãozinho de lenha. Ai mamãe botava aquela mesa, porque a comida era farta, carne tinha. Acho que vocês nem nunca comeu carne de cabrito assada, é uma delícia. Aí então mamãe fazia era porco assado, era uma delícia. Aí então mamãe trazia essa gente toda pra cá, e começou o negócio andando, a ter vacina no morro. Ela brigou muito com a Secretaria de Obra, nem existia a GeoRio⁵ pra vir demolir uma pedra, e eu fui criada nesse meio. Participação, um ajudar o outro. E hoje a gente fala em cidadania, mas não é falar, a gente tem que fazer a cidadania funcionar.

Falar e discutir cidadania é muito bonito, agora eu quero ver é botar em prática a cidadania. Outra coisa que eu to dizendo, vocês desceram aqui no rio e viram como é que no rio tem lixo, não se tinha gari comunitário, não se tinha nada, quem cuidava do rio era nós, nós morador. Não existia, o banheiro eram aquelas casinhas lá no fundo do quintal, mas não fazia fossa perto de lençol de água. Você vê, já tinha essa preocupação com o meio ambiente. Então eu fui criada assim! Aí o que aconteceu, eu fui mãe representante de escola, na época que as escola não tinha merendeira direito, não tinha servente. Aí eu era mãe representante de escola, eu ia pra escola. O xodó da minha escola se chama Escola Barão de Itacuruçá, toda família estudou lá. Agora quando eu era da escola, eu participava de tudo. Tinha aquelas disputas pra defender as escolas. Hoje não tem mais a parada de Sete de Setembro, mas eu era do pelotão da bandeira, porque minha mãe fazia questão que a gente ia. Uma matéria que não tem na escola hoje é 'Moral e Cívica', e ali se discutiu várias coisas. Eu tinha orgulho de ser do pelotão da bandeira. Eu não esqueço até hoje, segunda-feira, você era obrigado a conhecer o Hino Nacional, o Hino da Bandeira e o Hino da Independência. E na sexta-feira, arriava de novo o pelotão, era o dia que você se sentia a rainha, porque você ia, era um

⁴ Vinculada à SEASDH – Secretaria de Estado de Ação Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro – a **Fundação Leão XIII** atua estrategicamente no enfrentamento da pobreza e risco social, coordenando e executando programas e projetos sociais, em consonância com a Política de Assistência Social. (http://www.leaoxiii.rj.gov.br/quem_somos.asp)

⁵ GEORIO é a sigla da Fundação Instituto de Geotécnica, órgão da Secretaria Municipal de Obras do Rio de Janeiro responsável pela contenção de encostas.

respeito a sua bandeira. E hoje até Vanusa errou o hino nacional, que vergonha! Porque não colocou Fafá de Belém?

Hoje os jovens não querem discutir nada. Reclamam, reclamam, reclamam. E quando começou aqui na comunidade a entrar o projeto, você tinha aqui que eu já conhecia por nome: Castro Menezes, Talarico, Délio dos Santos, Sami Jorge. Eu já conhecia com o meu pai, Margarino Torres, que é o nome do CIEP. Que Margarino Torres lutou, quando tentaram tirar o Morro do Borel. Pra você vê, quantos anos que a gente...

Aí meu pai, tudo ele discutia, sentado naquela mesa de bambu. Te juro. Se eu tivesse um sítio, eu ia fazer uma mesa de bambu. De bambu, pro pessoal ir na minha casa e sentar na mesa de bambu. Aquele café gostoso, aquela broa de fubá que eu ainda faço. Não consigo, hoje é bolo de fubá, mas era broa de fubá. Feito com erva doce e gordura de porco, que era uma delícia, e fazia na brasa. Aí você colocava aquilo tudo na mesa, todo mundo sentava, sabe? Aquela sopa de aipim, sopa de inhame. Cambuquira, vocês conhecem?

É aquela ponta, do pé da abóbora. Pé de abóbora, aquela rama da abóbora quando tá nascendo tem uma pontinha, assim, e aquilo se chama Cambuquira. Aquilo é caríssimo hoje. É que nem eu fui comer em um restaurante, eles vieram me trazer um filé de peixe linguado. Quando eu comi eu falei com ele "isso aqui não é linguado! Isso aqui é peixe galo!" Aí moço falou "hã?", e eu falei "É, vocês estão me enganando! Eu vou pagar como linguado, mas eu tenho consciência de que isso aqui não é!" Você vê, comi peixe, camarão, eu pegava aqui no rio. Pegava aqui no rio caranguejo. Pra você vê!

Aí, entrou o progresso. Veio, o que que é? Entrou. Eu tava vendo, que passou uma lei, que as empresa, as indústrias de PET⁶, elas tem uma lei pra fazer o PET retornável. Porque você viu? Eles vão acabar com a gente em cima do plástico PET. Isso é terrível. E a pessoa fazia, criava, nossos pais criavam consciência pra gente cuidar, zelar por aquilo que é da gente. Aí entra o progresso! Acabou aquelas telenovelas, que eu via. Quando chegou televisão no morro, só tinha uma casa no morro que tinha uma televisão. A gente ia, todo mundo olhar. A primeira novela que eu vi, que eu vi na televisão, eu vi a "Rainha Louca". Aí tinha telenovela no rádio "Direito de Nascer". Isso você vê quantos anos, deve ter mais de 50 anos. Mas você tinha história. As escolas de samba, onde aglomerava o povo, que ali também ia pra discutir o direito, hoje não tem. Hoje virou poder aquisitivo. Aquelas pequenininhas que você vê mesmo o samba no pé, faz aquela letra, que as letras falam alguma coisa ensinando, não tem mais.

As festas de caipira, que era uma coisa que você ia se divertir. Até as comidas da caipira mudou. Entendeu? Mudou! As comidas que tinham na caipira. E onde o povo se reunia todo mundo. Aí todo mundo sentava pra fazer o seu vestido diferente pra disputar. Quando falava que era o dia da caipira, ia todo mundo, cada um ver a roupa da caipira. Agora é aquela caipira de salão, com aquela roupa que você não sabe se está em um desfile de escola de samba, aquilo é horrível. E vai tirando a originalidade do povo. Vai matando a cultura do povo! E vai acabando. E o povo tá ficando o que!? Mais ambicioso, mais ganancioso. Cada um olhando quase que pro seu umbigo, não tem participação, pouquíssima com as coisas. Não querem saber.

⁶ PET, sigla que designa o tipo de plástico geralmente utilizado em garradas de refrigerantes e água, além de várias outras embalagens.

Vou te falar pra você. Sou a favor do Bolsa Família e Cartão Carioca⁷, desde que os pais invistam aquilo em instrução para o seu filho. Mas tinha que ter palestra, dizer o porquê que está dando aquilo. De onde vem aquele dinheiro. Não tem! Só dá e pega aquilo e faz trampolim político com as coisas sociais. Hoje eu tenho vergonha quando eu ligo televisão. Sou meio louca, tá!? Eu assisto tudo que passa no Congresso. Eu assisto. Eu fui pra frente da televisão assistir todo mundo que votou na Dilma e quem votou contra. Eu assisto tudo da Câmara do Senado. Só que hoje, você visualiza e vê o rosto, mas meu pai obrigava a gente a ouvir pelo rádio. Uma pessoa que já tinha um radinho naquela época, já estava melhorando de vida. Você hoje não tem gosto de ir ver um futebol, tem até medo. Você falava que o Flamengo ia descer, e olha que eu sou botafoguense igual ao meu pai, mas ia todo mundo assistir o time, Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, descia todo mundo junto. Não tinha transporte. A gente saía todo mundo daqui, já encontrava com o grupo lá do outro lado, e ia daqui até o Maracanã a pé. Com as suas bandeiras, todo mundo junto. Se o time ia jogar era uma alegria. Ia homem, ia mulher e ia criança. Hoje tá dando medo! Você tem que aprender a lutar.

Quer ver outra coisa que a minha mãe obrigava a gente ouvir que ela adorava? Ela cantava Jongô⁸ o dia inteiro, e dançava Jongô. E todo mundo aprendia. Na casa da minha mãe era... o dia todo.

Tainá: Então tinha roda de Jongô na Formiga?

Nilza: Tinha! Tinha Jongô, dança de roda. Eu tenho um filho que dança. Muita dança de roda, o Alexandre. Que que a gente fazia? A gente ia pro Maracanã, cara! Assisti no Maracanãzinho o festival de música. Aí meu pai pegava a música, e falava assim: "Essa música, essa letra que ele tá falando, ele tá mandando mensagem...". Eu aprendi isso com o meu pai, eu tava com 8 anos de idade, "ele tá mandando essa mensagem para um artista falando do movimento que iam fazer através da mensagem de música.". Hoje essas... o Funk podia fazer uma grande revolução no Brasil.

Aí começou a entrar o progresso e entrou muita coisa e não foi preparando as pessoas. E outra coisa, pouca pessoa não foi captado pelo poder público. Não conseguiram me apanhar. Hoje eu tenho várias pessoa de movimento sociais que tá envolvido no meio político, mas olhando pra eles, entendeu!? Teve uma vez, eu tava trabalhando e o cara me chamou, queria me dar dinheiro pra mim poder fazer a campanha dele aqui, e ele era um pilantra. E eu falei "Eu vou trabalhar numa casa de família passando roupa, que é mais digno do que eu me vender pra você, apesar de eu estar precisando, mas eu não quero. Eu passo roupa, faço faxina, mas não me vendo!". Isso porque eu tive formação. Meu pai também não se vendia.

Então, o que é que vai acontecer com a gente? Aí quando deu 1982, em 81 para 82, na década de 80, o meu pai chamou todos nós, filhos, e falou uma coisa assim pra gente... "O

⁷ Cartão Família Carioca - programa que garante uma renda mensal complementar às famílias do programa Bolsa Família. (<http://www.rio.rj.gov.br/web/cvl/exibeconteudo?article-id=2248211>)

⁸ O Jongô é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, canto e dança. Característico da região sudeste do país, era praticado pelos trabalhadores escravizados de origem bantu, nas lavouras de café e de cana-de-açúcar, como forma de lazer e resistência à dominação colonial. (<http://www.pontaojongo.uff.br/historia-memoria-e-patrimonio>).

governador Lionel de Moura Brizola foi cassado, e teve que fugir, teve que sair do Brasil". Mas meu pai tinha uma coisa... uma coisa que meu pai me contava que ele casou com a Neuzinha Brizola, filha do...Ah! esqueci o nome dele agora. O que que ele fez? Ele era administrador, ele pegou um terreno, uma fazenda, João Goulart, Neuzinha era filha de João Goulart, ele pegou uma fazenda.

Tainá: O presidente anterior a ditadura, né?

Nilza: É. Brizola casou com ela. E ele virou um administrador dos bens dela. Então, o que ele fez? Ele pegou uma fazenda e fez na fazenda da Neuzinha, e o que ele fez, ele dividiu aquilo ali e fez hoje esses movimentos de reforma agrária naquela fazenda. Ele foi massacrado pela família dela nessa época. Aí ele saiu do Brasil, e deram aquele golpe. O meu pai falava muito no Ato 5 (A.I.5). E teve aquele golpe todo e ele foi embora. O quê que aconteceu? Ele ficou. João Batista Figueiredo era o militar, Presidente da República e ele fez a anistia. Nessa anistia veio todo mundo. Veio vários artistas e veio ele também, aí quando chegou aqui ele foi pro PTB⁹, que ele era do PTB, e aí a Ivete Vargas não aceitou, e o que ele fez? Montou um partido. Aí meu pai sentado na mesa contando, falando pra gente, e nisso ele botava até o pequenininho. Todo mundo. Só não colocava o bebê, mas todo mundo. Ele dizia que a pessoa começava a ter entendimento das coisas quando começava a dizer: "Você não pode fazer o que você ia fazer". E você fala "não faça!". E a pessoa recuava, ele falava que era porque já tinha entendimento das coisas. Já pode trabalhar com a pessoa. Então ele colocava todo mundo, até o pequenininho. Sentava todo mundo na mesa pra ouvir o meu pai. Aí meu pai falou com a gente assim: Ele veio pro PTB, ficou sem partido. Aí meu pai falou assim: "Olha, a gente que é de comunidade, nós que somos de favela, prá nossos direitos ser reconhecido, tá chegando um cara que ele vai ser governador, e ele que vai abrir as portas para a parte comunitária, Leonel de Moura Brizola". O que que ele fez? Ele pegou todas nós que tinha 18 anos, e filiou no PDT. Eu sou filiada no PDT¹⁰, na fundação do PDT. Eu tô filiada, eu me filiei com 18 anos, porque naquela época menor não votava. Você podia discutir política, mas você não votava. E isso eu já discutia na escola, estudando. Eu questionava a diretora, respeitando, mas questionava. E aí o quê que fez? Filiamos todo mundo. Toda a minha família. Se tu pegar no PDT, você vai chegar lá e você vai ver a família Rosa. Todo mundo! Aí o que nós fizemos, filiamos, aí ele veio. Aí quando ele veio ele ganhou para governador, aí que começou a grande explosão comunitária. Aí você tinha um monte de gente que era contra a ditadura, contra aquele regime militar pesado, pegou vários homens de comunidade que discutia e entrou todo mundo no PDT. Aí você tinha João Passos, da Vila Vintém; Sotito, do Buriti-Congonha; você tinha o cara da Coroa.

Então você tinha muita gente boa e politizada, aí foi o grande ganho, nos ganhamos luz elétrica, que a gente não tinha direito; aumentou escola, que a gente não tinha direito; abriu mais escola de nível, que hoje tem o nome de nível médio, que era o antigo científico, abriu o CIEP gente, que é era a grande evolução da educação. Te falo pra você, aquele projeto do CIEP, se tivesse funcionando com aquelas mães sociais, aí você tinha aquele projeto de educação de Darcy Ribeiro, que era a Casa da Acolida, quer dizer, acolida não, a Casa da Criança, que a mãe colocava a seu filho ali pequenininho. E ele saía dali com sete anos e ia pro CIEP, aí ele ia completando, só que tinha CIEP que você ia até terminar o primário. Você

⁹ Partido Trabalhista Brasileiro

¹⁰ Partido Democrático Trabalhista

tinha um CIEP no Catete que ele funcionada das sete da manhã às dez da noite e ainda tinha creche de noite. Mãe que trabalhava de noite botava seu filho no CIEP, então você podia trabalhar. E aí começou o quê? Mulheres que eram donas de lar tinha onde deixar os filhos até de noite pra poder trabalhar. Abriu muita creche, mas pra isso entrar na comunidade, precisou da gente se organizar. E tinha uma coisa muito boa, o líder, que era o Brizola, dizia que a gente tinha que fazer curso, mesmo que você não tenha um grau de estudo, mas você não precisava de ser leiga, então o que a gente fazia? Curso! No Instituto Pasqualini¹¹, entendeu? Discutia política, discutia lei, discutia direitos, deveres e botava em prática. Eu fiz muito curso na Pasqualini, e vou fazer outro agora! Agora então que eu me aposentei, vou bater canela. Então, o que aconteceu? Hoje até as igrejas também não discutem. Eu sou evangélica, e hoje é pouco pastor que é igual ao pastor Sebastião, ele é batista. Por quê? A fundação da Associação dos Moradores em 1961...

Tainá: Eu vou dar uma pausa porque acho que podemos começar a história da Formiga a partir da Associação.

Parte III - História da Formiga

Vou colocar pra vocês agora o que a gente discutiu no Fórum, que foi a minha parte, a História da Formiga. O que aconteceu, nessa década, a Associação foi fundada por dois segmentos: seguimento Batista, da Igreja Batista Nova Canaã, e o segmento da Igreja Católica. O assunto aqui não foi religioso, o assunto aqui foi o assunto comunitário. O que a gente pode nos reunir pra vir trazer os benefícios para a comunidade. Mas isso, gente, foi na década de 1960, dentro da época do regime militar! Pra você ver o nível de organização, que hoje não tá acontecendo porque o povo foi muito captado.

Tainá: Naquela época tinha noção de quantas pessoas moravam na Formiga?

Nilza: Olha, eu falo que naquela época tinha mais gente do que hoje! A Formiga, teve uma época que tinha uns 15 mil habitantes. Só que um trabalhava ajudando o outro. Hoje fala que a gente trabalhava em cidadania, em colaboração, mas a gente ajudava o outro, chegava um pra carregar e um ajudava o outro, com tudo. E o que aconteceu? A primeira mulher que fez parte da diretoria da Associação foi a Zezé, o nome dela era Maria José, ela é da igreja católica, e o primeiro Presidente era o cara que tinha um bar, era o Nilo Severo Ribeiro, a casa dele ainda tá até ai, o Nilo. Ai depois veio o João Lopes, Gervázio Mariano, Santino, Neném Polença.

Natália: Esses são os primeiros fundadores da Associação?

Nilza: Isso, os primeiros fundadores. A minha família, eu tenho 5 da minha família que está envolvido. Que é: Antônio Rosa, Manoel Rosa, hoje tem um primo que foi fundador da Associação de Moradores do Vidigal, é o Carlos Rosa, que hoje ele é administrador daquela igreja no Vidigal, Católica, onde o Papa foi. Eu tinha 5 da família na fundação e os outros

¹¹ A Fundação de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais Leonel Brizola – Alberto Pasqualini (FLB-AP) é um órgão de cooperação do Partido Democrático Trabalhista – PDT, responsável pela formulação, execução e avaliação de projetos, estudos e pesquisas na área política, econômica, social, cultural e educacional (http://flb-ap.org.br/page.php?id=73&title=fundacao-historia&full_title=Hist%C3%B3ria)

todos colaboradores. Então, começou a luta ali. Como que começava? Você não tinha nada que o poder público ajudava, então o que você fazia? A diretoria foi montada, a Associação de Moradores, foi feito o estatuto, que a primeira comunidade que fez um Estatuto e as outras comunidades copiou dela foi o Borel. Nesse tempo tinha a Fundação Leão XIII, que pra você montar tinha que passar pela Fundação, e a Fundação Leão XIII naquela época vinha ver o que estava fazendo e denunciava. Eu falava que ela era ditadora. Então, aqui na Formiga, a Fundação XIII não criou muito e nem no Borel. Ela ia nas comunidades e pegava as pessoas, pegava muita gente que estava sendo caçado, essas pessoas iam para a comunidade do Jacarezinho se esconder. Pra você ver como que é a história comunitária. Nessa época começou depois, na década de 80, o grande efeito do trabalho comunitário, os grandes líderes comunitários, e nessa época também já tinha um partidão, que era o Partido Comunista, o PT estava se organizando, você tinha o PDT novo, novinho, e aí o que aconteceu? Nós juntamos todo o comunitário, fazia reunião por bairro, e além de aprender, você também ia discutir. O que que fez? Juntou um grupo de comunitário e cada um penetrou por um partido político, mas a nossa bandeira era comunitária. Você tinha no Andaraí, Jurema Batista; no Chapéu Mangueira, Benedita; na Candelária, Arruda; na Cidade de Deus, Edison Santos; na Coroa, Soedson; no Borel, Bonifácio.

Estou falando quem veio antes de mim, quem veio antes de mim na Formiga foi Nilo, Gervázio, João Lopes, que eu fiz botar Creche Tia Maria. A creche Tia Maria foi eu quem briguei junto com o Hélio para colocar o nome dela na creche. A quadra chama Neném Polença, a outra creche lá em cima é Tia Maria, a escola até hoje eu sei que é Jornalista Brito Broca, porque ele foi um jornalista, mas esse homem ninguém sabe quem é. E o posto de saúde, que é Julio Barbosa, ninguém sabe quem é, nem a Secretaria de Saúde.

Aí eu tô te falando, como eu entrei pro movimento social. Já tinha uma base, era mãe representante de escola, era tudo. O que eu fiz? O Helio de Oliveira, a Associação ficou um tempo desativada, porque teve uma chuva em 66 que desativou a Associação e depois ninguém queria mais assumir a Associação, porque o João Lopes estava sendo perseguido, então ele teve que dar uma parada. Eu até me lembro que era criança e que na subida do morro tinha uma baiana que vendia quebra queixo, cuscuz, rapadura com coco. Quando a polícia do DOPS veio buscar o João Lopes, a baiana colocou ele debaixo da saia dela e sentou. A polícia passou pra lá, passou pra cá, e ela vendendo quebra queixo, pararam comeram rapadura com coco e João Lopes embaixo da saia dela, e João Lopes não foi preso. Eu me lembro que que minha mãe fazia a gente catar pedra para jogar nos policiais do DOPS, que quando veio era igual umas joaninhas, as mulheres viraram. Dissem que no museu do DOPS tem bem essas mulheres da Formiga.

Tainá: Onde fica o museu do DOPS?

Nilza: Eu sei não, uma moça que foi lá e falou pra mim. A gente tem que saber onde é para vocês irem lá. Aí, começou o Helio, era um rapaz que o pai era desse movimento, do Sindicato dos Ferroviários. Então o Hélio foi aluno da escola "Brito Broca", inaugurada em 61, que foi uma briga para construir. Quem comprou o terreno e deu material pra construir foi o Sami na época. Aí o que o Hélio fez, "vamos reativar a Associação!". Como eu era da família fundadora, família Rosa, e como eu era mãe representante, eu conseguia mobilizar as mulheres. Aí ele foi na minha casa, conversou comigo: "vem fazer parte, vem pra Associação. Se você não quiser vir na chapa, você vem como colaboradora", na década de 60. Mas eu já

estava no partido político. A primeira pessoa foi eu, a Nina, que mora ali na rua Tiago Gonçalves. Eu me filiei, eu tava morando na casa branca. Porque eu casei em 1974. Entendeu? E aí depois que eu casei, quando eu me casei eu me filiei, no começo de 1979 para 1980. Mas lá eu também já discutia. "Vamos trabalhar, vamos fazer mutirão!". Então aqui na Associação era o seguinte, a gente era sócio, casava o dinheiro da sociedade e depois chamava discutia e a gente que comprava material pra fazer os caminhos, as pavimentação. Até quando o Brizola entrou, veio mutirão não remunerado, onde ele dava material, e depois veio o mutirão remunerado, que o Hélio veio discutir.

Natália: Esse era o mutirão da...

Nilza: Esse era o mutirão da Secretaria, do poder público, que era chamado de "Mutirão Remunerado". O mutirão não remunerado era a antiga Secretária Municipal do Desenvolvimento Social (SMDS), porque não existia outras secretarias trabalhando com comunidade não. Era só a SMDS. Aí ele começou a abrir os espaços. Agente comunitário que morava dentro da comunidade, que nem eu que sou funcionária, mas eu entrei por eleição. Você era eleita na comunidade para ser agente comunitário. Aí, depois que eu fiz isso, fui eleita, aí eu fiz prova, nem era escrita, era oral, era de conhecimento, pra ver se você tinha base de mobilização. Eu passei em primeiro lugar! E aí o que eu fiz? Vim pra Associação pra ajudar o Hélio. Aí o Hélio foi aluno do Brito Broca, foi aluno do Colégio Ferreira Viana¹², que para entrar no Ferreira Viana era um crânio. Fez prova pra Faculdade, foi aluno da UERJ¹³.

Um pobre, negro, entrar na faculdade, entrar no colégio. Isso na década de 60 pra 70. Dentro do regime militar, aí ele estudou, se formou e continuava morando no morro. Daí quando ele se formou, ele reativou a Associação. Quando ele reativou ele chamou todas as mulheres, chamou Zozoca, foi na minha casa conversou comigo, foi na Bazanha. Ele fazia reunião por setores, setorial. A diretoria era 14 membros na época. Aí ele trouxe os 14 membros e mais 14 colaboradores. E tinha aqueles que não queria ser colaborador, mas que participava das reuniões. Então cada reunião, era 50 pessoa. E aí tinha dia que a gente ia discutir, e ele trazia gente pra discutir com a gente. Assim como ele trouxe Darcy Ribeiro¹⁴ pra fazer palestra prá gente, pra falar sobre uma revolução na educação. Eu babei com Darcy Ribeiro! Aí ele trouxe Saturnino Braga¹⁵ prá fazer palestra. Vinha senadores pra fazer palestra, entendeu?. Deputado estadual, tem tanto candidato aqui no morro. então vai fazer um debate para saber porque quer ser deputado. Daí ele acionava a gente pra mobilizar as outras pessoas. Então quando começou a construir creche, que aqui no morro não tinha, a gente colocava sessenta, setenta mulheres pra discutir a importância da creche.

Então, nessa começou eu vim ajudando ele, ajudando ele. Então o que aconteceu com a Nilza Rosa? Nilza Rosa se envolveu tanto que ficou vinte e cinco anos na Associação. Fiz parte de todos os cargos. Fui suplente, tesoureira, vice-presidente, presidente, presidente do conselho, que muita pessoa hoje põe o nome lá e nem sabe o que é. Só que eu ia pra todos

¹² Ferreira Viana é uma escola pública estadual, localizada no bairro do Maracanã – RJ

¹³ UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

¹⁴ Darcy Ribeiro - foi um antropólogo, escritor e político brasileiro, conhecido por seu foco em relação aos índios e à educação no país. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Darcy_Ribeiro)

¹⁵ Roberto Saturnino Braga é um político brasileiro. Foi deputado federal, prefeito e vereador da cidade do Rio de Janeiro e senador da República. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Saturnino_Braga)

os seguimentos. Eu já era do partido, trabalhava na mobilização do partido e aí a gente foi discutindo.

Ai chegou uma época, entrou um projeto aqui, "A favela fala", que era do Sarney. Que tinha *ticket* de material, e *ticket* de lei. O *ticket* de material veio para as pessoas carentes, que a casa do morro desabou por causa das chuvas. Aí tinha um presidente do conselho fiscal, aí eu persegui ele, e descobri que ele pegou os *tickets* e ao invés de dar para pessoas carentes ele deu para 4 amantes. Eu fui atrás de todas as mulheres, porque eu estava na Associação e ele me desafiou. Ele me disse que eu não era ninguém: "Eu sou o presidente do conselho fiscal, eu faço o que eu quero. Você não é ninguém, quem é você?" Aí eu falei "você não sabe com quem você está brigando. É melhor você me ter como amiga do que como inimiga, porque eu como inimiga sua, sou como uma bomba atômica para você". E ele não acreditou. Eu acompanhei os passos dele durante um tempo e descobri que ele tinha uma amante na Cidade de Deus, outra na Camarista Méier, tinha uma amante no Morro da Formiga, e tinha a esposa. Convoquei uma grande assembleia dentro do morro, mas sabe o que eu fiz? Pra mim denunciar, eu me calcei e denunciei o presidente do conselho fiscal. Eu ainda fiz, tirei xérox de tudo o que ele fez, chamei ele pra mesa. Chamei o Valter pra mesa, que estava contra mim. Chamei todo mundo que tava contra mim, os antigos, o Hélio que tinha saído da Associação, todo mundo, seu Francisco, aqueles fundadores... Chamei todo mundo, botei uma mesa. Primeiro, eu perguntei ao povo da assembleia: "a assembleia será falada em alto-falante ou não? Vocês que tem que decidir". Aí a assembleia falou "sim" e eu falei. Aí peguei e fui nomear. Na hora eu tirei uma secretaria, eu não, a assembleia, e botei todo mundo, e a pessoa tava secretariando, que eu botei o Hélio que é advogado, aí eu falei "agora levanta o dedo pra gente contar, quem concorda, quem não concorda, quem absteve, tá tudo na ata". Tá tudo na ata, agora eu vou dizer pra vocês. E daí eu falei: "eu convoquei essa assembleia primeiro, ele tem que respeitar a mulher, porque a gente não está aqui de brincadeira. Trabalhar nesse morro e desenvolver esse morro. E outra coisa, eu estou no mesmo movimento que quando começou, que o Nilo falou, eu tô acompanhando o trabalho que ele vinha desenvolvendo. Eu não mudei nada. Então, sabe porque eu convoquei vocês? Porque no programa "Favela Fala", o presidente do conselho fiscal pegou, ele cadastrou pessoas, que é amante dele, da Camarista Méier, tal nome, mora na rua tal. Isso no alto-falante ligado. A outra amante dele... e a esposa dele em casa ouvindo. "Outra da Cidade de Deus, mora em tal quadra. Outra, a Beta, e a outra é a Bete, outra que mora aqui ó, na Castelo Nuovo"

Isso é organização, mas aí é prá ver o porque que eu fiz a assembleia, por que que eu joguei pro povo? Porque era eu quem estava falando, mas a assembleia é soberana. Gritei no alto falante, a mulher dele desceu e disse que era mentira. E daí eu falei "sabe o papel que está na mão de vocês? Olha bem, todo lugar. Outra coisa, ele deu o *ticket* para essas pessoas. Várias pessoas não ganharam e essas pessoas não têm direito, porque o programa era pra atender o Morro da Formiga. Aí eu fiz logo uma leva, aí denunciei o diretor, que pegou o dinheiro da caixa da Associação e foi para o hotel com uma mulher...". Isso tudo no alto-falante, o morro inteiro ouvindo. Quando a assembleia saiu, ali onde é o posto, tava assim (sinal de muita quantidade com as mãos) de gente gritando: "safado, sem vergonha...". Minha mãe tava viva, eu falei pra mamãe o que eu ia fazer, ela falou: "se ele for prá cima de você eu vou dar um tapa no pé do ouvido dele". Ai eu fiz isso, e sabe o que eu fiz? Eu registrei isso em cartório. Eu paguei, fui no cartório de pessoa jurídica e registrei. O livro tá lá dentro

da Associação. Toda diretoria que chega, lê aquilo. E aí ele falou comigo: "você é o diabo chupando manga, né!? Prá que eu que eu fui te desafiar?"

Tainá: Até hoje ele está aqui?

Nilza: Tá! Não fala de mim perto dele que você ganha um inimigo. Ele falou: "a única mulher que me desafiou". E sabe o que que ele disse? Que eu fiz uma revolução de mulheres dentro do morro. Que até a mulher dele, que tinha medo dele, resolveu enfrentar ele. Aí o que aconteceu, eu fiz isso, não fiz? Então toda a diretoria se afastou, e o que eu tive que fazer? Assumir a Associação.

Aí assumi a Associação. Continuei, não mudei nada, porque aqui no morro teve um plebiscito. Pra você ver a organização da Formiga. Teve um plebiscito para dizer à Associação o que o morador queria que a Associação trabalhasse. Então o plebiscito deu posto de saúde, empatou com área de risco, em primeiro lugar, e empatou com o reflorestamento, foi empate, em primeiro lugar. Teve votação. Todo o morro votou. E botamos urna em cada ponto do morro, o que o morador queria. Aí então teve lá, se você pegar o livro, tá lá. Aí nós começamos a trabalhar em cima dessas coisas. Só que teve coisa que veio do primeiro presidente. Então a gente acompanhou. Aí a gente foi fazendo. E foi legal, porque daí teve uma revolução muito grande. E quem deu todo esse espaço prá gente foi o Hélio de Oliveira. Para as mulheres. Entendeu? Tudo o que ele aprendeu como advogado, ele vinha e fazia palestra e nos orientava. E tinha gente que absorvia e tinha gente que não. Entendeu? E aquele que queria uma mudança, uma transformação, continuou trabalhando.

Aí eu fiquei vinte e cinco anos, fui e peguei todos os cargos. Quando vinha uma pessoa, eleição pra Associação, vinha um outro que queria ser presidente, eu não ligava de virar suplente. Não ligo até hoje. Mas hoje eu não quero meu nome em lista. Nada. Sabe por quê? Tem que vir outras pessoas, se não vira cadeira cativa. Aquilo fica toda a vida e vira um vício. Associação legal era de dois em dois anos ter eleição. Vir outro grupo. E o outro grupo que participou, vir cooperar com ele. Respeitando que o presidente é eles. Entendeu? Aí, foi uma maravilha. Entendeu? Porque chegou, eu fiquei mesmo assim, eu trabalhava, trabalhava fora, fui gestora de "Gari Comunitário" e ganhei os prêmios da Comlurb. Aí o que eu fazia, tinha dinheiro, a Secretaria naquela época, ela dava uma taxa de manutenção para a Associação. O que eu fiz? Peguei uma boa administrativa, botei ela para trabalhar, que ela precisava, ela tinha filho pequeno, não tinha com quem deixar, botei ela ali, ela abria a Associação, trabalhava ali e ganhava, não trabalhava de graça não. Ela ganhava! Aí o dinheiro que sobrava, botava numa caixinha. Os Garis precisou de comprar um remédio, de um gás, pegava o dinheiro na caixinha, fazia o recibinho, botava ali. Quando eles recebiam, eles botavam o dinheiro lá. Eu nem contava, eu confiava. E eu estimulei muita gente a fazer parte da Associação de Moradores. Mas isso tudo começou com o Hélio. E a gente respeitando o trabalho do primeiro. E hoje o que o Hélio é? Hoje ele é concursado. Hélio é delegado civil do Distrito Federal. Hélio foi chefe de gabinete do presidente da Câmara dos Vereadores. E agora ele fez o concurso e agora mora em Brasília. Quando ele vem pra cá, ele fica doido pra tirar o terno, que ele bota *short*, bota chinelo de dedo. Aí o que a gente faz? Reúne todo mundo com ele. Aí ele vai contar pra gente como está a situação em Brasília. Pra quê? Pra cada dia nos orientar.

Hoje, por que as Associações estão muito decaídas? O movimento comunitário tá muito caído. Por que qual é o papel da Associação de Moradores? Ela é orientadora, articuladora e reivindicadora. Que é o papel da Associação. A Associação, ela não é poder público. A associação não é sindicato. A associação não é para beneficiar o presidente. Ele é pra ele estar ali, por isso que o trabalho é voluntário. Você deu a palavra voluntário, você tem que cumprir. E hoje não querem. Está sendo tudo captado por político. Olha, vou falar pra vocês hoje e vocês podem até colocar e pode observar: a maioria desses caras, que estão sendo hoje julgados, se viesse candidato, muito comunitário ia apoiar a candidatura deles... sabe por quê? Porque vai ganhar. E eles deixaram de ser os orientadores, os articuladores, pra quê? Pra olhar o umbigo seu próprio. Pra tirar proveito, seu próprio. E aí, decaiu, decaiu sindicatos, quase todos estão terrível. Escola de Samba, terrível. Associação de moradores. O lugar que aglomera pessoa, principalmente, as pessoas que não teve um grau de estudo, mas ela não é boba. Então, como ela aprende? Ela aprende se capacitando. E hoje eles não querem se capacitar. Você perder tempo pra discutir a lei do meio ambiente num lugar que é um saco, tem hora de vez discutir isso, mas você tem que discutir.

Quer ver uma coisa que eu me aposentei, mas vou puxar um movimento? Você percebeu que as novas Diretrizes e Bases da Educação, o que a criança fica? Fica na creche, três anos e nove meses, três anos e onze meses e vinte e nove dias. Com quatro anos a criança vai pra escola. Com quatro anos! Tem vaga pra essas crianças todas? Não! E uma mãe que a criança pega sete e meia, larga meio dia, uma criança de cinco anos, seis anos, e a outra que pega de tarde, com quem ela ficou de manhã? Aí, sabe o que está acontecendo? Você está dando muita chance pra pedófilo arrebentar com as crianças. Porque o nosso poder público tinha que voltar com a criança de quatro anos ficar na creche pra sair com sete anos. Com sete, que é a lei da educação, que a partir de sete anos, ter colégio com horário integral, que ele fica lá dentro. Seguro, guardado. Você protege. Ele está sendo amparado. E você abriu mais frente de trabalho. Mão de obra! Aí não, tem que ter agora pra dar aula, tem que ter, tem que estudar, tem que ser professor, tem que ter faculdade de Pedagogia. Tem gente que faz e não sabe nem o que é. Então, a gente tem que buscar esse movimento. Eu tô com uma conhecida nossa, que era desse movimento também, a Sueide. Ela tá passando na televisão. Que é do partido de mulheres. A Sueide era do nosso movimento. Olha só, a Sueide foi crescendo, crescendo e hoje é Sueide. Eu ainda não tive tempo, porque eu vou mandar uma mensagem para o Partido das Mulheres, para a Sueide. Pra falar com a Sueide que a gente tem que puxar de novo esse movimento, porque voltou à estaca zero. Criança de sete anos, criança de seis anos, tomando conta de criança de quatro anos em casa. Como é que pode?

Nilza: As trocas, é interessante ter esse movimento. Esse encontro que vocês estão fazendo, é interessante porque aprende, você troca a experiência. Vocês estão na faculdade, não estão? Mas uma coisa que eu tô te falando, vocês aprenderam muita coisa hoje, que na faculdade, não vai ensinar isso. E a cabeça do nosso doutorado, mestrado, é desse tamanhinho, porque eles têm o mundo deles no estudo, mas na prática é outro. A faculdade da vida, ela te ensina muito mais, eu já tô falando pra você desse movimento que eu vou levar.

Outra coisa, e o que chegou? Você aqui teve o movimento que a gente participou para ter o posto de saúde. Porque hoje tem a Clínica da Família, mas nós aqui já tínhamos médico dentro de casa, que era o doutor Benilto. Por isso que quando chegou, não teve muito

problema, mas a gente não aceitou a Clínica da Família. Muito morador não aceitou! E aí você vê como está a Clínica da Família, quando eu discuti com eles que eu preferia que tivesse concurso público, ficava a Secretaria de Saúde cuidando, e as pessoas era funcionária pública, e não essa lavagem de dinheiro que é essas ONGS. Isso é um absurdo! Não gosto do médico, não fui com a cara do médico, tira ele daqui e manda embora. Às vezes um tá fazendo um excelente trabalho, mas eles não dão o direito e autonomia para a pessoa. Outra coisa, outro movimento foi em creche, para ter as creches começou um movimento grande aqui que eu participei. Era pra ter as creches porque...

Natália: Essas três creches?

Nilza: É, essas três creches. Tem três, porque era creche do Banco da Providência. Só que o Banco da Providência era casa de mãe solteira, aí foi feito um movimento grande, e o Hélio pegou essa parte de creche, de assuntos de mulheres e saúde e deixou sob a gestão de mulheres. Ele disse: "Eu só vou entrar se estiver dando uma dificuldade". E eu achava engraçado porque ele falava: "vocês tem que fazer igual a operação Garcia, a operação Garcia dá o que você vai fazer, e você se vira e você tem tanto tempo pra isso ser feito". E ele falava: "vai à luta". E outra coisa que eu amo de paixão é meio ambiente. É o reflorestamento.

Isso foi uma coisa muito engraçada, porque foi uma maluquice minha, o reflorestamento começou na década de 80, e essa parte quem vai falar é o Dejair. Eu não quero entrar, porque eu trabalhei também, porque eu sou Agente Comunitária, eu sou funcionária e Agente Comunitária. O Agente comunitário tem que tá preparado e capacitado para ele discutir aquele tema que a pessoa tem e dar uma solução. Então você tem que tá sempre atento a tudo. E nós fizemos muita reunião. Porque desabava, caía, descia pedra com sol quente, porque tinha a Souza Cruz, a química da fábrica, você tinha a Souza Cruz e tinha a Brahma, e você tinha muita criança com problema respiratório no Morro da Formiga, e você olhava pra pedra e as folhagens, flores, as árvores, aquilo morria. Então eu entrei no movimento também para tirar a Souza Cruz e a Brahma daqui, porque era um cheiro insuportável.

Aí o que a gente fizemos, pra isso andar, foi muita reunião de rua. Muita! Convencer o morador a importância do meio ambiente e a importância da árvore pra nossa vida. Não adianta falar com morador em linguagem técnica, não adianta, se você for falar ele não vai entender. Você tem que saber falar a linguagem técnica e a linguagem popular. Eu fui na reunião de um Engenheiro sobre água contaminada e ele ficava falando tantos milímetros de Coliforme Fecal na água, e aqueles comunitário tudo assim "o que que é isso?", e eu tô quieta no meu canto. Tô quieta, tô quieta. E daqui a pouquinho eu pedi: "o senhor me dá a palavra?" E falei: "seu Engenheiro, fala a linguagem popular! O senhor sabe qual é a linguagem popular? Gente, Coliforme Fecal parcial é um pouco de cocô, coliforme Fecal total, cês estão bebendo água cheia de cocô de toda espécie".

Aí que o morador foi entender a importância. Aí ele foi entender que tem que tratar a água, que tem que colocar cloro, que tem que cuidar. É igual o Zika! Virou o samba do crioulo doido! Zika vírus, é não sei o quê, e as outras doenças ficaram pra trás, como a tuberculose. Tá matando pra caramba a tuberculose, tá matando muito a tuberculose! E aí virou o samba do crioulo doido, o mosquitinho da dengue, que você viu que o povo não entendeu ainda. Sabe por que o povo ainda deixa água parada? Porque eles têm que usar

outra linguagem, se não, não vai acabar. E daqui a pouco é outra. Eu vi doença de tuberculose, vi doença de chagas.

Quer ver uma doença que está enorme? Hanseníase! O que é isso? Sabe como que o morador entende: "É LEPROSA filho, é aquela ferida que dá na sua pele. Sabe como é que você trata? Vai saber? Tá com uma mancha no pele, você pega uma agulha limpa e faz assim ó. Se você não sentiu, você corre pro médico!". Agora qual médico? O morador não sabe! E pra marcar um médico? Como? Não acha! Então tem que falar com ele que é com a agulha! Eu descobri um que eu tava trabalhando com ele e ele não sabia que tava com hanseníase. E eu falei pega uma agulha e enfia aqui, e aí ele me deu a agulha e eu fiz isso nele e ele não sentiu. Porque se for hanseníase e fazer isso, você não sente. E se sentir não é hanseníase, e aí ele não sentiu. Aí ele foi no médico e o médico perguntou: "como é que o senhor sabe que é?" E aí ele respondeu: "uma agente comunitária quem me ensinou". É uma coisa tão prática, tão fácil.

E aí o que aconteceu de interessante no reflorestamento? Foi muita reunião com morador, do mesmo jeito que eu vou fazer aqui para o movimento de educação. Nesse rio, você vai ver como eu vou entrar. Você vai ver se eu não vou limpar esse rio! Aí um dia, um morador tá pegando os bichinhos da mata, animal silvestre. O lugar dele é na mata, não é dentro de gaiola, e pega aqui pra ir vender na feira. E eu denunciei baloeiro, tá. Já denunciei baloeiro, eu falei vou acabar com isso.

E eu peguei o autofalante, e eu gritei assim: "atenção moradores que tem animal silvestre, o poder público soltou eles na mata e colocou um *chip*. E aquele que pegar na mata o *chip* tá com satélite, olha só, olha a maluquice, e então pelo satélite sabe onde o animal está, e assim, a Polícia Federal vai na casa de vocês. Vai bater Polícia Federal dentro desse morro". Menina, foi um tal de soltar animal silvestre no mato. O tráfico ficou apavorado: "solta esses animais tudo dentro da mata!" (risos). Isso, você vai aprender isso na faculdade? Você vai vir aqui falar isso?

Tainá e Natália: (risos)

Tainá: A gente vai falar "gente não pode, isso é feio" é assim que a gente aprende a falar (risos)

Nilza: E eles vão falar "ih, sai fora bonequinha". Aí você usou uma estratégia, isso é mentira porque um chip do animal não fica ligado no satélite. Aí eu falei: "presta atenção". E aí o que aconteceu? Foi um tal de soltar preguiça, paca, tatu, soltaram tudo dentro da mata, porque pega pra vender e tem tráfico de animal, tráfico de criança, de órgão, de tudo quanto é coisa, eu acho um absurdo. Esses grupos terríveis que acaba com a população. Então, cê tem que tá ligado, tem que tá ligado.

Eu pra mim, o governo faz um sensacionalismo em cima da cocaína, crack, maconha... Mas não pode poder público a favor, você ia ver que ia para essas clínicas um monte de gente viciada para se cuidar. O crack, você ia acabar com o crackeiro. Que tem um pior tá, que tá vindo aí, o Oxi que é pior do que crack. Que já chegou, e como é que pode um ser humano, pegar um negócio, a vida é tão bela, mas tão bela, é muito gostoso, você vai a praia?

Natália e Tainá: Vou, muito.

Nilza: Você já percebeu que você chega na praia e você tira a roupa de praia e ali ninguém tá nem aí? Que tá todo mundo querendo tomar banho no mar, uma coisa tão saudável, você fica olhando assim... Que delícia, que beleza, sua vida, seu corpo. Aí a pessoa pega aquela química e joga pra dentro. E os grandes tubarões do tráfico, ficam só curtindo, ficam "vai povo", e eu falo que por trás deles, que eu falo pros outros, que é uma charada que eu faço, que por trás deles está a Santa Casa da Misericórdia que vai vender caixão, por isso que eles estão tudo rico. Porque, entendeu, o que morre, eu já sai daqui e fui lá no Catumbi, depois fui lá no Caju, porque eu não sou muito certa da bolotinha não. Eu fiquei observando a idade que a pessoa nasceu e a idade que a pessoa morreu, se você nunca despertou isso, desperta. A idade que a pessoa nasceu e morreu, e a idade agora, tá morrendo mais jovem do que velho! Você vai no cemitério morre um velho de 90 anos e olha o quanto de jovem está internado, está enterrando. O Brasil vai envelhecer?

Natália: Não...

Nilza: Porque eles estão se acabando com eles próprios. Como é que um cara pode fumar maconha, cheirar Brizola, pegar cocaína, tomar cachaça! Ele vai acabar, por isso que tem um monte de mulher, que pega outra mulher, porque os homens tão tudo ficando envergado.

Natália: (risadas) Eu não sei o que significa "envergado"

Nilza: Que o lulu não sobe! (risadas)

Nilza: Aí uma mulher tá fazendo o papel com a outra. Você vê aquele louco do cantor de funk¹⁶? Eu acho ele ridículo, besta. Eu nunca que ia aceitar aquilo, a desvalorização da mulher. Você não vê? Porque tem um bucado de mulher, deve pegar legal. E aí coloca as duas pra morar juntas (risos).

Mais o quê que vocês querem que eu fale?

Natália: vou dar uma pausa aqui.

Nilza: Eu achei o encontro¹⁷ excelente. Adorei. A troca de experiência, a aprendizagem, e eu acho que a gente tem que fazer mais, mas o que a gente tem que fazer? Uma divulgação pra ir mais gente, porque se não fica uma coisa mais pra nós. Eu aprendi coisa com vocês e vocês aprenderam coisa comigo, a gente fez troca, e o saber que a gente tem, a gente não tem o saber pra gente, a gente tem que saber e passar pra frente, pra isso crescer e multiplicar, que isso é benefício para todos nós, seres humanos.

Natália: E você acha que a estrutura do evento em si foi...

Nilza: Eu gostei da estrutura. Eu só acho que tinha que ter mais gente. Ou pessoas que estejam, que queriam participar. No próximo encontro que tiver eu vou te trazer uma socióloga que mora no Borel, vocês vão ficar louca.

Tainá: Qual o nome dela?

Nilza: Ah, não me lembro agora. Daqui a pouco eu lembro e te falo. Mas vocês vão ver o que é uma socióloga social e comunitária! É um show que ela dá. Ela foi uma que aprendeu tudo comigo, eu fui chefe dela. Entendeu? Hoje tem uma psicóloga que passou pela minha mão.

¹⁶ Aqui ela faz alusão a um cantor de funk brasileiro que tinha muitos filhos.

¹⁷ I Fórum Olhares sobre a Formiga, realizado em Novembro de 2015 no Morro da Formiga por estudantes, pesquisadores, coordenadores e moradores do Morro da Formiga.

Porque eu tenho o seguinte, tudo o que eu aprendo, eu não gosto de nada guardado, eu gosto de passar, e uma coisa que eu tô adorando que vocês estão fazendo. Porque geralmente as pessoas vêm fazer uma entrevista, uma palestra, e depois aquilo cai no esquecimento. E vocês não, vocês estão registrando, deixar isso registrado para um futuro. E eu tenho muita coisa, eu tenho muita coisa, mas do que adiantar eu levar isso para o túmulo? Entendeu? Eu tenho que trocar isso, passar isso pra frente.

E aí hoje eu tenho um filho, esse aí que hoje tá na "rainha negra da favela", ele tá coordenando o projeto "Agente Jovem". Ele tá estimulando. Ele fala que ele aprendeu muito com a mãe. Eu tenho outra que trabalha com festa junina, mas eu já falei com ela que eu não quero aquela roupa. Que com aquela roupa ela vai disputar em outro lugar, mas bota as crianças com roupa de festa junina, pelo amor de Deus, com a roupa de São João! Tira o balão que o balão mete fogo na floresta, entendeu? E tem um outro, que é capoeirista e gosta de esporte. É ligado no meio de cidadania, mas com esporte. E tem outra, que também é ligada, mas é em estética. Ela disse que a mulher tem que tá sempre produzida, tem que estar bela pra ela própria e não tem que estar bela pros outros não. E aí ela me pega e quer arrancar minha sobancelha e eu não deixo, quer arrancar o cantinho da unha e eu não deixo, e é uma confusão. Querem me colocar brinco, mas eu só gosto ou de madeira ou de marfim, sou besta. Tive um de marfim, mas agora dizem que é contrabando. A minha colega foi na África e não conseguiu trazer, e ela disse é contrabando. É proibido. Eu disse "e se você comprasse lá e colocasse na orelha?" ela disse que é contrabando. Marfim hoje é proibido, é contrabando. Mas que eu vou conseguir de novo, meu brinco de marfim.

Tainá: Aqui no Brasil deve vender, mas deve ser muito caro.

Nilza: Porque eu gosto de marfim

Tainá e Natália: Bem, mas é isso! Muito obrigada!

Nilza: Falô!

Capítulo 2

Projeto REFLORA: o olhar da universidade sobre o reflorestamento¹⁸

Autor: André Scarambone Zaú

Entrevistadora: Natália Helena Ribeiro Chaves

Data: 20 de maio de 2016.

Parte I – Apresentação e contextualização do Projeto REFLORA

O Projeto Restauração em áreas de reflorestamento – REFLORA¹⁹, nasceu de uma solicitação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O servidor Paulo Nascimento - Biólogo que na época estava na SMAC²⁰ - em conjunto com Cláudio Santana – Engenheiro Florestal, também da SMAC – e com o total apoio do coordenador da Coordenadoria de Restauração e Recuperação Ambiental (CRA) da SMAC, o Engenheiro Florestal Marcelo Hudson; vieram procurar o Laboratório de Ecologia Florestal, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (LEF/UNIRIO) e, juntos, formulamos os princípios do REFLORA –uma proposta de avaliação de locais que passaram pelo processo de reflorestamento.

A prefeitura trabalha numa linha do projeto “Mutirão Reflorestamento”, que alcança mais de duzentas frentes de reflorestamento distintas. Esse projeto é mundialmente reconhecido, inclusive o mesmo já recebeu um prêmio internacional porque buscava recuperar áreas degradadas e ao mesmo tempo envolvia nesse trabalho pessoas da comunidade. Entretanto, apesar do sucesso do Mutirão Reflorestamento, o papel SMAC é executivo e menos investigativo, acadêmico. Desta forma, restava essa lacuna. Assim, visando aperfeiçoar rotinas, minimizar custos e avaliar resultados, foi desenvolvida a proposta do REFLORA.

No início do Projeto Mutirão Reflorestamento, o setor da prefeitura responsável por essas ações era coordenado pelo Engenheiro Florestal Celso Junius. Por quase trinta anos a SMAC desenvolveu essas importantes ações em vários morros da cidade, os quais eram basicamente áreas degradadas cobertas por gramíneas, em especial o capim-colonião. Nesse contexto, a grande maioria dessas ações foi executada sem um acompanhamento mais detalhado, especialmente quantitativo, dos resultados. E, uma vez que vários desses reflorestamentos estavam chegando em um estágio mais estável, isso fazia com que os técnicos se perguntassem: “e agora esse reflorestamento se tornou uma floresta?”, “Recuperamos a área?”. Isso porque quando olhamos a paisagem, a mesma apresenta uma cobertura florestal. Só que essa floresta, do ponto de vista de biodiversidade, obviamente, tinha indicações de ser mais pobre e mais simples. Entretanto, não sabíamos dimensionar

¹⁸ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

¹⁹ Projeto “Restauração ecológica em áreas de reflorestamento – REFLORA”

²⁰ Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro

essas medidas: o quanto mais pobre, quanto mais simples, o quanto aquilo se aproximava ou não de uma floresta?

Então Cláudio e o Paulo procuraram o laboratório porque acompanharam nossos trabalhos a partir de palestras em eventos científicos e entenderam que a gente tinha a capacidade de desenvolver uma avaliação de forma mais precisa. Assim, poderíamos fornecer um produto para a prefeitura que ajudasse os técnicos a reverem alguns pontos, a melhorarem procedimentos a, eventualmente, realizar determinadas intervenções, apresentando novos olhares que, na execução rotineira, eles não julgavam essencial fazer. Realizar essa avaliação detalhada com a força de trabalho da própria prefeitura não era o objetivo inicial, considerando a carga de ações executivas da SMAC.

Desta forma, o Paulo e o Cláudio apresentaram algumas sugestões de possíveis áreas de estudo para que fôssemos visitar e, em conjunto, definíssemos onde seria a área experimental do projeto. Visitamos quatro áreas: uma em Campo Grande e três na zona norte da cidade: Marianos, Morro do Borel e Morro da Formiga. Por várias razões, como acessibilidade, segurança à época, condições de resgate histórico sobre dados do reflorestamento etc., optamos pelo Morro da Formiga.

Termos optado pela Formiga foi bastante interessante. A equipe de reflorestamento local, coordenada pelo seu Dejair, nos deu todo apoio. Foram muito solidários e nos ajudaram em vários aspectos. Assim, conseguimos desenvolver boa parte dos trabalhos nessa comunidade. Infelizmente, depois de um tempo, talvez no meio do segundo ano de estudos, houve a necessidade de transferir parte das atividades para Campo Grande, por mudanças na conjuntura de segurança de nossas equipes na Formiga.

A Formiga é muito importante para mim, cresci e passei a minha adolescência na Tijuca. Tenho um amigo que foi nascido e criado na Formiga. Vários amigos que estudaram comigo, no primeiro grau, moravam na Formiga. Especialmente com um deles, com o qual até hoje tenho relacionamento, eu visitava esporadicamente seus parentes na comunidade da Formiga. Já naquela época, eu tinha uma relação interessante com o local, com as pessoas, com a paisagem, com a cultura etc. Por exemplo, a Imperinho, a Império da Tijuca, era uma Escola de Samba que inclusive desfilava na rua em que eu morava. Eu ia em ensaios quando adolescente... Então, pessoalmente, eu também tinha uma relação afetiva com a Formiga. Assim como eu, que tive os trabalhos de pós-graduação (mestrado e doutorado) desenvolvidos nas proximidades daquela área, no Parque Nacional da Tijuca, percebia que moradores da Formiga tinham uma relação emotiva com a paisagem. A mesma paisagem que eu sempre olhava da janela da minha casa, desde pequeno: o Morro do Sumaré, o Morro da Formiga, etc. Então, existiu esse viés, também, na definição da Formiga como nossa área de estudo. Para mim, foi muito interessante trabalhar na Formiga, também por esse ponto de vista.

Assim surgiu o REFLORA. O projeto tinha a intenção de estudar aquele reflorestamento, que apresenta vários estágios diferentes em termos de desenvolvimento, diferentes fases, várias idades de estabelecimento de trechos revegetados, vários momentos de reconstrução ou da tentativa de reconstrução da floresta. Desta forma, passamos a estudar o local mais detalhadamente. Não só a vegetação da área do reflorestamento, como também buscamos realizar uma caracterização mais ampla do ambiente, incluindo elementos da comunidade biológica (árvores, arbustos, plântulas); características do solo;

relevo; aspectos hidrológicos; aspectos funcionais da comunidade do reflorestamento (queda de material orgânico das copas, época de floração e frutificação das espécies existentes no local etc.), além de aspectos da própria relação da comunidade local (pessoas, associações etc.) com o reflorestamento. Uma vez que tínhamos bancos de dados oriundos de trabalhos acadêmicos, desenvolvidos pelo LEF ou não, especialmente dissertações de mestrado e teses de doutorado, de uma área próxima que se encontra em estágio avançado de maturidade – o Parque Nacional da Tijuca, poderíamos comparar os dados do Morro da Formiga, com os do ambiente de referência. Então, tivemos a possibilidade de trabalhar com a caracterização do ambiente do Morro da Formiga, descobrir o que existia localmente em termos de cobertura vegetal, caracterizá-la do ponto de vista ecológico, entender aspectos como densidade, abundância, dominância de plantas, a florística e características ecológicas locais. Comparando esse espectro com o nosso ambiente de referência, que é o Parque Nacional da Tijuca e com dados de várias outras localidades, pudemos dimensionar com mais precisão as condições em que se encontravam o reflorestamento do Morro da Formiga.

O Morro da Formiga, mesmo estando coberto pela vegetação resultante do reflorestamento realizado e mantido por décadas, apresenta uma condição ambiental, do ponto de vista florístico e fitossociológico, bastante inferior à do ambiente de referência. Vale ressaltar que o próprio PARNA Tijuca é considerado uma floresta secundária, e que apresenta uma série de características inerentes ao seu histórico de uso e proximidade com uma megalópole. Mas, ao mesmo tempo, esse ambiente de referência apresenta alguns trechos em estágio avançado de desenvolvimento sucessional. Identificamos que o reflorestamento no Morro da Formiga apresenta uma estrutura física da vegetação menos desenvolvida, a estrutura fitossociologia ainda bastante distinta de um ambiente de referência... Na Formiga a comunidade vegetal apresenta alta dominância de duas ou três espécies, padrão que não acontece num ambiente tropical mais conservado. Então, encontramos uma menor diversidade, por conta da menor riqueza e também por causa da alta dominância de algumas espécies. Pudemos ainda observar a ausência de várias espécies de árvores e de arbustos típicas de áreas mais desenvolvidas do ponto de vista sucessional. Nesse sentido, esses e outros indicadores apontaram a necessidade de novas intervenções no local. Assim, ainda há muito trabalho a ser feito no Morro da Formiga. E trabalhos diferentes do que tem sido feito na atualidade, para que aquela “floresta simplificada”, ou aquela capoeira – vamos chamar assim para diferenciar de uma floresta mais desenvolvida – possa avançar do ponto de vista sucessional e, em algumas décadas, a mesma possa se aproximar um pouco mais de uma floresta bem desenvolvida.

Esse tipo de avaliação é fundamental porque, de fato, olhando de longe, do ponto de vista de paisagem, qualquer leigo vai enxergar uma floresta recobrando aquelas encostas. Mas, ecologicamente falando, essa vegetação ainda está distante de uma floresta desenvolvida e autossustentável do ponto de vista ecológico.

Assim, o reflorestamento pode ser entendido como uma floresta simplificada. Entretanto, do ponto de vista da estrutura física (altura e diâmetro das árvores), pelo menos em alguma medida, o reflorestamento responde positivamente aos objetivos iniciais – recobrir o solo com uma cobertura de árvores. Originalmente, o projeto Mutirão Reflorestamento surgiu com a principal demanda de recobrir encostas da cidade do Rio de Janeiro, por conta da situação de deslizamentos que aconteciam nessas ocupações de áreas de risco e que geravam mortes nas localidades atingidas e danos para a cidade. Então,

algumas áreas de risco foram tidas como prioritárias para prefeitura em termos de recuperação ambiental.

Ainda existe a questão associada à tentativa de minimização de ocupações irregulares nas encostas. Com exceção dos últimos quinze anos, talvez, o Brasil e especialmente grandes cidades como o Rio de Janeiro, apresentaram um contexto social de, nos últimos quarenta, cinquenta anos, com baixo investimento público em moradia popular. Assim, as favelas foram se desenvolvendo por conta de demandas concretas por espaços para que a população menos favorecida do ponto de vista econômico – comunidades mais carentes – pudessem se estabelecer e crescer. Ainda existe o aspecto de que parte desse contingente de pessoas havia sido desalojado de áreas da cidade, por conta da “urbanização” em épocas passadas. Existem vários relatos e artigos bastante embasados sobre a formação inicial das favelas. Por exemplo, Mauricio Abreu, um ex-professor de Geografia da UFRJ, em 1992 apresentou um texto no qual ele relata essa evolução da ocupação das encostas do Rio de Janeiro.

Desta forma, também por conta dessas ocupações, o projeto "Mutirão Reflorestamento" visava, em alguns trechos, restaurar a vegetação que havia sido retirada, seja por razões históricas, seja pela utilização da madeira, plantio de café, cana, criação de gado, ou outros vários fatores. Depois da retirada da vegetação ocorreu em alguns pontos a ocupação espontânea-invasora por espécies exóticas, como o capim-colonião. Várias dessas questões foram devidamente solucionadas, pelo menos em alguma medida, pelo projeto "Mutirão Reflorestamento". Entretanto, nesse movimento de trinta anos do Mutirão, não conseguimos chegar em uma situação em que a gente realmente restaurasse uma floresta do ponto de vista ecológico. Entretanto, como todo o conhecimento que existe na atualidade, com certeza podemos avançar bastante em direção à restauração ecológica desses trechos revegetados. Nesse sentido, o REFLORA trabalhou em dois momentos: no primeiro identificamos parâmetros ambientais e comparamos esses parâmetros com os do ambiente de referência. Em um segundo momento buscamos desenvolver estratégias de enriquecimento, testando técnicas de nucleação para restauração ecológica, sempre considerando a possibilidade de replicabilidade e o baixo custo das propostas.

Pensamos em estratégias que envolvessem os próprios elementos da natureza. Nesse sentido, testamos algumas ações metodológicas, para ver qual delas seria mais eficiente, por exemplo, para aumentar a diversidade biológica no local reflorestado. Testamos experimentos com plantio de sementes; avaliamos o plantio de mudas; comparamos mecanismos de ciclagem de nutrientes; avaliamos as sementes no solo; e estudamos aspectos funcionais do sistema, como a época de floração, frutificação das espécies existentes no local. Testamos ainda a própria construção que os mutirantes fazem com galhos que caídos. Eles os acumulam em determinado lugar, acreditando que isso minimize a erosão e aumente as chances de estabelecimento de mudas. No experimento com essa galhada, verificamos se em baixo da galharia o ambiente era mais ou menos propício para o desenvolvimento de pequenas plantas. Nesse caso, surpreendentemente, encontramos resultados que apontam que a galharia não favorece o desenvolvimento de plântulas no local. Enfim, muitos experimentos foram feitos e vários outros ainda são necessários. Mas, o importante é o movimento no sentido de avaliar e aperfeiçoar as técnicas de reflorestamento aplicadas.

O projeto REFLORA já dura pouco mais de três anos e meio, também por conta de alguns atrasos de financiamento. Nesse período passaram pela equipe do LEF cerca de 30 pessoas e apresentamos mais de 20 relatórios técnicos. A cada dois meses é apresentado um relatório, com os resultados dos registros, experimentos, contendo ainda informações administrativas do projeto. Os relatórios apresentam uma análise detalhada, com base nas amostragens, as quais obviamente contêm as suas limitações. Mas, com certeza, são análises que geram resultados que podem ser considerados confiáveis e que podem auxiliar aos gestores públicos, obviamente com a margem de incerteza que toda pesquisa científica apresenta. São dados com qualidade, porque foram produzidos com toda preparação de um desenho amostral apropriado, que tiveram uma condição de desenvolvimento apropriada e etc.

A última etapa do REFLORA será a entrega do relatório técnico final e a produção de uma cartilha. A cartilha vai servir como uma síntese do projeto e será redigida em uma linguagem simplificada. Ela visa facilitar que encarregados das equipes de campo compreendam os principais procedimentos que devem ser realizados para que o processo sucessional possa seguir sua trajetória em direção ao aumento de complexidade ambiental. Essa é a ótica que buscamos para condições de restauração ecológica, promover ações sucessionais autossustentáveis, com a menor relação de custo e o maior benefício ambiental. Essas ações precisam ser traduzidas em uma linguagem simplificada e ser divulgadas. A ideia é que esse estudo com foco na Formiga seja apenas considerado um estudo desenvolvido em uma "área modelo". Porém, a nossa intenção é que várias das questões que foram trabalhadas experimentalmente na Formiga – até mesmo em termos de diagnóstico – possam ser transportadas para muitas das outras mais de 200 frentes de reflorestamento. Entendemos que, em um experimento considerando-se situações razoavelmente semelhantes, resultados podem ser replicados para outros locais com características ambientais e sociais semelhantes.

Esse é um dos grandes benefícios do projeto REFLORA. Apesar de ele estar restrito a duas áreas: o Morro da Formiga e, posteriormente, em um reflorestamento em Campo Grande, essas avaliações e análises são plenamente observáveis e aplicáveis para outras localidades. Desta forma, ele pode ser extrapolado para várias outras áreas do município do Rio de Janeiro. E, talvez, para outras áreas do estado do Rio de Janeiro e até para outras regiões cobertas originalmente por Mata Atlântica, que apresentem características similares às das áreas estudadas. O REFLORA tem esse caráter de grande abrangência especial, que faz com que ganhe relevância em termos científicos. Ele não é um estudo localizado, restrito. É um estudo desenvolvido em uma área experimental-modelo, que vai servir de parâmetro para aplicação dos resultados em várias outras localidades.

Além disso, o REFLORA tem um caráter inovador que é a incorporação de aspectos socioambientais ao projeto. Com raríssimas exceções – e praticamente nenhuma publicação no meio científico que a gente tenha conhecimento – projetos de avaliação de reflorestamento ou projetos de reflorestamento nunca abordam a questão socioambiental. E a gente teve a possibilidade de incorporar esses aspectos, envolvendo profissionais da área social e também através da incorporação do projeto "Aprender Brincando com a Natureza". Esse é um projeto de educação ambiental que nosso grupo já desenvolvia há muitos anos, desde 2008. Então, tivemos a possibilidade de transferir o projeto "Aprender Brincando com a Natureza" para o Morro da Formiga. Assim, tivemos não só um

levantamento de características socioambientais desenvolvidas por diversos outros projetos mais específicos, como também a possibilidade de estimular, pelo menos em alguma medida, crianças, professores, atores locais e gestores a olharem para o reflorestamento e para floresta de uma maneira que talvez eles ainda não olhassem.

Então, o REFLORA representa uma proposta bastante inovadora, quase revolucionária porque, inclusive, uma das questões que a gente pode perceber é que dificilmente os reflorestamentos vão para frente se não tiverem uma boa relação com a comunidade. Se não tiver um entendimento da importância daquela ação para comunidade, a relevância daquilo do ponto de vista social, ambiental e etc. Um exemplo dessa necessidade é que nos reflorestamentos são gastos milhões, que às vezes se perdem do dia para noite, porque alguém coloca fogo, alguém solta o gado, alguém cria empecilhos que fazem com que aquele processo não vá para frente. E como são as pessoas que moram no local que podem entender, ou não, os benefícios do reflorestamento, se não houver um diálogo, uma compreensão da relevância daquilo para a própria comunidade, se a comunidade não abraçar a causa, não adianta. Desta forma, a sociedade perde milhões porque não consegue tocar, sensibilizar, dialogar com as pessoas, inserir a comunidade efetivamente no processo, mostrando que existem possibilidades de uso do espaço que são sustentáveis a médio – longo prazo. Assim, o olhar socioambiental é um olhar fundamental nos dias atuais.

Outro exemplo dessa questão é que há duas semanas, na área de Campo Grande pegou fogo sobre o que havia sido plantado. Tudo o que havia sido reflorestado, durante anos, novamente se perdeu. É muito difícil ver isso ainda acontecer nos dias atuais. É muito custoso para sociedade e extremamente penoso para quem trabalha diariamente, plantando cada uma das milhões de mudas, retirando as gramas que competem com as mudas, limpando, manejando e carregando mudas e outros materiais morro acima. Não é fácil. Imagino, para cada um dos mutirantes, dos encarregados, dos engenheiros que supervisionam os reflorestamentos, o sofrimento que é ver seu trabalho, por vezes de anos, ser perdido de um dia para o outro. Então, nada mais “revolucionário” e fundamental do que esse “novo” olhar sobre o reflorestamento, um olhar com o fundamental desenvolvimento de ações socioambientais.

Parte II - Breve relato sobre a participação no fórum

Pessoalmente penso que o mais interessante do Fórum foi poder ver diferentes olhares. Esses diferentes olhares só são apresentados em eventos desse tipo, eventos mais amplos, envolvendo atores sociais locais. Assim, a gente tem, pelo menos de forma parcial, uma expressão mais ampla da comunidade. Podemos entender como a comunidade valoriza mais, ou de forma menos intensa, determinada ação do Estado; como a sociedade local carece ou demanda determinada ação, a qual não está sendo adequadamente administrada pelo Estado. Então, nada mais apropriado do que esses eventos e a do que a universidade estar envolvida nessas ações. Dessa forma, estaremos desenvolvendo a extensão universitária, verdadeiramente. Professores, pesquisadores e estudantes envolvidos em ações na comunidade. Quando todos voltam para a Universidade, trazem de volta um olhar diferente, aprendendo com olhares diversos e demandas reais; interagindo e unindo forças para construir uma proposta participativa para usos mais ambientalmente sustentáveis

para aqueles espaços, que são da comunidade. E, nesse contexto, o Estado precisa fazer a sua parte de suprir as principais necessidades da comunidade, de olhar aquele espaço outrora marginalizado como um espaço que precisa estar integrado à cidade. Um espaço que, além de estar estruturado para suprir as necessidades dos moradores locais, possa contribuir para cidade como um todo, do ponto de vista de retenção de precipitações muito intensas, minimização de erosão, deslizamentos, do ponto de vista paisagístico e ambiental ecológico. Então, existem várias ações, que vão desde as intervenções locais quanto as regionais.

Resgatando um pouco mais da história, e buscando registrar mais fielmente esse caso, o REFLORA foi construído em conjunto. Aline Silva Machado, Vinicius Gomes da Costa, Gláucia Maria Alves de Oliveira e eu fizemos uma estruturação inicial do projeto. E essa estruturação foi passando por ajustes, incorporando sugestões e demandas da prefeitura, encaminhadas especialmente por Paulo Nascimento, Claudio Santana e Marcelo Hudson. Assim, esse projeto foi construído a várias mãos. E, para o projeto associado, "Aprender brincando com a Natureza", foram muitas outras mãos, que também foram modificando-o e completando-o, com novos olhares e novas abordagens. Por isso, acredito que o "REFLORA" e o "Aprender" foram projetos que deram muito certo, por conta de incorporar diferentes atores; não serem estrutura rígidas, pré-formadas, engessadas burocraticamente. Mas, por apresentarem propostas abertas às demandas do Estado, da prefeitura e da própria comunidade. Então, o REFLORA é, a meu ver, um projeto bastante revolucionário, porque envolve esses diferentes e complementares olhares.

Nesse contexto, entendo que esse evento na Formiga é um dos símbolos e um dos resultados desse trabalho coletivo. Por isso, é bem interessante participarmos e assistirmos palestras e falas, como a da dona Nilza e do seu Dejarir. Eles são pessoas que trouxeram o olhar de como a comunidade entende seu pertencimento e sua história com o seu lugar de moradia. Nos deu uma dimensão de como eles são apaixonados pela floresta, pelo trabalho no reflorestamento, pelas ações com crianças da comunidade. Então, nada mais importante do que esse resgate e o devido registro também. Que essa relação apaixonada que a comunidade, ou parte dela, tem com seu o lugar, seja mais uma vez valorizada.

A meu ver, os próximos passos que precisamos dar – e aí eu entendo que o projeto "Aprender brincando com a Natureza" e outras ações que estão sendo desenvolvidas na escola – vão caminhar em direção ao resgate da participação da comunidade na ação efetiva para contribuir na conservação de seus ambientes. Seja através da utilização do Rio Cascata, tratando-o como tema transversal em uma escola municipal da comunidade, seja a partir de outros elementos da natureza local, como as plantas frutíferas dos quintais. Então, através desse trabalho, poderemos contribuir para a formação de novos defensores do ambiente, da comunidade, de um lugar mais saudável, mais bonito, mais alegre, mais feliz, para a própria comunidade. Penso que esse é apenas um dos desdobramentos de ações que já estão em andamento na comunidade. A comunidade local tem pessoas que são a base dessa história, que podem ser a referência. Assim, fica mais fácil trabalhar com esses elementos já existentes localmente, ajudando em alguma medida nesse processo, para contribuir para um olhar e para uma apropriação diferenciada daquele espaço. Participar do fortalecimento desse espaço é muito gratificante. É também se rever, e ao mesmo tempo repensar a Universidade, como resultado do trabalho profissional de cada um, sua abrangência,

pertinência e a dimensão de questões que são tratadas em nossas ações de ensino, pesquisa e extensão.

No momento em que estudamos quando uma planta floresce, quando ela frutifica e o porquê aquilo é importante, não podemos desconectar essa dinâmica da própria questão social local. Aquela floresta não é apenas importante porque aquela árvore floresce no mês “x” ou “y”. Mas porque aquele conjunto de respostas ecológicas está, de alguma maneira, ajustado à uma questão da própria sociedade. E a gente vai precisar também trazer, resgatar e aprofundar alguns olhares que a própria sociedade se distanciou: o olhar da importância das florestas, do prazer de andar em uma área com clima mais ameno, em um ambiente mais acolhedor e próximo da natureza.

A própria comunidade da Formiga – e aí entram outros aspectos bastante interessantes – apropria-se do espaço de forma positiva. Se apropria de aspectos que outras comunidades não se apropriam. Por exemplo, através da utilização direta das águas que nascem em suas encostas. E nada mais importante nesse contexto de que a comunidade use esse recurso da natureza, diretamente vinda das encostas adjacentes ao Morro da Formiga. Nada mais apropriado que a comunidade entenda e valorize o retorno da floresta, via reflorestamento. Porque, quanto mais floresta – em estágios cada vez mais maduros – maior a possibilidade de perenidade de fluxos de água. Então, existe mesmo um aspecto da segurança em termos de um recurso vital: a água. Muitas vezes, o poder público não consegue fazer com que esse bem chegue nas casas mais altas da comunidade. Então, nesse processo de buscar soluções, certamente a comunidade vai internalizar que a existência de florestas mais maduras e a perenidade das nascentes apresentam uma relação direta.

Parte III - Fórum e avaliação geral

O evento a meu ver foi um sucesso. Ele foi proposto para trazer ao debate diferentes olhares como academia, escola, comunidade, pesquisadores, moradores em geral e Estado. Acredito que essa é uma proposta muito atual, muito importante. Porque ela é o que existe de mais adequado para uma situação de gerenciamento de eventuais conflitos, como aqueles típicos de áreas de reflorestamento em comunidades que não compreendem com clareza a importância de se recuperar a floresta. Quando você trabalha com diferentes atores, diferentes olhares, diferentes interesses, nada mais apropriado que conseguir unir todos os interessados, para que cada um exponha sua forma de ver aquela questão, seus anseios e suas expectativas. E que cada um aprenda com o olhar do outro. Então todos nós participamos, aprendemos com os olhares e com as colocações de outras pessoas. Então, isso é muito bom!

O que eu acho que, talvez, ainda precisamos aperfeiçoar, é o entendimento de que uma ação complexa, que almeja mudanças de atitudes na comunidade, para ser efetiva e duradoura, demanda muita dedicação e bastante tempo para frutificar. Talvez isso tenha resultado em uma participação menor da comunidade do que aquela que inicialmente esperávamos. Queríamos muito mais pessoas neste evento! Então, temos que refletir sobre essas eventuais razões e talvez melhorar a divulgação e o envolvimento de mais pessoas em um próximo evento. Acredito que possa ter sido algo relacionado à uma divulgação, que não atingiu plenamente a comunidade. Mas, também é provável que a participação abaixo do

esperado tenha sido, pelo menos em parte, decorrente do fato de que precisamos de tempo para envolver mais pessoas da comunidade. Nesse “início de movimento”, a maior parte das pessoas ainda não está plenamente envolvida, sendo mesmo, por vezes, reticentes à determinadas ações que, aos olhares dos locais, vêm “de fora” e que tendem a não prosperar...

Portanto, deve ser dado um passo de cada vez, para aproveitar as experiências positivas e, de fato, refletir sobre aqueles pontos que eventualmente podem ser melhorados. Penso que o ideal é envolver mais as pessoas, mais entidades e, ao mesmo tempo, transformar esses encontros em ações sociais, incorporando ações musicais (como fizemos), e que a própria comunidade também aproveite aquele momento para que, de outras formas, incorpore discussões sobre o rio, sobre o reflorestamento, sobre o ambiente em que vivem em, por exemplo, uma feijoada com samba. Com algo que possa ser mais habitual do universo da comunidade. Um churrasco, uma feijoada com samba, ou algo desse tipo, mas que tenha, algum momento, espaço para se discutir a questão do lixo que é jogado no rio, do esgoto que não é canalizado, das demandas que a comunidade tem em relação ao poder público, das necessidades que a comunidade tem de se autorrefletir em termos de comportamento em relação aos seus passos e ao seu local de moradia.

Dessa forma, caminharemos em direção à incorporação da “qualidade ambiental” do lugar, ao dia a dia da comunidade, que não precisaria mais “apenas” discutir o futebol, a novela, o samba, a escola de samba. Mas, sim, discutir o futebol, a novela, o samba, a escola de samba, o recolhimento adequado do lixo, a oferta adequada de saúde, a escola das crianças, o rio, a floresta, e tudo mais o que ela julgar importante para se abordar em um evento da comunidade.

Capítulo 3

O olhar do morador: ressignificados e o papel na comunidade²¹

Autor: Paulo Sérgio de Oliveira dos Santos (Toliu)

Entrevistadoras: Tainá Fernandes e Tainá Figueiredo
Entrevista em 04 de junho de 2016

Paulo Sérgio (Toliu): Olha, eu tenho várias funções aqui dentro da comunidade. Eu sou vice presidente da Associação de Moradores, eu trabalho no reflorestamento, eu faço um trabalho excelente dentro do reflorestamento. Trabalho no Reflorestamento²², sou da Associação de Moradores e nós faz um trabalho, eu e um amigo, de fazer tipo uma reciclagem dentro da comunidade com ferro velho, que nós tira da casa dos morador esses ferro velho, geladeira, fogão, que o pessoal joga tudo dentro do rio. É o fator que além de nós apanhar dentro da casa do morador, morador chega, entra em contato com nós, nós vamo lá, e põe geladeira, fogão, microondas, tudo, tudo quanto é coisa de ferro velho nós panha e tem um local pra nós botar, pra esse material não cair dentro do rio Cascata, entendeu?

E faz mutirão, nós tem um mutirão de limpeza dentro da comunidade que funciona muito bem porque, que que aconteceu aqui dentro da comunidade: Nós tinha o "Gari Comunitário", nós tinha o "Guardião do Rio" e esses projetos, foi os projeto que davam certo dentro da comunidade. Infelizmente os nossos governantes tiraram, cortaram esse projeto, e o fator principal que nós temos dentro da comunidade chama lixo, tudo aqui gera o lixo. Os garis faziam coleta de casa em casa, né? Agora esse lixo que separa entre becos e vielas são lixos que joga dentro do rio. Isso ai é o principal que eu faço aqui dentro da comunidade.

Tainá Fernandes: E assim, mais alguma coisa que você queira falar da história passada, assim, qual foi esse processo, como tá sendo hoje também a relação do rio com a comunidade...

(Barulho de Caminhão)

Paulo Sérgio (Toliu): Ó o caminhão!

Tainá Fernandes: É, veio coletar?

Paulo Sérgio (Toliu): É, veio...

Tainá Fernandes: Sábado.

Paulo Sérgio (Toliu): Olha só, o que pegou, porque o pessoal tava acostumado, a você passar no rio Cascata e cê ver o rio limpo, tem rio, dentro do rio, a água saia tão clarinha,

²¹ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

²² Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, dirigido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que tem como missão restaurar a cobertura vegetal da cidade, bioma Mata Atlântica.

que nós via aqueles peixinhos, aqueles peixinho barrigudinho e fazia aquele processo dentro do rio.

Tainá Fernandes: E você viveu essa parte?

Paulo Sérgio (Toliu): Vivi essa parte... Pô, tinha até caranguejo, dava no rio... Só que quando acabou esse projeto do "Guardião do Rio" passou cair esgoto, começou cair esgoto dentro do rio. Que é uma parte do rio, a metade do rio, do "Niteroizinho²³" pra baixo tem o esgoto bonitinho, mas da metade do rio pra baixo nós já não tem... Esse esgoto cai tudo dentro do rio, e que torna o que, ai tem aquela água esquisita, que num é peixe que vai (risos).

Tainá Fernandes: É, a gente até vê alguns né, mas não é...

Paulo Sérgio (Toliu): É, tem alguns barrigudin que consegue resistir.

Tainá Fernandes: Sobrevivendo (risos).

Paulo Sérgio (Toliu): Sobrevivendo, é verdade... E foi dois projetos que tá fazendo muita falta dentro da comunidade, que é o "Gari Comunitário", que era você trabalhar fazendo coleta de casa em casa. Eu cheguei a ser, essa parte eu nem falei, eu era encarregado do "Gari Comunitário". Nós tinha aqui, eu comandava, eram umas 20 pessoas, que trabalhava comigo, e nós fazia a coleta de casa em casa, becos e vielas. Nós tinha segunda, quarta e sexta, era o dia que era o dia da coleta, coleta é lixo de casa em casa, becos e vielas, nós passava pra fazer essa coleta de lixo. E terça e quinta era o dia que nós limpava as vala e canaletas, sábado era o dia que nós fazia aquela varredura dentro da comunidade, becos e vielas, e pegava a rua principal, que é a rua Castelo Novo, pra fazer esses processos. Só que foi dois projetos que faz muita falta dentro da comunidade, tanto o "Gari Comunitário" tanto o "Guardiões do rio".

O único projeto que deu certo aqui dentro da comunidade que hoje faz um serviço um excelente, nós pranta, faz as vezes até limpeza, inté coleta de lixo, às vezes nós tira dentro da mata, que as vezes os pessoal leva lixo lá pra dentro da mata, e as vezes nós, ou os próprios caras, nós junta todo mundo e faz essa coleta pra não deixar lixo lá dentro do reflorestamento.

Tainá Fernandes: E funciona... O Reflorestamento?

Paulo Sérgio (Toliu): Funciona, o Reflorestamento foi o único projeto que deu certo, que tá dando certo inté hoje, dando certo inté hoje, dentro da comunidade. Projeto ótimo. O projeto do Reflorestamento é excelente. Nós pranta, faz cova, cê vê, cê pranta desde a semente, e cê vê a pranta, a mudinha né, crescendo, eu tenho pranta lá. Que aqui nós tem a Formiga 1 e a Formiga 2, tá? Na Formiga 1, a mudinha que eu plantei pequeninha desde a semente, agora eu chego lá, olho assim, eu chego lá eu abraço ela e tiro foto, eu tiro foto. Aquilo ali me deixa feliz, porque prantei aquela muda e a muda foi crescendo, crescendo, crescendo. É um processo muito ótimo, cara. Ali foi o melhor projeto que eu trabalhei inté hoje, não só porque deu certo, tá dando certo, porque a única coisa, porque o Reflorestamento, ele é mundial né cara, ele não consegue, não consegue, eles tentaram, podem até diminuir o salário um pouquinho, mas acabar eles não consegue acabar não. Só acabaram com o "Gari" e acabaram com o "Guardião", que são projetos que a comunidade sente muito quando acabou com esses dois projeto também.

²³ Localidade próxima ao rio Cascata situado na comunidade.

Tainá Figueiredo: E foi quando que acabou?

Paulo Sérgio (Toliu): Po cara, quando acabou o "Gari", só eu... Eu trabalhei 10 anos na "Gari", "Gari Comunitário". Eu agora esqueci quando acabou o "Gari". Eu trabalhei 10 anos, assim que eu sai do "Gari", durou só um ano e meio só, ai ele acabou. E trabalhei no "Guardião do Rio" também.

Tainá Fernandes: E esse acabou a muito tempo também?

Paulo Sérgio (Toliu): O "Guardião do Rio" faz dois anos que acabou também, dois, três anos.

Tainá Fernandes: Então faz dois três anos que o rio ficou como tá hoje?

Paulo Sérgio (Toliu): Dois, três anos, e eu tenho uma mensagem que eu sempre olho lá, passo por aquele rio eu olho: "Foi um rio que passou em minha vida". Ai cê vê... Eu vi o rio de um jeito, agora eu vejo o rio de outro, e aquilo, toda a vez que eu passo aquele rio ali, eu sinto até vontade de chorar. Por quê? É uma coisa que você, você tinha prazer de limpar aquele rio. Tem pessoa, tem criança aqui dentro da comunidade que tomava até banho naquele rio, cara, pra vc ver como ele era limpinho, não tinha esgoto, pessoal não jogava lixo, pessoal respeitava. Porque nós além de limpar o rio, nós passava nas casas do redor do rio e nós falava, porque nós sabia quem era os morador que morava ali. Às vezes tinha bolsa de lixo que jogava dentro do rio, nós ia lá na casa do morador. Sabia o nome de todo mundo, e falava: "Olha só, nós tamo limpando o rio, e vocês tão jogando lixo dentro do rio." Num brigava não, conversava: "Pô, ajuda nós aí, porque além de você jogar, aí recrama que a sua casa ta cheia de rato, ta dando cobra." Porque tem muita cobra, muito rato dentro da comunidade? Por causa dos lixo, cê joga uma bolsa de lixo, dá o quê: Rato, rato, e a cobra vem caçar o quê? Tá com fome... Ai vem caçar o rato, é, é sério. Aí ta dando um montão de casa ai que... Tem um colega nosso ai que trabalha dentro do Reflorestamento, que é o Peterson²⁴, ele pega né, cobra assim ele vai lá e pega. Tem caso que eles vão na casa do morador tirar de dentro de casa. Já pensou você acordar com uma cobra dentro de casa?

Tainá Fernandes: As crianças comentam, lá da escola, que vêem cobra.

Paulo Sérgio (Toliu): É... aqui na rua da Cascata tinha uma no meio do caminho cara, uma jiboia, tinha que ver o tamanho da cobra. Ó só, a jiboia, nós que trabalha dentro do reflorestamento, você não pode matar uma jiboia, e uma: Porque se você souber o processo que a jiboia faz... a jiboia ela combate as cobras venenosas todas, ela come jararaca, essas cobra que é venenosa, ela come tudo. Então, mas quem não sabe, que não trabalha no esquema do nosso trabalho assim, eles chega lá, vê uma jibóia, e vai e mata. A jiboia você pode passar perto dela, que ela num te da bote, num da nada, porque a cobra depois que ela come uma criança passa até alisa a cabeça dela, num tá nem ai. Mas tem pessoa que é ignorante né, quer chegar ali, quer pegar um pedaço de pau. O nosso encarregado, seu Dejair, nessa parte não pode, nós não mata. Que nego pega, colega pega, e solta lá pra dentro da floresta. Eu não pego não! (risos) Não sou medroso mas não pego, coisa que tenho respeito é cobra. Tenho colega que pega, ele é corajoso, ele tira foto, manda tirar foto com ela, enrola ela aqui (aponta o pescoço), (risos) inté falei com ele: "Cê parece índio cara, índio que tem essas mania esquisita, né? Ficar pegando cobra." E o processo é esse, Tainá.

²⁴ Nome fictício

Tainá Fernandes: Entendi, mas alguma coisa?

Paulo Sérgio (Toliu): Não

Tainá Fernandes: E sobre o Fórum?

Paulo Sérgio (Toliu): É... o evento, voltando de novo, qual foi o grande caso daquele evento? Foi sobre o lixo, porque se qualquer coisa que nós conversar aqui, você vai acabar no lixo. Porque infelizmente o povo aqui, eles têm a cabeça muito esquisita, têm a cabeça muito esquisita. Quando tinha o “Gari”, eles falavam: “Vou jogar o lixo porque tem o gari pra limpar...” E agora que não tem o “Gari”?

Tainá Fernandes: Mas isso tem em todos os lugares.

Paulo Sérgio (Toliu): Eles joga, não quer saber. E eu vi uma frase, passou até na Globo isso, passou assim: “você que pega sua bolsa de lixo e joga pela janela, aí vem a chuva, a enchente forte, e que que acontece? Aquele lixo que você jogou dentro do rio, ele volta pra tua casa.” Ai acontece que desce barreira, mata uma família tua, mata um filho teu, mata uma esposa tua, entendeu? Porque a pessoa não tem aquela consciência, ele acha que é a mesma coisa, eu limpar a minha e eu sujar a tua casa. Eu tô limpando? Não, não to limpando. Então eu acho que se cada um fizesse a sua parte, juntar e pegar o seu lixinho, cê nunca foi gari não né? Porque isso nós aprende tudo, pegar seu lixinho, pazinha, saco plástico, pode me dar uma lixeira. Agora eu pego meu lixo olho para um lado, olho pro outro, digo: “num tão olhando aqui, vou jogar lá na casa da Tainá.” (risos) Ai não dá!

Eu gostei muito, gostei muito da aquela palestra que demos lá, eu falei até com a diretora, Ângela²⁵, “esse foi ótimo”, e ela teve uma ideia muito boa, reunir a liderança dentro dentro comunidade, e faltou gente ainda, que nós tem muita liderança aqui dentro da comunidade, e eu achei aquilo interessante. Porque, eu até falei pra Ângela, tava muito distante a Associação de Moradores com o colégio, porque se olhar legal, tem que ser uma união muito forte. Porque a Associação de Moradores, é um órgão que representa a comunidade, e o colégio, que que é um colégio? A diretora dum colégio? Ali ela faz várias palestras, quando cê dá uma palestra ali dentro do colégio pras criança, a criança vai sair dali, ela e vai corrigir pai e mãe cara. Ela chegou falando lá, num foi, que teve um aluno que fez uma palestra num colégio, quando chegou em casa, a mãe cansada, num sei, ela não podia fazer isso perto da criança, foi e jogou lixo, a criança foi lá falar: “mãe, isso aí tá errado, cê num tem que jogar lixo no chão, eu escutei isso no colégio, o lixo tem que jogar na lixeira.” Ai como é que a mãe ficou, ela não tinha que escutar isso da criança, tinha? Tinha que ser o contrário, né? A mãe que tinha que passar isso pra criança, ai corrigiu, ficou sem graça e passou a não jogar o lixo mais.

E eu falei até pra Angela, eu gostei daquela palestra, foi muito importante, e qualquer momento que contar comigo eu to lá pra fazer essa palestra lá, ainda mais eu que sou um líder comunitário. Faço parte da Associação de Moradores e acabando, eu inté falei que essa união foi muito importante, importante por causa de que, porque faltou os pessoal da creche que tinha que tá. Pessoal da creche tem um trabalho muito bom com criança, só que aqui a comunidade eles trabalham muito individual. O que passou, aconteceu algo aqui, porque eu não fazia parte da associação, mas eu comecei, através de mim, da dona Nilza, do seu Dejar,

²⁵ Angela é a diretora da Escola Municipal Jornalista Brito Broca, localizada na comunidade.

que são as lideranças da comunidade, seu Dejair é o nosso encarregado do reflorestamento, a Nilza é uma grande liderança.

A Nilza, o que você perguntar ela, ela já foi presidente da Associação, e ela sabe muita coisa. Eu sei bastante coisa, mas muita coisa que eu aprendi foi com ela, porque ela é minha chefe. Quando eu era encarregado, foi ela que me botou como encarregado. Então, eu tinha um processo muito forte com ela, e sempre gostei de trabalhar com ela, e através dela que eu entrei no reflorestamento. E hoje o esposo dela, que não é nem meu encarregado, é o meu amigo. Você quando fala “ah ele é meu chefe, é meu encarregado” – não, ele é meu amigo, faz coisa pra mim que nem o meu pai faz. Então, é uma amizade, ele tem uma amizade comigo, seu Dejair e a Nilza como pai e filho. Quando acontece uma coisa muito forte com teu pai, então, é assim.

Tainá Fernandes: Quer perguntar mais alguma coisa?

Tainá Figueiredo: Então, o que eu ia mais perguntar é o que você acha assim dessa presença da UNIRIO²⁶ aqui na comunidade, que é muita gente, você já deve ter cruzado com várias pessoas aqui, tinha um pessoal lá que trabalhava mais com vocês, no reflorestamento, o que que você acha disso pra comunidade? O que você acha de ter gente pesquisando?

Paulo Sérgio (Toliu): Ô Tainá, eu acho que o trabalho que vocês faz aqui dentro da comunidade, é um trabalho ótimo. Só que, eu vou falar algo pra vocês, porque aqui a comunidade, vocês tem um ponto, que vocês só faz só no colégio, vocês podia através da liderança, eu sei que vocês dentro da comunidade, vocês são nova aqui, vocês não vão ficar andando aqui sozinha. Eu sei que tem um ponto que vocês foi acolhido lá no colégio. Vocês tem uma associação de moradores que tá ai aberta, que a Associação não é nossa, a Associação é da comunidade, é dos projetos que vai vim pra dentro da comunidade. Então qualquer hora que vocês quiser fazer uma palestrinha dentro da Associação, vocês podem vim.

Tainá Fernandes: E essa quadra que reformada...

Paulo Sérgio (Toliu): A quadra, tem aqui a quadra, a quadra tem muita festividade, aqui tem muita festa junina, quem não gosta de festa junina?

Tainá Fernandes: Todo mundo gosta!

Paulo Sérgio (Toliu): Tem festa junina, aqui nós faz bastante churrasco, eu adoro churrasco, eu adoro, eu adoro fazer um churrasquinho. Tudo pra mim acaba em churrasco...(risos).

Paulo Sérgio (Toliu): Eu vou marcar um negócio pra vocês vim aqui cara... Fazer uma festa, nós tem uma festa do reflorestamento que nós faz, vocês já foram convidadas.

Tainá Fernandes: A gente foi?

Paulo Sérgio (Toliu): Foi.

Tainá Figueiredo: É, acho que a gente já veio, num é?

Paulo Sérgio (Toliu): Não, vocês num vieram não, mas nós fizemos uma festa. Mas só que nós faz só no final do ano, fazer uma festa do reflorestamento procês vim, vocês gosta de

²⁶ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

dançar?

Tainá Figueiredo: Muito!

Paulo Sérgio (Toliu): E aqui nós deixa bem a vontade, pode ficar tranquilo, você tá em casa. Você pode dançar, ihh. Se quiser beber pode beber, se quiser comer um churrasquinho, pode ficar a vontade. Nós vamos tratar vocês como se fosse da família. Só que nós, nós faz muito lá no Cemasi (Posto de Saúde). Nós tem lá uma parte de baixo que nós guarda lá nossas ferramenta, ai chega final do ano nós limpa né, que chega natal, a gente tem que limpar tudo. Mas igual faz na tua casa mesmo, limpa tudo bonitinho... Se bobear, bota até árvore de natal. Faz um churrasquinho, mas ai como é que nós faz o esquema; cada um, faz tipo mão no saco, o que que é mão no saco? Mão no saco é o que você tirar você traz.

Tainá Figueiredo: Hmm gostei...

Paulo Sérgio (Toliu): É sério cara, porque hoje em dia você fazer uma festa, sozinho não da não, é muito caro, aí nós ta fazendo assim também. Aniversário do ano, você faz aniversário quando?

Tainá Figueiredo: Janeiro.

Paulo Sérgio (Toliu): E você?

Tainá Fernandes: Outubro.

Paulo Sérgio (Toliu): Eu sou de novembro.

Tainá Figueiredo: Pertinho.

Paulo Sérgio (Toliu): Pertinho, né? Ai cada pessoa que fizer aniversário, você que faz aniversário você vai dar uma coisa a mais né, pra não sair pesado pra você, né? Ai por exemplo, você entra com uma peça de carne, o restante é nosso. Ai mão no saco já é pra ajudar o aniversariante. É interessante, sério.

Tainá Fernandes: É, mas é muito bom.

Paulo Sérgio (Toliu): É tipo a "festa americana", antigamente falava americano, agora ninguém fala americano mais. Ta fazendo aniversário, olha só, chega lá com uma caixinha com 12. Você que não bebe, leva uns dois, três, quarto refrigerante de três litros, leva de dois não, leva de três. Três da você, né? Aprende hein, é serio, com três. Agora mão no saco, mão no saco bota um quilo de cada, porque não pode dar um quilo de carré, eu falo carré que eu adoro , tá?

Tainá Fernandes: Gravou?

Tainá Figueiredo: Hahah é, ta gravando aqui.

Paulo Sérgio (Toliu): Você todo churrasco meu que cê chegar e não tiver um carrezinho você pode chamar minha atenção porque eu faço, eu mesmo compro, eu não deixo ninguém comprar, e eu compro e eu mesmo tempero, porque o meu carré se você comer... Eu vou fazer um churrasquinho e eu vou chamar vocês, eu quero que vocês venham vocês todos.

Tainá Figueiredo: Vamos vir todo mundo, é muita gente.

Paulo Sérgio (Toliu): Ahhh mas vocês vão gostar hein... E sabe quem que faz nossa comida?

Taina Figueiredo: Dona Nilza

Paulo Sérgio (Toliu): Dona Nilza, dona Nilza que é nossa cozinheira. E quando ela na cozinha ela não deixa ninguém entrar. Ela faz, porque pode ser final de ano mas eu tenho uma coisa, eu não como sem feijão de jeito nenhum.

Tainá Fernandes: Eu também não como não, eu amo feijão.

Paulo Sérgio (Toliu): Eu falo assim, dona Nilza, ela fala assim pra mim: "Festa com maionese, farofa, molho a campanha, e você quer feijão?" Eu falo: "Dona Nilza, eu gosto de feijão, eu quero meu feijãozinho, nem que for uma panelinha." Ai quando eu boto meu feijão lá Tainá, todo mundo come.

Tainá Fernandes: Todo mundo come, claro.

Paulo Sérgio (Toliu): Olha, eu não sou egoísta. Mas também é só uma colherzinha...(risos). Você falou que não gostava de comer com feijão, mas eu vou fazer um churrasquinho e eu vou convidar vocês, vocês vão gostar cara, vão dançar, nós tem um sonzinho, que nosso grupo tem um MC ai. Mas ele num toca só esse negócio de funk não, funk light, que ai num é aqueles funk maluco ai que fala só em sem vergonhice... Não não não, nada disso. E as vezes, nós tem muito colega que tem esposa, leva, e tem que respeitar a família dos outros, nós que não tem esposa é solteiro, mas tem funk ai mermão. Eu não gosto desses funk ai, eu não gosto de funk, eu gosto é de charme. Nosso DJ ai, Eduardo, de tanto falar com ele, agora é um "charmeiro" de cheia. E agora domingo nós vamo fazer um churrasco lá no "Cemasi", que ai fica bom. Vocês que gosta de dançar.

Tainá Figueiredo: Cemasi é o que, o que que significa?

Paulo Sérgio (Toliu): Cemasi é... É lá que funciona posto médico...

Tainá Figueiredo: Ahh é ali no posto?

Paulo Sérgio (Toliu): Posto médico, dentista, tem a biblioteca em cima.

Tainá Figueiredo: Ah tem biblioteca em cima?

Paulo Sérgio (Toliu): Tem.

Tainá Figueiredo: Não sabia.

Paulo Sérgio (Toliu): Tem um, que faz trabalho com as crianças, tem uma sala que ai tem computador, tem tudo, lá em cima.

Tainá Fernandes: Entendi.

Tainá Fernandes: É, eu já fui lá.

Paulo Sérgio (Toliu): É ali no posto, e nós tem esse privilégio, né? E falando do posto de saúde, porque na comunidade, chega no UPA ai você quase morre. E aqui nós tem o privilégio de ter posto de saúde dentro da comunidade. Tem violência? Tem. Tem vagabundo? Tem. Mas agora você tá arriscado até no asfalto, cê vê ta acontecendo coisa que só no Arco da Velha²⁷, né?

²⁷ Arco-da-velha é uma expressão usada quando se quer referir algo espantoso, inacreditável, inverossímil, trata-se de uma forma reduzida de arco da lei velha, em referência ao arco-íris, que, segundo a Bíblia Sagrada, Deus teria criado em sinal da eterna aliança entre ele e os homens (Fonte: Wikipedia).

Tainá Figueiredo: É...

Paulo Sérgio (Toliu): É sério, o negócio tá esquisito, você viu o caso dessa menina²⁸ ih... Num gosto nem de falar isso, né? Mas isso ai é a nossa realidade que nós tem que viver cara. Você tem que pedir a Deus quando você sai de casa, você não sabe se você volta. Porque o rapaz que saiu pô, o casal que saiu, passou na Avenida Brasil e ele não voltou, foi a menina que não voltou. Então é complicado...

Tainá Figueiredo: E o posto funciona? Assim, você acha que ele consegue atender, ele faz um bom trabalho aqui? Porque eu conheço alguns agentes só.

Paulo Sérgio (Toliu): A irmã da Nilza é agente, a Nanci. Olha só, eu sou bem claro com as coisa. O posto de saúde já foi melhor. Porque, eu to falando que o posto de saúde foi melhor por esse motivo, porque eles colocaram um sistema no posto, que quando você acostuma com a doutora, tudo que é bom aqui dura muito pouco. Porque se você conhece uma pessoa, eu sou bem claro, é uma pessoa que você deseja, namora ele e casa com ele, né? Aqui num é comum você se separa... Então tem alguma coisa errada, né? Né verdade? E o posto ta funcionando assim, só de agente de saúde eu já troquei quatro vezes, por ai. Ai você chega lá, eu moro na rua Castelo Novo, e quem é o meu agente de saúde? Eu não sei. E quem é, minha doutora? Eu não sei. Eu tinha uma doutora que era a Ana Carolina. Uma doutora excelente, aquela doutora ali foi uma das melhores doutoras que teve dentro da comunidade. E tiraram ela, é o sistema que funciona assim, e agora eles tão alegando também que é área de risco. Que às vezes tem dia, de dia ai o couro come, causa de que? Polícia, mal preparo também, eles sobe dando tiro nos menino e os menino também, em horário de pico.

Essa semana eu fiz uma reunião com o comandante por causa disso ai. Porque tava, às vezes nove hora da manhã, horário que as criança tava entrando dentro do colégio, ai vinha mó tiroteio cara, tempo de matar uma pessoa. Então, pra morar na comunidade você tem que ter muito jogo de cintura, vc tem que tá ali... Tem um ditado que minha vó falava “dá o peixe e olha pro gato”, você querendo ou não querendo, vocês fizeram um trabalho, fizeram só num ponto, né? Que vocês... Eles começaram assim, eles começaram dentro da comunidade ai eles começaram, eu conversei com o responsável deles, dentro da comunidade, eles começar a conhecer coisa dentro da comunidade, as vezes você pode fazer uma entrevista, as vezes você faz só com liderança, né? Mas você pode começar a fazer com morador...

Tainá Figueiredo: Sim, eles entendem tudo.

Paulo Sérgio (Toliu): Tem morador ai que são nascido e criado dentro da comunidade. E através disso, eu, a Nilza pode levar... Tem um senhor lá em cima que é o seu Nelso, o dia que vocês quiser fazer uma entrevista com ele, vocês vão escutar coisa. Coisa assim, ele falar normal... Que ele é desde o tempo que fundou a Formiga ai... Então, e ele é morador, ele não é liderança porque ele já tá com uma certa idade, ele tem 86 anos cara, e conversa, você tem que ver ele conversando. A casa dele, ele vai te mostrar umas coisas na casa dele. Cê chega lá e ele faz questão de você entrá na casa dele, ve tudo... Ai ele aperta um botão assim, a porta abre lá, é coisa é só vocês vendo. Eu levei o rapaz que veio fazer entrevista ai. Eu já sabia, ele saiu de lá dizendo: “poxa, eu gostei de conversar com ele”, e com uma cara de estúpido. Ele

²⁸ Comentário sobre um caso de violência ocorrido na Avenida Brasil.

aperta um portão e a porta abre de um jeito, ele tem cada coisa lá interessante. Não vou contar aqui pra, que se não vai perde a graça, é tipo você ver um filme, né? Chega na hora e a pessoa conta tudo.

Tainá Fernandes: É, ai num tem graça (risos)

Paulo Sérgio (Toliu): Mas você pode fazer isso cara, marcar com a Nilza, mas daí tem que ser um final de semana. Eu não sei se final de semana vocês tão disponível pra fazer isso, né? Mas o serviço de vocês é excelente, e vocês continua fazendo esse trabalho. E pode contar com o meu apoio, que eu gostei muito de vocês, sabia? Gostei sim, é sério. Quando eu gosto de uma pessoa eu gosto mesmo. Quando eu não gosto eu falo assim: “Não gostei de conversar contigo não, e não quero fazer entrevista mais”.

Tainá Figueiredo: Tem que ser. (risos)

Tainá Fernandes: Tá certo

Paulo Sérgio (Toliu): Eu sou assim, você não gostando de mim, você pode falar: “Ah num gostei de você não”. Eu não vou ficar triste com isso não, não fico. Mas tem pessoa que é chato, né? Tem pessoa que... Tinha uma mulher ai, que desde o dia que eu vi ela eu não fui com a cara dela, ela chegava e ela, eu acho que ela percebeu. Teve um dia que eu falei: “Deixa eu falar um negócio pra você, não fica triste comigo não, tá? Eu não fui muito com você não. Desculpa, de eu ser muito sincero com você mas...” Porque ela ficava com, ela ficava com...né? Eu sou aquele pobre esquisito, eu não gostei do modo dela. Vocês não, primeira vez que eu vi vocês eu me encantei cara.

Tainá Fernandes: Ah que bom!

Paulo Sérgio (Toliu): É sério cara, eu não tô puxando o saco de ninguém não, eu não sou de puxar o saco de ninguém, mas eu vi vocês, você eu tô te conhecendo hoje, só que...

Tainá Fernandes: Eu to te conhecendo hoje, é ...

Paulo Sérgio (Toliu): Só que ela, e aquela outra, a Luiza, elas são muito gente boa. São muito gente boa mesmo, e foi o primeiro dia que eu fui, foi o primeiro dia de papo cara.

Tainá Figueiredo: Qual é o dia? Foi esse ano?

Paulo Sérgio (Toliu): Foi minha querida, lá dentro do colégio.

Tainá Figueiredo: Ahh,foi lá no fórum, lá no evento, a taa...

Paulo Sérgio (Toliu): No evento, foi a hora que a gente bateu aquele bate papo, ai já viu como é o primeiro amor? É sério... Primeiro amor num é legal? Você bate com a pessoa assim e acha interessante, e você nunca viu a pessoa.

Tainá Fernandes: É verdade...

Paulo Sérgio (Toliu): Mas é o primeiro amor, né? E eu até falei pro, e é difícil me pegar no sábado assim, e hoje eu to cheio de... Ai eu falei: “Ah num quero não.” E fugi, fui embora. Mas eu senti firmeza em vocês, e tô ai pra apoiar qualquer coisa do projeto de vocês, vocês tem meu telefone, tem meu endereço, meu endereço, eu fico mais aqui na Associação, que eu faço parte aqui, e qualquer coisa vocês pode contar comigo.

Tainá Fernandes: Contaremos.

Tainá Figueiredo: Com certeza.

Paulo Sérgio (Toliu): E outra coisa, eu vou chamar vocês pro churrasco.

Tainá Fernandes: Chamaaa, tem que ter música, charme.

Paulo Sérgio (Toliu): Vai pô, e vai ser no meu aniversário.

Capítulo 4

A conjuntura internacional e os Projetos Mutirão de Reflorestamento e Hortas Cariocas no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ²⁹

Autores:
Lucas Neves da Cunha e Celso Sánchez

A pesquisa parte de uma leitura da conjuntura internacional em relação à crise ambiental gerada pelo “capitalismo tardio” no sentido da exaustão dos recursos naturais e da crise sistêmica da lógica do capital. Os motivos e as soluções para a mesma são evidenciados pelos organismos internacionais em alguns dos documentos internacionais, nos quais são estabelecidos princípios de desenvolvimento econômico em âmbito mundial. A partir de um breve histórico da urbanização da cidade do Rio de Janeiro é identificada a origem das favelas no processo de industrialização e urbanização acelerada no país, observando-se como esta conjuntura influencia a política pública da Prefeitura do Rio de Janeiro nas Áreas de Especial Interesse Social, tendo como recorte os projetos socioambientais coordenados pela Secretaria de Meio Ambiente no Morro da Formiga, os projetos Hortas Cariocas e Mutirão de Reflorestamento.

Palavras chave: organismos internacionais, projetos socioambientais, Morro da Formiga.

Abstract

The research starts with a reading of the international situation in relation to the environmental crisis generated by the "late capitalism" in the sense of exhaustion of natural resources and the systemic crisis of the logic of capital. The reasons and solutions for the same are disclosed by international organizations in some of the international documents in which they are established principles of economic development worldwide. With this, from a brief history of the urbanization of the city of Rio de Janeiro is identified the beginning of the slums formation in the process of industrialization and accelerated urbanization in the country. Thus identifies how this situation influences the public policy of the Municipality of Rio de Janeiro in the Areas of Special Social Interest, looking at the social and environmental projects coordinated by the Department of Environment in the *Morro da Formiga*. So the projects “*Hortas Cariocas*” and “*Mutirão de Reflorestamento*” are problematized.

Keywords: international organizations, environmental projects, *Morro da Formiga*.

²⁹ Uma versão complementar a este texto foi publicada pelos autores no livro KASSIADOU, A. [et al]. *Educação Ambiental desde El Sur*. 1. ed. atualizada – Macaé: Editora NUPEM, 2018. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/14tzwf1e5979n4n/Livro_GEASUR%202018.pdf?dl=1

Um olhar sobre a Formiga

Pesquisar o Morro da Formiga foi um aprendizado não só acadêmico, mas também de vida. Conheci alguns mestres do dia a dia, como o senhor Djair, a Dona Nilza, o senhor Antônio, entre outros. As experiências de vida dos moradores e as adversidades locais propiciam, em meu ponto de vista, uma proatividade quase que nata. A recepção acolhedora e a abertura tornaram a favela da Formiga um lugar de aprendizados de sabedorias e de humanidade.

O Fórum foi um espaço de troca com muita potência, pois propiciou a fala e, principalmente, a escuta na forma de um círculo de cultura que a Escola Jornalista Brito Broca acolheu, fortalecendo a rede para compartilhar os saberes, conhecimentos, inspirações e experiências de vida dos moradores.

Introdução: a monocultura social e a diversidade ambiental

O modelo desenvolvimentista vigente vem gerando uma série de conflitos socioambientais, devido à exaustão da exploração dos recursos naturais e sociais, levando os organismos internacionais a adotarem medidas políticas em escala mundial para a superação da crise ambiental. Tal crise é uma consequência do capitalismo tardio³⁰ (FRIGOTTO, 2011) e como resposta a ela, a classe dominante tem como solução a reformulação ideológica baseada na temática ambiental como estratégia de legitimação.

Com isso, a “representação social” (XAVIER, 2002)³¹ transforma conceitos que ganham prefixos (eco, green, etc.) e sufixos (ambiental, sustentável, verde, etc.), estes por sua vez ganham notoriedade nos encontros internacionais sobre meio ambiente. Paulo Freire (1976, p.25), citando Zevedei Barbu (1956), comenta essa apropriação das palavras e transformação conceitual das mesmas: “Novas significações são dadas a velhas palavras e novas palavras são cunhadas para designar velhas coisas”.

Os documentos internacionais refletem a relação diplomática de disputa de poderes e interesses (OLIVEIRA, 2011). Os princípios determinados por eles enaltecem o progresso e o desenvolvimento econômico, associando a pobreza e o subdesenvolvimento à crise ambiental, como ilustra a Proclamação 4 da *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano*:

Nos países em desenvolvimento, a maioria dos problemas ambientais estão motivados pelo subdesenvolvimento. Milhões de

³⁰ O capitalismo tardio [...] é dado originariamente por Ernest Mandel (1972) dentro de uma visão marxista de economia e das crises do sistema capitalista. Designa a fase atual do sistema capital, que tem como características a expansão das grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados e intensificação dos fluxos internacionais do capital. Para Mandel (1972), trata-se mais propriamente de uma crise de reprodução do capital do que um estágio de desenvolvimento, uma vez que o crescimento do consumo (e, portanto, da produção) tornar-se-ia insustentável pela exaustão dos recursos naturais (FRIGOTTO, 2011, p. 19).

³¹ parafraseando Foucault (1990), as palavras começam a se descolar das coisas. Em seguida, o conceito vai sofrendo mudanças determinantes para a constituição de uma ciência social: o enfoque subjetivo cede lugar a uma reflexão que prima pela objetividade – momento representado, fundamentalmente, por Durkheim e Marx – agora a representação é interpretada como fenômeno inscrito na história, nas relações materiais, na vida social (XAVIER, 2002, p. 20).

peças seguem vivendo muito abaixo dos níveis mínimos necessários para uma existência humana digna, privada de alimentação e vestuário, de habitação e educação, de condições de saúde e de higiene adequadas (ESTOCOLMO, 1972).

Quando se estabelece “níveis mínimos para uma existência humana digna”, cria-se um padrão de vida baseado nos países considerados desenvolvidos e, assim, não se leva em conta a heterogeneidade cultural do planeta e os diferentes “modos de vida” que ainda resistem, conceito visitado em um estudo sobre aborígenes “conjunto de preceitos, das normas ancestrais de vida que, vividos intensamente pelas pessoas da tribo, fazem-na ser guarani” (BRANDÃO, 1994, p. 35).

Seguindo a mesma lógica de homogeneização, foram realizadas as outras conferências sobre meio ambiente, que não serão analisadas expressamente aqui para não se perder de vista o objeto do trabalho, culminando na solução “inovadora” para a superação das questões ambientais o *desenvolvimento sustentável*, conceito que traz implícito uma política internacional neoliberal a favor do grande capital das empresas internacionais, contribuindo para o “Novo Imperialismo” e a hegemonia dos Estados Unidos (HARVEY, 2006 apud OLIVEIRA, 2011). Esta teoria de Harvey dialoga com o conceito de países de capitalismo dependente³² de Florestan Fernandes³³, que evidencia a sujeição ideológica dos países “subdesenvolvidos” da América Latina aos países de capitalismo central. Desta forma se constrói o discurso hegemônico baseado em ideais.

[...] as ideologias não são de modo algum arbitrarias; são fatos históricos reais, que devem ser combatidos e revelados em sua natureza de instrumentos de domínio, não por razões de moralidade, etc., mas precisamente por razões de luta política: para tornar os governados intelectualmente independentes dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar outra, como momento necessário à subversão da práxis. (GRAMSCI, 1999, p. 193).

Este trabalho investigou como as ações da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, coordenadas pela Secretaria de Meio Ambiente (SMAC), refletem o interesse hegemônico explícito no cenário internacional através da construção de um discurso ideológico.

Através da ideologia, são montados um imaginário e uma lógica da identificação social com a função precisa de escamotear o conflito, dissimular a dominação e ocultar a presença do particular, enquanto particular, dando-lhe a aparência do universal. [...] O discurso ideológico é um discurso feito de espaços em branco, como uma frase na qual houvesse lacunas.[...] é *graças aos brancos, graças as lacunas* entre as suas partes, que esse discurso se apresenta como coerente. (CHAUÍ, 1981, p. 21-2).

³² Países de capitalismo dependente são aqueles que têm sua classe dominante, a elite burguesa, subordinada a elite burguesa dos países de capitalismo central (FERNANDES, 1975 apud FRIGOTTO, 2011).

³³ Sociólogo e político brasileiro. Deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores.

Dessa forma, um recorte foi feito do macro para o micro, partindo do cenário internacional até a realidade local de uma favela carioca limítrofe ao Parque Nacional da Tijuca, o Morro da Formiga.

As ações da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no Morro da Formiga

As ações desenvolvidas pela Prefeitura no Morro da Formiga são parte do Programa Rio + Social, coordenado pelo Instituto Pereira Passos em parceria com a ONU-Habitat. “A ONU-Habitat apoia o Instituto Pereira Passos no gerenciamento global do programa e na produção de dados, análises e monitoramento de cada território da Rio+Social”.³⁴ O programa só acontece em territórios com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), ou seja, aqueles em que houve intervenção do poder de segurança pública com o objetivo de instaurar a paz (RIO+SOCIAL, 2014). A pacificação pelo poder público ocorre no sentido da disciplina, do controle sócio espacial e da docilização dos corpos, ou seja, da padronização do comportamento apático e de aceitação mantida pelo panótipo, representado pela presença de uma polícia repressiva nas favelas (FOUCAULT, 1987). Os principais objetivos do programa são “contribuir para a consolidação do processo de pacificação e a promoção da cidadania local nos territórios pacificados; promover o desenvolvimento urbano, social e econômico”³⁵(RIO+SOCIAL, 2014).

No caso do Morro da Formiga os projetos socioambientais desenvolvidos pela Prefeitura não são especificamente de educação ambiental, mas apresentam elementos característicos da prática conservadora dessa educação. Esta prática é aquela que dissocia o contexto local do contexto global, de maneira a desintegrar os aspectos políticos, sociais e culturais da prática educativa (LOUREIRO, 2004). Desse modo, a educação ambiental conservadora é aquela que aposta no desenvolvimento tecnológico como solução para a crise ambiental de modo similar a visão dos organismos internacionais. Assim, ela contribui e potencializa a lógica do desenvolvimento técnico-científico como solução das questões socioambientais, contribuindo, conseqüentemente, para a conservação da lógica do capital (GUIMARÃES, 2004).

Observa-se o interesse dos organismos internacionais nos territórios de populações pobres, devido ao potencial da pobreza em desestabilizar a coesão social e conseqüentemente deslegitimar a ordem social vigente. Portanto, a política de segurança pública se mostra essencial. Tal preocupação gerou a edição de alguns diplomas normativos em âmbito local, entre eles, a Lei 2818/99, que estabelece as Áreas de Especial Interesse Social (AEIS). Em um prisma internacional, são históricas as medidas incentivadas pelos organismos internacionais para aliviar a pobreza estrutural causada pelo capitalismo, tendo

³⁴ <http://www.riomaisocial.org/programa/> acesso em 20/10/2015

³⁵ <http://www.riomaisocial.org/programa/> acesso em 20/10/2015

em vista a “teoria do capital humano”³⁶ e a cartilha do Consenso de Washington³⁷ (FRIGOTTO, 2011). No Morro da Formiga as ações em parceria com a ONU-Habitat em 2015 estão expressas na tabela a seguir.

Ações da Prefeitura no Morro da Formiga – 2015

Quadro 1 Elaborado por Lucas Neves da Cunha. Fonte: Instituto Pereira Passos/ Rio+Social, 2015.

Projeto/Programa	Órgão responsável da Prefeitura	Categoria
Vamos Combinar uma comunidade mais limpa!	Secretaria Municipal de Conservação – Comlurb	Conservação urbana e ambiental
Programa Mutirão de Reflorestamento	Secretaria Municipal de Meio Ambiente	Conservação urbana e ambiental
Hortas Cariocas	Secretaria Municipal de Meio Ambiente	Conservação urbana e ambiental
Sistema Alerta Rio	Defesa Civil	Conservação urbana e ambiental
Vamos Iluminar	Secretaria Municipal de Conservação - Rio Luz	Conservação urbana e ambiental
Implantação de nova logística de coleta de lixo	Secretaria Municipal de Conservação – Comlurb	Conservação urbana e ambiental
Escola do Amanhã	Secretaria Municipal de Educação	Educação e acesso à informação
Microprojetos Cultura	Secretaria Municipal de Cultura	Cultura, esporte e lazer
Centro Público de Emprego, Trabalho e Renda	Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego	Inclusão produtiva e redução da pobreza
Família Carioca em Casa	Secretaria Municipal de Assistência Social	Inclusão produtiva e redução da pobreza
Empresa Bacana	Instituto Pereira Passos	Inclusão produtiva e redução da pobreza
Estratégia de saúde da família	Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil	Saúde e assistência social
Cartão Família Carioca	Secretaria Municipal de Assistência Social	Saúde e assistência social
Prevenção em área de risco	Geo-Rio	Urbanização e habitação

³⁶ A tese básica sustentada por Schultz (1973), e que se tornou senso comum, foi de que aqueles países, ou famílias e indivíduos, que investissem em educação acabariam tendo um retorno igual ou maior que outros investimentos produtivos. Por essa via se teria a chave para diminuir a desigualdade entre nações, grupos sociais e indivíduos. Trata-se de uma perspectiva integradora da educação escolar ao mundo do emprego e de uma estratégia para evitar a penetração do ideário socialista, bem como o risco de sua expansão (FRIGOTTO, 2011, p. 22).

³⁷ Trata-se de um conjunto de medidas formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras baseadas em Washington D.C., como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial que passou a ser “receitado” para o ajuste das economias, especialmente dos países endividados. Trata-se de um receituário, de um escopo de ideias mais amplo que se denominou neoliberalismo (FRIGOTTO, 2011, p. 26).

Contenção de Encostas	Geo-Rio	Urbanização e habitação
-----------------------	---------	-------------------------

Como as ações da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro são bastante abrangentes e descentralizadas, devido às diversas secretarias envolvidas e responsáveis pelos projetos, a pesquisa se debruçou na análise dos projetos desenvolvidos pela Secretaria de Meio Ambiente, SMAC. Desta maneira, foram problematizados os projetos Hortas Cariocas e Mutirão de Reflorestamento.

O Projeto de Mutirão de Reflorestamento

O atual projeto Mutirão de Reflorestamento teve origem com a Operação Mutirão de 1960, vinculada ao Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas (SERFHA), que tinha objetivo impedir novas construções nas favelas e posteriormente passou a ser o projeto Mutirão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), em 1984, e limitava-se à implantação de rede de esgoto e pavimentação em comunidades de baixa renda, utilizando mão-de-obra local voluntária (FONTES & COELHO, 1989).

Com o decorrer do projeto, a Prefeitura constatou que o tempo oferecido pelos moradores para o trabalho voluntário não seria suficiente para a execução de um trabalho eficiente, rápido e de boa qualidade. Dessa maneira, adotou-se o plano de mutirão remunerado, e a mão de obra local passou a ser contratada pela Prefeitura (FONTES & COELHO, 1989).

Segundo o IBGE (2010), na década de 60 o Brasil era um país agrícola com uma taxa de urbanização de apenas 44,7% e 40 anos depois a população urbana já representava 84,4%, consequência da revolução industrial. As consequências desta mudança abrupta se refletem na organização sócio espacial do território, originando as favelas, ambientes considerados marginais, o que sugere um centro a ser alcançado não apenas espacial, mas também comportamental (FREIRE, 1980). As favelas são lugares invisibilizados e desde seu surgimento são encaradas como uma questão a ser combatida, civilizada e educada através de projetos sociais (FONTES & COELHO, 1989).

Apesar de sua longa permanência na cidade, até 1984 a favela não é reconhecida *de jure*, ainda que exista *de facto*. Consequentemente ela está ausente de mapas, relatórios e documentos oficiais (exceção feita ao plano Agache) que insistem em negar sua existência, talvez na esperança de que ela desaparecerá por obra e arte do acaso (ABREU & VAZ, 1991, p. 481).

Devido à emergência do cenário da cidade do Rio de Janeiro frente às ocupações desordenadas no maciço da Tijuca, somado aos deslizamentos e as pressões sobre o bioma Mata Atlântica, as áreas das favelas consideradas de risco passam a ser desocupadas visando à conservação da natureza (SALGADO, 1998), de modo a negligenciar as questões sociais dessas ocupações. Assim, o Estado passa a investir no plantio de mudas arbóreas nas áreas consideradas de risco, utilizando a mão de obra local (SALGADO, 1998) e desta maneira nasce o projeto Mutirão de Reflorestamento.

Em novembro de 1986 as equipes locais passaram a ser utilizadas para recuperar áreas de encosta degradadas, com o principal objetivo de prevenir deslizamentos. Com a criação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro (SMAC), em 1994, o Programa Mutirão é transferido para a Coordenadoria de Recuperação Ambiental (CRA), pertencente à SMAC. A Prefeitura do Rio considera o Mutirão de Reflorestamento como um Programa de Inclusão, que tem como finalidade:

[...] reduzir os danos e riscos causados pela ocupação desordenada por meio do plantio de novas mudas em áreas degradadas. Além de procurar diminuir esses efeitos, o programa aumenta a oferta de trabalho local, recrutando agentes da própria comunidade, em sistema de mutirão remunerado (Catálogo dos Programas de Inclusão, p. 25).³⁸

A remuneração dos encarregados locais das equipes de Mutirão era de 3,2 salários mínimos e dos trabalhadores locais de 1,5 salários mínimos, segundo a cartilha 'As florestas preservando a cidade', em 2000. Como o projeto depende da mão de obra local, a cartilha também mostra que a metodologia de implantação do Mutirão de Reflorestamento depende diretamente da articulação da comunidade para que o projeto seja desenvolvido

O discurso assistencialista socioambiental do programa de reflorestamento da Prefeitura gerou um reconhecimento pelos organismos internacionais, fato que teve como resultado algumas premiações como "Projeto Megacidades" - *Environmental Innovation for Sustainable Mega Cities: sharing approaches that work* (1990), patrocinado pela Organização das Nações Unidas.

Para o plantio de mudas no Morro da Formiga foram demarcadas oito áreas que fazem fronteira com o Parque Nacional da Tijuca. O mapa a seguir ilustra as áreas destinadas para o programa de reflorestamento da Prefeitura. É interessante perceber que área somada dos setores para reflorestamento é maior que a área ocupada pelas construções civis da comunidade.

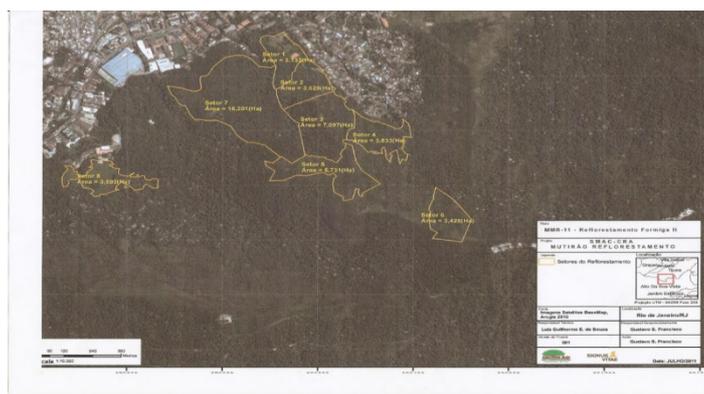


Figura 3. Área destinada ao reflorestamento de 47 ha dividida em oito setores.
Fonte: SMAC, 2011.

Na entrevista concedida para a pesquisa de Júlio Vitor Costa da Silva no dia 09/09/2015, Sr. Francisco, que foi encarregado de uma das equipes do Mutirão de

³⁸ Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/documents/91329/348b728c-46bf-46e5-899f-f863408cd104> acesso em 14/09/2015.

Reflorestamento no Morro da Formiga, problematiza as condições de trabalho e a logística do mesmo.

Trabalhei no reflorestamento durante 12 anos, comecei em setembro 1997 até junho 2009 [...] A prefeitura, ela tem vários lugares ai de viveiro de mudas, então ela mandava por exemplo um caminhão com 2400 mudas, nesse dia a turma não subia porque tinha que descarregar as mudas aqui embaixo[...] Eles só pagam serviço feito lá; é roçada, é poda, é plantio, agora transporte de muda eles não pagam a gente não[...] é muito sacrifício, eles ficavam prometendo pra gente assinar a carteira do pessoal, mas assinava nada, ai vinha deputado dizendo que ia assinar e nada[...].

No depoimento do Senhor Francisco, fica claro a exploração da mão de obra local pela Prefeitura no processo de reflorestamento. O poder público se apropria da pobreza estrutural gerada pela lógica do capital para expropriar a mão-de-obra local sem garantir direitos trabalhistas (MOTTA, 2011).

Além do sistema de mutirão para a execução do reflorestamento em áreas desejadas, a SMAC utiliza o sistema terceirizado nas seguintes situações:

b) Sistema Terceirizado (ou Sistema de Terceirização)

Sistema de execução realizado por empresas privadas sob as diretrizes da SMAC/CRA, havendo neste sistema, três (03) modalidades diferentes:

b.1) Contratos Diretos

Através de licitação, a SMAC contrata empresas para executar os serviços de Reflorestamento em áreas degradadas onde não há ocorrência de comunidades de baixa renda que possibilitem a utilização do sistema de mutirão (SMAC, 2013).

Como expresso no item b.1 da citação, o sistema terceirizado só é utilizado na ausência de mão de obra local de baixa renda. As medidas compensatórias da Resolução Conjunta Secretaria Municipal de Meio Ambiente/ Secretaria Municipal de Urbanismo nº 14 de 30 de outubro de 2009, baseada no decreto 31.180/009, regulamenta a compensação de carbono pela construção civil:

Art. 1º As licenças de construção de edificações concedidas pela Secretaria Municipal de Urbanismo – SMU a partir da data de publicação da presente Resolução Conjunta deverão considerar a compensação das emissões de gases do efeito estufa oriundas das referidas construções através do fornecimento de mudas de espécies arbóreas à Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMAC (RIO DE JANEIRO, 2009).

A resolução entende a compensação ambiental como o reflorestamento e a fixação de carbono nas mudas de árvores plantadas. A Resolução acima é baseada no Decreto nº 27.596/007, realizado pelo Prefeito César Maia. Em sua disposição, o Artigo primeiro resolve:

Art. 1º Todas as obras licenciadas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, de três pavimentos ou mais, ou que sendo não residenciais, sejam consideradas de médio e grande porte, deverão

observar as compensações para garantir um efeito-carbono zero (RIO DE JANEIRO, 2007).

Atualmente os esforços da SMAC para o Mutirão de Reflorestamento são baseados no Programa de Baixo Carbono do Rio de Janeiro, lançado pelo Banco Mundial e a Prefeitura durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20. O programa tem como objetivo avaliar o impacto no clima através dos créditos de carbono gerados pela iniciativa e dessa maneira alcançar a meta do projeto Rio Capital Verde (ONU, 2013)³⁹.

Franka Braun, especialista em financiamento de carbono no Banco Mundial, explica que os créditos de carbono geram uma fonte de renda que sustenta os esforços para o reflorestamento. Ele ainda afirma que “nessa nova etapa do reflorestamento urbano, o Banco ajuda a prefeitura do Rio a desenvolver os aspectos relacionados à contagem, ao sequestro e ao financiamento de carbono” (ONU, 2013)⁴⁰.

Transformando o reflorestamento em um objeto quantificável de crédito de carbono é possível gerar recursos a partir de um discurso assistencialista e ainda instituir um mecanismo para a “compensação” de impactos ambientais gerados em qualquer parte da cidade.

O Banco Mundial se apropriou de elementos do capital social para “construir uma ‘cultura cívica’ como mecanismo de formação de uma sociedade solidária, harmônica, confiável, ‘da paz’, necessária para aliviar a pobreza” (MOTTA, 2011, p. 48).

A palavra mutirão significa “auxílio mútuo e gratuito que se prestam trabalhadores de qualquer natureza, sempre em favor de um ou de alguns deles” (SACCONI, 1996). O mutirão é uma prática tradicional de trabalho em comunidades rurais. Nas famílias de sociedades africanas agrárias, este modelo de trabalho permite uma organização social que visa distribuir as tarefas de acordo com as demandas locais e a disponibilidade de energia de cada indivíduo da comunidade (LEITE, 1995/1996). Conclui-se, assim, que as práticas populares são incorporadas pelo interesse hegemônico transformando sua estratégia de atuação.

Histórico do uso da terra e o Projeto Hortas Cariocas no Morro da Formiga

O Morro da Formiga foi inicialmente ocupado em 1911 por imigrantes de Alemanha e Portugal, mas teve essa ocupação de seu território intensificada entre as décadas de 1940 a 1960 com os loteamentos das encostas do Morro (IBASE, 2006). Os moradores, em sua maioria, eram migrantes vindos principalmente de Minas Gerais e Espírito Santo. Estas famílias trouxeram consigo modos de vida e hábitos rurais.

Dona Maria de Lourdes descreve como era a casa onde morou na Formiga: “era uma casa muito boa, tinha um terreno do lado de cá e um do lado de lá. E meu pai plantava antes.

³⁹ Disponível em <http://nacoesunidas.org/banco-mundial-e-prefeitura-do-rio-de-janeiro-ampliam-reflorestamento-nos-morros-da-cidade/> acesso em 20/10/2015.

⁴⁰ Disponível em <http://nacoesunidas.org/banco-mundial-e-prefeitura-do-rio-de-janeiro-ampliam-reflorestamento-nos-morros-da-cidade/> acesso em 20/10/2015.

Tinha cabrito, tinha galinha, plantava milho e plantava mamão, comíamos mamão à beça, tinha muito mamão” (BRASIL, 2015, p.40). Dona Nilza conta, que:

tem coisa que a gente não comprava. Eu custei a entender que tinha de comprar banana! Eu custei a entender que tinha de comprar abacate, isso é um absurdo! Limão, laranja, mandioca, manga, abóbora! (BRASIL, 2015, p.40).

Pelos depoimentos, observa-se uma mudança de hábito em relação ao cultivo da terra e a prática da subsistência. Provavelmente, essa alteração de uso da terra pode ser explicada pela transformação dos valores econômicos ligados ao território. No estudo de Ana Maria de Souza Mello Bicalho (1992), são apontadas algumas mudanças na agricultura nas zonas periurbanas do Rio de Janeiro. Apesar do Morro da Formiga não ser uma região considerada periurbana, está ligada a questão agrícola no município, já que seus moradores têm origem da região rural do Espírito Santo e de Minas Gerais, principalmente.

O estudo aponta que para o entendimento da agricultura metropolitana é necessária uma visão ampla entendendo os aspectos rurais e urbanos (BICALHO, 1992). A prática é feita pelo agricultor que depende de um contexto político favorável para que seu trabalho seja rentável. Devido à especulação imobiliária urbana causada pelo período de industrialização outras variáveis passaram a determinar o valor da terra, a agricultura passa a ser deixada à margem econômica, devido à valorização de imóveis e terrenos para construção civil imobiliária (BICALHO, 1992).

A Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro implementou o Projeto Hortas Cariocas nas comunidades Pacificadas da cidade. O projeto tem como objetivo, através do incentivo ao cultivo de hortaliças, fomentar a produção de alimentos orgânicos com preço acessível às comunidades que estão inseridas. No caso da Formiga, a produção do Hortas Cariocas atende as Creches Municipais Raul Gazola, Tia Bela e a Escola Municipal Jornalista Brito Broca. “Os alunos visitam com frequência as hortas, aprendem sobre alimentação saudável, plantam e colhem o seu próprio alimento.” (SMAC, 2012)⁴¹.

O projeto é financiado pelo “fundo de conservação ambiental que é abastecido por uma série de fontes como royalties do petróleo e multas. Além disso, a SMAC tem a dotação orçamentária que vem do gabinete do prefeito segundo a distribuição do orçamento na Câmara Municipal” (O'REILLY, 2014, p.39). A comunidade já possuía o hábito de plantar e cuidar da terra devido às suas raízes rurais. Dessa forma, a problematização do projeto vem da apropriação da mão de obra local e de seus hábitos para a promoção da imagem da Prefeitura.

O projeto utiliza como argumento a interação das crianças com a horta, porém, como foi evidenciado nas entrevistas, o cultivo da terra já está presente no modo de vida dos ancestrais das mesmas. Portanto, qual será o verdadeiro interesse da Prefeitura? Empoderar a população local ou fomentar a agricultura urbana como forma de aliviar a pobreza e conservar as relações sociais pré-existentes através de um discurso ecologicamente correto e humanitário? Visitando uma pesquisa sobre o projeto Hortas Cariocas foram evidenciados os seguintes objetivos:

⁴¹ <http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/hortas-cariocas>

Ele aposta na estratégia do desenvolvimento socioeconômico local a partir da capacitação da população carente em comunidades que possuam áreas passíveis de se implantar e gerir hortas urbanas e comunitárias, reduzindo os índices de ocupação irregular de terrenos ociosos, elevando os níveis de inclusão social e oferecendo o direito humano básico a uma alimentação saudável e de qualidade, livre de transgênicos (O'REILLY, 2014, p.35).

Observa-se um caráter assistencialista de mitigação da pobreza causada devido à organização estrutural da sociedade. Segundo o Conselho Municipal de Meio Ambiente – CONSEMAC:

f) Programa Hortas Cariocas coordenado pela SMAC, cujos objetivos são: I) Incrementar a produção rural, com base nas relações comunitárias e familiares; II) gerar renda e postos de trabalho nas comunidades circunvizinhas às áreas de atuação do projeto; III) privilegiar a agricultura orgânica; IV) Proporcionar às famílias em situação de vulnerabilidade nutricional uma alimentação mais saborosa, saudável, diversificada, econômica e rica em nutrientes; V) Valorizar a participação da comunidade na agricultura urbana de forma a manter sua operação sustentável; e VI) Desenvolver o projeto Escolas Municipais, de forma que o produto da colheita possa ser utilizado como complementação da merenda escolar, e utilização do espaço cultivado na educação agroambiental; (Ata da 90ª Reunião Ordinária do CONSEMAC, p. 5).

Analisando a metodologia de implantação do projeto, foi identificado que a equipe de horticultores do “Hortas Cariocas” é formada pela mão de obra local. O regime de trabalho é de 8h às 17h de segunda a sexta, com revezamento para regar durante os finais de semana e a remuneração é uma bolsa de 380 reais para os membros da equipe e 480 reais para o encarregado que também possui a função de coordenação e de administração (O'REILLY, 2014).

A equipe é formada por membros da comunidade que tenham interesse em trabalhar e que preferencialmente já possuam algum conhecimento sobre plantio (O'REILLY, 2014). A utilização da mão de obra local é problemática no sentido de não serem garantidos direitos trabalhistas e a bolsa de remuneração ser menor que um salário mínimo, além do agravante das 45 horas semanais somadas às horas de revezamento do final de semana. A política pública da implementação de hortas comunitárias, apesar de apresentar um discurso integrador de inclusão social, na verdade, utiliza da exploração da mão de obra local, desvalorizando os trabalhadores e o seu tempo de trabalho e ainda ganhando uma contrapartida a promoção da imagem da Prefeitura com o discurso sustentável. Ações como esta lesam o patrimônio público e estimulam meios de enfraquecer as relações de trabalho, gerando uma menor arrecadação previdenciária e causando um contingente populacional que gerará posteriormente encargos sociais para o Estado, de modo que a longo prazo não é uma estratégia inteligente de gestão.

Conclusão

A pesquisa concluiu que para a superação da crise sistêmica gerada pelo capitalismo tardio, os organismos internacionais, através dos eventos sobre meio ambiente,

direcionaram estrategicamente a governança ambiental global de acordo com o interesse hegemônico dos países imperialistas. Os acordos internacionais construíram, através do discurso hegemônico e de um discurso ideológico, um cenário político em que se formaram as práticas socioambientais.

Identificou-se que a solução da crise social e ambiental para os organismos internacionais é embasada em uma abordagem pragmática, apostando em soluções técnicas e científicas que só são possíveis com o desenvolvimento. Deste modo, incorpora-se a ideologia de sustentabilidade ao crescimento econômico e ao progresso.

A partir desta visão global, visitamos o efeito local da industrialização na cidade do Rio de Janeiro. Assim, identificamos os efeitos da transição acelerada do modo de vida da população brasileira que foi predominantemente rural até 1960 e passou a ser quase completamente urbana a partir deste período. A consequência desta transição acelerada na cidade do Rio de Janeiro foi o aparecimento da pobreza, das condições insalubres da cidade e, com as remoções, as favelas.

Através da problematização da abordagem metodológica dos projetos Mutirão de Reflorestamento e Hortas Cariocas, verificou-se que ambos os projetos se apropriam de um discurso ideológico inclusivo e de conservação ambiental. A metodologia para a implantação dos mesmos é de mutirão remunerado, assim os trabalhadores ganham uma bolsa pelo trabalho de tempo integral. As condições de pobreza e da falta de serviços públicos são utilizadas para recrutar mão de obra local barata e em condições precárias, sem direitos trabalhistas.

Referências Bibliográficas

BICALHO, A. M. S. M. Agricultura e Ambiente no Município do Rio de Janeiro. In: ABREU, M.A. (Org.). *Natureza e sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1992.

BRANDÃO, C. R. "SOMOS AS ÁGUAS PURAS"- O PENSAMENTO ABORÍGENE SOBRE O MUNDO E SEU DESTINO In: BRANDÃO, C. R. *Somos as águas puras*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BRASIL, L.S.C.A. *Uma História Ambiental da comunidade da Formiga, Zona Norte do Rio de Janeiro: apropriação e autogerenciamento de recursos naturais*. Trabalho de Conclusão de Curso da Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CHAUÍ, M. S. CRÍTICA E IDEOLOGIA, Filosofia e Sociedade, SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas), Rio de Janeiro, 1977. In: CHAUÍ, M. S. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE HUMANO, Suécia: Estocolmo, 1972. *Declaração de Estocolmo*. Suécia: Estocolmo, 1972.

CUNHA, N. V. *História de Favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte delas*. Rio de Janeiro: Ed. IBASE e Agenda Social Rio, 2006.

- FONTES, Â. M. M.; COELHO, F. D. *Urbanização de Favelas e o Projeto Mutirão-Solução ou Problema?* Rio de Janeiro, 1989.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- FRIGOTTO, G. Novos fetiches mercantis da pseudoteoria do capital humano no contexto do capitalismo tardio. In: ANDRADE, Juarez de; PAIVA, Lauriana G. de (Org.). *As políticas públicas para a educação no Brasil contemporâneo: limites e contradições*. Juiz de Fora: UFJF, 2011.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GUIMARÃES, M. Educação ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- LEITE, F. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo: USP, 1996.
- LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental Transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- MOTTA, V. C. Educação e capital social: orientações dos organismos internacionais para as políticas públicas de educação como mecanismo de alívio à pobreza. In: ANDRADE, Juarez de; PAIVA, Lauriana G. de (Org.). *As políticas públicas para a educação no Brasil contemporâneo: limites e contradições*. Juiz de Fora: UFJF, 2011.
- OLIVEIRA, N.D. A Conferência do Rio de Janeiro – 1992 (Eco-92): Reflexões sobre a Geopolítica do Desenvolvimento Sustentável. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 6, 2012. Belém, *Anais...* Belém: Associação Nacional de Pós Graduação e pesquisa em Meio Ambiente e Sociedade, 2012.
- O'REILLY, É.M. *Agricultura Urbana – Um Estudo de Caso do Projeto Hortas Cariocas em Mangueiras, Rio de Janeiro*. Monografia. Curso de Engenharia Ambiental. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2014.
- SANTOS, A.M.; LEITE, M. P.; FRANCA, N. *Quando memória e história se entrelaçam. A trama dos espaços da Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.
- RIO DE JANEIRO (Município). Decreto nº 27.596 de 15 de fevereiro de 2007. Dispõe sobre obras na forma que menciona. *Diário oficial do município do Rio de Janeiro*, 2007.
- RIO DE JANEIRO (Município). Resolução Conjunta Secretaria Municipal de Meio Ambiente/ Secretaria Municipal de Urbanismo nº 14 de 30 de outubro de 2009. Regulamenta o Decreto nº.31.180, de 30 de setembro de 2009, que dispõe sobre a compensação das emissões de gases do efeito estufa durante a construção das edificações licenciadas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *Diário oficial do município do Rio de Janeiro*, 2009.

RIO+SOCIAL. *Panorama Território Formiga*. Rio de Janeiro: Rio+social, set. 2014. Disponível em:<http://www.riomaisocial.org/wp-content/uploads/2014/09/1-Panorama-dosTerrit%C3%B3rios-UPP-Formiga.pdf> Acesso em: 30 de set. 2015.

XAVIER, R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? *Psicologia & Sociedade*. Pernambuco, 2002.

Capítulo 5

O olhar da direção e coordenação da Escola Municipal Jornalista Brito Broca⁴²

Autoras:
Angela Josefa Almeida Guedes, Marise de Oliveira Motta, Maria Lucia Salatiel Braga

Entrevistadoras:
Tainá Antonio Fernandes e Tainá Figueroa Figueiredo
Data: 06 de julho de 2016

Parte I – Apresentação

Angela: Meu nome é Angela Josefa Almeida Guedes, sou professora do município desde 1986, e estou como diretora há cinco anos na Jornalista Brito Broca, no Morro da Formiga.

Marise: Eu sou Marise de Oliveira Motta, tenho vinte anos de regência. Tenho duas matrículas, uma do ensino fundamental, P2⁴³, e P1⁴⁴, posso dar aula de educação física até o nono ano. E aí, a gente montou a equipe e viemos parar aqui na Jornalista Brito Broca na Formiga, e tá sendo uma experiência diferente.

Maria Lucia: Eu, Maria Lucia Salatiel Braga, coordenadora pedagógica, tenho vinte e oito anos de município e quatro anos aqui na Formiga, na Jornalista Brito Broca.

Angela: Cinco anos, ano que vem é o sexto ano.

Maria Lucia: Ah, é? Então tá, cinco anos.

Angela: Entramos em 2012

Maria Lucia: Achei que eram quatro (risos).

Tainá Fernandes: Vocês podem falar agora como é trabalhar aqui na Formiga e na comunidade, e na escola também?

Marise: Como assim gente? É muito abrangente, vocês querem em que aspecto? É maravilhoso.

Taina's: Geral.

⁴² Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

⁴³ O professor II (PII) é habilitado em docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental; ou Licenciatura plena em Pedagogia com habilitação em docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental; ou Licenciatura Plena, com habilitação específica em curso superior de graduação correspondente à Licenciatura Plena e habilitação em docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental (RIO DE JANEIRO, 2013).

⁴⁴ O professor I (PI) é habilitado nas disciplinas de Educação Física, Língua Estrangeira e Educação Artística e poderá atuar, mediante opção, em turmas de Educação Infantil ao quinto ano respeitada a sua jornada de trabalho (RIO DE JANEIRO, 2013).

Maria Lucia: Eu posso falar ó, eu posso começar. Olha só, quando eu cheguei aqui como coordenadora pra trabalhar numa equipe de professores, o que eu via pela escola, eles tinham um outro tipo de trabalho, em relação a produção dos alunos e tal. Então assim, ao longo desses cinco anos a gente, pelo menos a direção, tentamos fazer com que eles fizessem um trabalho diferenciado é... pelo que eu aprendi nesses anos de experiência. No sentido de quê? De abranger vários, várias áreas, fazer com que os alunos, tenha mais produção de alunos. Seja de desenhos, fazer com que eles se tornem leitores mesmo, ter a parte da literatura dos livros mais presente na vida deles, e em relação à comunidade, trazer mais a comunidade pra escola, porque a gente via que ela estava um pouco afastada, que tinha um certo receio, talvez pela outra forma da outra direção.

Então a gente tentou abrir a escola, fazer com que eles entrassem, participassem mais aqui, dos trabalhos das crianças e eventos, com que a comunidade entrasse mais, pertencesse mais à escola. Fazendo as reuniões de pais bimestrais, que era uma coisa que não tinha, fazer com que o pai ficasse mais próximo do professor também. Então, essa é a ideia que a gente queria aqui. E também fazer com que os professores tivessem essa visão também, dos pais mais próximos, porque como não tinha, talvez não tivesse muito essa visão. Então fazer com que os pais participem, que o professor possa contar com o pai pra participar das atividades, seja extra, ou pra fazer algum trabalho na própria escola. Então assim, ao longo desses anos a gente tem feito alguns eventos com que o pai participe bastante... trabalhos né, com que o pai colabore com materiais, ou com..

Tainá Fernandes: E isso acontece? Eles realmente colaboram?

Maria Lucia: Isso ao longo dos anos tem aumentado né, a participação. No começo, ela tava até pouca, mas durante os anos eu acho que o pai já entendeu que a escola tá aberta e tal. Então eles têm participado bastante nos eventos aqui, feira literária, festa junina, almoço dos pais, dia da família, esses eventos que a gente coloca, e nas reuniões pra entrega de boletim, nas reuniões de nota, nas reuniões pedagógicas.

Marise: Assim, pra mim foi tudo muito novo né, a gente tava há muitos anos em sala de aula, a gente tinha uma vontade em comum de: aquela questão da ideologia dos sonhos da escola ideal, escola de qualidade pra todo mundo, independente de onde a gente está. E aí a gente veio, eu considero um desafio, porque a gente saiu de onde a gente tava, que a gente conhecia já clientela, já tinha uma experiência de trabalho, e veio pra cá que a gente não conhecia, não conhecia a comunidade, não conhecia a escola. Então foi tudo bastante novo.

E a gente fez um raio X de quando a gente chegou, que assim, a gente percebeu até pela decoração que tinha na escola, é... que bastante gente trabalhava diferente do que a gente... vamos dizer assim, acreditava. Não que o trabalho fosse ruim né, porque eu acho que cada um trabalha dentro daquilo que acredita, que conhece, que sabe. Mas era um trabalho bem diferente do nosso, e aí, a gente foi colocando as nossas ideias aos poucos né. É...

Aí, primeiro ano foi um desafio bem grande porque até pra gente conhecer os professores, funcionários, tinham mil coisas acontecendo aqui que a gente não tava acostumada, porque aqui era a Escola do Amanhã, a escola onde a gente tava não era. Então tinham muitas coisas bem legais, a gente aprendeu muito com esses outros projetos, que muita coisa era parecida com o que a gente fazia lá, na outra escola, que era trabalhar mais próximo da realidade deles, não ser uma coisa separada, a escola não ser separada do lugar, da família, de nada.

Então pra gente assim, eu acho que foi esse desafio, eu acho que a gente venceu alguns né? Ainda temos outros, ainda estamos conquistando outros. Como eu disse, ontem foi o conselho de classe. E assim, a turma da Gildete especificamente, e outras, alguns outros professores colocaram a questão de estar se sentindo mais feliz com o trabalho que está fazendo. Porque eu acho que, envolve todo mundo, envolve professor, envolve aluno, envolve a comunidade. Então é mais ou menos isso, a gente encarou esse desafio. No meu caso específico acaba que eu fico muito com a parte burocrática então, é chato mesmo né, eu acho bem legal quando eu presencio essas outras situações que eles tão vivendo, e tem sido um retorno bom nesse sentido, saber que está funcionando, que algumas coisas estão caminhando. Ainda faltam algumas outras coisas, mas eu acho que é por ai mesmo, a educação. Eu acho que é isso.

Angela: Pra mim é um desafio todo dia, toda hora, essa parte burocrática não é privilégio só da Marise, é de todos nós. Mas assim, esse ano a gente tá mais na parte pedagógica, não adianta ficar só na parte burocrática, não adianta ficar só respondendo e-mail. Então, esse ano a gente está mais tranquilo, a gente já aprendeu muita coisa. É tudo muita novidade, tudo pra gente era muita novidade, pra mim principalmente, virei contadora, virei muitas coisas pra poder dar conta, que eu acredito que também é pedagógico quando a gente...[pequena interrupção]. Então, essa parte burocrática né, bem feita ela auxilia o pedagógico. Então, é o nosso maior desafio, tentar cumprir os prazos e fazer bem feito essa parte burocrática, a gente tá aprendendo. Quer dizer, a parte pedagógica a gente tem bastante experiência, bem de acordo com o que a prefeitura coloca. A gente acredita na literatura, a gente acredita que tem que trabalhar com livro. Nós chegamos aqui em 2012, numa época muito boa, de muitos investimentos na educação, muitos investimentos financeiros com projetos, e aos poucos a gente foi perdendo né. A gente tinha como era a “Escola do Amanhã”, nós tínhamos projetos maravilhosos como “Cientista do Amanhã”, “Bairro Educador”, “Mais Educação”, “Segundo Tempo Cultural”, “Segundo Tempo Cultura”⁴⁵, Turno né? Não sei se é tempo ou se é turno. Então, vários projetos que é o que a gente acredita que tem que ter investimento, não adianta só ...

Marise: Alguns a gente foi colocando com a cara da gente, o “Mais Educação” era de um formato, mas aí (agora não tem mais) a gente conseguiu botar do jeito que a gente acreditava né...

Angela: É, do jeito assim que pudesse ajudar realmente ao professor, então, o “Mais Educação” de um jeito que pudesse ajudar ao professor e ao aluno, e dentro das condições físicas que a gente tinha aqui, porque eu tinha material aqui de horta. Então, na gestão passada foi o início do “Mais Educação”, ela também não deve ter entendido o que era bem o “Mais Educação”, e colocou horta aqui dentro, então tinham carrinhos enormes de horta mesmo, e sem espaço pra fazer horta.

Marise: É, e ao mesmo tempo a gente tentava uma parceria com a horta ali de baixo, mas assim, não dava muito, por conta da distância e do difícil acesso aqui. Então, a gente teve que se adaptar com o que a gente podia fazer mesmo.

⁴⁵ “Cientista do Amanhã”, “Bairro Educador”, “Mais Educação”, “Segundo Tempo Cultural” e “Segundo Tempo Cultura” são projetos da prefeitura do Rio de Janeiro que ocorriam nas escolas municipais.

Angela: É, e o que eu queria destacar, realmente, foram os investimentos, tá? Que desde que nós entramos aqui, em 2012, foi uma coisa bem diferente. Por ser Escola do Amanhã, por estar em comunidade (Escolas do Amanhã são dentro da comunidade com um IDEB⁴⁶ muito baixo), esses investimentos fizeram a diferença. Investimento inclusive na direção, eu fiz vários cursos, eu fui ao pantanal fazer um curso com, com, agora eu não vou lembrar o nome dele, mas ele é americano, ele veio lá dos Estados Unidos, lá da faculdade... Mas assim, foi uma coisa que deu um suporte bem legal pra direção, deu um suporte que é o que a gente acredita mesmo. O primeiro ano parecia uma montanha russa, tinha dia que tava tudo tranquilo ai tinha que fazer uma porção de coisa e vamo lá, e esse “Mais Educação” não está adiantando, e vamos lá, quer dizer, agitava um pouco a escola, mas o resultado. A parceria com o SESI também que deu muito certo, de reforço escolar, e hoje em dia a gente não tem mais nada, só nós, e a nossa boa vontade... e vocês, mais nada não, mil desculpas meninas, nós temos vocês! (Risos)

Marise: Investimento mesmo do Município a gente tinha, e do Governo Federal, que o “Mais Educação” é federal, a gente perdeu, não entendemos ainda isso, porque está acontecendo em outros lugares.

Angela: O “Mais Educação” é federal, “Cientista do Amanhã” e o “Bairro Educador” também é com dinheiro federal. Então, houve bastante investimento com o dinheiro do Governo Federal. Então a gente tinha muito material, porque tinha verba pra material, verba pros oficineiros, verba pra tudo. E hoje em dia a gente tá... E hoje em dia agente tem a Rio Ônibus, uma parceria muito boa, tínhamos uma UPP⁴⁷ funcionando, entendeu, assim... Começando a funcionar, com UPP social que faz uma diferença aqui dentro, fazia mediação de conflitos. Eu fiz curso de mediação de conflitos, Maria Lucia também fez, e foi muito bom... Que são coisas que precisam, não adianta chegar aqui nessa comunidade com uma realidade completamente diferente, cair de paraquedas e ficar quebrando a cabeça. Então assim, foi um ano, quando a gente entrou aqui, em 2012, foi um privilégio, a gente ter entrado com esses investimentos todos que eu, que estou há trinta anos no município nunca vi, nunca vi um investimento tão grande do Governo Federal em educação. E ai, hoje em dia a gente tá mais calma assim, mais tranquila, porque a comunidade é... está conhecendo a gente, as reuniões a gente tá conseguindo fazer com mais tranquilidade também né. Eu acho que a gente já passou um pouco de confiança.

Eu principalmente sou muito “caxias”⁴⁸, eu sou muito chata com coisa de horário, coisa de rigidez, coisa de estar aqui, muita gente tem que estar aqui trabalhando sim, e cumprir, sabe? E cumprir esse nosso papel, não adianta. Então assim, quando a gente dava reunião a gente cobrava isso dos pais, se a gente tá aqui, os pais têm que tá aqui também, os alunos têm que tá aqui também. Então a gente batalha muito nessa coisa de falta, que é uma cultura aqui no morro da Formiga, “vamos faltar”, porque é uma cultura. Quando a UPP não tava aqui, tiroteio, você não vem, é tiroteio todo dia, então a gente sabe que é complicado. Então

⁴⁶ Segundo o Ministério da Educação (MEC, 2017), IDEB é o “Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino”.

⁴⁷ UPP é a sigla da Unidade de Polícia Pacificadora.

⁴⁸ Caxias na linguagem popular significa uma pessoa muito correta, que busca realizar ações de forma correta, que se dedica muito e preza pela correção.

a gente está conseguindo devagar, porque em educação tudo é muito devagar para ver os resultados, e assim, este ano (2016) eu tô bem feliz com os resultados.

A gente tem no primeiro COC⁴⁹, uma porcentagem muito baixa, quarenta e seis “I’s”⁵⁰, de duzen... cento e noventa alunos avaliados, porque cem é da educação infantil. São cento e noventa, cento e noventa e poucos alunos... e o “I” está baixando. Eu não fico muito preocupada com as metas, eu acabei de receber metas individuais, pra ganhar o décimo abono né, e décimo quarto, a gente nunca ganhou, entendeu? Mas a gente têm certeza que os alunos tão aprendendo, e a gente tem certeza também que a gente não passa aluno pro sexto ano sem saber ler e escrever, o mínimo, é o mínimo, tá? A gente vem pra cá, dá aula pra eles, senta aqui, faz milhões de trajetórias, trajetórias não, de estratégias né, pra garantir que eles estejam pelo menos lendo e escrevendo no sexto ano, porque é muito complicado a gente mandar aluno pro sexto ano sem ler e escrever, lá eles não vão aguentar a barra, e acabam largando, e acaba mais um ai sem estudar. Então, a gente tem essa consciência, eu tenho muita preocupação com essa parte social, a educação dentro dessa parte social. Então, tudo que a gente pensa em projeto é eles saber ler e escrever, garantir pelo menos isso, que eles saiam lendo e escrevendo.

Marise: Então, a parceria que a gente também não pode esquecer é o Create⁵¹. E ai, uma coisa que eu acho interessante colocar, que teve esse “boom” né, de coisas maravilhosas que a gente conheceu e tal, que a gente foi perdendo. Mas uma coisa interessante é isso, que sempre procuram a gente né, as parcerias mais filantrópicas, vamos dizer assim, porque sabem que a gente tá aberto pra essas coisas. Então isso é bem legal também. Porque assim, pensei no tal “vou mandar procurar vocês”, então isso tá sendo bem legal também pra gente. Como foi essa questão do óleo⁵², bateu junto...

Maria Lucia: É, então, quanto a parte pedagógica, tinha todos esses projetos, o “Cientista do Amanhã”, dava conta de uma parte de ciências, que tinha necessidade, apesar do município só cobrar a parte do conteúdo de ciências a partir do quarto e quinto ano, mas os outros grupos tinham, então o “Cientista do Amanhã” cobrava essa necessidade. Quando acabou o “Cientista do Amanhã”, as próprias professoras começaram a sentir falta dessa participação, da questão científica mesmo, que era a parte de ciências. Então, assim, eu sentei com elas, a princípio eu priorizei o quarto e quinto ano por conta que eles fariam prova, eles têm uma apostila a cumprir, então assim, agente começou a pensar essa questão do meio ambiente, essa questão da parte de ciências, de conteúdo quando a gente perdeu mesmo.

Então, a gente começou a pensar sobre isso e ver a necessidade de que precisava não só de uma parceria como vocês né (UNIRIO), mas a gente precisava estudar mais essa parte. E aí, vocês caíram como uma luva, porque ia ajudar a gente a fazer essa parte não só com o quarto e quinto ano., tanto que, porque quando vocês começaram era a maior preocupação por conta que eles tinham uma coisa a cumprir. E depois a gente viu, claro, que a localização da escola né, pede isso também, por ser localizado perto da floresta, por ter um rio passando

⁴⁹ Conselho de classe

⁵⁰ Conceito de avaliação “I” significa insuficiente, quando o estudante após a recuperação paralela, não atingiu os objetivos mínimos propostos para o período (Resolução SME 1123,2011).

⁵¹ CREA-TE – Centro de Estimulação e Psicopedagogia localizado na Tijuca.

⁵² A questão do óleo foi um projeto de uma escola privada que buscou a escola com uma proposta de desenvolver um projeto de educação ambiental através da reutilização do óleo de cozinha e associar a robótica.

atrás, as questões de saúde mesmo, de dengue, de lixo essas coisas, então assim, acabou envolvendo todos da escola que esse era o objetivo.

E eu estou fechando agora esses conteúdos de primeiro, segundo e terceiro ano, que não é cobrado no município, mas tem essa necessidade delas passarem, até vocês tem dado esse suporte junto, que eu acho bem bacana, pra gente ver se a gente faz essa questão ambiental, o estudo do meio ambiente. Elas mesmas, as professoras, sentiram essa necessidade, entendeu, que estava faltando alguma coisa na questão da aprendizagem, na questão dos conteúdos, entendeu? Independente, com apostila ou não, e aí assim, foi muito bom vocês terem vindo, e todas as parcerias das questões que tratam disso, é sempre bem vindo, porque aproveita-se tudo né, e dá esse suporte da questão do meio ambiente pra escola, então assim, foi ótimo. E a gente teve esse começo muito bom em de 2013, e aí agora que ta sendo legal porque ta envolvendo toda a escola, as outras turmas e tal. Claro que não tá assim, mas eu acho que esse ano já deu um “boom”, nessa questão desde a educação infantil, eles falando sobre isso, e as outras, envolvendo os outros professores também.

Angela: E eu acho que a UNIRIO cresceu junto com a gente, vocês acompanharam. Em 2013, eu realmente nem percebi vocês (risos), era uma coisa tão doida aqui.

Maria Lucia: Porque o foco era quarto, quinto ano, e elas faziam atividade dentro das salas com os professores. Tanto num era que parecia que era uma coisa só dentro da sala né, só da turma.

Angela: por isso eu falei que vocês vieram crescendo junto

Tainá Figueiredo: A gente foi conquistando espaço...

Maria Lucia: E vocês foram também vendo essa necessidade né, de trabalhar com os professores, de dar um suporte pros professores.

Tainá Fernandes: sim, foi tudo muito empírico..

Maria Lucia: e poder envolver as outras... Então eu acho que assim, foi muito positivo, porque vocês vieram a calhar como uma necessidade que a escola tinha.

Tainá Fernandes: uma demanda né...

Maria Lucia: é... entendeu?

I Fórum e Avaliação Geral

Tainá Fernandes: Bom, e junto com isso, fizemos o fórum ano passado, e ai agora é mais pra falar o que vocês acharam do fórum? Quem fez a fala, o que falou no fórum, como foi utilizar o espaço da escola pra realizar o primeiro fórum que teve aqui. Como foi abrir a escola pra isso e saber tudo que tava acontecendo aqui dentro? Porque pelo que a gente sabe foi muita coisa de fora, que a gente nem sabia que tava acontecendo, e a gente soube aqui dentro da escola. Então, como foi pra vocês terem visto isso, se acha isso importante?

Maria Lucia: Eu achei assim, muito importante essa ideia, porque depois que a gente teve esse contato e vocês falarem que existiam outras atividades, outros estudos fora da escola na comunidade, eu achei que seria bem positivo. Como o objetivo é trazer a comunidade pra dentro da escola, esse fórum ia trazer a comunidade, além de passar o conhecimento todo

pra nós. Eu achei bem interessante porque a professora que tava trabalhando com vocês, teria a parte da escola pra falar que todos estavam envolvidos, então assim, eu achei bem bacana. Achei legal abrir as portas pra universidade também, porque vocês tão aqui dentro, mas a gente abriu além né. Então assim, vieram outros estudos, outros estudantes, outros professores da universidade, isso foi bem legal. A participação da comunidade né, como palestrante e como ouvinte também foi excelente, que assim sabe que a escola está junto né, não é só a parte de escola. E assim, pra mim foi um ganho bem grande pra questão da professora, pra questão pedagógica mesmo, de envolvimento inicial, claro que não vieram todos os professores, mas foram todos convidados, mas ainda não estava uma coisa assim desenvolvida.

Angela: Mas eu acho que o essencial foi que a professora que veio se envolveu, falou...

Maria Lucia: E teve um trabalho a ser dito, na parte da escola, e isso que eu achei bem interessante. E assim, sempre dando frutos, porque daí surgiram várias ideias, foi muito boa essa troca depois da conversa final. As ideias, o que motiva assim ter pessoas pensando sobre isso, ou seja, a escola não está sozinha pensando sobre isso, ver pessoas discutindo, querendo, ver cada um discutindo com as suas ideias na sua área, isso aí incentiva, motiva a gente estar aqui, continuar aqui, entendeu?!

E assim, da minha parte me motivou bastante, sabe, de tá aqui, de continuar, da gente ter conseguido, ter feito esse fórum, e de ter dado fruto, porque agora, com o problema lançado, com desafio lançado, esse ano a gente pode envolver mais os professores nessa questão.

Marise: Pra mim assim, foi muito legal, porque eu tive oportunidade de conhecer o que eu não conhecia, vários acontecimentos, várias ações, vários projetos que tinha e a gente desconhecia mesmo. Acho que pra comunidade foi importante pra ver que tudo está acontecendo mesmo. Porque tem muita coisa que, que a gente também presenciou aqui de 2012 pra cá, muita gente que aparece, faz uma coisinha e tchau, e aí a gente fica tipo “e que que houve, acabou?” Né... apareceu, e não da continuidade. E a gente inexperiente, a gente achava né... Isso, olha!

Angela: Geralmente são ONG's, Ah, mas também foi ótimo, pelo menos enfeitou a escola (risos).

Marise: Sim, mas não foi só essa né, tiveram outras. E aí, às vezes a gente sentava aqui horas, reunião, e aí a gente saía com mil ideias. E aí daqui a pouco nunca mais a pessoa aparecia. Então, isso era uma coisa que a gente ficava meio descrente, e aí acho que também foi interessante pra ver que tem ações que acontecem realmente, não é só pra inglês ver, literalmente né... É... E tudo que estava acontecendo que a gente pôde usufruir, e que eles da comunidade, alguns pelo menos ficaram felizes de ver que estava acontecendo, e poder também motivar toda a escola. Mesmo quem não veio, por conta da empolgação da gente, da Gildete, da Carla que vieram, das pessoas que estiveram, que começaram a ser contagiadas mesmo e eu acho que foi bem legal, essa parte eu achei que foi bem interessante...

Angela: Bom eu achei que foi maravilhoso, eu acho que a escola é pra isso, a escola tem que estar aberta, isso é obrigação nossa, entendeu? Isso aí faz parte da educação, a gente abrir parte da escola pra universidade, eu acredito que a universidade tem que tá dentro da escola com projeto mesmo, com políticas públicas. Ainda mais as universidades públicas, tem que

fazer essa parceria sim. E a gente tem obrigação abrir a porta, promover isso... Quer dizer, abrir a porta porque vocês promoveram junto com a gente, mas não é só abrir a porta pra comunidade, só receber mãe, a comunidade tem alguma coisa pra falar né.

E nós vimos isso, como eles têm historia, e mais do que agente... só eles mesmo vão saber, e eu achei assim, o formato do fórum muito interessante, pouca gente, o objetivo e o formato né, não é aquela coisa que fica todo mundo e ninguém consegue se ouvir, ninguém consegue falar, ninguém consegue conversar, ninguém consegue entender, você não consegue perguntar. Então, até o Daniel estava explicando, que o formato era esse, que não era pra ser muito divulgado, que não era pra virar... então eu achei o formato muito interessante, achei bem legal ficar um grupo menor pra gente poder realmente discutir seriamente e mostrar, dar voz, dar fala e ouvir a comunidade. E agora toda vez eu venho ai no quarto ano, venho anotar...

Tainá Fernandes: É, acho que as perguntas assim vocês responderam, da avaliação...

Angela: Pode falar mais gente, tira do meu momento (risos).

Maria Lucia: Da avaliação foi isso mesmo, deu um desdobramento que pôde no ano seguinte envolver todo mundo da escola, e envolver assim a longo prazo.

Marise: Não, e eu achei legal que envolveu também a universidade, que depois veio fazer as apresentações de TCC, eu achei muito legal isso, porque empolgou o lado de lá também, não foi só a gente.

Capítulo 6

O olhar docente e as naturezas da Formiga: do chão da comunidade para o chão da escola⁵³

Autora:

Gildete Pereira Basilio Silva de Barros

Entrevistadoras:

Natália Helena Ribeiro Chaves,

Tainá Antonio Fernandes

Tainá Figueroa Figueiredo

Data: 28 de junho de 2016

Local: Escola Municipal Jornalista Brito Broca

Parte I - Apresentação

Gildete: Então, eu sou a professora Gildete, trabalho aqui na escola Brito Broca, já tá fazendo seis anos, este ano tá fazendo seis anos. E assim, para mim foi uma surpresa vir trabalhar aqui. Apesar de morar aqui pertinho, eu ouvia falar no morro da Formiga, mas eu nunca pensei na minha vida que eu fosse vir aqui, que eu fosse entrar no morro da Formiga, que eu fosse trabalhar aqui. Mas, quando eu fui na CRE⁵⁴, me apresentei né, eles disseram que só tinha uma vaga aqui. E aí eu vim, com a cara e com a coragem, e não fazia ideia do que eu ia encontrar, não fazia ideia. E eu me lembro que na primeira vez que eu peguei Kombi⁵⁵, a gente foi subindo, subindo, subindo, era tudo muito novo pra mim, muito! É incrível como é que a gente mora tão perto de um lugar e o lugar é tão novo, tão inusitado.

E aí desde que eu comecei a trabalhar aqui, que eu me apaixonei por aqui. Por esse lugar, pelas pessoas, pela comunidade. Eu sempre gostei muito. E a escola é muito boa, né? Tanto espaço físico, as pessoas que trabalham aqui. São amigas, sempre tive muito apoio aqui, sempre, das professoras, da direção, tanto da direção que saiu, da direção que entrou. Então assim, pra mim foi um presente mesmo. Sabe?

Eu ouvia falar de escolas sem recursos, né!? Com outras dificuldades, mas assim, pra mim foi uma coisa muito boa. E aí eu comecei a trabalhar. O primeiro ano que eu entrei aqui, já foi no meio do ano, então eu peguei duas turmas de terceiro ano. Então, logo de cara assim,

⁵³ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

⁵⁴ CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

⁵⁵ A “Kombi” é o transporte que sobe com passageiros, moradores ou outros, pelo morro, e vai até a escola, na parte alta.

foi difícil, porque eram crianças mais velhas, tinham muitas crianças repetentes. Era meu primeiro ano, então eu apanhei muito nesse primeiro ano que eu estive aqui.

No segundo ano, eu pedi muito para trabalhar com educação infantil, porque é a minha área. Eu tenho especialização em educação infantil, tive uma escola de educação infantil. Já trabalhei com coordenação de educação infantil em creche. Então assim, era a minha praia, era o que eu gostava mais de fazer e o que eu conhecia. Aí fiquei três anos na educação infantil, aí depois eu peguei uma turma de primeiro ano e a tarde uma de quarto ano que eu quase enlouqueci, quase enlouqueci. Foi a primeira vez que peguei uma turma de alfabetização.

Aí ano passado eu peguei essas duas turmas de terceiro ano, que também foi muito difícil para mim. A gente, assim, foi um relacionamento bem difícil. Eram turmas grandes, tinha muita criança analfabeta, que não lia, não escrevia. Crianças que mal escreviam o nome delas. Tinha muita criança repetente. E eu queria muito trabalhar com projeto, e a gente fica, assim, com aquela incumbência, porque, assim, tem um conteúdo, tem um grupo da turma que está a mil, pedindo, interessado, e tem outros que estão com outras necessidades, que tem que dar outro tipo de atenção. Muita briga. Parei muita aula para desapartar briga. Foi muito difícil. Mas, a gente foi indo, foi indo, eu sempre trabalhei com a questão ambiental. Sempre me interessei. Ficava, sabia né, vinha essas notícias. Eu não conhecia a comunidade, né. Nem conheço ainda, mas agora conheço um pouco mais. Mas ficava ouvindo falar, e ficava, assim, muito curiosa assim. Falavam para mim que tem a horta, aí eu ficava assim "ai queria tanto ir nessa horta". Que tinha um pomar, tem um pomar. Eu ficava imaginando esse pomar. Como seria legal poder levar as crianças lá. Mas, assim, tinham alguns obstáculos. Sempre teve uma dificuldade.

E quando surgiu o Fórum, para mim foi uma porta que se abriu. Porque, eu até escrevi isso, quando a Maria Lucia me convidou para o Fórum, eu falei "sábado? Nossa, nem pensar! Não venho mesmo sábado, aqui!" Mas aí ela falou "ah, vem, vai ser legal, dá uma olhadinha na programação!" Aí quando eu vi a programação eu fiquei "vixi, caramba, eu tenho que vir a esse Fórum". Eu queria muito saber a história da comunidade. Queria saber sobre as questões ambientais. E assim, o que mais me chamou a atenção, é que eram os moradores. Isso me chamou mais atenção. Poxa, muito bom, porque assim, eu sempre achei essa importância e essa necessidade de conhecer mais os moradores. Como é que eu vou desenvolver um trabalho, dentro da sala de aula, em uma escola dentro de uma comunidade, se eu não conheço esses moradores. Eu não conseguia fazer do jeito que eu queria. E assim, o Fórum foi essa oportunidade. Aí eu vi, e depois tudo mudou. ((Risos))

Teve o antes e o após o Fórum. Aí junta, né, um monte de coisas. E eu acho que também, né, as coisas não se repetem, são circunstâncias que se formam. Então foi um monte de coisas que aconteceram, e eu acho que a direção da escola possibilitou isso. Acho que sem essa direção, do jeito que ela funciona, do jeito que ela acredita, do jeito que ela aposta, não ia conseguir.

Eu acho que a presença de vocês (projeto de extensão da UNIRIO) aqui, então, faz toda a diferença! Eu mesma fico impressionada de ver jovens, que estão se formando, que estão na universidade, aqui dentro. E não é assim, eu tô há 6 anos aqui dentro e o que a gente vê de projetos, vocês não têm noção, de pessoas que vêm aqui, e assim, tiram o tempo da gente, você para de fazer o seu trabalho, ouve a pessoa, e a pessoa nunca mais aparece, sabe!?

Então assim, a coisa fica desacreditada, né? E vocês não, vocês estão sempre aqui. Eu quando estava na educação infantil, eu via esse movimento, e eu ficava, né, intrigada. Aí eu via saindo, fazendo trilha, mas isso não chegava na educação infantil. Para mim isso aí tem uma coisa, é uma crítica, né? Não chegava ali na educação infantil. É quarto ano, que fique bem claro isso, é quarto ano, quinto ano. Tanto é que eu nunca pensei em pegar quarto ano, sempre foi uma opção minha não pegar, e esse ano, eu abri uma exceção e pedi para continuar com a turma, porque eu queria dar continuidade ao projeto mesmo.

Então assim, depois do Fórum, muita coisa mudou. Porque primeiro que eu pude conhecer melhor a comunidade e uma coisa que me impressionou muito no Fórum, é como essas pessoas sabem! Quando eu ouvi aquelas pessoas falando, contando, argumentando, explicando coisas que eu desconheço, eu falei "nossa, quanta sabedoria, né? Quanta experiência!". E isso não pode ser desperdiçando, né!? Não pode fechar os olhos a isso. Muita coisa, né. Tudo passou a ter um outro olhar mesmo, outro sentido.

Eu acho que o Fórum também me ajudou muito a fazer um trabalho mais holístico. Porque quando você vai ao Fórum e você ouve vários comentários, olhares, várias interpretações e vários interesses, e os interesses culminam em um só. Às vezes a gente fica brigando por uma coisa, que vai juntar aquilo tudo e vai atender a todos os interesses. E eu acho que assim, eu amadureci muito com o esse trabalho. As crianças amadureceram muito. Eu tenho falado muito nisso, porque a Andreia⁵⁶ tem me perguntado muito, então eu fico falando e conforme eu vou falando, eu vou avaliando, e também teve lá a apresentação⁵⁷, que também fez com que eu parasse para pensar, pra fazer a apresentação. Falei lá, então toda vez que eu falo, eu vou avaliando assim mais esse trabalho, né?

E as crianças, elas amadureceram muito, muito mesmo. Porque primeiro que o trabalho que eles estão vendo aqui na sala de aula passou a ter um sentido, um significado maior pra eles, porque faz parte da vida deles, do cotidiano deles, e são problemas que eles nem percebiam que eram problemas, então isso foi uma grande sacada. Situações que estavam tão, faziam tão parte da vida deles que eles não viam como problema, era uma coisa muito comum. E aí eles pararam para perceber que são problemas, aí começa a ficar inquieto, buscando formas de resolver né, e isso tudo abriu o interesse muito grande deles. E uma coisa vai levando a outra. A gente está estudando uma coisa e daqui a pouco tá vendo outra, que puxa outra, e perguntas e perguntas...

A presença de vocês aqui eu acho fundamental porque vocês forçam a gente a refletir. Porque o professor, o educador, ele vai sempre refletir sobre a sua prática, isso aí não tem como não fazer, porque você planejou, fez, aí você vai ter que pensar naquilo de alguma forma. Mas até para refletir a gente tem que saber refletir, né!? Não adianta a gente só pensar e guardar aquilo. Tem que pensar, buscar soluções, comparar, analisar, se autoavaliar. Avaliar a situação como um todo, tentar pensar porque que deu certo, o que fazer, o porquê que de uma vez não dá. Eu trabalho de manhã e à tarde, então eu faço o mesmo trabalho, mas o resultado é sempre diferente. Vocês viram que agora de tarde, eles estavam muito inquietos com a música, e de manhã eles queriam saber outras coisas. A minha força de manhã é uma, minha força a tarde é outra, acho que isso é muito visível. Vocês devem ter percebido isso. Que assim, de manhã eu tenho um pique. A turma responde também de outra

⁵⁶ Andréia é estudante da UNIRIO e tem experiência com educação.

⁵⁷ A apresentação oral feita pela professora no Fórum 'Olhares sobre a Formiga'.

forma, me exige mais de manhã. Então eu tenho que estar mais disposta, mais concentrada, mais focada. De manhã os alunos são muito assim, mais suscetíveis, então você tem que tomar cuidado como você fala com cada um, se não eles se sentem ofendidos, agredidos. Então assim, enfim, o trabalho nunca vai ser igual. Ai gente, falei demais! Até me perdi...

Natalia: Então, deixa eu te perguntar mais uma coisa...

Gildete: Então, o que eu quero falar para vocês se não eu vou esquecer... É que quando você, que essas conversas que a gente tem aqui, força a gente a pensar, e a fazer um paralelo mesmo, uma relação com o que a gente estuda e o que a gente vê na prática.

E teve uma conversa que a gente teve, que o Daniel estava presente, acho que foi esse ano, foi logo no início. E ali a gente começou a falar, falar, falar eu nem me lembro direito quem estava, e aquela fala, um falava, outro falava, aquilo também faz mexer, sabe? Mexe! Para gente repensar mesmo, o porquê que a gente tá aqui, qual é o objetivo, o que a gente pode fazer de melhor. Quais são nossos objetivos...

Eu lembro até que eu falei pra Flávia ou Carol, não me lembro agora, eu falei lá atrás assim, que eu tinha três objetivos. Um a curto prazo, um a médio e outro a longo prazo. E aí ela perguntou qual era o objetivo a curto prazo, e eu disse que era fazer a maquete. Porque, pra mim, assim, porque o Daniel quem veio com essa ideia da maquete. Aí eu fiquei "nossa, uma maquete... aí não vou conseguir". Porque eu não, eu não, eu não tenho habilidade. Eu não sou uma pessoa habilidosa. Eu sou muito, assim, curiosa, e eu jogo pros outros fazer, e assim, se eu tiver que fazer eu não vou fazer, então, eles são muito habilidosos, eles são muito, assim, criativos, eles querem fazer, fazem. Então foi muito legal a questão da maquete, porque eu lembro, o que eu fiz?

Eu fui na internet e busquei uns vídeos: como fazer maquete. Peguei umas dicas, né! E mostrei pra eles, tudo eu mostro pra eles. Aí eu não estava muito focada na questão da casinha não, eu estava preocupada mesmo como é que eu ia fazer aquela estrutura, é isso que eu estava pensando. Não queria fazer argila, porque eu sabia que ia quebrar, que ia ser um problema. Aí, no vídeo estava falando do papel marche, só que no dia seguinte, um aluno chegou com a casinha pronta. Ele em casa viu o vídeo, e eu nem estava pensando muito na casinha... Aí eu falei: "poxa, fiz logo as minhas encomendas". E aí, ele mesmo ensinou para outros. Então isso, a gente tem que perceber, temos que ter essa sensibilidade, perceber isso. Hoje, por exemplo, vocês viram que eu modifiquei as carteiras. Porque de manhã eu falei assim: "Aí atrás tem um grupo que senta aí atrás que eu tô ficando muito preocupada. Porque esse grupo não está rendendo quanto eu gostaria e eles ficam muito dispersos. Eu quero mexer nessa arrumação. Aí alguém perguntou assim: "por que não põe em círculo?" Aí eu falei: "olha, eu nunca fiz isso. Nem sei se vai dar certo, mas vamos tentar? Aí a gente fez um círculo e não deu, então ficou assim (semicírculo)".

É uma coisa que nem a gente digeriu direito ainda.

Tainá Fernandes: Ah, eu achei que fosse assim, porque assim não tem como eles verem quem está passando na porta, então eles ficam mais concentrados.

Gildete: ah, é porque, assim, tudo começou porque eles brigam muito, então eu fiquei fazendo estratégia de lugares por causa disso. Aí ali é o ar condicionado, ali fica muito gelado, então eu tive que chegar as carteiras pra cá. Aí, agora eles diminuíram as brigas. Melhoraram muito nisso, amadureceram muito. Eles falam mais, raramente tem briga,

discussão. Tem, mas não é como era antes. Então, aí surgiu essa ideia de fazer assim para que todo mundo tenha o acesso ao quadro. E não fica uma coisa assim né, enfim.

Então, assim, eu acho que é isso. Porque eu não sei também.

Eu falo pra eles: "gente eu não sei de tudo, eu sou burra".

Aí eles ficam assim: "tia, você é burra, aaah"

E eu falo: "ué vocês acham que eu sou o oráculo? Que eu sei tudo, eu não sei não"

E eu falo pra eles "eu não sei, eu procuro na internet, eu procuro no dicionário."

Então, assim, isso que eu acho bacana. Então eu tenho esse retorno deles, mais da turma da manhã. Então, meu objetivo a curto prazo era fazer a maquete, que era, foi um desafio muito grande, foi um desafio muito grande que eu nem acreditei, só acredito porque eu participei, mas assim não acreditei que saiu aquilo ali. A participação de todo mundo, professora de artes, todo mundo ajuda, porque eu coloco todo mundo, perturbo todo mundo.

A médio prazo, seria outro grande desafio, que eu nem sei, aí meu Deus do céu...Que ano passado fizemos a primeira mostra de animação né, de massinha. Então esse ano eu quero fazer a segunda, aí eu queria fazer o herói pra salvar o rio, alguma coisa com animação, com desenho, mas tá muito cru ainda. Então esse seria a médio prazo, quer dizer... estamos no meio do ano já, né?!

E a longo prazo, foi o que eu falei pra ela, eu queria formar, não formar né, porque eu não formo nada, mas era, assim, era surgir deste trabalho lideranças. Eu vejo que tem muitos líderes aqui. Eu até falei pra Tainá, tem um aluno que todo santo dia ele fala "tia..." hoje ele falou que plantou cana. E eu disse "olha que eu vou ter que ir na sua casa." Porque ele trouxe pra cá, a planta morreu. Então, não vai poder ser aqui. A gente colocou na varanda, choveu e inundou tudo. Então não pode ser aqui, e ele já falou que será lá. Plantou abacate, bananeira. Ele explica como é que planta, como é que nasce, e tudo assim, no corredor, nos intervalos. Então assim, gente é que a gente tá precisando, de uma pessoa consciente. Esse menino vai crescer. Ele está na comunidade né. Tem que ter essa consciência né.

Intervalo...

Natalia: Só uma coisa, você lembra como foi a sua apresentação no Fórum. O que você falou no Fórum, o que você levou pro Fórum.

Gildete: Foi o que a gente estava fazendo na sala de aula. Porque eu ia participar só de ouvinte, mas aí a Maria Lucia falou " ah, já que você vem, tem como mostrar o que você está fazendo de meio ambiente?" A sorte é que eu fotografo tudo. Aí eu falei "ah, como eu tenho as fotos, eu vou montar uma apresentação e eu mostro, até aí tudo bem. Foi isso, e o que a gente fez foi esse trabalho mesmo que começou com a questão do meio ambiente, porque a apostila do 3º ano é uma só e então, tinham poucas atividades sobre meio ambiente, bem superficiais, e a gente aprofundou esses trabalhos. Até porque tinha a semana da dengue, e ela pediu pra gente fazer um trabalho sobre a dengue, sobre a água. E aí a gente foi fazendo as pesquisas e depois foram feitos os cartazes e apresentaram lá embaixo. Então tudo isso foi registrado com as fotos. Também teve o papel reciclado. Uma coisa foi puxando a outra, né. Trabalhando a água. Até então eu nem pensava em rio, sinceramente. Eu sempre, assim, fui apaixonada pela questão das árvores, né!? Então todos os anos eu trabalho puxando as

florestas, mas aqui dentro né, assim mesmo do meu jeitinho mesmo né. Sem essa ponte. Mas o rio, sei lá, não tinha me despertado. Até porque eu nunca passei, nunca tinha passeado pela comunidade. Só sabia do que eles falavam mesmo. Então foi o Fórum que chamou atenção mesmo para a questão do rio, né!?

Natalia: Fazer a interação com a comunidade para mostrar qual é a questão deles para dentro da escola...

Gildete: É, então, pra mim o que eu, o que eu, o que me chama mais atenção é a questão do reflorestamento. Tanto é que tem pais que trabalham no reflorestamento, aí quando eu estava na educação infantil, eu soube de um por causa da camisa do reflorestamento e eu fui falar com ele:

Falei: "você pode vir aqui na escola conversar com as crianças?" Tudo pequenininho. Pra mostrar para as crianças, falar...

"ah, não!".

E eu: "aaah, por favor, são todos pequenininhos".

Aí ele: "ah, não".

Aí fui pra esposa, né? Pra mãe da criança:

"Ah, fala com o seu marido. Poxa, não é nada demais não, é só a gente".

Ih, foi uma luta. Até que ele tomou coragem e veio. Aí veio com a camiseta, conversou, sentou na roda, mas isso na educação infantil.

E aí eu fiquei: "Poxa vida, eu não me conformo. O cara trabalha no reflorestamento... eu queria ir lá".

E eu, assim, eu não conseguia. Não tinha dimensão da coisa, né.

E eu perguntava: "É longe? Dá pra ir andando?"

E ele: " Não..." e ele não falava, sei lá. "É... não, não dá..."

E eu perguntava: " Mas como é que é?"

Eu queria imaginar, sabe: "mas como é que vocês plantam?"

E ele "ah, tem as mudas..."

Gildete: " mas de onde vem as mudas"

"ah o caminhão deixa as mudas"

e aí eu falei assim: "ah, mas como vocês carregam as mudas?"

e ele: "ah, a gente carrega as mudas"

E era tudo assim, eu perguntava ele respondia, eu perguntava e ele respondia. E eu querendo, sabe, saber. E ele ficava nessa, não saía daí. E eu achava isso um desperdício. E alguém falava...

Ah, ele mesmo falou assim "tem um pomar"

e eu fiquei "ah, como? tem um pomar aqui dentro? Onde é o pomar?"

E ele falava: "é não sei aonde..."

E eu falava: "Aonde?" eu não conseguia me localizar.

A gente fica aqui dentro da escola e a gente fica assim, totalmente isolado.

Tainá Fernandes: Até porque o caminho que vocês fazem é uma reta.

Gildete: É... isso. Então, assim, as coisas são pra lá. E eu adorei quando a gente fez a trilha, né. E depois disseram que aquela outra trilha que fizeram da dengue... Você estava? ((direcionando o olhar para a Tainá Figueiredo)) que a Nanci foi, com o apito. Foi lá para o outro lado. E eu fiquei assim, "aaah tem outro lado".

Eu acho assim, gente, surreal você trabalhar dentro da comunidade e você não conhecer isso. Não ter acesso a isso. Porque você começa a criar expectativa, começa a criar imagens que você não sabe, até que ponto que aquilo é ou não é, eles não sabem. Imagina a gente que tá aqui dentro? Outro dia a gente ficou aqui até às 18:30, não, até 18h. Foi no aniversário da Maria Lucia que a gente saiu pra comemorar, aí eu fiquei esperando ela. A gente saiu daqui e já era noite. Era outro cenário.

Natalia: Sério?

Gildete: Era outro cenário. Era noite, só escureceu. Tipo, meia hora de diferença... Eu olhei ali, tudo iluminado. Lá embaixo. Eu falei "gente, é outro cenário mesmo". Sábado. Você vem aqui sábado é outro cenário. Sexta-feira, você fica um pouquinho mais aqui, é outra coisa aqui. Então você fica assim, sem entender certas coisas, é o comportamento da criança, a reação da criança, por conta de você não entender essa realidade. E aí como uma criança fala uma coisa dessas? Onde ela tirou isso? E pra mim, assim, é uma coisa de outro mundo, né? E para eles não é.

E eu acho isso muito complicado, sabe? Você estar trabalhando assim, com as crianças, e eles não saberem de você e você não saber deles. Fica complicado, né? Fica uma coisa meio assim artificial.

É isso, então, eu acho que, assim, o Fórum pra mim foi muito importante. Eu adorei, mesmo. Além de ser um Fórum, ele teve um formato também bem bacana, aquela roda que ficou depois. Tinham outras pessoas. E legal também a gente saber isso. Isso para mim também foi muito bom. Que a gente tem a impressão de que a gente está meio sozinho, meio maluco. Essas ideias de "giríco". E daí a gente vê que tem outros doidos também. Que não sou só eu. Porque é gente. Você faz certas coisas que as pessoas ficam assim, né. "Tem certeza que é isso...".

Aí você fica meio justificando, sabe: " Não... é... mas é por causa disso..." Não tem que justificar. Você tem que fazer mesmo. Não tem essa né?!... Mas tem uma coisa assim profissional, que eu não sei até que ponto esse profissionalismo, o que é esse profissionalismo? E torna as pessoas mais preconceituosas, sabe? Elas discriminam. Eu faço isso, eu estou me colocando nesse meio. Por isso que eu gosto de escutar as crianças. Pra entender aquela atitude. O que é que leva ela a terem aquela atitude.

Eu só sei que está sendo muito bom. E eu acho que não vai ser assim de novo. Não, é sério?

Tainá Figueiredo: Eu também tenho essa sensação.

Gildete: Que é um momento...

Tainá Figueiredo: Está me angustiando até. Fórum 2, assim...

Gildete: E eu fico assim: "gente, acho que isso não..." Você vê essa menina hoje, de vir aqui. Vai levar até quantos milênios para os planetas se alinharem de novo, Tainá? Eu não sei. E é isso que me inquieta, porque eu acho que tem que aproveitar isso logo...

Eu convidei a dona Nilza para vir aqui contar história, pra eles. E aí você falou que o marido dela é encarregado do mutirão. Pra ver se os dois vem juntos e aproveita para estar inspirando mesmo, essas crianças tem que ser inspiradas. Por coisas que dão certo, Porque a gente divulga muita coisa que não dá certo. E tem tanta coisa legal dando certo. E o Fórum mostrou isso.

Porque eu fiquei assim:" Caramba, acontece isso tudo aqui dentro. E ninguém sabe. As pessoas tem que saber. Mas não é assim, saber pra divulgar, pra ganhar prêmio. É saber pra servir de exemplo e as pessoas se motivarem, né. Para as pessoas pensarem: "Ah... também quero. É muito bom, e trabalhar aqui tá sendo muito bom por isso. Acho que a localização também deve ser...

Isso que eu queria perguntar, não sei se vocês sabem disso: essa mata toda que tem aqui lá em cima tem mata nativa ou foi tudo reflorestado?

Tainá Figueiredo: Não, tudo acho que não. Mas uma boa parte é reflorestamento

Tainá Fernandes: Tem a foto né..

Gildete: é isso eu sei, que uma boa parte foi. Mas o morro é imenso e então eu queria saber. Porque esse fim de semana eu fui pra Visconde de Mauá. Eu to apaixonada. E gente, eu conheci uma pessoa que está a quarenta anos, ela foi na década de 60, tipo "riponga" mesmo, e na época que ela comprou não tinha nada, era tudo pasto. O rio estava secando, então eles formaram uma comunidade alternativa, fez uma escola rural pros filhos e eles reflorestaram a área inteira. E eu não acreditava. Vocês não têm noção da quantidade de animais que tem lá. Eu vi um gavião lá, lindo. Tinha pássaro de tudo quanto é tipo. E você vê, um grupo de pessoas, que falou que ralou muito, reflorestou aquilo tudo, é inacreditável, gente. E eu fiquei encantada.

Tainá Figueiredo: quem sabe te responder bem essa pergunta é o seu Dejair. Porque ele quem começou o reflorestamento e ele sabe todas as que foram plantadas. Mas pelo menos a parte que a gente vê... daqui a maioria é reflorestamento

Gildete: Então, até a parte que a gente foi no rio...

Taina Figueiredo: Ah, bem mais.

Gildete: Dali eu entendi que é tudo reflorestado, mas eu queria saber lá de cima. Porque quando a gente sobe aqui a gente vê, né!?

Tainá Figueiredo: Eu tenho o mapa com o setor dos reflorestamentos. Eu tenho o mapa.

Gildete: É, porque pelo o que eu estou vendo mata nativa por aqui nem na Floresta da Tijuca.

Tainá Fernandes: O reflorestamento foi feio com espécies nativas. Mata nativa não, mas todo o reflorestamento é com espécies nativas. Com plantas daqui.

Natalia: O estágio ecológico que as plantas se encontram não é o ideal e o específico para dizer que é realmente uma floresta.

Tainá Fernandes: Mas a Floresta da Tijuca é.

Tainá Figueiredo: No reflorestamento é.

Tainá Fernandes: A Floresta da Tijuca é... está no processo.

Gildete: No Fórum eu escutei uma fala que ficou até hoje na minha cabeça: eles mandam as mudas, a muda tal, mas aquilo ali o cara não vai querer plantar aquilo ali.. e eu fiquei assim, porque mandaram aquela muda e será que era uma planta nativa e ele não está entendendo isso.

Tainá Figueiredo: quem produz as mudas é a prefeitura. Ela tem vários viveiros, que os técnicos escolhem o que deve ser plantado, e eles mandam.

Gildete: Mas não sabe o critério não.

Tainá Figueiredo: Tem um critério, mas o estudo que teve lá no LEF, mostra que algumas espécies não são muito adequadas, assim, umas são menos adequadas do que as outras. E tinham várias propostas de fazer uma borda, da horta do reflorestamento ser feito com plantas frutíferas, que protegem o reflorestamento. E o problema do reflorestamento é que, eles plantam, plantam e eles ganham por muda. Isso é método da prefeitura, eles têm metas. É um programa que rende meta, um dos programas mais importantes da área ambiental da prefeitura. Então, assim, é um programa bem grande. E a meta deles é por muda. Então assim, plantar tantas mudas por ano. Não importa se essa muda vai morrer tudo.

Gildete: Complicado, né? Eu falei com alguém outro dia, que estava com a camiseta.

Aí eu falei: Ah, você trabalha no reflorestamento, que legal, eu estou querendo...

aí ele “não, mas eu já vou sair.”

Aí eu falei “por quê?”

Aí ele “Ah, porque tá pagando muito pouco, não tá dando pra viver...”

Aí eu fiquei triste com isso, né? Porque realmente...

Tainá Figueiredo: É eles são contratados... eles não têm nada certo.

Gildete: Faço ideia, né gente. Quem é concursado já tá complicado.

Tainá Figueiredo: Eles são contratados... não tem nenhum direito trabalhista.

Gildete: Geralmente eles preferem um emprego mais seguro, né.

Tainá Figueiredo: Eu acho que eles trabalham até meio período. Geralmente eles têm dois empregos.

Natalia: Bem, Gildete. é isso. A última pergunta era o que você achou do Fórum. Mas você já respondeu tudo. (risos) Eu só queria te perguntar se você tem alguma crítica.

Gildete: Do Fórum?

Tainá Figueiredo: Uma avaliação assim.

Gildete: Só teve um Fórum...tem que ter outro.

Natalia: O formato, os convidados, as pessoas que participaram...

Gildete: Eu acho que nada disso... o que poderia melhorar, acho que se for possível né, outras pessoas da escola participassem... Mas não é nem uma crítica ao Fórum. Mas você sabe que essas coisas vão minando, né... Eu estava ali agora falando com a Maria Lucia, e ela estava contando que dois alunos da turma da Renata, por iniciativa deles, eles escreveram um livro falando sobre meio ambiente. Escreveram, fizeram um livrinho lá, do jeito deles, escreveram, desenharam, e no processo de produção de escrita e mostraram "Aqui, a gente fez um livro". E o assunto era esse...

Tainá Fernandes: É que as crianças se comunicam né. Elas são um vetor importantíssimo. A gente esquece isso, porque fora daqui eu lembro do passeio que fizemos no rio, e eles falam: Ali que seu primo mora ali. Eles sabem onde cada um mora, eles vão nas casas das pessoas, deve ter jogos.

Gildete: Eles se interessam mais. Eu acho que essa geração, acho que eles têm mais acessibilidade. Não sei. Se interessam mais.

Tainá Fernandes: Eles têm mais abertura, né...

Gildete: E agora também lá embaixo tinha um outro aluno que eu acho que é do segundo ano que me perguntou assim: "O que é indeterminado?"

E eu falei: "Por que?"

Aí ele: "Porque ta falando que a borracha é tempo indeterminado..."

Aí eu expliquei para ele. Aí ele ficou: "ah, é?"

E o cartaz está lá, e está mobilizando.

Natalia: É isso que eu acho tão legal, porque tem muito estímulo visual. A todo momento tem alguma coisa.

Tainá Fernandes: E é estímulo importante. Não é esse estímulo que a gente vê na rua.

Tainá Figueiredo: De poluição, né...

Tainá Fernandes: Muita informação que é voltada para consumo. Ou alguma coisa ruim. Mas não, é muita informação que de uma forma ou de outra tá ali no subconsciente dele.

Gildete: E tá lá. Você hoje não vê, mas amanhã você vê. Aí amanhã vê de novo que não viu...

Tainá Fernandes: E ele fica com isso na cabeça, né. Uma coisa que fica na minha cabeça, que eu não sei se é o mesmo da Tainá, é esse medo que vocês estão trabalhando desde o ano passado, né. E isso também deve ser um medo porque não é uma política da escola, né. Partiu muito mais de você. Porque se fosse um engajamento total.

Gildete: O que? Trabalhar com a mesma turma?

Tainá Fernandes: Não, de trabalhar de forma holística, não necessariamente, usar isso como...

Gildete: Isso é uma proposta da direção, mas não adianta se só uma proposta dela. Tem que ser abraçada por todos. Mas acho que já teve muita conquista.

Tainá Fernandes: Não, com certeza. E a gente vê as crianças né, e quanto elas vão passando, elas vão chegar no 4º ano...

Gildete: Sabe o que me incomoda nessa estória, eu estava falando nisso hoje, a Catalina⁵⁸, né... Estava lá embaixo. Aí o 5º ano ficou muito mexido, né?! Eles ficaram curiosíssimos.

Parte II-Desdobramentos do Fórum

Gildete: Então, assim, o que eu sinto falta para trabalhar com os alunos é conhecimento. Falta pra eles algum conhecimento. Conhecimento de mundo, mais diverso, então você fica assim, muito amarrado. Você vai falar de alguma coisa, parece que você está falando, assim, sei lá, de outro mundo. E você tem que começar a alimentar isso neles. Quanto mais você... Mas também não é alimentar assim, cheio de informação... se não vai adiantar também então é aproveitar, na hora que faz uma pergunta, você responder e se não souber responder, fazer uma pesquisa. E é isso que eu mais sinto falta. Na turma da tarde, eu sentia muita falta disso. Eu começava a dar aula aqui e ficava todo mundo mudo. Ninguém falava nada, ninguém perguntava nada, isso me incomodava. De manhã eles já faziam perguntas. "Alguém ouviu falar naquilo", e aí alguém falava e de tarde não.

E eu falava: "Gente, essas crianças precisam ter mais conhecimento, vê outras coisas."

E o projeto vai possibilitando isso também, né.

E eu fiquei muito emocionada hoje com a fala da Catalina, que ela estava falando ali coisas que eu já estava tentando trazer pra eles. Aquela coisa da linha do Equador. É muita coisa ne, é muito complexo... Então para você entender como é que funciona tudo, é complexo. E ela foi falando exatamente coisas que eu já estava tentando também falar pra eles. O jeito de ela falar, a linguagem. Caramba, parece até que foi combinado né. A gente sentou, combinou, planejou. Porque ela falou exatamente aquilo. A questão da floresta Amazônica. Ontem eu passei um vídeo, da turma da manhã, falando da floresta Amazônica, e eles prestaram maior atenção. E ela vai hoje e passa. Então parece que foi uma coisa combinada. E o que eu mais sinto falta é isso mesmo, as crianças não tem assim, essa base, que tinha que tá falando desses assuntos desde lá da creche. Sem pudor, sem tabu. Porque falam " ah, não pode falar isso, só pode falar até ali". E isso prejudica eles. Eu acho que a gente rouba isso deles. E daí você ouve uma criança de 4º ano falando certo tipo de coisa e você vai e censura. Mas, por que eu vou censurar ele? Tá dentro de uma escola. Em uma comunidade, fala uma coisa dessas, faz uma pergunta dessas, ou então, tá viajando, não tá entendendo nada, nossa! Não tá ligando nada, então assim, isso é o que mais me preocupa.

Então, na turma da manhã eu tenho muitos pais mais presentes. Então são pais que leem mais, levam mais os filhos para sair. Então, tem crianças que tem acesso a filmes, a vídeos, a internet. Então você vê essa diferença. E na turma da tarde, eu não tenho tanto isso. É como se estivesse em uma ilha. Então eles não têm assim.

Aí um menino falou assim para a Mariana: "Ela é sua avó?" Perguntando se a Catalina era avó. Então, uma coisa tão assim, sabe? Não pensou antes de falar, não viu que não podia ser.

⁵⁸ Professora da Colômbia que fez uma palestra com o quarto ano, falando sobre a biodiversidade e curiosidades de seu país. Um intercâmbio cultural promovido pela parceria da escola com a UNIRIO. O tema Colômbia surgiu em decorrência das Olimpíadas de 2016.

E eu fico triste com isso, sabe? Poxa, umas crianças inteligentes, talentosas. E a gente tem que fazer isso sim.

E o que você tinha perguntado mesmo?

Natalia e Tainá's: Sobre os desdobramentos do Fórum.

Gildete: Então, os desdobramentos do Fórum foi a questão do rio, que se transformou em um projeto. A gente nem tinha essa intenção, mas quando a gente falou para eles sobre o rio, sobre os desdobramentos dos Fórum, e eles ficaram super envolvidos e preocupados. E aí surgiu a música, né? Enfim, e aí foi no final do ano, e eu pensei "gente, isso vai se perder, porque já está no final do ano, né!? "Contando os dias já para terminar o ano, todo mundo cansado. E foi bom porque esse ano eu tinha já pensado "Tem que fazer uma trilha no rio, não dá para a gente ficar trabalhando o rio Cascata aqui dentro sem nem ter ido lá, aí vai ficar muito utópico". E aí o Cláudio⁵⁹ chegou, perguntando, né: "Vocês querem?" E eu falei " como assim?" Então, foi tudo assim, né!? Certinho, né? Bacana!

E aí o desdobramento está sendo do rio mesmo. A gente vai fazendo um link com os outros conteúdos, que tem na apostila, mas que tudo tá dentro. Tudo acaba chegando lá, culminando no rio. Até o professor, Elidiomar⁶⁰ que veio falar de inseto, que eu pensei assim " ih, vai falar de insetos, tudo bem, pode falar". E aí ele veio falar que tem insetos que... Você estava no dia?

Natalia: Eu não.

Gildete: insetos que só gostam de água limpa, então são insetos que não terão aqui. Então, sempre vai ter uma ligação, e a gente vai trabalhando. Lógico, eu até falei naquele dia da apresentação, daquele professor de história, que, assim, fazendo uma avaliação crítica do trabalho que eu estou fazendo, eu não trabalhei história com eles. Eu não trabalhei, mas eu quero, ainda tem tempo, né? Por isso que eu quero que a dona Nilza venha aqui, pegar esse gancho.

Natalia: E estimular eles a pensarem o que eles estão fazendo como participante da história atual. Eles vão crescer e eles estão fazendo história. Então, tendo a dona Nilza como exemplo da comunidade, de tudo o que ela já fez aqui dentro...

Gildete: Ela relatando, ela foi testemunha ocular...

Natalia: É estimulante para a gente que está fora, imagina para eles que estão aqui dentro!?

Tainá Figueiredo: É verdade.

Gildete: É isso aí. E muita coisa, assim, pros adultos da comunidade não deve ter esse valor, que para as crianças têm. As crianças estão preocupadas mesmo é com isso, né gente. Com passarinho, com árvore. Adulto não está nem parando para perceber isso. Essa viagem que eu fiz para Visconde de Mauá, que eu fui conversar com essa pessoa, que é dona do sítio, ela disse assim: " Poxa, eu estou tão feliz que vocês gostaram, porque os hospedes vem aqui e não perguntam nada. Ficam só assim... no celular. E eu falei "Como assim, como alguém vem aqui e não admira?"

⁵⁹ Agente Ambiental Comunitário

⁶⁰ Professor do curso de Ciências Biológicas da UNIRIO, que fez uma palestra para o quarto ano, sobre os insetos e o mundo das histórias em quadrinhos.

Natalia: É uma pousada lá?

Gildete: É um sítio com casa, e eles alugam as casas. É " Santa Clara", cachoeira da Santa Clara. É antes de Maringá. É por ali. Aí tem dois sítios. Aí tem uma porteira, né, escrito "Santa Clara". E lá dentro dessa área bem grande, tem um rio lindíssimo, eu filmei o rio para trazer para eles, sabe? É que eu ainda não consegui passar, mas eu vou mostrar para vocês. "Gente olha que rio lindo que eu tô vendo aqui". E aí filmei para eles verem. E é um rio lindo, assim, no verão ali vira praia. Tem até areia, diz que tem muita água, choveu muito, então trouxe muita areia, então parece praia mesmo. Tem areia, tem o rio, mas é um lugar muito bonito. E ela falando isso, que as pessoas vão lá e não se interessam. Não saem do celular.

Natalia: Eu vou dar pausa no áudio aqui porque acho que você já respondeu a questão. Obrigada!

Capítulo 7

Reflorestamento: olhares da comunidade⁶¹

Esse capítulo é composto pela transcrição de uma roda de conversa sobre o projeto Mutirão Reflorestamento com moradores integrantes desse projeto, Dejair Thomé dos Santos, Alexandre Rosa e Paulo Sérgio de Oliveira dos Santos, e a moradora, Nilza Rosa. Este encontro ocorreu na turma do 4º ano do ensino fundamental⁶² e foi proposto pela professora Gildete Barros. Neste dia, além da professora e dos integrantes do Mutirão Reflorestamento, estavam presentes a coordenadora pedagógica Maria Lucia Braga e os bolsistas de extensão da UNIRIO Flávia Fernandes, João Marcelo Quintiliano e Tainá Figueiredo.

Data: 13 de setembro de 2016

Local: Escolha Municipal Jornalista Brito Broca

Dejair: A Nilza já foi diretora, e eu presidente. Foi quem na sua época?

Nilza: Hélio de Oliveira.

Dejair: Hélio de Oliveira. Quem puxou esse mutirão pra cá, esse projeto pra Formiga foi através dela e do Hélio. Então ela tem um pouco da história como começou. Eu comecei bem depois que ela puxou pra cá o reflorestamento. Eu trabalhava em outra área, na indústria. Então ela pode contar um pouco como ela puxou esse projeto pra cá, pro Morro da Formiga.

Gildete: Então vamos combinar assim: vocês explicam pra gente o que é o reflorestamento. A gente tá morrendo de vontade de ir lá conhecer, saber. E a história fica contigo.

Dejair: O reflorestamento em si...

Nilza: E deixa eu falar. O Hélio, pois é, ele foi aluno da Escola Brito Broca, foi aluno da Escola Soares Pereira, fez prova e passou pra UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), fez advocacia e foi chefe de gabinete na câmara de vereadores. Hoje o Hélio é delegado civil do Distrito Federal. Ele foi aluno daqui, dá Brito Broca. Daqui.

Gildete: Tá ouvindo gente?

Nilza: Ele estudou. Ele sugava os professores pra aprender. Não se destruiu nada. Não se quebrava porque é o seguinte... A não. Ai eu vou entrar na história. Eu vou parar aqui.

Gildete: Fala do reflorestamento. Qualquer coisa que você falar...

Dejair: Qual a importância do reflorestamento? São muitas, né. O reflorestamento traz qualidade de vidas melhores pra população, ajuda os animais da floresta, né. Vocês gostam

⁶¹ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

⁶² O nome dos estudantes da turma foi omitido para a proteção da identidade delas, mencionadas no texto como “crianças”.

de animais, né? Então, ele ajuda na qualidade água, né. Água boa. Todos nós gostamos de matar nossa sede, não é mesmo? E outra coisa, o nosso projeto de reflorestamento aqui é uma das mais premiadas obras em prol do reflorestamento, que até hoje damos continuidade. Agora, vou contar a história pra vocês como é que ele começou. Ele começou em 1986 e terminou em 87 a 95. Até hoje, né, nós estamos em 2016.

Gildete: o que é isso “reflorestar”, seu Dejair?

Dejair: Reflorestar é pegar uma área que não tem nada. Tá careca. Não tem nada. Então essa área tem que ser reflorestada.

Maria Lucia: Por quê?

Dejair: Para ter uma diversidade boa. O quer dizer diversidade? São várias espécies de mudas entrando nessa área. Você não pode fazer um reflorestamento com uma diversidade só. Então é importante que essa área que está careca seja reflorestada, porque, quando vem uma chuva, pra vocês que moram aqui em baixo, ela pode causar um desastre muito grande que é as pedra. Rola pedra, tá entendendo. Como já aconteceu vários desastres aqui na Formiga. A pedra rolou porque não tinha o galho pra ela poder se apoiar. Tendo a árvore crescido, a pedra tem onde apoiar nos troncos das árvores. Ela não deixa que as pedras rola pra cima das casas. Então, por isso, que é importante, no lugar careca, tá fazendo o reflorestamento.

Maria Lucia: O que é essa sua camiseta?

Dejair: Essa camisa aqui... O que tá escrito?

Crianças em coro: Reflorestamento.

Gildete: E essa palavra maior é o que?

Crianças em coro: Mutirão.

Criança: É pra ajudar no re... Res... Não sei falar isso não.

Dejair: Então, presta atenção. O projeto “Mutirão Reflorestamento” passou a integrar o conjunto de intervenções realizadas pela SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social) em áreas carentes, a partir de novembro de 1986. Em fevereiro de 1987, o projeto mutirão foi efetivamente iniciado com o primeiro plantio no Morro de São José Operário, no bairro de Jacarepaguá. Começou lá. Então em 1994 o projeto reflorestamento foi transferido pra Coordenadoria de Recuperação Ambiental, da recém-criada Secretaria Municipal (de Desenvolvimento Social) do Rio de Janeiro. Então, nós temos também números. O que quer dizer números que vocês falaram aí? Quantidades de mudas é totalizada pelos engenheiros. Não é por nós. Até em setembro de 1999 o projeto reflorestou uma área aproximadamente de um hectare. Vocês sabem o quer dizer um hectare?

Voz masculina 1: Vocês sabem gente? Eu não sei.

Criança: Eu também não.

Gildete: O que será um hectare, gente? Imagina o que deve ser. É um hectare de plantio, não é isso?

Criança: É um lugar cheio de plantinha?

Gildete: Ele vai plantar um hectare. O que que é isso?

Criança: Há. Tia... É a parte de um... De uma parte... De uma... Como se diz? É uma parte só de mudinha igual, outra só de iguais. É assim?

Dejair: Mais ou menos tá... Sim. Só complementando: quer dizer que um hectare corresponde a 10.000 (mudas).

Crianças em coro: Há. Caraca, 10.000.

Gildete: E pode colocar uma do lado da outra? Como que é?

Dejair: No máximo dois metros de distância.

Gildete: Por quê?

Dejair: Porque ela num pode ficar muito perto uma da outra por causa do seu crescimento. Que, às vezes, uma cresce... Se desenvolve mais que a outra. Ela pode cobrir e tirar o espaço da outra e (faze-la) ter menos desenvolvimento.

Gildete: Então vocês calculam dois metros pra poder plantar?

Dejair: A cada dois metros se planta uma espécie de muda diferente uma da outra. Por quê é exigência ter várias espécies de muda? Porque nela tem várias tipos de animais. Tem umas que vem naquela, tem outro tipo de animal que vem naquela árvore, tem outro tipo de animal que vem na outra. Cada um escolhe o seu modo de vida. Quer dizer, eu gosto de galo no meu quarto deitado, né. É um tipo de gostar. É igual passarinho. Pássaro, eu gosto desse tipo de ave. Então você tem que plantar...

Gildete: Então, depois que plantou que ela cresceu que vai chamar o bicho, atrair o animal. O careca não tem bicho não tem nada. Então se tiver a árvore atrai os animais.

Maria Lucia Uma pergunta: tem alguma árvore frutífera?

Dejair: Tem. Nós temos um pomar aqui na rua 03, final da rua 03. É um pomar que tem há uns cinco anos.

Maria Lucia: Vocês sabem o que é árvore frutífera?

Crianças: Eu sei.

Criança: É de fruta.

Maria Lucia: Que vai dar uma fruta.

Dejair: É, já dando fruta até. Tem pitanga, acerola, goiaba; já tem muita goiaba.

Gildete: Mas isso é lá em cima da mata ou é separado?

Dejair: É um pomar separado só pros morador mesmo.

Maria Lucia: Ah tá.

Dejair: Então, aí, nós nessa época plantamos aproximadamente 1000 hectares, 1999, totalizando 2 milhões de mudas plantadas. Pra vocês terem uma ideia. Então alguém que quer saber o total de mudas... 2 milhões de mudas pra vocês é pouco?

Crianças em coro: Pra mim não.

Gildete: Quando a gente vê a foto do morro careca e depois do reflorestamento a gente vê quantas têm que cobrir aquilo. Falta ainda?

Dejair: Falta ainda. Tudo isso é um processo de roçada, capina, podagem, fazer acero, fazer trilhas; antes de plantar; fazer cova. Cova no máximo 30 por 30. Sabe o quer dizer 30 por 30?

Criança: Eu sei. É o tamanho dela.

Dejair: Exatamente. Tem 30 por 30 (centímetros). Assim fundura, largura e altura.

Gildete: Vocês, quando vão fazer isso, vocês medem lá na hora, já vão no automático? Vocês levam alguma coisa pra medir?

Dejair: Trena. Temos treina.

Flávia: Seu Dejair, posso fazer uma pergunta também? O senhor falou que o reflorestamento começou em Jacarepaguá em 86. Quando ele veio para a Formiga?

Dejair: Começou aqui em 1995. Mas antes de 95, nós começou aqui só que com outras firma. Que eram firmas contratadas. A primeira foi a Goteca, depois a Teplam. Aí em 97 que começou o Mutirão Reflorestamento.

Flávia: Algumas firmas antes já faziam o reflorestamento?

Dejair: Já fazia o reflorestamento. Antes do Mutirão.

Nilza: Antes de começar o reflorestamento teve um confinamento de animais. Porque aqui tinha muita criação de cabrito, boi, vaca. Então, o que aconteceu? Quando falou em SMDS, a gente tá falando SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – era uma secretária que trabalhava com as comunidades, porque o poder público não atuava na comunidade. Então criou-se essa secretaria. Então começou o confinamento de cabrito, por quê? O cabrito, você planta uma muda, o cabrito comeu, mata tudo. Não nasce mais. Então fez o confinamento e prendeu os cabrito. Também tinha muito boi, muita vaca, muitos porcos. Os moradores criavam porcos e ficava tudo solto. Então não adiantaria plantar e não cuidar, então começou o confinamento. Ai depois, começou (o reflorestamento) na época, não era mutirão, era uma empresa que fazia, depois de uns ano começou o mutirão; porque o poder público tava (com) um problema de crise, de emprego; então pegava mão de obra da própria comunidade. E outra coisa: tem que ter muito amor a isso pra colocar pra andar.

Gildete: Mas isso aí foi importante. A gente sabe que tinha esses bichos todos soltos e que eram um problema pro reflorestamento, porque esses animais iam lá e comiam as mudas.

Nilza: E hoje o bicho que tem (problema) pro reflorestamento é o animal racional. Quem é o animal racional?

Criança 1: Macaco?

Criança 2: cobra?

Criança 3: Rato?

Criança 4: Nós!

Nilza: Somos. Que destrói as coisas e não tem cuidado. Então, por isso... O reflorestamento começou porque você... Aqui na Formiga tinha um começo, muitos anos atrás, era tudo

florestado. Depois teve um incêndio muito grande, negligência do ser humano. Aqui, inclusive, quando teve o incêndio, morreu um corpo de bombeiro por causa de uma corda. E ali o que aconteceu? Ficou tudo peladinho, porque a gente tinha aqui na Tijuca duas empresas, uma chamada Souza Cruz e a outra chamada Brahma. Então aqui (os componentes químicos) que a Souza Cruz usava ela soltava no ar. Hoje tem legislação pra cobrar essas empresas.

Maria Lucia: Então, a Souza Cruz, só pra vocês saberem, era uma fábrica de cigarros.

Nilza: Então a química ajudava a matar a floresta. E tinha um grupo muito grande na Formiga de baloeiro. Então você tinha baloeiro, tinha as pessoas que iam na mata e não tinham consciência ecológica, ia na mata e cortava a madeira pra fazer casa, que a gente não tinha casa de alvenaria, era tudo casa de pau a pique. Vocês sabem o que é isso? Casa de barro. Que hoje ainda tem duas aqui no morro. Quem vai pro campo do mato tem bem uma, que eles falam casa de pau a pique. De repente, vocês nem conhece isso. Ai, então, destruiu tudo. Ai ajudou com o fogo, porque o ser humano não tinha muito cuidado... O cuidado sério que a gente tem que ter com o problema de lixo e o problema de fogo. Tem morador que não traz lixo, não bota no lugar adequado pra Comlurb levar, joga em qualquer lugar ou queima. Numa beirada de floresta queimar é um perigo, porque você pode destruir uma floresta total. E quando você destrói a floresta, você vai destruir a diversidade que tem ali dentro da mata. Hoje vocês tão vendo aqui que nós fomos criados. Vocês tão vendo aqui que tá voltando tucano, arara, preguiça, lagarta, aquela mini-raposinha, tamanduá. Você viu macaco?

Criança 6: Tia, meu irmão foi lá na mata pega jaca. Ai tinha um macaco lá. Os macaco tava começando a tacar um monte de fruta. Eu sai correndo com meus amigos.

Nilza: Dejair continua que eu só dei uma...

Dejair: Agora deixa, eu vou explicar pra vocês o seguinte: alguém sabe o que é curva de nível? É o seguinte, vamos fazer as cova em curva de nível pras cova fica certinha, retinha. Se eu não fizer as curva de nível, vou fazer as covas de qualquer maneira, tá vendo? O que vai acontecer é que aquilo ali é uma bagunça danada. Ai como eu vou arrumar essa bagunça aqui? Uso a curva de nível pra elas vim certinho botar a trena. Sabe o que é nível? Já viu aquele negócio de fazer obra, que bota o nível em cima da parede?

Criança: Eu já.

Dejair: Então, isso chama-se curva de nível. Nós trabalhamos com aquilo. Levamos retinho, quando a água fica no meio certinho, é pra por a cova que tá na curva de nível. Se a água descer tá fora de nível. Então a gente faz a curva, depois faz a cova. Se começar a cair aquela aguazinha tá errado. Tem que fazer tudo de novo. Tem que procurar o meio pra essa água ficar certinha. Tem que fazer a curva certinha. Tá vendo? O alinero... vai ficando certinho. Não tem bagunça aqui. Cês tão vendo? Aqui não dá pra fazer no quadro pra vocês ver.

Gildete: Pode fazer. Ó ele vai explicar o que que é, como é que faz. Faz ai no cantinho.

Dejair: Não posso fazer as covas na direção uma da outra, isso chama-se pé de galinha. Quer dizer, duas covas em cima e uma embaixo. Porque aqui em baixo vai entrar outra curva de nível. Então vai entrar uma outra aqui. Na mesma forma na de cima. Agora se eu fizer sem a curva vai ter uma cova aqui, vai cair outra aqui, vai cair outra lá. Então vai ter uma bagunça

danada aqui. Ai como é que eu vou plantar aqui as mudas? Tem que pôr elas alternadamente. O que quer dizer alternadamente? Quer dizer, são vários pé. Vamos supor, aqui eu planto um pé de goiaba, aqui eu planto um pé de manga, só um exemplo, aqui eu planto pé de jaca, alternadamente.

Criança: Bananeira

Nilza: bananeira não pode

Dejair: Bananeira não pode. Eu fiz curso, escutei palestra.

Gildete: Então o senhor não sabia. O senhor num trabalhava em outra área? Então o senhor não sabia nada de reflorestamento.

Dejair: Não sabia. Eu trabalhava na indústria. Eu comecei a trabalhar por causa dela (Nilza) através de um amigo meu.

Gildete: Claro. Você que conseguiu pra ele?

Dejair: Ela que arrumou trabalho com o Titi que era o engenheiro do reflorestamento. Eu fiquei desempregado, ela “o meu marido tá desempregado. Arruma uma vaga pro meu marido”. Ai, aos poucos, fui aprendendo. Depois fiz capacitação. Vocês tão estudando aqui, não tão? A professora tá capacitando vocês pro próximo ano vocês passar de ano, não é isso? Então vocês precisa da professora.

Gildete: A Larissa (nome fictício) quer falar.

Criança: Por que faz isso tão raso?

Dejair: Se eu pegar as mudas, elas vêm no máximo num saquinho assim, pequenininho. Antigamente vinha 1000 mudas de uma vez. Agora não vem mais. Agora vem 200, 300 mudas. Bem pouquinho muda agora. Então eu tenho que pegar o saquinho, cortar, botar com carinho na cova pra poder planta. As árvores que serão plantadas ao Sol devem ser adubadas. Adubo orgânico.

Criança: Molhada.

Dejair: O quer dizer adubo orgânico?

Criança: É tipo uma caixinha, ai coloca areia, ai coloca casca de fruta, ai coloca aquele negócio de abóbora. Eu já fiz, aí tinha um monte de minhoca.

Dejair: Areia não, terra preta. Pode ser vermelha. O adubo orgânico é o ideal pra que vai trabalhar. E tem outro tipo de adubo orgânico que é a folha, o capim. Vocês podem usar abóbora, mas folhagem também pode ser adubo. Tanto animais mortos que cai na floresta. Que cai no solo.

Criança L.: Lá na minha casa tem um mato lá atrás, perto da grota, aí eu peguei e botei a caixinha lá.

João Marcelo: Mas você sabe o que aconteceu quando você colocou tudo junto e misturou?

Criança L.: Virou uma mistura de alimento. E ficou cheio de minhoca.

João Marcelo: A casca da abóbora, da banana estragaram ou continuaram iguais?

Criança L.: Não. Quando estragava, a gente tirava e colocava outra.

João Marcelo: Então o que acontece nisso? Ela vai formar uma terrinha preta que é a casca da banana, da abóbora ela tá cheia de vitaminas. Naquela terrinha vai voltar todas as vitaminas. Tudo que tinha na abóbora, na banana fica na terrinha. Então você vai jogar aquela terrinha de volta no chão. Ai você vai colocar a semente... o que ela vai fazer? Vai crescer e se alimentar daquilo. Que nem quando vocês eram bebês, vocês vieram de onde?

Crianças em coro: Da barriga da mamãe.

João Marcelo: Como é que vocês comiam?

Criança: Pelo cordão umbilical.

João Marcelo: Quando você coloca uma sementinha na terra, o que acontece?

Crianças falam em coro ao mesmo tempo...

Gildete: Gente, quando vocês colocaram o feijão no algodão e molharam o que aconteceu com o feijão?

Criança: Ele estourou.

Gildete: Ele estourou e abriu e ai saiu o que dele?

Criança: Um caule e uma raiz.

João Marcelo Essa raizinha tinha o que? É o mesmo cordão umbilical que vocês tinham também na barriga da mamãe de vocês e fica comendo todas aquelas vitaminas que tem no chão. Ai vai crescendo, crescendo e vai ficando do tamanho de você e vai crescer mais e mais e mais. Vocês sabiam que a árvore é importante pra gente?

Crianças em coro: Eu sei.

Criança: Ela puxa o gás carbônico e libera o oxigênio que a gente precisa.

João Marcelo: O que é gás carbônico? Ele deixa nosso ar o que?

Crianças em coro: poluído.

João Marcelo: Então dá pra respirar?

Crianças: não.

João Marcelo: Se a gente colocar um monte de árvores aqui na Formiga o que acontece?

Crianças: vai ter mais ar.

João Marcelo: Vai ter um ar mais limpo.

Dejair: Então é o seguinte, a gente abre o saquinho e bota, com o maior carinho, dentro da cova. Depois a gente abre outro e vai plantando devagarinho. A gente não pode plantar rápido porque senão vai cortar as mudas, então tem que plantá-las com muito carinho. Igual os pais e as mães que tem carinho com os bebês. Eu não apresentei, esse é meu filho Alexandre que trabalha também comigo há muitos anos. Pode fazer pergunta também que ele responde. Ele tem capacitação.

Nilza: Teve uma criança que fez uma pergunta importantíssima: “por que não pode plantar bananeira?”.

Criança J.: Foi eu que perguntei.

Gildete: Ele vai explicar. Qual é seu nome?

Alexandre: Meu nome é Alexandre pra quem não conhece. Acho que tem uns aqui que já foi meu aluno na capoeira. Alguém já cortou a bananeira?

Nilza: Ele também dança charme

Gildete Alexandre, a gente aqui na nossa turma a gente tem um plantador oficial. Ele tem no quintal dele. Ele planta bananeira. Ele planta cana. Tudo que você que ele vê pela frente ele vai plantando. Ai ele falou assim : “tia, eu plantei a bananeira e tá cheio de filhotinho”. Eu não entendi o que quer dizer filhotinho não, mas ele garante que a bananeira deu filhotinho. É o Jhonatan. Se você quiser saber alguma coisa pergunta ele que ele te fala.

Alexandre: Quem já viu bananeira?

Crianças em coro: Eu já.

Alexandre: Alguém já cortou, já viu em corte uma bananeira?

Crianças em coro: Eu não.

Criança: Eu já.

Alexandre: Eu vou fazer uma pergunta pra vocês: O que a bananeira contém?

Crianças em coro: Banana.

Alexandre: Banana. Além da banana, mais o quê?

Criança: Água.

Alexandre: Isso! O que acontece, a bananeira contém muita água, então em encosta ela fica muito pesada. Quando bate a chuva tem deslizamento, porque ela é pesada, o que que ela faz? Ela tomba. Então o deslizamento pode ser um pouco pior. Se tiver num lugar que tem vala, ela entope a vala e invés de a água descer naquele local da vala ela desvia. Pode ir numa casa, pode ir em outra encosta e ter um outro deslizamento e bater nas casas. Por isso é perigoso ter bananeira em encosta.

Gildete Tem outra árvore que tenha restrição ou é só a bananeira que acontece isso?

Alexandre: Olha só, devido aos ramos que eu trabalhei, tem árvores que são perigosas, agressivas, igual a figueira. Quem já viu como aquela árvore que dá uns cipós, assim? Essa árvore se chama figueira. Ela é agressiva, perigosa na encosta. Ela é uma árvore mais pra lugar plano.

Gildete Vocês sabem o que é encosta?

Criança: É cheio de descida.

Alexandre: O que acontece, devido a ela não ter um tronco forte, ela tem a tendência de tombar. Por isso é perigoso em encosta.

Nilza: Amendoeira. Não pode plantar dentro do reflorestamento. Porque é um perigo pro reflorestamento.

Crianças: Por quê?

Nilza: Ela é igual a uma praga, ela cresce numa velocidade tão rápida que ela destrói as outras espécies de árvore. Então você não pode plantar dentro do reflorestamento: jaqueira, bananeira, amendoeira. E tem espécie que você planta, que ela aduba, aí que você vai plantar mudas nativas, que hoje se você vai andar aqui já tem árvore imensa, principalmente lá atrás. Mas tem coisa que não pode plantar. Quando você vê, no quintal da sua casa, uma muda de amendoeira, você pode tirar. Porque aquilo é agressivo a própria casa. Aquilo ajuda a levantar o solo. Ajuda a levantar o piso da sua casa. A raiz dela é muito agressiva. Principalmente pra gente que mora em encosta. Então não pode plantar mais amendoeira, jaqueira, figuera. Você não pode ter bananeira, porque isso é muito agressivo pra todos nós.

Gildete A senhora falou das árvores nativas, quais são as nativas?

Nilza: Eles respondem.

Gildete Primeiro explica pra eles o que são árvores nativas.

Alexandre: Árvores nativas são árvores que fazem parte do equilíbrio ecológico latino-americano. Que série que vocês fazem?

Crianças em coro: Quarta série.

Alexandre: Então vocês sabem que nós somos um continente americano. Então as árvores nativas são do nosso continente, que são as árvores que são encontradas só nesse continente. Só na América. É que tem certos tipos de frutas que só são encontradas aqui no nosso continente... Vou te falar... A mangueira não é uma fruta brasileira. Quem conhece pé de jaca? Não é uma fruta brasileira, então não é uma árvore nativa do nosso continente, entendeu? É isso que quer dizer árvore nativa. Alguém entendeu?

Criança: Tio, porque você não fala daquela árvore de ontem?

Gildete Alguém lembra o nome dela? Aquela da tinta vermelha, é qual?

Crianças em coro: Pau Brasil.

Gildete E a outra? Quem lembra? Que tem o lápis.

Crianças em coro: Seringueira.

Gildete Eles querem saber dessas árvores.

Alexandre: Pau Brasil tem na Formiga. Agora eu vou fazer uma pergunta pra vocês, quero saber o que vocês respondem: Pau-brasil é uma árvore nativa ou num é?

Crianças em coro: É nativa.

Alexandre: É encontrada aqui no Brasil.

Criança: Eu sei por que o Brasil se chama Brasil. É porque quando eles chegaram aqui tinha muito Pau-brasil.

Seu Dejour: Quem mais explorou o Pau-brasil?

Criança: Os portugueses.

Criança: Eu sei quem descobriu, o dia, o mês. Pedro Álvares Cabral. Na época de 1500, abril, dia 22.

Alexandre: Alguém já tomou um açaí aqui?

Crianças em coro: Eu.

Alexandre: Açaí é uma fruta nativa. Ela é uma fruta só encontrada no Brasil. Ela é fruta brasileira, indígena. Alguém conhece uma fruta que dá um coco, uma castanha? Alguém já desceu pra cascata e viu?

Crianças em coro: Eu já.

Alexandre: Essa fruta se chama Sapucaia. Ela é uma fruta também nativa. Ela é do Brasil.

Maria Lucia: Deixa eu perguntar: onde tá o pau-brasil aqui na Formiga?

Crianças em coro: Ali, oh.

Maria Lucia: Então depois vocês vão me levar lá.

(Nesse momento começou um alvoroço na sala de aula e há várias falas acontecendo simultaneamente)

Gildete: Olha! Vamos organizar aqui pra gente aproveitar o máximo possível. A gente tem cronograma, tá. Daqui a pouco vai começar Dona Nilza a falar. Os meninos tão falando do reflorestamento e, assim, tem muita coisa que eu aprendi aqui hoje. Cês vão guardando na cabeça de vocês, porque a cabeça de vocês é melhor que a minha. A gente vai retomar isso tudo. Agora uma coisa que eu achei muito importante, tá, pode ser que alguém discorde de mim, são algumas coisas que foram ditas aqui que a gente, enquanto morador da comunidade, que é uma coisa do nosso interesse, a gente trabalha aqui, vive aqui, tem que tomar muito cuidado. Algumas coisas aqui foram ditas que a gente não pode fazer de jeito nenhum pra preservar. Quem lembra?

Criança: A da bananeira.

Gildete: Que não pode plantar bananeira. Por quê? Por que ela retém muita...

Crianças em coro: Água.

Nilza: Na encosta.

Gildete: Na encosta. Aqui em baixo pode.

Criança: Amendoeira.

Gildete: Amendoeira não é nativa, né?

João Marcelo: Não. Não é.

Gildete: Essas plantas são exóticas, quer dizer que vieram de outro lugar. Por que não pode a amendoeira?

Criança: Ela cresce muito rápido, é muito pesada.

Nilza: Deixa eu perguntar: alguém de vocês é que mora na rua Geraldo Braga, na rua 03?

Criança: Eu.

Nilza: Vou falar pra vocês que vocês vão prestar atenção naquilo. Vocês prestar atenção. Se puder fotografar, fotografa e traz pra tia. Ali tem um pé... Uma figueira enorme. Ali na entrada... Quem vai pra Rua 03, aquelas casas que mora toda ali, ela tá levantando o piso da casa todinha.

Gildete: O que tá levantando o piso?

Criança: A raiz que é agressiva.

Gildete: Por quê é agressivo?

Criança: Porque ela cresce muito rápido.

Gildete: E aí ela vai, oh , Carregando tudo.

Criança: E não pode ficar...

Alexandre: Quem é da Rua 03? Essa árvore se encontra na casa da Dalila⁶³.

Nilza: Lembra a casa dela? A raiz dessa, ela levantou dentro da casa dela e ela não consegue mais botar o móvel.

Gildete: O que ela vai fazer?

Nilza: Ela vai... Alguém vai cortar essa árvore. É enorme. Ficou enorme por quê? Descuido e negligência também do ser humano. Por isso que eu falei pra vocês que às vezes muita coisa que acontece na natureza é culpa do ser humano, nós. Não cuida. Quando ela viu aquela árvore o que ela tinha de fazer?

Criança: Podar.

Nilza: Podar. Nem tirar, ela tinha que podar. Agora, hoje, botou a casa dela em risco. Não tem quem some dali. Olha bem... Olha bem a dificuldade que tá. Tem que ir na associação chamar a *Light*⁶⁴, avisar os moradores, desligar a alta tensão inteira, chamar corpo de bombeiro pra cortar. Olha a dificuldade pra trabalhar junto corpo de bombeiro, *Light*, moradores e subprefeitura. Tudo na mesma hora. Por causa de que foi isso? A negligência do ser humano. Agora o morador que fingiu que não tava vendo. A casa era dela. Fingiu que não viu. E agora a casa dela? Ela botou um piso, só que ela levanta isso, a raiz. Se você vê, essa hora você fala: é impossível. E ela vai crescendo, fica enorme. Aí ela levanta tudo. Ai o que vai acontecer? Como cortar? Ela vai cortar, ela vai tentar. O que vai acontecer? O piso, quando arrebentou, arrebentou tudo. Quando tirar a árvore, aí o que vai fazer? Ela vai ter que construir, botar piso de novo. Por que aquilo rebentou tudo. E a copa dela...

Gildete: Gente, só um instantinho, se não, não vamo amarrar. Além disso tudo, da amendoeira e da bananeira, ela falou de algo que é muito perigoso para o Morro da Formiga. Quem lembra? Ela falou ai uma coisa. Não pode fazer que é perigosíssimo. Que até antigamente fazia mais.

Criança: plantar...

Gildete: É o contrário disso. Queimadas. Então isso não pode. Outra coisa, a Dona Nilza tá falando muito em negligência, tá. Pessoas... Por exemplo, plantar uma amendoeira que não pode, plantar a figueira que não pode, não poda a árvore que tenha a raiz que é agressiva, coloca fogo. Pergunta pros universitários: o que justifica essa negligência? Por que as pessoas são negligentes?

Nilza: Falta de conhecimento.

⁶³ Nome fictício

⁶⁴ Companhia responsável pelo fornecimento de energia elétrica.

Gildete: Falta de conhecimento. Então o que vocês tão fazendo hoje é isso. Por que eu, por exemplo, poderia plantar tranquilamente e ia achando que estava arrasando. Eu sou mágica plantando uma amendoeira. Então...

Maria Lucia: Tô tentando colaborar pra natureza e acaba fazendo errado.

Gildete: Então o que vocês estão fazendo aqui hoje é isso: vocês tão passando um conhecimento que vocês têm e que a maioria das pessoas não tem. E aí a gente acaba negligente por falta dessa informação. Agora olha só, acabou o tempo do reflorestamento e a gente vai pegar agora a Dona Nilza.

Dejair: Deixa eu falar só uma coisa: esses conhecimentos que vocês passa pra frente. Não guarda só pra vocês.

Gildete: A gente vai ter depois uma roda de conversa pra gente não perder a oportunidade da Dona Nilza contar. Quem tá com alguma dúvida, na roda de conversa tira.

Nilza: Maria Lucia – Sua última pergunta.

Criança: Por que depois daquela chuva vocês bota fita vermelha?

Flávia: Marcação. Vocês marcam as árvores

Alexandre: Tem um estudo de espécie de árvores, crescimento, poda, se tá se adaptando ao reflorestamento. Então é uma pesquisa que eles tão fazendo, então essas árvores tão sendo marcadas. Não sei se essa fita vermelha é feita por vocês, mas tinha um grupo que tava marcando as árvores, mas não era com fita vermelha, era com plaquinhas, entendeu?

Nilza: Antes de eu começar, vocês também não falaram uma coisa que é importantíssima pra eles, porque o projeto da abelha. Ninguém perguntou.

Gildete: Tem projeto de abelha?

Alexandre: Quem lembra que eu falei das árvores nativas? O que são árvores nativas? São árvores...

Criança: Aqui do Brasil.

Alexandre: Aqui do Brasil. Isso ai. A gente trabalha com as abelhas nativas, brasileiras. São abelhas sem ferrões. Abelhas nativas do Brasil são abelhas sem ferrão. Vou explicar pra vocês: são duas espécies de trabalho, se chama apicultor, são abelhas com ferrões, e melipolicultor, que são abelhas sem ferrão. Nós fizemos um curso de melipolicultor para trabalhar com abelhas aqui na Formiga. Eu sou formado, ele é formado, o engenheiro também é formado. A Nilza também fez esse curso. Trabalhamos com espécie de abelhas sem ferrão. São três espécies que trabalhamos. As três são nativas do Brasil. Mas tem mais de 43 espécies nativas sem ferrão. Aqui trabalhamos com três espécies que são: a Monassaia, a Jataí e a Ieraí, entendeu? Pote de mel tem, mas não é aquela coisa igual a abelha Apis, todo mundo conhece a abelha Apis como a abelha africana. Então a abelha nanica é no potinho, a Apis é a do favo, né? É uma coisa bem abundante. É diferente da nativa. A nativa é só um potinho de mel. Que acontece trabalhando com isso? Ela faz a polinização das espécies das árvores que são frutíferas e cresce um mundo de frutas devido à polinização dessas abelhas.

Maria Lucia Entenderam então por que a abelha... Na verdade não é só pro mel. Pra que que é as abelhas? Ele acabou de falar. Esse tipo de abelha que tem aqui na Formiga.

Criança: Pra ninguém matar elas.

Maria Lucia: Não. Por que tão cuidando dessas abelhas aqui?

Gildete: O que as abelhas tão fazendo?

Dejair: Elas não são pra comercializar.

Alexandre: O que elas fazem na flor?

Crianças: néctar

Alexandre: Vou explicar pra vocês. A abelha pousa na flor, ela tira o néctar, puxa o néctar, quando ela tá puxando o néctar, tem um coisa na flor chamada pólen, o que acontece? Aquele pólen agarra nas patas da abelha. A abelha sai de uma flor e vai pra outra fazer a mesma coisa: ela vai catar o néctar. Aquele pólen que tem na pata dela mistura como pólen da outra flor, o que acontece? Cresce a fruta. Entendeu? Ela cresce e faz fruta. Se chama polinização.

Dejair: Professora Gildete, se a senhora quiser marcar um outro dia pra gente tá aqui vamos passar um filme pra você.

Maria Lucia: Tem como a gente visitar o reflorestamento?

Dejair: Tem como.

Nilza: Presta atenção. Eu tenho outra turma quinta-feira. Mesmo que não dê pra mim fazer tudo pode me chamar, eu venho também. Mesmo que não tiver, eu venho mesmo pra gente aprofundar um pouco mais. Vamo falar um pouquinho da história da Formiga.

Nilza: Uma das moradoras mais antigas daqui, agora nem tá morando aqui, a filha teve que levar pra Jacarepaguá. Ela tá com 105 anos. Ela veio pra Formiga com seis ano. Tem família aqui que nasceu na Formiga. O irmão tá com 87 ano e nasceu na Formiga. Eu nasci na Formiga. Eu nasci até em casa num setor chamado Curuja pela mão de uma parteira. Porque antigamente a gente não tinha hospital atendendo hoje como temos o SUS. E foi uma luta pra implantar o SUS. Eu nasci em casa. Então eu moro na Formiga há mais de 60 ano. Lá na Coruja. Uma coisa que eu vi uma diferença da comunidade hoje contra a comunidade de lá atrás, é que a gente tinha muito mais liberdade. A gente não tinha coisa que a gente tem hoje, você não tinha televisão, você não tinha geladeira, você não tinha fogão a gás, só tinha rádio. E uma coisa que era até um pouco de diferente das crianças de hoje, é que os pais da gente obrigava a gente a assistir a Voz do Brasil, que dizia que a gente aprendia coisa. A gente, conforme vai tocando o barco, a gente vai junto, as vezes a gente nem tem conhecimento daquilo que a gente tá falando pros pais da gente. Vou fala pra vocês, a Formiga não tinha luz; a gente não tinha luz elétrica, era vela, era lamparina, que eu nem sei se vocês conhecem; era ferro de carvão de passar roupa. Hoje, a tecnologia que todos nós temos, e às vezes você tem a tecnologia, mas não usa a tecnologia como deveria de usar. Vocês fica tudo naquela maluquice agora caçando Pokémon, acharam algum dentro da escola?

Criança: Lá fora.

Nilza: Entendeu? Que é um uma coisa muito errada que nós fazemos e que nossos pais também fazem, hoje não ensinam a criança a lê, não ensinam a criança a escrever,

interpretação de texto não ensina. Porque quem sabe, aprende, você não é manipulado por ninguém. A pessoa que sabe das coisas não é manipulada. Então o que aconteceu com o Morro da Formiga? A Formiga foi fundada lá no começo do século, na época do Império. Isso aqui era uma fazenda, era uma fazenda de café. Ai depois foi evoluindo, acabou vendendo, né. Aonde era o Império da Tijuca, morava uma condessa. Condessa ou baronesa. Ai vocês vê como as coisas foram evoluindo. Antes de falar um pouquinho da história daqui, na década de 60, que a gente não tinha direito a escola. Não tinha direito a educação. Essa escola, a escola Jornalista Brito Broca foi fundada na época da ditadura militar. Que a gente não tinha direito a escola, era todo mundo que eu falava professor, eu falo que era educadores sociais; que era tia Bela, que era da creche. Você tinha tia Maria, que era uma cabocla que morava ali e ela nunca pode ter filho e o sonho dela era fazer uma creche, e você teve agora essa creche Ronaldo Gazolla, que foi um excelente secretário de saúde, era o cara certo no lugar certo. Então começou a luta das associações de moradores. A luta pra construir a associação dos moradores foi na época da ditadura militar... Que reunisse o povo pra discutir o seu direito, e mulher não tinha o direito de falar, mas já tinha a mulher de luta. Aqui era Formiga, Borel e Jacarezinho. O Borel era onde ficava os líderes comunitário pra não ser pego pelo DOPS. Ficava escondido no Borel. Hoje mudou a história da comunidade, que a história não era essa. Jacarezinho a história não era essa. E ai foi feito. E aqui, na década de 60, em 64 foi fundada a associação de moradores. Mas a discussão começou em 62. Foi fundado por dois grupo, um grupo da igreja católica; a Maria José que foi a primeira secretária de associação de moradores. E o outro foi a igreja batista, que foi as duas fundadoras da associação de moradores. E o primeiro presidente da associação se chama Nilo Severo Ribeiro, que tem um retrato dele que eu não deixo botar fora, que é o pai do Quimquim que mora aqui, do Joaquim. Teatro na comunidade, cinema, tudo ao ar livre. Era tudo ali que fazia. Então vinheram a luta pra melhorar a comunidade, porque o poder público não investia na favela. Favela era patinho feio, era coisa ruim, não tinha nada que prestava. Então quando chegou na década de 80, porque antes da década de 80 a associação trabalhava assim, todo morador era sócio e ia na sua associação, se reunia, e o que o povo fazia? Casava-se dinheiro pra fazer mutirão pra fazer pavimentação. Só que tinha uma coisa, nossos pais tinha um pouco mais de consciência ecológica, por que na origem da Formiga quase todo mundo veio de Minas (Gerais). Quase todo mundo era mineiro. Quem não é mineiro é filho de mineiro. Pode fazer uma pesquisa aí que você vai ver. Então o que você tinha? Você tinha o rio Cascata, a gente bebia água de dentro do rio, a gente tomava banho dentro do rio. Era limpíssimo. Você não tinha uma coisa que veio destruir: garrafa PET. Não existia isso. Que deveria ter uma legislação que dono de garrafa PET era obrigado a recolher garrafa PET, tinha que ser obrigado por lei. Porque não tinha bolsa plástica, a gente tinha bolsa que levava no mercado. Você não tinha saco de leite, caixinha de leite. A CCBL é aqui em baixo perto da gente. Você tinha aquela vasilha de alumínio, você ia compra. Os pais da gente às vezes era tão pobrinho que eles usava... vocês num deve saber, mas comprava goiabada, marmelada em lata. Ai os pais da gente fazia prato pra gente naquilo ali.

Gildete: Reutilizava as embalagens do doce.

Nilza: Exatamente. E nós fomos crescendo assim. Era uma vida muito sacrificada. Não tinha direito a escola. Não tinha! Os pais da gente, você tinha o Colégio Barão de Itacuruçá e Soares Pereira que era pra grande Tijuca. Minha mãe, pra matricular a gente na escola, ela ficou uma semana dormindo na fila da escola. Então teve muita luta pra hoje vocês tão no direito

à educação, mas muitas vez não valoriza. Quem fazia malcriação com o professor? Num fazia não. Não fazia não que o negócio ficava estreito com a mãe da gente. Por que era tão pouca escola e a qualidade da escola pública era excelente. O que acontecia? Uma coisa muito contrária, só ia pra escola particular as criança que quase não aprendia nada, num sabia, num queria nada. Porque a escola pública era pra todos, tanto o filho de classe média alta como o filho do pobre. Então a gente valorizava nossa escola.

Gildete: Só que tinham poucas vagas?

Nilza: Quase não tinha vaga.

Nilza: Então os pobre não ia porque a escola era de tanto valor que se pegava o filho da classe média ia primeiro, o filho do militar, o filho disso, o filho daquilo. Quem tinha dinheiro ia primeiro. Hoje vocês tem tudo e não valoriza. Isso aqui custa dinheiro, dos impostos. A gente tem que tomar cuidado com isso. Uma sala, isso aqui, quando foi construído a escola Brito Broca diziam que a gente tinha luxo, porque foi feita a escola Brito Broca... Que aqui era a escola, aqui onde a gente tá, aqui por trás era o posto policial, porque, quando eu nasci, eu nasci em 1952, já tinha posto policial na Formiga. Porque a polícia fazia a repressão pra num construir casa no alto do morro. Então você tinha aqui, quando falou que ia fazer aqui a escola que a população participava... Reunião de escola, às vezes você tinha que fazer no meio da rua, porque era tanta gente que vinha pra reunião que quando falou que vai acabar o posto policial, onde é a UPP aqui era a associação de moradores. Os membros daquela época preferiu desativar a associação, ficar interino de rua em rua a associação e ali ficar o posto policial e aqui botar a escola. Pra você ver como era. E os filho cuidava. Quem limpava a escola Barão de Itacuruçá era a gente que era aluno. Eu ficava boba. A escola era super encerada. Não tinha direito a uniforme, não tinha direito a material, não tinha direito a merenda. Eu apanhava muito pra comer mingau de sagú. Aquilo era um terror. Comer carne de baleia era um terror. Eu aprendi comer carne de baleia na escola. Então quem ia pra escola limpá? Quem ia pra escola fazer a comida? As mães dos alunos, porque valorizava aquilo que tinham. Por isso que tô falando isso com vocês, vocês tem que valorizar o que vocês têm. Tem professor? Aproveita. Não sei, tia to ruim em matemática, me ensina. Hoje quando fala assim “num vai ter aula”, “ai que maravilha”, sai todo mundo voado. Mas tem que ser o contrário. E assim, gente, foi à luta da associação. A primeira luta...

Maria Lúcia: Deixa eu fazer uma pergunta, por que o nome Formiga?

Nilza: Porque o seguinte, primeiro porque aqui tinha, ainda tem muita formiga tanajura.

Criança: Ali perto da Rua 02 é muita tanajura.

Nilza: Não sei se vocês já viram formiga tanajura.

Crianças: Eu já.

Nilza: Primeiro porque aqui tinha muita casa de formiga. Como era todo mundo da mesma coisa social, aqui trabalhavam muito na união, junto. Então eles ficavam achando que o pessoal subindo, porque você não tinha asfalto, nada disso, era de barro, que meu pai trabalhou ajudando a abrir isso pra hoje ter essa rua até aqui. Então ele trabalhava muito na união, pessoal junto, todo mundo em conjunto. Até hoje tem mania. Um compra material, o outro carrega, ajudando o outro até hoje.

Alexandre: Eu tive com um dos biólogos que trabalhou comigo andando na Formiga e vendo espécies de árvore que tem dentro da casa. Ai nós fomos nessa, ele fez uma pesquisa, né, e me apresentô que o primeiro nome aqui não foi Morro da Formiga, foi conhecido como Morro dos Cabritos. Ai depois, devido a essa história que a Nilza contou, história não, fato que aconteceu ai, ficou conhecido como Morro da Formiga.

Nilza: Isso que ele tá falando há mais de 100 anos atrás.

Alexandre: É. Há mais de 100 anos atrás, nas pesquisas era conhecido como Morro dos Cabritos. Depois que trocou o nome.

Nilza: Mas isso é ideia desse biólogo, Entendeu? Mas a pesquisa da época do império é Morro da Formiga. É por causa dessa união. É união mesmo. Ia subir uma coisa era todo mundo. Levar uma pessoa doente...-Você olhava assim, era muito engraçado, os caminho era assim, ai você via aquelas senhora com trouxa de roupa, carregando lata, todo mundo. Tudo era assim, por isso que tem esse nome.

Alexandre: O Morro da Formiga fez muito parte do império porque, até então, tem muitas pessoas que são mineiros e portugueses.

Nilza: É. Isso que eu ia falar. Aqui teve duas classe, se teve português, se teve italiano e você teve alemão, inclusive essa casa de uma família alemã, essa casa tem até hoje, a casa da Lúcia que mora na Rua Paulo de Queiroz, na Rua José Lopes, ali morava um grupo de alemão. E outra coisa, Formiga é dividido. Tem um pedaço que é malha formal. Malha formal é rua reconhecida, tem habite-se, tem tudo; que é Rua Camaioire, Soprassasso, Belvedere, Castelnuovo, Paulino Nogueira, Jocelina Fernandes.

Criança- Rua 03.

Nilza: Não. Rua 03 é Geraldo Braga. Isso é lá do começo da guerra que houve, ai botaram esse nome. Se vê, o nome do Morro da Formiga...

Gildete: Desculpa. Eu perdi um pedacinho ai dos alemães, dos italianos, o que que foi?

Nilza: Isso é morador que tinha aqui, que morava aqui. Na malha formal.

Gildete: Famílias que moravam aqui.

Nilza: Moravam aqui. E o mais engraçado...

Gildete: Espera ai. Misturou mineiros...

Nilza: Mineiros que veio. Ai o que eles tinham? Eles faziam uma divisória, favela eles consideravam lá em cima, lá pra aquele pedaço.

Gildete: Lá pra encosta?

Nilza: É lá em cima. E quem morava aqui pra baixo era malha formal. Pra você vê que tem gente que veio o IPTU veio agora 1800, 3000 reais.

Gildete: IPTU das pessoas que mora mais aqui em baixo?

Nilza: O IPTU da Formiga. De onde vem isso? Paga igual do Leblon. Tem cada história aqui na Formiga que é muito interessante. O meu veio pouco esse ano, só veio 280. Mas todo mundo dessa malha formal pra baixo paga caro. Isso aqui foi loteado depois, essa fazenda, por uma companhia chamada Sulamérica. Ela loteou um pedaço da Formiga. Então quem

tinha um poder aquisitivo comprou. Quem não tinha, foi morar lá pra cima. E aí, tá morando até hoje. Eu adorava mora lá em cima.

Gildete: Então o pessoal que veio de Minas foi mora onde?

Nilza: Foi morá um pouco lá no alto.

Gildete: Então eram pessoas mais pobres?

Nilza: Mais pobres. E ainda tinha uma coisa, no alto tinha água. Aqui em baixo não tinha. Entendeu?

Gildete: Por quê?

Nilza: A gente vivia com sociedade de água. A gente captava água da mata, da mina, Tiago (criança), quando você ouvir que na minha casa tem nascente na mina d'água é isso.

Dejair: Quando água cai lá em cima, ela fica armazenada e não tem como descer. Agora deixa eu discordar um pouco de você, porque ela falou do rio Cascata, você já ouviu falar do filme "Tarzan no Rio"?

Crianças: Eu já.

Dejair: Então debaixo da cascata, aquela pedra, lá no final da rua havia uma cachoeira. Então essa artista tomo um banho ali, na cachoeira. Tirou a roupa e fico totalmente nua.

Nilza: Porque o rio Cascata... Vi o rio vivo, vi o rio morrendo e vi o rio vive...

Gildete: Por quê? Já foi pior do que agora?

Nilza: Teve uma época que tava pior. Antes você pegava peixe, camarão, carangueijo tudo dentro desse rio. Primeiro, cê tinha as casa muito interessante. Como a pessoa era poder aquisitivo mais baixo, mas cuidava mais da natureza. Você não tinha banheiro, não tinha ligação de esgoto, você tinha aquelas fossa, só que família não fazia o banheiro perto de nascente de água, fazia afastada. E era fossa, então quando aquela fossa séptica encheu, eles botava o banheiro em outro lugar. E não jogava um detrito dentro do rio. Você podia subir da escola pegar água e beber no rio. Hoje você não faz isso. Agora o rio está poluído por quê? É aquele negócio que eu tava falando, a falta de consciência que o povo tem. E tem uma coisa gente, a comunidade era muito mais unida na participação, em tudo. Se um jogasse o outro ia cobrar dele, ai não é lugar de você jogar não, tira. E hoje tudo virou uma salada mista só. Uma confusão danada. Você tinha o guardião do rio limpando. Não pode o guardião do rio acabar de colher tudo e a comunidade deixar de tirar. Num tem governador, prefeito, não tem ninguém. Se a gente não tiver consciência nunca fica limpo. É impossível, eu to vendo lá perto da associação, o cara pegou agora, tirou o sofá da casa dele e joga dentro da drenagem, um sofá enorme.

Criança: O que é drenagem?

Nilza: Drenagem é onde desce a água da chuva. Ele não vai prejudicar a casa do outro em baixo? E entra na galeria e entope tudo.

Criança: Por que ele não tirou de volta?

Nilza: Porque ele não tem consciência.

Criança: Quem tirou?

Nilza: Ninguém tirou ainda. Tá lá. Eu vô tê que arranjar alguém pra ir lá e tira.

Criança: Meu pai ajuda. Meu pai é forte.

Nilza: Vocês fizeram uma pergunta também sobre saúde.

Gildete: Tinha já o posto de saúde?

Nilza: Presta atenção. O posto médico da Formiga, esse posto aqui, foi inaugurado em 1987. E ele acabou sendo inaugurado mesmo em 88 na chuva, na enchente, que morreu muita gente na Formiga. Morreu criança, porque desabou o que tava na mata. Porque o reflorestamento não tava tão consolidado do jeito que tá agora. Ai ficou desabrigado gente. Eu trabalhei muito nesse movimento. Ai o povo ficou aqui, mas queriam destruir a escola, o povo do Colégio Padre Pereira acabaram com a Escola Padre Pereira, destruiu tudo. Destruiu todo o colégio Padre Pereira na Pracinha Xavier de Brito. Quando saiu os desabrigado teve que reformar a escola. Porque achava aquilo um absurdo. Então o que aconteceu com a gente aqui? Nós do posto de saúde. Antes de ter o posto de saúde tinha um médico chamado Dr. Benildo que vinha e atendia a gente. Só que a gente não tinha direito à saúde. O único hospital que atendia gente de cor era o Souza Aguiar. Mulher pra ter neném ia pro Hospital Fernando Magalhães, que falava que era o matadouro. Hoje, com o SUS que implantou, todo mundo tem direito igual, foi uma luta pra implantar o SUS. Quando foi implantado o SUS, eu fui pra Brasília, eu fiquei cinco dias, não só eu, um grupo, negociando com deputado federal, senadores pra aprovar o SUS.

Maria Lucia: O SUS é o Serviço Único de Saúde.

Nilza: Que todo mundo aqui hoje tem direito. Mas foi uma luta que teve atrás. Então ele atendia, depois a associação atuou, na chuva de 66, que desabou o morro. Já tava pelado, caiu pedra, desceu barranco, caiu casa, caiu tudo, porque o morador também corta pra fazer casa... Assim, você pra fazer uma casa tem que cortar assim plana. O que aconteceu? Em 88 foi feito um plebiscito no morro. Todo mundo sabe o que é plebiscito? A comunidade vai dizer pra associação qual os projeto que quer que a associação atua. Ai foi feito por votação de todo o Morro e decidiram pra associação lutar pelo posto de saúde, pelo reflorestamento, pela urbanização como um todo, cuidar para ter pra ter água, ter esgoto, porque esgoto era tudo a céu aberto, era pavimentação, urbanização como um todo, fazer caminho, pavimentar as ruas, fazer tudo. Então começo a luta pra fazer isso. Outra coisa que eu vou falar pra vocês. Em 66 e em 88, essa escola aqui tem a história dela inserida junto com a Formiga. Porque foi através de uma diretora Ana Maria José, nas assembleia ela participava de todas. “Vamo discutir os problema do morro”, e ia junto com a população. Eu nunca estudei aqui, mas eu tinha um respeito muito grande pela Dona Maria Eugênia, entendeu? E ela conhecia cada pai e cada mãe, só que tinha uma coisa, quando a diretor chamasse ou a professora chamasse os pais pra vir na escola, os pais também tava juntinho. A gente tinha que cuidar daquilo que era da gente. Aí fez escola, botou a escola pública, depois lutou pelo posto de saúde, pelo reflorestamento, a tirar as casas da área de rio. Até em 1988, nós tinha 12.623 moradores. Hoje nós temos 7.000 porque muita gente saiu. Foi muito desastre, desabou muita coisa. Morreu muita criança. A dor que me deu no meu coração... O pelotão da bandeira do Colégio Almirante Barroso, a menina morreu aqui soterrada ali. As duas alunas da escola. Foi uma loucura. Desabava muito. Agora não, com luta da associação construiu contenção de costa, fez o reflorestamento, você tem pavimentação, fez drenagem, então quando tá chovendo a

água desce certinho no lugar. A única coisa que a gente precisa é da gente juntar os esforços. A gente resolver o problema desse rio. É esse que é o principal, esse é o gancho, porque isso é benefício pra nós todos. Eu até lembro que uns anos atrás, você tinha muita mulher, pessoa que lavava roupa em casa, hoje não tem mais. Onde que lavava roupa? Era tudo no rio. Não era máquina de lavar.

Gildete: A gente pode dar uma paradinha que eles estão querendo ir no banheiro e fazer um lanche? Depois agente retorna para fazer uma roda de conversa.

Após o intervalo e o lanche...

Gildete: Agora, gostaria que falassem mais sobre o reflorestamento e o rio. Pra gente tentar entender se o reflorestamento tem alguma coisa a ver com o rio Cascata. Se tem. Se não tem. E se tem, o que o reflorestamento tem a ver com o rio Cascata? Quem quiser começar, começa. De preferência, vocês. Quem quiser falar ou perguntar vai levantar o dedo, tá? Pra gente ter uma conversa bem produtiva. Querem falar, começar? Primeiro: tem alguma coisa a ver o reflorestamento com o rio Cascata?

Paulo Sérgio (Toliu): Tem. O rio Cascata com o reflorestamento porque a maioria da limpeza do rio Cascata... O mutirão... A base é o reflorestamento, que nós faz a limpeza. Nós temos o mutirão, e o mutirão pra limpar o rio Cascata, a base é o pessoal do reflorestamento que vai.

Gildete: É o mesmo grupo?

Paulo Sérgio (Toliu): Não é o mesmo grupo. Tem cinco do reflorestamento que vai fazer aquela base pra nós fazer a limpeza. Tem eu, ele, Seu Dejair, o Negão...

Gildete: Que faz o quê? A limpeza?

Paulo Sérgio (Toliu): Que faz a limpeza do rio Cascata.

Gildete: Então tem um mutirão dentro do mutirão. É isso?

Paulo Sérgio (Toliu): Isso. Nós temos um mutirão. Nós temos cinco, seis voluntários que faz parte do reflorestamento.

Gildete: Gente, cês tão entendendo isso? Tem o mutirão, é um grupo de seis pessoas, é?

Paulo Sérgio (Toliu): Não. O mutirão tem uma base de umas 15 pessoas.

Gildete: No mutirão tem 15 pessoas que limpa o rio.

Paulo Sérgio (Toliu): Todo mundo voluntário.

Gildete: Eles são do reflorestamento.

Paulo Sérgio (Toliu): Tem seis voluntário que é do reflorestamento. Ai junta seis com mais nove pessoa, e vai ter alguns que faz parte do mutirão mesmo e junta pra fazer a limpeza do rio.

Gildete: Então existe um mutirão pro rio?

Paulo Sérgio (Toliu): Isso.

Gildete: E como vocês fazem a limpeza? Como é que faz isso?

Nilza: Junta um grupo de moradores e combina o dia que vai ter. Combina que uma que é até o responsável que puxa esse mutirão é a Nanci que tava aqui. A Nanci Rosa. O Dornel que organiza o mutirão pra começar a limpar. Às vezes mobiliza a comunidade, mas tem lugar que mesmo mobilizando a comunidade não vem. Porque eles acham que o problema de um lixo no rio é problema da prefeitura. Tem que ser o governo. E tem um grupo de moradores que acha que não. Que tem coisa que quem tem que resolver somos nós que moramos aqui. O que é verdade.

Gildete: É como é essa limpeza? É de tempo em tempo?

Nilza: É. Começou lá em cima. Fazia toda semana. Agora que deram uma parada, porque você vê que às vezes a comunidade num chega junto. Que nem, você tá limpando...

Gildete: Olha, que a Dona Nilza tá falando é muito importante. Um grupo de pessoas que mora na comunidade se disponibilizam para limpar o rio que eles não sujaram. Tenho certeza que você não joga o lixo lá, porque você não é besta. Ai gente, precisa do apoio... Quantos moradores a senhora falou que tem aqui?

Nilza: Agora tem 7.000.

Gildete: 7.000. 15 limpam. O resto suja? É isso que ela tá falando: que tem 7.000 pessoas aqui, só 15 limpando. O resto sujando. Porque quando a senhora falou do prefeito, o prefeito não veio aqui em cima, tomou um refrigerante e jogou a garrafa no rio. Quem foi?

Crianças em coro: Foram nós.

Gildete: A garrafa não veio voando lá de baixo. Veio? Caiu do céu? Caiu da árvore? Não. Então isso que ela tá falando é muito importante. Porque, Dona Nilza, quando acabou o fórum no sábado, na segunda feira eu contei pra eles tudo que vocês me contaram no fórum. Eles queriam na hora pegar a vassoura e sair limpando o rio. Na hora. Eu que segurei todo mundo. Então pra vocês terem a dimensão o que é limpar esse rio, porque dá a impressão, né, pelo que vocês tão falando ai, que é uma coisa bem simples. É?

Nilza: Não. É assim, porque o seguinte... Organizar um grupo com as mesmas ideias e os mesmos ideais é muito difícil. E muito morador também acha que tem que ser a prefeitura que vem. Então esse grupo acha que muitos assuntos pra resolver onde nós moramos tem que ser a gente pra resolver. Não precisa esperar governo. Não precisa esperar o poder público. Então, o que eu até falo pra vocês aqui, hoje nós estamos tendo esse bate-papo, mas se vocês começar, já desde a idade de vocês, "mamãe, tem que botar o lixo lá embaixo". A família pede pra botar o lixo e muitas crianças às vezes leva a bolsa e joga no outro lugar e volta pra cá.

Gildete: Aqui ninguém faz isso.

Nilza: Aí tem que criar consciência. Outra coisa muito séria, às vezes você passa num caminho com uma bolsa ali, "ah, eu não vou tirar porque não foi eu que botei". Só que aquele lixo vai prejudicar todos nós, não é só o morador que jogou. "Eu vou tirar e vou botar lá no lugar". Pra quê? Pra ir criando um hábito, mania. Quando nós éramos todo mundo cá, a gente não jogava nada dentro do rio. Era botar no rio um vai ter que tirar, porque senão os pais

abaixava o sarrafo. Os pais pegavam a gente de coro. Então a gente tem que cobrar o vizinho, da família, do outro. Sem briga; sem confusão; com educação. Isso faz mal pra nossa saúde.

Alexandre: O lixo armazena água. Armazenando água o que acontece?

Criança: Dá mosquito da dengue.

Alexandre: Isso. Por isso não é bom jogar lixo no rio.

Paulo Sérgio (Toliu): E o lixo dá o que? Rato. A gente bota uma bolsa de lixo, que que vai ali? Ratazana, que vai criar ratinho. Dentro da comunidade tá descendo muita cobra porque ela desce atrás do alimento.

Alexandre: Então você prejudica ali o lixo... Traz o rato. O rato além de transmitir doença, a peste bubônica ou a leptopirose, ele traz a cobra, que pode morder alguém. Entendeu? Até tomar o soro pra ser curado do veneno da cobra, é um lugar bem longe.

Gildete: Me conta como é esse mutirão pra limpar o rio.

Nilza: Aí reúne esse grupo todo, "oh, vamo marcar um dia tal data". Então aquele grupo liga pra COMLURB pra eles trazer a caçamba. Ai ela traz aquela caçamba, bota ali. Ai vai limpando e vai jogando dentro da caçamba pra COMLURB levar.

Gildete: Desculpa minha ignorância. O rio é enorme, que eu já fui lá e cheguei aqui bufando, vocês limpam ele todo de uma vez?

Nilza: Não. Vai limpando por etapas.

Gildete: Cada dia um pedaço?

Nilza: É. Cada vez um pedaço. Teve uma vez que a gente pegou lá de cima fomos até onde é a base da UPP lá embaixo. Tem que organizar o morador porque é o seguinte, Rua da Cascata fica cá em baixo, se juntar o morador da Rua da Cascata limpa aquele pedaço todo onde tá ele. Ai tem esse pedaço aqui...

Gildete: Então formam grupos. Cada grupo limpa uma parte. Vai tirando e jogando na caçamba. E dá pra tirar tudo?

Nilza: Olha, vô te dizer uma coisa...

Paulo Sérgio (Toliu): Só que nós temos uma equipe também fora da limpeza do rio; equipe não, duas pessoas; que é o Luis e eu, nós passa de casa em casa do morador e apanha fogão, geladeira; porque esse fogão e geladeira, o que o morador tava fazendo? Os moradores jogava tudo dentro do rio Cascata. Pra evitar de ele jogar esse fogão essa geladeira, tem um local no final da Belvedere ali...

Gildete: É ali depois do apóstolo que tem... Aquele cemitério ali?

Paulo Sérgio (Toliu): Isso.

Gildete: É vocês que tira e bota ali?

Nilza: Que bota ali pra depois levar.

Gildete: Por isso quando eu passei lá elas falaram: isso aqui é do Morcegão.

Gildete: E ai bota onde?

Paulo Sérgio (Toliu): Daí, eu, e ainda tem outro... Ele vai...

Criança: Vai pro rio.

Gildete: Vai pro rio não. Eles tão fazendo isso pra não ir pro rio.

Paulo Sérgio (Toliu): O que ele faz? Nós temos um machadinho que vai cortando peça por peça. Ai deixa tudo num canto. Ele não tem como colocar tudo dentro do caminhão dele...

Gildete: Eles desmontam aquilo tudo...

Paulo Sérgio (Toliu): Peça por peça.

Gildete: Geladeira, fogão tudo.

Paulo Sérgio (Toliu): Tira ali o cobre, o motor, o alumínio. Tira tudo e vende.

Gildete: Viu gente? Eles pegam aquilo ali, desmontam e vendem. Então por que que vendem? Quem quer comprar aquilo?

Criança: Pra bicicleta.

Gildete: Pra que eles vão comprar pedaço de geladeira, pedaço de...

Criança: Pode ser pra carro?

Alexandre: Aquilo é reciclagem. Olha só, esse ferro, vamo dizer, a cadeira que vocês têm, mesas que você tem, o ferro é um produto que é reciclável. Então você pega o ferro, esse ferro eles vendem. Esse ferro, o que acontece, tem um caldeirão e o cara derrete esse ferro. E outras coisas. Isso tudo é o processo que evita o cara jogar no rio...

Gildete: Mesmo assim tem gente que joga... Como a senhora falou do sofá.

Nilza: Joga. Eles entra dentro do rio e tira.

Alexandre: Só que nós tinha outros trabalho lá que fazer que é focar na garrafa PET.

Gildete: A maior parte do lixo é PET.

Paulo Sérgio (Toliu): Só que PET, nós tamo... Só que o que aconteceu? Nós paramos de juntar as garrafa PET, porque um quilo de ferro, ele custa dez centavos. Nós tava indo leva aquilo pra vende só no frete o cara comia nosso dinheiro todo. Porque tinha que juntar uma tonelada de ferro, mil quilos, ai a gente chegava lá nós botava dentro do caminhão, aí o cara tinha que dá três viagens, ai cobrava R\$ 100,00 cada frete. Não dava lucro nenhum. Nós tava juntando aquele ferro todo, aquele esforço todinho, e não tava compensando. Aí nós fomo deixando ali no cantinho, fomo botando, botando. Ai tamo correndo atrás de um caminhão baú que não cobre pra levar esse ferro todo.

Nilza: Agora professora, não sei se ele ainda tá fazendo isso. O mercado Extra, você vai levando garrafa PET. A família que tem condições... Tem muito filho e tá desempregado, você pega a garrafa PET, leva no Extra e vai entregando. Eles vão te dando cupom. No final do mês, você aproveita. No final do mês, você pode comprar no Extra. Quando você tiver uma quantidade de cupons você vai lá. As vezes tem tanta garrafa PET e a mãe fala assim: não tem como comprar leite, não tem como comprar carne. É só ter coragem, juntar e vai levando. Tem uma menina aqui no morro que mora na Rua Cascata que chama Vera. A Vera tem idade pra poder trabalhar. A Vera paga o INPS dela, paga a Luz, compra o gás, faz compra sabe com que? Vendendo latinha, papelão e garrafa que ela pega aqui mesmo. Só que tem

coragem, aí ela diz... Ela tem um problema lá que ela tem que fazer terapia, ela faz educação física, ajuda a limpar a natureza e ainda ganha o dinheiro dela. Só a pessoa ter coragem.

Gildete: A garrafa PET também tem esse problema do frete?

Nilza: Sim, mas muito pouco.

Paulo Sérgio (Toliu): E tem outras coisas aqui dentro do... A diretora da creche, ela falou assim... Me perguntou... Eu falei assim, vou dar uma opinião pra senhora. O que a senhora podia fazê, às vezes vai fazê festinha pras crianças e lá os pais não chegava junto pra fazer a festa. Eu conversei com ela, a senhora começa a falar com os dois, todo mundo, pra trazer garrafa de PET, as latinha, vai trazendo, vai deixando e vai juntando. E ela fez isso, uma senhora festa na creche Tia Bela... Os produto ia juntando o que os pais dava, garrafa PET, ela arrumou um carro, foi até eu que arrumei o carro como doação, e levou tudo, e deu um dinheirinho.

Gildete: Vocês acham... Tem vários problemas, acho que o principal seria a garrfa PET?

Nilza: É.

Criança: Por quê?

Gildete: Porque tem muita. E reciclar não resolve todo o problema, né?

Paulo Sérgio (Toliu): Resolver, até resolve, só que.... Eu tenho um amigo que só trabalha com garrafa PET, o André. Só que ele tem um maquinário. Ele pega essas garrafa de PET, joga tudo na máquina, tritura tudinho.

Gildete: Pra ele é mais fácil pra depois vender pra fora.

Paulo Sérgio (Toliu): Bem mais fácil. Ele já leva triturado e o preço dá maior.

Gildete: Precisava ter uma cooperativa, né, pra poder organizar isso.

Nilza: O grande problema da Formiga pra botar uma cooperativa é transporte.

Gildete: Tô vendo que o problema maior é o transporte.

Nilza: É de difícil acesso.

Gildete: Partindo desse problema do transporte, a gente vê que reciclar não vai resolver todo o problema. O que a gente pode fazer, então, pra diminuir esse PET dentro do rio?

Criança: Recolhe o que tá lá dentro.

Gildete: Mas ai ele já falou que recolhe depois não tem como tirar daqui.

Criança: Dá pro amigo dele triturar e vender.

Gildete: Mas o amigo dele tá lá no Borel. É difícil pegar tudo aqui e levar pra lá.

Criança: Reutilizar.

Gildete: Vai reutilizar todas aquelas garrafas pra fazer o quê?

Crianças: Guardar água.

Gildete: Agora olha só. Tudo bem, já sei duas coisas aí: recicla, mas não dá pra reciclar tudo por causa do problema do transporte; reutilizar, mas também não vai dar pra reutilizar

tudo. O que mais a gente pode fazer porque tem muita PET no rio? Reduzir. Pelo amor de Deus. Tem muita PET no rio. Vocês estão bebendo muito refrigerante. Então ficava muito mais fácil reduzir, porque não ia ter o problema do transporte. Fala Jessica.

Criança: Pegar as garrafas do rio e joga no lixo.

Gildete: Mas foi isso que eles falaram. Eles arrumam o saco grande, tiram as garrafas do rio, colocam no saco; só que o problema é tirar esse saco daqui. Não tem transporte. Vamos supor, se colocar lá em cima e chutar ele vai descer rolando.

Criança: Leva pra fábrica.

Gildete: Mas como é que vai levar pra fábrica? Ele acabou de falar que o caminhão cobra um dinheirão do frete.

Nilza: Uma solução para diminuir é colocar no local adequado pra COMLURB levar. Muitas vezes você pega a garrafa e joga em qualquer lugar. Não tem aquelas lixeira aonde o gari recolhe? É pegar o lixo com garrafa e tudo e colocar no lugar certo pra COMLURB levar, porque muito morador joga em qualquer lugar. Aquelas garrafas que tá ali, ela não caiu no rio sozinha, alguém jogou ela lá. É a gente criar uma consciência de pegar um saquinho... Que nem mãe, pega o lixo vem pro lugar certinho e bota ali, pra quê? Pra COMLURB levar. Vocês assim morador criar esse hábito de botar no local certo vai diminuir muito, porque a maioria num joga, gente. Vocês podem ver carro na rua, eles caba de beber a latinha o que ele faz? Tem a papeleira. Tem o lugar certinho. O que eles faz? Vupt, joga pela janela do carro, joga em qualquer lugar. Ceis repara bem quem fuma. Às vezes o cara acaba de fumar, pega aquele filtro pela janela. Aquilo ali pra entupir esgoto, pra entupir drenagem é imenso. Aquilo quando molha, ela faz isso, incha. E assim vai. Vocês vê, quem mora naquele prédio rosa ali na Soprasasso, o caminhão da COMLURB passa três vezes na semana na porta do morador. O morador tirou um sofá e joga no rio Cascata. Isso é falta de quê? De consciência. Então o que vocês tão aprendendo hoje aqui trocando essa ideia? Botar nossos hábitos pra funcionar. E hoje vocês criaram uma consciência de muita coisa que envolve os...

Dejair: Por isso que eu perguntei pra você aquela hora quantas crianças tinha aqui. Porque o número de crianças que tão aqui, o conhecimento que vocês tão tendo agora tem muita coisa. Tem muito tempo pra passar esse conhecimento pra outros. Agora vou fazer uma pergunta, vocês quando acaba de beber um refrigerante, o que vocês faz...

Criança: Coloca a coca dentro do saco de mercado e depois taca lá no lixo perto da CEDAE.

Dejair: Tudo bem. Mas tem outra coisa importante...

Criança: Minha mãe pega a garrafa de refrigerante e reutiliza fazendo garrafa pra gente bebe água.

Dejair: Também é importante, mas tem outra coisa...

Gildete: Uma. E as outras dez?

Dejair: Tem outra coisa que não bateu ainda, a importância de quando vocês terminam de beber tem uma coisa importante. O que vocês tão vendo em cima da mesa ali?

Criança: A garrafa vazia.

Dejair: Mas o que elas tão fazendo ali? Elas tão tampadas. O certo é terminar de tomar o refrigerante e tampar a garrafa por causa da dengue.

Gildete: Voltando a pergunta, o que o reflorestamento tem haver com o rio Cascata?

Criança: Muita coisa.

Gildete: O que por exemplo? Já que é muita coisa fala uma só.

Alexandre: É um dos responsáveis ao mutirão pra limpeza do rio Cascata. Mas tem uma outra coisa que traz benefício ao rio. Alguém já ouviu falar de lençol freático? Alguém sabe o que é?

Gildete: Eles sabem, mas não por esse nome, pelo apelido.

Alexandre: Vou falar, é quando a chuva bate, essa água entra pra dentro da terra. Entendeu? Não tendo essa árvore, o que que acontece? Ela bate e vai embora. A árvore dá uma amortecida. Ela bate e penetra no solo pela na raiz. Dali vem a nascente d'água. Essa nascente vai enchendo o que acontece? Ela transborda. Ela sai das pedras. É isso ai que vai formando a água do rio. É por isso que é importante plantação de árvores pro rio Cascata, porque tem esse processo. Lá no reflorestamento, as pessoas falam que a árvore secou a água, não é. A árvore tem grande importância pras nascentes.

Gildete: Dona Nilza, a senhora falou que a senhora viu o rio bonito e depois o rio morreu e nasceu de novo. Quando ele morreu, foi na época que o morro tava careca?

Nilza: Foi.

Gildete: Então foi devido a falta de árvores?

Nilza: Foi também um pouco devido a falta de árvores e outra coisa. Tinha muito capim colonial, que a gente esqueceu de falar que é outra praga. O capim colonial também destrói qualquer lavoura, plantação.

Paulo Sérgio (Toliu): Quando ela falou que o rio nasceu e morreu, porque, ela pegou o rio de um jeito que ela via os peixinhos, depois começou a jogar esgoto dentro do rio e foi poluindo o rio.

Gildete: Olha outro fator que a gente não falou: o esgoto.

Paulo Sérgio (Toliu): Eu catava nesse rio ai caranguejo pra comer.

Nilza: Tinha peixe, camarão.

Alexandre: A professora falou que o reflorestamento trás de benefício pro Cascata, né.

Gildete: A nossa pergunta é se tem alguma coisa haver ou se tá separado o reflorestamento e rio ou se tem alguma ligação?

Alexandre: O reflorestamento em si tem uma grande uma ligação não só com o rio Cascata e sim ao equilíbrio ecológico. O que acontece, no lugar que tinha mato nós plantamos aí cresceram as árvores e se tornou floresta. O que acontece? Deu mais fruto. Veio também animais que era mais sumido começou a aparecer de novo. Aqui vamo dizer, uma pesquisa que eu mesmo fiz, próprio, tem mais ou menos 15 mamíferos aqui no reflorestamento. Eu acho que ninguém... Eu trabalho na floresta... Tem esquilo, raposa...

Criança: Aqui tem esquilo?!

Gildete: Ele vem atrás das frutas, das plantas.

Alexandre: Isso tudo beneficia o reflorestamento todo. Tem bicho preguiça, raposa, tatu, paca, tamanduá-mirim, gambá, cuíca, quati, o porco espinho.

Paulo Sérgio (Toliu): E outra coisa, onde era um lixão nós transformamos num pomar.

Gildete: Ai que legal. Quer dizer que hoje é um pomar e já foi lixão.

Paulo Sérgio (Toliu): Qual é teu nome?

Criança: Mariana (nome fictício).

Paulo Sérgio (Toliu): Você mora na Geraldo Braga?

Criança M: Sim.

Gildete: Você não chama a gente pra ir na sua casa.

Paulo Sérgio (Toliu): Atrás da casa dela era um lixão.

Gildete: E ela nem sabe.

Nilza: E a importância também do rio, porque você às vezes vê muito animal que vem beber água no rio. Quem passa ali vê garça. Tem um pássaro chamado socó. Ele é quase do tamanho de uma galinha. Ele é desse tamanho.

Gildete: Eu acho que a gente viu na apostila.

Nilza: Aí o que ele faz? Na beirada do rio ele faz ninho, nas árvores na beirada do rio. Se você tendo muito lixo, o bicho não tem como beber água. Outra coisa que é importante pro ecossistema do rio... porque tendo um mosquito que morde a gente que dá muita ferida, o borrachudo, ele nasce na beirada do rio. Nasce na corrente de água. Então tem dentro do rio um peixinho, que a gente fala que é barrigudinho, ele come essa larva antes de virar o mosquito. Mas tendo o lixo, ele não dá para sobreviver. Você pode ver, quando começa fazer a limpeza do rio, que tirou aquele lixo todo... A gente passava pela rua e via aquele monte de peixinho, o lano-lano, cada um assim. Ele é o ecossistema. Ele diminui a população desse mosquito.

Gildete: Olha a cadeia alimentar, o peixe come a larva que deixa o mosquito proliferar e mosquito se desenvolver. Agora, se tem lixo não tem peixe. Se não tem peixe, vai ter muito...

Crianças em coro: Mosquito.

Gildete: É causa o desequilíbrio.

Nilza: Que causa o desequilíbrio. Igual o caso das garças. Quando começa a ter mais lixo, elas começam a sumir e eu to observado que elas tão sumindo, as garças. Tem dia que é muita. Uma coisa que a gente quase não vê hoje, tava tá voltando mas, agora diminuiu era borboleta, louva-deus, bicho-pau...

Gildete: Esses bichos, eles foram na UNIRIO e estudaram no laboratório esses insetos, aí então, isso que eu quero que eles entendam, que esses animais só aparecem aqui no rio quando ele não tem lixo.

Nilza: Dentro do rio é pra passar água, não é pra ter lixo nenhum. Agora eu não sei como a gente vai estudar... Eu até dei uma ideia naquele último fórum que nós tivemos lá embaixo

na quadra... A Rio Águas, que quem cuida de rio hoje é a rio águas, aí ele disse que ia trazer um cara da Rio Águas e que ia trazer um grupo pra começar a tirar as coisas de dentro do rio. Tamo esperando até hoje. Por que ele que cuida de rio. Tinha também o projeto do Guardião do Rio, também acabou. Até eu tava dizendo pra secretaria que tendo o projeto do reflorestamento, por que eles não colocava mais quatro pessoas pra complementar o projeto cuidando do rio. Porque você tem uma beleza de reflorestamento, quando você entra aqui, na entrada pra porta do reflorestamento dá até vergonha de você vê aquilo.

Gildete: E morar perto de um rio é um privilégio. Morar perto de rio não é pra qualquer um não.

Nilza: Ela quer perguntar.

Gildete: Pergunta. Quem quiser falar, agora pode falar.

Nilza: Tá com vergonha? A gente só aprende perguntando. Não vai adiantar você segurar a vergonha pra você. Você tem que compartilhar a vergonha.

Dejair: Fala a pergunta se não, não vai aprender.

Gildete: Vai não Marcela (nome fictício)? Então fala Larissa (nome fictício).

Nilza: Ou você pergunta por ela.

Gildete: O que ela tá falando? Fala Manoela, fala.

(Marcela fala baixinho e não dá pra escutar)

Nilza: Olha que pergunta interessante. A gente pode fazer que nem... A gente tem que botar luva e uma botinha.

Alexandre: Nós tivemos um evento aqui. Não sei se vocês estavam, mas foi organizado nesse colégio aqui no dia da árvore. Foi ano retrasado. Cada um plantou uma mudinha. Vamos fazer um dia o mutirão dos alunos da Brito Broca não precisa ir no rio cascata. Mas cada um descer com um saquinho e cada um que vê um lixinho vai pegando e botando no saquinho.

Gildete: A gente pode organizar um mutirão.

Criança: Tia, porque a gente não faz assim? Junta a turma de manhã e de tarde. Ai vai e desce e recolhe.

Nilza: Ela tem cachorrinha, quando a cachorrinha foi o porco-espinho solto espinho na cachorra dela, como é que tem que fazê?

Alexandre: Vou explicar a você. Esse animal não se chama porco-espinho, se chama ouriço. Esse animal, até eu mesmo já fui pego pra provar pra um morador que esse animal não solta espinho. Ele não joga espinho. Solta, solta, mas ele não joga espinho. O que acontece? O animal tá andando, vai o cachorro em cima dele, ele encolhe todo esperando o animal abocanhá-lo. Quando o animal vai bocanhar ele, o animal não sabe, e solta o espinho. Esse espinho solta do corpo dele, mas ele não joga o espinho. Ele não é um animal que ela tá aqui, você tá aqui ele não é animal que joga espinho. Ele se encolhe, porque o ponto fraco dele é embaixo. Ele se encolhe todo como uma bola esperando o animal abocanhar ele. Quando o animal abocanha ele o espinho solta. Ai vai pra boca do animal. Vocês podem ficar tranquilo,

se estiver aqui ele não vai jogar espinho em você. Mas se você quiser passar a mão nele ele pode tentar mandar os espinhos em vocês.

Criança: Pra mim, vocês tinham que ganhar uma medalha de ouro por esse trabalho tão importante.

Gildete: Concordo plenamente.

Crianças falam ao mesmo tempo e perguntam sobre jibóias.

Nilza: Primeiro: A jiboia não abocanha. Ele enrola primeiro, ela quebra os ossos, ela mata apertando. E jiboia não faz mal a ninguém. Ela limpa o campo.

Dejair: A cobra ataca alguém?

Crianças em coro: Ataca.

Dejair: Tem certeza? Por quê?

Criança: Por que a pessoa ataca ai ela vai.

Nilza: Ela não ataca, ela defende.

Criança: Eu queria agradecer vocês por ter ajudado agente em nome da turma. ((Aplausos))

Capítulo 8

Olhares sobre o reflorestamento: diagnóstico socioambiental simplificado na comunidade do morro da formiga

Autores:

Aline Silva Machado

Tainá Figueroa Figueiredo

Alice Sá Rego de Azevedo

Victor Hugo dos Santos Pinheiro

André Zaú

Apresentaremos neste capítulo uma pesquisa exploratória encaminhada no morro da Formiga para gerar conhecimento sobre as percepções dos moradores em relação ao reflorestamento. Estamos chamando esta pesquisa de um diagnóstico socioambiental simplificado⁶⁵. É parte do projeto “Restauração Ambiental em áreas de Reflorestamento – REFLORA”, coordenado pelo professor André Scarambone Zaú do Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (LEF/UNIRIO), em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC).

A articulação deste diagnóstico socioambiental com o projeto geral (REFLORA) é no sentido de compor o entendimento de possíveis conflitos entre os interesses de restauração ecológica, ligados às ações da SMAC, e os interesses e usos que cada comunidade local atribui à área adjacente que está em restauração. Este entendimento poderá ser utilizado para administração destes conflitos em busca de soluções que tragam benefícios para as comunidades e para o sucesso de restauração.

Participar do “I Fórum Olhares sobre a Formiga” apresentando os resultados deste diagnóstico realizado na comunidade foi uma experiência muito enriquecedora. O Fórum em si foi um evento muito singular por ser um encontro de trabalhos acadêmicos com conhecimentos populares. Neste sentido, foi muito diferente dos encontros acadêmicos mais comuns nas vidas dos pesquisadores. Ter oportunidade de ouvir moradores que fazem o trabalho de campo no reflorestamento e outros moradores antigos falando sobre aspectos do histórico de relações socioambientais na comunidade trouxe muito aprendizado. Inclusive complementando os entendimentos proporcionados pelo diagnóstico aqui apresentado.

O fato de o Fórum ter sido encaminhado na Escola Municipal da comunidade também foi muito importante, por contar com a participação de professoras que expressaram bem suas visões sobre o local e suas pessoas. Elas expressaram também o quanto o encontro estava proporcionando oportunidade de desenvolvimentos das relações cognitivas e afetivas que elas estabelecem com a comunidade. Esta dimensão do afeto é especialmente alimentada quando conhecemos histórias de pessoas e de grupos sociais,

⁶⁵ Essa pesquisa também integra um capítulo no livro intitulado “Floresta aos Montes: a recuperação das matas no Rio de Janeiro” organizado por André Zaú e Richieri Sartori (no prelo).

potencializando os resultados dos trabalhos, das pesquisas e das formações continuadas das pessoas envolvidas. Formações nos âmbitos: profissional, cidadão e humano; renovando e fortalecendo os sentidos de coletividade.

Introdução ao tema da pesquisa

Grupos humanos interagem com áreas naturais de diversas maneiras, em função de diferentes contextos sociais historicamente construídos e influências midiáticas e culturais. No município do Rio de Janeiro, uma interação socioambiental particular se destaca na paisagem e na dinâmica social, configurada entre comunidades instaladas em encostas e fragmentos florestais adjacentes. Em várias encostas do município existem as comunidades chamadas favelas, classificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como aglomerados subnormais:

conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa. (IBGE, 2010, p. 18)

Porém, essa definição conceitual de aglomerados subnormais não contempla as especificidades sócio territoriais das favelas, essenciais para proposições de políticas públicas adequadas a estes territórios. O surgimento, a consolidação e as dinâmicas que se desenvolvem nessas áreas são fenômenos sociais complexos e muito estigmatizados, como salienta o documento publicado pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) “Observatório de Favelas” (SILVA, 2009). Nesta análise mais profunda e crítica, a favela é considerada como um território caracterizado, em parte ou totalmente, pelos seguintes elementos:

- Insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços;
- forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade;
- níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho;
- edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado;
- apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia;
- indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade;
- ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental;
- grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade;
- alta densidade de habitações no território;
- taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade;

- relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de encontro;
- alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira;
- grau de vitimização das pessoas, sobretudo a letal, acima da média da cidade. (SILVA, 2009, p.3).

No entorno de muitas favelas do município do Rio de Janeiro há áreas não edificadas onde são realizados projetos de restauração ecológica. Essa proximidade pode colaborar com o bom andamento da restauração ou gerar empecilhos que possam vir até a inviabilizar este processo (MARTINS, 2015). Pra que as relações socioambientais colaborem com o processo de restauração, é necessária uma gestão adequada das relações, considerando e respeitando os elementos que compõem as especificidades das favelas (SILVA, 2009). A estruturação de articulações socioambientais sólidas deve ser feita, então, em um delicado cenário de resistência social a adversidades intensas, especialmente considerando a ocorrência constante de violência e violações de direitos básicos. Diante de questões tão graves, dinâmicas e de consequências trágicas imediatas, consolidar espaços de diálogo sobre questões socioambientais é um desafio.

O bem-estar social está diretamente relacionado com a conservação da biodiversidade através de relações complexas e recíprocas. E esse bem-estar influencia as interações humanas com o meio ambiente (STEPHANSON, MASCIA, 2014). Porém, a conservação da biodiversidade não se apresenta como tão urgente ao estabelecimento de bem-estar social nas favelas, vistas as urgências de provimentos mais elementares de direitos.

As restaurações ecológicas urbanas convergem aspectos físicos, químicos, biológicos, estéticos, econômicos, de segurança, históricos e simbólicos, por isso sua importância não é dependente diretamente do seu potencial de conservação da biodiversidade. Sendo assim, a restauração urbana precisa atender, além das variáveis ambientais, também às expectativas de seus moradores sobre o que é uma cidade (RODRIGUES, 2013). A inclusão dos dados sociais no planejamento da conservação possibilita um entendimento melhor do local a ser conservado ou restaurado e pode facilitar a seleção de estratégias que correspondem às capacidades e necessidades humanas, resultando em uma maior sustentabilidade e efetiva ação de restauração e conservação (STEPHANSON, MASCIA, 2014). Ou seja, o entendimento dos fenômenos sociais que afetam os alvos de ação da conservação da biodiversidade é fundamental para o sucesso da conservação (MARTINS, 2015).

Sendo assim, a inclusão de indicadores sociais na avaliação da restauração se faz extremamente necessária principalmente em áreas de Mata Atlântica, pois essas áreas pertencem, no Rio de Janeiro, a uma matriz urbana, e suas questões sócio-políticas locais aumentam significativamente a complexidade de qualquer projeto de restauração. As questões sócio-políticas locais estão relacionadas com as causas da degradação inicial e continuada do ecossistema natural, assim, o seu entendimento e administração é o caminho para o sucesso da restauração (BELL et al. 1997 apud MULER, 2014).

Dentro deste quadro complexo, um conhecimento significativo a respeito dos serviços ecossistêmicos é necessário para o melhor entendimento das populações locais

sobre a importância de se proteger e restaurar ecossistemas naturais, pois estabelece ligações claras entre a conservação da natureza e o bem-estar humano (AZEVEDO, 2016). Assim, o estudo da percepção social a respeito dos serviços ecossistêmicos se torna fundamental para entender melhor as relações socioambientais, como os grupos sociais percebem, reagem e respondem diferentemente a possíveis relações com ambientes naturais.

O estudo destas percepções, além de buscar o entendimento das visões que os grupos sociais possuem, também deve procurar promover “a sensibilização, a consciência, bem como o desenvolvimento do sistema de compreensão do ambiente ao seu redor” (MELAZO, 2005, p.48), já que a aceitação e envolvimento da comunidade do entorno no projeto de restauração pode facilitar a implantação e determinar o seu sucesso em ambientes urbanos. Projetos permanentes de educação ambiental são necessários para a consolidação e manutenção de relações socioambientais saudáveis, com fortalecimento da coletividade, ao auxiliar a inserção do afeto pela área natural na identidade coletiva. Se não houver uma inclusão da comunidade local no projeto de restauração, há maior chance de existência de conflitos (MULER, 2014).

Um território cujo ordenamento dificulta o aprofundamento das relações entre sociedade e ambiente torna-se cenário de conflitos socioambientais, que são disputas entre grupos sociais, derivadas dos diferentes tipos de relação que eles mantêm com seu meio natural (LITTLE, 2001). Portanto, a prática da educação ambiental (EA) é importante também para a prevenção e gerenciamento desses conflitos. Isto porque processos de aprofundamento de reflexões e práticas socioambientais se dão também através da EA (LOPES, 2006).

Entretanto, há várias formas de se realizar a EA. Essas múltiplas educações ambientais podem tratar também da abertura de um espaço que contemple o diálogo entre as diferentes abordagens. Como referência de princípios para uma educação ambiental, destacamos a EA denominada “crítica”, quando contrastada a práticas interpretadas como “conservadoras”. Essa EA “conservadora” simplifica e reduz a realidade, fragmentando-a, perdendo, assim, a riqueza e a diversidade da relação sociedade-natureza (GUIMARÃES, 2004). Segundo Carvalho (2004), a EA crítica foca na formação do “sujeito humano” como ser individual e social, historicamente situado. Considera que a educação é relação e se dá no processo em que esta relação é construída, e não, somente, no sucesso da mudança comportamental de um indivíduo (GUIMARÃES, 2004).

Diante disso, o presente estudo consiste em um levantamento simplificado de tensores socioambientais na comunidade do Morro da Formiga em relação ao reflorestamento existente no local, do Projeto Mutirão Reflorestamento (PMR). Este projeto tem como um de seus pilares a utilização de mão-de-obra das próprias comunidades para encaminhar os reflorestamentos. Esta iniciativa busca incorporar uma vertente social a este trabalho, além de buscar criar um vínculo de responsabilidade da comunidade com o projeto (SALGADO, 1997).

Apesar de haver relativo sucesso do Projeto Mutirão Reflorestamento, há áreas que apresentam baixa regeneração ecológica ou impedimento do processo de reflorestamento devido a conflitos com atividades antrópicas, tais como criação de animais, ocorrência de fogo e caça ou atividades criminosas. Sendo assim, para que estes reflorestamentos

apresentem sustentabilidade em longo prazo, são necessárias intervenções que estimulem o estabelecimento de relações socioambientais sólidas, que componham as identidades das comunidades adjacentes aos reflorestamentos.

Para base da gestão das relações socioambientais e do planejamento de projetos de EA, é necessário investimento na compreensão das percepções dos moradores em relação ao reflorestamento, o que foi o objetivo geral desse estudo. Especificamente, buscamos:

- Levantar aspectos gerais das percepções da comunidade do Morro da Formiga, localizada no bairro da Tijuca - Rio de Janeiro, em relação ao reflorestamento presente no local;
- Identificar possíveis conflitos socioambientais nesta interface.

Metodologia da pesquisa

Nosso estudo é de caráter exploratório e simplificado, pois foi desenvolvido com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato (GIL, 1987). Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores acima de 18 anos de idade, entre os meses de setembro e novembro do ano de 2013, e janeiro de 2014. A entrevista semiestruturada é baseada em perguntas norteadoras, direcionadas para a obtenção de uma visão geral do tema pesquisado, na qual o entrevistador permite que o entrevistado fale livremente sobre o assunto. Porém, quando este sai do tema original, há um direcionamento para a retomada do tema, além do entrevistador poder modificar a maneira como as perguntas são formuladas, dar explicações, deixar de fora questões que parecem ser inapropriadas a determinados entrevistados e incluir questões adicionais (GIL, 1987; ROBSON, 1993; SILVA et al., 2005). Uma das vantagens deste tipo de entrevista é que o pesquisador pode ir além do roteiro, incorporando novidades. Entretanto algumas desvantagens podem ser encontradas como a dificuldade de se tomar nota durante as entrevistas e a possível perda de foco pelo entrevistado (GIL, 1987; ROBSON, 1993), além de uma tendência a pouco aprofundamento.

As entrevistas foram elaboradas depois de reuniões de planejamento que tiveram como objetivo ampliar o conhecimento da equipe de pesquisa a respeito da história do projeto de reflorestamento, e do perfil e história da comunidade. Essas reuniões foram feitas com figuras de destaque na comunidade - tais como o líder da equipe do Mutirão Reflorestamento e a antiga presidente da associação de moradores - e com técnicos da área de Recuperação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC).

Para as aplicações das entrevistas, foi estabelecida uma parceria com o Centro Municipal de Saúde Prof. Julio Barbosa, localizado na parte central da comunidade. Essa parceria foi sugerida pelos próprios agentes de saúde, que trabalham com visitas a moradores. Acompanhando os agentes de saúde, os pesquisadores de campo tiveram a possibilidade de acessar regiões mais desconhecidas e trabalharam em maior segurança, recebendo informações sobre as diferentes regiões da comunidade. A proposta de aplicação dos questionários foi apresentada aos agentes de saúde e cinco deles permitiram que a equipe de entrevista os acompanhasse em suas visitas aos moradores.

As entrevistas foram realizadas por uma dupla de pesquisadores, na qual um pesquisador se responsabilizou por anotar as respostas e comentários, e a outra

pesquisadora interagiu com os entrevistados, de forma que a entrevista se desenvolvesse o mais naturalmente possível, semelhante a uma conversa. As perguntas foram elaboradas de forma a serem sucintas e não demandarem muito tempo dos entrevistados. Além disso, por questões de confidencialidade e segurança, optamos por não registrar os nomes ou endereços dos entrevistados. Como a informação de região de moradia era importante para entender a relação dos moradores com o reflorestamento e a influência da proximidade do reflorestamento nesta relação, dividiu-se a comunidade em três partes: baixa (abaixo da associação de moradores), intermediária (entre a associação de moradores e a Escola Municipal Jornalista Brito Broca) e alta (acima da altura onde fica a escola municipal).

Foram entrevistadas 59 pessoas, sendo 39 moradores da região intermediária, onde há mais moradias, dezesseis da região alta e quatro da região baixa. Foi feito maior esforço de amostragem nas partes intermediárias e altas da comunidade, pois nestas áreas esperava-se maior influência direta do reflorestamento na vida dos moradores. Além disto, o local de entrevista e quantidade de entrevistados dependeu muito da parceria com o Centro Municipal de Saúde, em relação à disponibilidade de agentes comunitários de saúde para o acompanhamento dos pesquisadores e em relação à região do morro onde ocorreriam as entrevistas. O número de entrevistados não foi amplo, mantendo o caráter exploratório, que foi suficiente para os apontamentos que esta pesquisa gerou para a configuração do projeto de Educação Ambiental encaminhado pela equipe de pesquisa na Escola Municipal Jornalista Brito Broca e para uma pesquisa socioambiental subsequente, em outra comunidade.

No momento das entrevistas, a equipe esclareceu que não era obrigatório responder a todas as perguntas e buscou uma postura que favorecesse imparcialidade, para não induzir os entrevistados, não julgar e não se posicionar sobre as respostas. Devido ao caráter semiestruturado da entrevista, a relação com os entrevistados foi livre e ocorreram observações extras em algumas entrevistas. Para preservar o esforço na intenção de promover imparcialidade, os agentes comunitários de saúde foram esclarecidos da importância deste esforço e convidados a contribuir. A partir dos indicativos obtidos nessas entrevistas, foi possível embasar ações e direcionamentos do projeto de EA acima mencionado.

Resultados e Discussão

A maioria dos entrevistados é nascida no local e nas entrevistas houve distribuição quase igualitária entre gêneros feminino e masculino. Quase todos completaram até o ensino fundamental, independentemente da idade e da região de moradia. Em todas as regiões de moradia, muitos trabalham com serviços gerais, domésticos, alguns desempregados, motoristas, porteiros, vigilantes etc. Os imigrantes em geral relatam a vinda para a comunidade por terem acompanhado as famílias e/ou terem vindo em busca de emprego e melhor condição de vida. Muitos vieram de regiões rurais, outros poucos vieram de outras regiões da cidade do Rio de Janeiro por terem tido redução de renda familiar.

A maioria dos entrevistados relatou gostar muito de morar na comunidade. Alguns apontaram uma melhora na qualidade de vida depois do estabelecimento de uma Unidade

de Polícia Pacificadora (UPP), até o momento da pesquisa (contrariados pelas impressões de dois entrevistados que sentiram consequências negativas da instalação da UPP). As consequências positivas apontadas foram em relação a redução de trocas de tiros entre policiais e criminosos, que ocorriam com mais frequência, trazendo mais risco de morte aos moradores. Poucos relataram vontade de sair da comunidade, mas entre os moradores das regiões altas e intermediárias, há recorrente vontade de morar nas áreas mais baixas. A maioria usa água vinda da mata e distribuída pelas Sociedades de Água, que são organizações antigas na comunidade. Quase nenhum morador mencionou ter coleta de lixo, os poucos que o fizeram foram principalmente moradores da parte intermediária, onde ficam algumas caçambas da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb). Uma moradora da região alta mencionou que queima o lixo que os vizinhos não levam para as caçambas. Esta prática foi mencionada isoladamente, assim, não aparentou representar risco de incêndio na comunidade ou na mata, mas deve ser considerada como um conflito potencial.

Quanto ao relacionamento com o reflorestamento, a maioria mencionou conhecer o projeto em andamento na comunidade. Todos os entrevistados acharam a recomposição da floresta importante. Dos dezoito jovens com 30 anos ou menos, apenas um terço citou a melhoria na estabilidade do solo, que foi a resposta mais encontrada no total das entrevistas, superando o percentual de um terço entre os maiores de 30 anos.

Os reflorestamentos provêm diversos serviços ecossistêmicos que beneficiam direta e indiretamente a população: serviços de suporte; serviços de abastecimento; serviços de controle; e serviços culturais, como valor estético, valor educacional, valor de turismo e recreação, contenção de encosta, regulação do clima entre muitos outros (MULER, 2014; BRANCALION et al., 2014). Nas entrevistas, cerca de metade dos entrevistados citou serviços ecossistêmicos de forma clara, como: melhora no abastecimento de água, amenização do clima, melhora da paisagem, possibilidade de redução da poluição do ar, possibilidade de turismo e estabilização do solo. Os demais ou não falaram de benefícios ou deram respostas genéricas, citando apenas ser positiva a existência da floresta na proximidade. Uma maior compreensão da comunidade em relação aos benefícios destes serviços pode facilitar a implantação e manutenção do reflorestamento e evitar ou reduzir conflitos (MULER, 2014).

A maioria dos moradores entrevistados, de todas as regiões, acha que poderia contribuir com o mutirão. Informação e conscientização foram as maneiras de ajudar mais citadas em todas as regiões, seguidas de citação de ajuda, seja com plantio, com limpeza ou ajuda mencionada de forma genérica. A partir disso, é importante considerar que “a cultura do diálogo e da participação de todos os envolvidos (ou de seus representantes) são ferramentas fundamentais para se alcançar os objetivos desejados” (THEDORO et al., 2004, p.13), a avaliação de que pode contribuir para o mutirão se mostra como uma abertura para diálogo, em uma postura colaborativa.

Das poucas sugestões de mudança na área em reflorestamento, seis moradores da região intermediária sugeriram o uso de mais plantas frutíferas. Outra pesquisa realizada em uma área do PMR (MULER, 2014) apontou a utilização de plantas frutíferas no reflorestamento como um dos principais interesses da comunidade adjacente. Estudos com comunidades próximas a locais de restauração ecológica demonstram o interesse dos

moradores de participar do projeto, indicando necessidade de mais investimento em comunicação sobre o projeto e a importância da incorporação da comunidade na restauração ecológica (BRANCALION et al., 2014; MULER, 2014).

Menos da metade dos entrevistados conhece criação de animais no local, sendo as criações conhecidas principalmente de galinhas e pássaros. Seis mencionaram criação de cabrito, o que merece uma análise para saber a relação de possíveis criações com as áreas em reflorestamento. Nas reuniões prévias às entrevistas, a presença de cabritos foi citada como o principal entrave à instalação do PMR, no seu início. Muitos esforços, liderados pela associação de moradores, foram investidos para que fossem extintas as criações, por isso, a citação de criações merece investigação. Os técnicos da SMAC citaram criações de animais nas áreas em reflorestamento como um dos principais conflitos nos projetos da cidade. Um conflito que está associado a incêndios com grandes prejuízos, que podem significar perda total de um trabalho de anos e todo seu investimento financeiro. Por outro lado, as criações podem ser antigas no local, com difícil identificação de responsáveis e difícil possibilidade de negociações para a limitação das áreas de acesso dos animais.

Outro conflito muito citado foi o incômodo dos moradores pela excessiva presença de mosquitos. Alguns supõem que os mosquitos aumentaram com o reflorestamento e este aspecto merece observação específica, já que pode estimular uma má relação com a área reflorestada. Nas reuniões com o encarregado pelo reflorestamento e a ex presidente da Associação de moradores, houve relato da observação de que os mosquitos aumentam em número de acordo com a quantidade de resíduos despejados no rio que atravessa a comunidade, independentemente do andamento do reflorestamento. Para se entender o que leva ao grande número de mosquitos, é necessário um estudo específico.

Quase metade dos entrevistados já trabalhou com agricultura, seja no Rio de Janeiro ou em outra cidade. O número de pessoas que aprova a ideia de implantação de projeto de agroecologia na comunidade é ainda maior, apenas cinco dos entrevistados não consideraram essa ideia interessante. Este é mais um indicativo da potencialidade de envolvimento da comunidade com o reflorestamento, áreas como pomares e/ou agroflorestas poderiam aumentar a conexão das pessoas com a área.

Este diagnóstico exploratório confirma algumas previsões de ações e chama atenção a outros detalhes. Como observado em visitas anteriores, não há conflitos significativos e evidentes da população do Morro da Formiga com a área em reflorestamento. Os moradores têm boa aceitação pelo projeto hoje e valorizam a existência da mata. Apesar disto, o pouco esclarecimento demonstrado por muitos a respeito dos benefícios da existência de uma floresta na comunidade aponta uma possível fragilidade desta relação positiva. Muitos dos moradores com mais de 30 anos apontaram como um benefício a estabilização do solo (expressa em diferentes palavras), diminuindo este reconhecimento entre os mais novos, o que indica ligação com as memórias de desastres ambientais ocorridos na comunidade no passado. Alguns entrevistados mencionaram as dificuldades trágicas destes eventos passados, os quais serviram de motivação para o início do reflorestamento. O pouco esclarecimento das pessoas que não vivenciaram as tragédias aponta para a relevância de intervenções educativas para maior integração dos moradores com o ambiente, tendo a floresta como elemento de melhora direta do bem-estar.

Retomando uma análise sobre o método de geração de dados, o fato de acompanhar os agentes de saúde para a realização das entrevistas foi bastante positivo, pois possibilitou uma maior distribuição dos locais de entrevista. Isto porque cada agente de saúde é responsável por uma parte da comunidade, permitindo que os pesquisadores conhecessem melhor o local e frequentassem as residências de forma segura. Também observamos que o fato de os agentes de saúde serem conhecidos pelos moradores trouxe mais segurança e interesse para os moradores, ao responderem às perguntas. Percebe-se, a partir dessa integração, que avaliar a percepção dos serviços ecológicos e culturais de um projeto de restauração ecológica é, portanto, uma questão complexa e transdisciplinar, o que representa um desafio para a construção de conhecimento (BRANCALION et al., 2014).

Considerações finais da pesquisa

Os indicativos de conflitos socioambientais devem ser investigados especificamente e junto a seus históricos locais. Assim, é possível uma visão sobre a evolução destes conflitos, de quais meios de gerenciamento foram usados e como a comunidade se relaciona com esses gerenciamentos. Esse entendimento permitirá elaboração de novas propostas de gerenciamento e especialmente de projetos permanentes de caráter educativo que respeitem a identidade local e o fortalecimento da coletividade, tendo a comunidade como protagonista. Isto é um dos fundamentos da Justiça Ambiental, que, segundo a Rede Brasileira de Justiça Ambiental (2001), refere-se ao “tratamento justo e ao envolvimento pleno de todos os grupos sociais, independente de sua origem ou renda, nas decisões sobre o acesso, ocupação e uso dos recursos naturais em seus territórios”. Assim, os objetivos de Justiça Ambiental devem ser trabalhados para que os objetivos da Restauração Ecológica possam ser vistos como relevantes pela coletividade.

Segundo Melazo (2005), o desafio da sustentabilidade urbana é a capacidade de tratar as cidades e sua natureza em sua particularidade e em toda a sua complexidade, utilizando uma abordagem multidimensional e interdisciplinar. O mesmo autor aponta que projetos de educação ambiental contínuos e focados na realidade local possibilitam maior valorização do reflorestamento e maior esclarecimento da população acerca dos serviços ambientais. Relata também que o processo de sensibilização, de conscientização e conhecimento compreende o entendimento da percepção ambiental contida na Educação Ambiental, o que pode estimular ações de consolidação da preservação ambiental, contribuindo para uma melhor qualidade de vida para as comunidades urbanas.

Sendo assim, para fortalecer os processos ligados a educação ambiental popular que podem já existir na comunidade e para potencializar a integração dos moradores entre si e com o ambiente, é importante identificar os espaços coletivos já existentes e seus atores de integração social na comunidade para entendimento de suas dinâmicas. Para que isso ocorra, há necessidade de uma articulação entre as diferentes realidades políticas, econômicas, sociais e culturais, bem como as ecológicas (MELAZO, 2005). Articulação essa mediada por uma parceria entre o poder público e a comunidade. Nesta articulação deve ser priorizado o fortalecimento dos espaços coletivos, começando pelas principais demandas sociais e ambientais da comunidade, visando a apropriação da área em reflorestamento como um ambiente comunitário, parte da identidade coletiva local.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, A. *Conflitos socioambientais em reflorestamentos no município do Rio de Janeiro: o caso do Morro Luís Barata, bairro de Campo Grande*. Rio de Janeiro. 2016. 90 f. Monografia (Graduação em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- BELL, S.S.; FONSECA, M.S.; MOTTEN, L.B. Linking restoration and landscape ecology. *Restoration Ecology*, v.5, n.4, p.273-356, 1997.
- BRANCALION, P.H.S., CARDOZO, I. V., CAMATTA, A., ARONSON, J., RODRIGUES, R. R. Cultural Ecosystem Services and Popular Perceptions of the Benefits of an Ecological Restoration Project in the Brazilian Atlantic Forest. *Restoration Ecology*. V.22. n.1. United Kingdom. Jan, 2014. P. 65-71.
- CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: *Identidades da educação ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente/ Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Editora Atlas. 2º edição. São Paulo. 1987.
- GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: *Identidades da educação ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente/ Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- IBGE. *Censo demográfico 2010: aglomerados subnormais – informações territoriais*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf>.
- LITTLE, P. E. Os conflitos socioambientais: um campo de estudo e de ação política. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). *A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais*. Garamond. Rio de Janeiro. 2001.
- LOPES, J. S. L. Sobre processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas de participação. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Jan/Jun, 2006. v.12. nº 25. p.31-64.
- Manifesto de Lançamento da Rede Brasileira de Justiça Ambiental*. Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Setembro, 2001. Disponível em: <http://www.justicaambiental.org.br/_justicaambiental/pagina.php?id=229> Acesso em: 24 de fevereiro de 2015.
- MARTINS, G. A. C. Importância ecológica das favelas: Arborização no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ. *Monografia* (Graduação em Ciências Ambientais). Rio de Janeiro, 2015. 70f. Instituto de Biociências, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- MELAZO, G. C. Percepção Ambiental e Educação Ambiental: Uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares e Trilhas*. Uberlândia, Minas Gerais. 2005. N.6. P. 45-51.

MULER, A. E. Avaliação de uma Floresta Atlântica urbana em restauração: da ecologia às questões sociais. Rio de Janeiro, 2014. 97f. *Dissertação* (Mestrado em Botânica). Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

ROBSON. C. *Real World research: A Resource for Social Scientists and Practitioner-Researchers*. UK: Blackwell - Oxford UK & Cambridge USA, 1993, p. 229 - 231.

RODRIGUES, E. *Ecologia da Restauração*. 300 pg. Editora Planta, Londrina, 2013.

SALGADO, S. Mutirão de Reflorestamento, Rio de Janeiro (RJ). In: FUJIWARA, L. M.; ALESSIO, N. L. N.; FARAH, M. F. S. (Org.). *20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania*, 1997. p. 149-159. Disponível em: <http://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/u26/relatorio_completo_1997.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2015.

SILVA, J. S. *O que é favela afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. Organizações Rurais & Agroindustriais - *Revista Eletrônica de Administração da UFLA*. V. 7. N.1. Lavras, Minas Gerais. 2005. Disponível em: <<http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/210/207>> Acesso em: 3 mar. 2015.

STEPHANSON, S. L.; MASCIA, M. B. Putting People on the Map through an Approach That Integrates Social Data in Conservation Planning. *Conservation Biology*, V. 28, Issue 5. 2014. P.1236-1248.

THEODORO, S. H.; CORDEIRO, P. M. F.; BEKE, Z. Gestão Ambiental: Uma prática para mediar conflitos socioambientais. In: *II ENCONTRO ANPPAS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade)* São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/#5> Acesso em: 3 mar. 2015.

Capítulo 9

O olhar acadêmico sobre a arborização urbana do Morro da Formiga⁶⁶

Autor: Gustavo Cunha

Entrevistadoras:

Natalia Helena Ribeiro Chaves e Tainá Antonio Fernandes

Local: UNIRIO

Data: 10 de maio de 2016

Participação e pesquisa na Formiga

Eu cheguei no Laboratório de Ecologia Florestal (LEF), vindo com o interesse em botânica lá do Jardim Botânico. Eu fazia pesquisa com ecologia florestal lá e aí eu fui buscar na UNIRIO qual era a área que tinha dentro dessa história para eu desenvolver pesquisa e monografia. Daí eu encontrei o LEF. E na época que eu cheguei, o REFLORA, o projeto que eu me inseri, que é Restauração Ecológica em áreas de Reflorestamento, estava iniciando. Este projeto visava transformar aqueles reflorestamentos em áreas restauradas, áreas com diversidade, mais próximas do ambiente natural possível, que as florestas estão inseridas, que no caso é o bioma da Mata Atlântica

Aí o LEF fez uma parceria com a prefeitura do Rio de Janeiro, que estava desenvolvendo uma pesquisa como, quais estratégias, quais as formas de restaurar essas áreas reflorestadas, para estudar as formas de restaurar essas áreas reflorestadas da prefeitura, por um projeto antigo desta instituição, o Mutirão Reflorestamento, que é da década de 80, uma época que tiveram vários deslizamentos. Nessa época, o reflorestamento tinha uma lógica bem da engenharia, da produtividade, que no primeiro momento foi muito importante, porque as áreas que eram super instáveis, frágeis a intempéries, receberam uma cobertura vegetal bem inicial, então foram colocadas espécies bem resistentes e de crescimento rápido, exóticas, e foi legal porque naquela época tiveram vários deslizamentos e várias tragédias que aconteceram, que foi um dos motivos do reflorestamento.

O reflorestamento funcionou como uma diminuição do crescimento de algumas comunidades e ao mesmo tempo proteção daquele solo, e de todo patrimônio paisagístico que a gente tem, enfim... teve vários motivos e vários “porquês” da gente começar. E aí, hoje em dia tem cerca de 200 frentes de reflorestamento da prefeitura, e a gente começou esse trabalho para saber quais são as melhores formas de enriquecer este reflorestamento, tornar eles mais diversos, o que torna eles mais estáveis. Existem estudos em São Paulo, em outras áreas, que mostraram que em alguns reflorestamentos, por eles não terem uma estrutura muito saudável, eles acabaram regredindo, ficavam muito frágeis a pragas e

⁶⁶ Este capítulo é uma transcrição de entrevista. Para garantir a originalidade das falas, as marcas de oralidade foram mantidas. Caso se depare com alguma passagem que difere da norma culta da língua portuguesa, pedimos que leve em consideração o modo oral e cultural de se comunicar.

incêndios. Vários impactos que podiam acabar com essas florestas, então veio a necessidade. Então, foi neste momento que eu entrei no LEF, e o LEF estava no momento de decidir quais áreas iam ser pesquisadas, como áreas, como recorte, então teria que ser áreas que simbolizassem os reflorestamentos da prefeitura no Rio de Janeiro inteiro, então foram visitadas diversas áreas do Rio de Janeiro, como Campo Grande, onde tem uma outra vertente de estudo lá.

No final, foi decidido pela Formiga, por ser uma área representativa em termos ecológicos e ecossistêmicos. Era mais ou menos o que a gente encontrava nos reflorestamentos, era uma área que tinha facilidade de frequentar, porque a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na época estava bem estável, então facilitou essa ida para lá durante um tempo. Então a gente começou os estudos para saber serapilheira, regeneração, o estrato arbustivo, arbóreo. Toda caracterização daquela área, a gente fez durante dois anos, a gente ficou indo lá, semanalmente, quase que todo dia, coletando dados, informações, marcando parcelas. Isso no reflorestamento, que é depois do limite da comunidade, onde não tem mais casa. Então a gente fez uma caracterização grande daquela área. Toda a diversidade vegetal de lá a gente buscou caracterizar, entender quais eram as espécies, porque que elas estavam ali, como é que elas foram parar lá, para ter um arcabouço teórico e para saber quais eram as ações que seriam implementadas. E depois dessa caracterização, foi comparado com outros estudos de áreas que foram reflorestadas no Rio de Janeiro, e aí criou essa base bem rica para saber qual é a realidade dos reflorestamentos do Rio de Janeiro.

A partir dessas informações, a gente começou a fazer diversos testes de restauração, de enriquecimento. A gente acompanhou as mudas que eram plantadas pelo projeto do Mutirão Reflorestamento, que é o processo de plantio direto, fizemos com semeadura, com o insumo que é o Fertilurb, que é um adubo feito pela prefeitura. A gente fez teste de semeadura direta e indireta. Foram diversas técnicas testadas para saber qual era o melhor caminho para enriquecer as áreas. E aí nesse momento, a gente tava acabando de coletar as informações no laboratório e eu tinha uma necessidade de fazer minha monografia, e eu precisava achar um caminho. Ao mesmo tempo eu não podia fugir das pesquisas que estavam sendo feitas dentro do laboratório, e na época eu estava estudando muito permacultura⁶⁷, planejamento urbano, qual é a dinâmica cultural da cidade, paralelamente com as políticas do governo e como isso se dialogava, e daí veio a oportunidade de entender como as árvores dentro da Formiga estavam dialogando ecologicamente, socialmente e culturalmente com o reflorestamento do entorno.

A gente já tinha um diagnóstico profundo da área do entorno. A gente sabia as espécies, sabia durante dois anos de ida. A gente acabava entendendo, apesar de não ser uma metodologia que foi no primeiro momento usada, que depois acabou sendo também, esse entendimento de como culturalmente as comunidades dialogavam. Mas surgiu essa possibilidade de saber como o componente arbóreo do reflorestamento, que tínhamos um diagnóstico profundo, estava dialogando com aquele componente dentro da comunidade.

Unindo as informações coletadas durante o projeto REFLORA com os estudos que eu estava realizando paralelamente de planejamento urbano, foi concebida a pesquisa sobre

⁶⁷ **Permacultura** é um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza.

a arborização urbana nas favelas, olhando tanto aspectos culturais, através de questionários aos moradores mais antigos, quanto aspectos estruturais, através de um inventário minucioso dos indivíduos arbóreos presentes dentro da comunidade.

Tanto a floresta quanto o reflorestamento têm uma relação próxima com as pessoas da comunidade. Mas o componente arbóreo que está dentro da comunidade é inevitavelmente muito maior. Então eu tive essa ideia de fazer um estudo que batizamos de “A importância ecológica das favelas”, que é entender como que as árvores e a vegetação da comunidade está estruturada a partir da relação que ela tem com a floresta, qual a importância de ter árvores dentro da comunidade, como as pessoas da comunidade se relacionam com essas árvores que estão ali, quais são as árvores e como elas foram parar ali. Foi um estudo de entender em diversas dimensões como é que a vegetação estava estruturada dentro da comunidade. E isso, a gente batizou como foi Importância Ecológica das Favelas. Mostrando como os ambientes naturais e os ambientes artificiais – que são também naturais – dialogam, como se relacionam e trocam fluxo energético, como ocorre a dispersão de espécies e demais estudos nesse sentido. Para esse fim, criou-se uma metodologia para conseguir investigar isso, o que foi na verdade, uma dificuldade e um desafio estimulante porque não existia nenhum tipo de estudo similar dentro de territórios que possuem uma dinâmica cultural, social muito particular, específica, com uma história de difícil investigação. Os estudos de arborização encontrados eram sempre de locais urbanos e com um planejamento e acompanhamento mínimo do governo, o que geralmente não ocorre nas favelas. E a ideia desse estudo é usar a Formiga como estudo de caso que possa ser extrapolado para diversas comunidades. Apesar da Formiga ter uma história muito específica, particular, como todas as comunidades têm, elas se aproximam em vários critérios, como estrutura urbana, adensamento de casas, as pequenas vielas, o que se repete em diversas comunidades. Então a Formiga pode servir, apesar de toda especificidade, também como um norte para outros estudos em outros lugares. E, assim, a gente desenvolveu uma metodologia que mesclava uma investigação social através de questionários, que é uma metodologia conhecida como ‘bola de neve’ (*Snow Ball*), pesquisa qualitativa, na qual procurasse pessoas dentro da comunidade que têm proximidade com o assunto investigado, passo importante para se ter informações confiáveis minimamente. Então, não se cria estatísticas de quantos por cento da comunidade pensam dessa forma, mas você identifica que existem pensamentos dentro de uma pessoa que está próxima daquele tema. Você identifica o primeiro ator, e após o questionário com o mesmo, ao fim da pesquisa pergunta-se se existem outras pessoas que possam passar informações daquele tema. E assim, a cada pesquisa vai se formando uma rede e identificando certos padrões que estão presentes naquela área.

Como eu vim das Ciências Ambientais, que se propõe interdisciplinar, dialogar com as informações técnicas, sociais, ambientais e culturais, a metodologia tinha duas partes. A primeira que foi o censo, georreferenciado, de todas as árvores que tinham lá (componente arbóreo). Para isso andou-se todas as esquinas, vielas, ruas e becos, para identificar toda e cada uma das árvores. Identificou-se quais as espécies estavam presentes, como foram parar no devido local (se foram plantadas ou por regeneração natural). Esses dados foram obtidos tanto através de meta dados de cada espécie porque cada uma possui uma dispersão específica entre aves, ventos, como pelo próprio relato da população.

Tiveram então duas vertentes, uma investigação social e investigação técnica do componente arbóreo, e dentro desse senso georreferenciado, cada conjunto de espécies que a gente ia anotando e identificando a gente ia marcando pontos no GPS, que no futuro geraram um mapa da distribuição dessas espécies na comunidade, quantos indivíduos tinham em cada parte da comunidade. A gente conseguiu saber o adensamento do componente arbóreo e isso acabou evidenciando algumas características dessa vegetação que a gente vai ver mais tarde. Dentro desse censo a gente fazia o número de indivíduos, as famílias correspondentes, a espécie, quando possível identificar na hora a gente anotava, quando não a gente recolhia e levava pro laboratório pra ser identificado depois. Analisávamos a altura, o comprimento na altura do peito (CAP dela), a fitossanidade: se ela tinha algum fungo por exemplo, marcou-se algumas observações dentro de uma escala de fitossanidade, sendo 1 muito bem de saúde, e 5 muito mal. Dentre essas, vimos erva de passarinho, cipó, rachaduras. Outras observações como as origens dos indivíduos foram analisadas, se foram plantadas ou naturais, isso foi um processo ao mesmo tempo empírico e técnico, a partir de cada espécie a gente poderia ter uma noção se ela foi plantada ou não, geralmente espécies frutíferas são espécies que foram plantadas porque têm uma relação próxima com a comunidade residente. Espécies que têm distribuição pelo vento, regeneração primária ou em locais de difícil acesso são espécies que podem ter vindo para regeneração de forma natural. Além disso, investigou-se a localidade delas, se eram plantadas dentro de um terreno, na rua, na margem de rio. E por fim, se ela tinha algum conflito de fiação, se ela teve... foi uma hipótese que foi levantada no início da pesquisa, se essas árvores que estavam ali, se estavam conflitando com a fiação da comunidade, com a rede elétrica. E se ela tinha algum problema nesse sentido, se havia algum conflito com a fiação da rede elétrica da comunidade, assim criou-se uma escala de 1 a 5, onde 1 possui o menor conflito e 5 maior grau de conflito.

Após isso, tudo começou. A pesquisa sobre a importância ecológica das favelas teve duração de aproximadamente 6 meses, o que prejudicou um pouco a introdução, a base teórica que veio a estruturar as informações, mas todas as informações coletadas se mostraram muito ricas. E isso é uma escolha que eu não me arrependo, de colocar muita energia na coleta de dados, nas análises desses dados. Porém, foram quase 2 anos de idas constantes a Formiga, então já se conhecia o posto de saúde, a associação de moradores, a Dona Nilza e Seu Dejair, o Paulinho, Fabinho, o Negão, todo mundo lá. Junto com a galera do mutirão reflorestamento eu fiz até um curso sobre abelhas nativas. Eu já me sentia em casa lá. Eu chegava e sempre era bem recebido. Tenho muito carinho pela comunidade e isso ajudou muito o trabalho. Quando eu comecei a pesquisa, essa aproximação foi muito importante porque eu tinha o contato de todos e sempre avisava quando estaria lá. Mesmo com a UPP já presente, ainda existiam conflitos fortes lá dentro. E esse é um dos motivos que aumentam o grau de dificuldade de fazer pesquisa lá dentro. Entrando com GPS, planilha, anotando várias informações, entrando em todos os becos e vielas, acabávamos sendo muito observados, por tudo que acontece lá dentro. Várias precauções eram tomadas, como ir sempre uniformizados, avisar antes, andar com alguém da comunidade. Todas as idas a floresta também ajudaram porque meu rosto já era conhecido por ali. E a UPP possibilitou todos os estudos que aconteceram lá, mas ela não é um projeto concluído. Ele tem altos e baixos, é instável. Esses protocolos vão deixando a pesquisa um pouco mais segura. Mas a minha natureza sempre foi estar nesses espaços, fora da academia eu sempre

tive em ambientes dessa natureza, eu gosto de andar em todos os tipos de meio. É muito rico estar em lugar que é distante, fora da sua zona de conforto, que é diverso, culturalmente rica. Eu gosto de estar nesses lugares. E então para mim era prazeroso estar naqueles lugares. Eu andava em cada beco e viela feliz, conhecendo coisas que dificilmente eu conheceria se não tivesse a desculpa de estar andando ali para fim de pesquisa. Era muito estimulante fazer essa pesquisa e estar lá vivendo aquele momento. Eu tive muita ajuda da galera do Mutirão Reflorestamento, eles me acompanhavam em todas as visitas. Era interessante ver a relação das pessoas da própria comunidade, então as pessoas que me ajudavam, o Alexandre, o Fabinho. Você via que em cada esquina a pessoa falava com todo mundo e você acaba, também, conversando com todo tipo de pessoa em todos os lugares e fazia piada o tempo inteiro, conheciam em cada esquina alguém. É uma relação muito mais próxima do que a gente tem em outros ambientes, condomínios da Zona Sul e Barra por exemplo, não se conversa nem com o vizinho e lá a gente via que todos os lados da comunidade conversavam. Pela interdependência que eles têm, da relação, da cooperação e há também muitos conflitos, porque toda proximidade gera conflitos enormes, mas culturalmente é muito rico.

Natalia: “Então, você acha que esse trabalho te enriqueceu e acrescentou além do lado acadêmico e de pesquisa?”

Gustavo: Sem sombra de dúvida, a academia é só uma parte do que a gente está aí para aprender. Eu me formando em Ciências Ambientais eu levo o método científico e a ciência para a minha percepção de mundo, isso me ajuda muito, mas não pode parar por aí. A ciência não alcança tudo como a sensibilidade espiritual. E temos que estar espertos para extrair o conhecimento que vêm de outras formas de expressão.

Aí a gente estava falando dos aprendizados dessa experiência que vai muito além da academia, de viver aquela realidade, estar presente dentro dessa diversidade de pensamentos e histórias. E aí foi desenvolvido o fórum “Olhares Sobre a Formiga”, que foi uma iniciativa muito interessante de juntar essas pesquisas que estavam sendo feitas dentro da Formiga e diversos atores que trabalham lá em associações. Teve lá pessoal da AGA (As Comuns da Água), teve associação de moradores, a Dona Nilza falou. Então foi uma forma de gerar um espaço de diálogo entre os diversos conhecimentos que eram trabalhados dentro da comunidade. E pra mim foi muito importante como um fechamento de círculo. Porque depois de tanto tempo trabalhando lá, fazendo pesquisa e coletando informação, eu me sentia na responsabilidade. E ainda me sinto. Eu acho que essa responsabilidade ainda existe. Espero poder continuar contribuindo de dar o retorno pra aquela comunidade do que eu absorvi daquilo tudo, de mostrar quais foram as informações, como essas informações podem ser usadas futuramente, enfim é uma forma de devolver tudo que eu recebi de lá em forma de receptividade. A Formiga tem essa característica de receber muito bem as pessoas de fora. E assim, isso eu falo, mas vários outros pesquisadores também já me falaram. Tanto a galera da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) que fez um trabalho de solos lá, quanto a galera da própria UNIRIO, aqui do GEASur, que é um laboratório que trabalha com gestão popular e etc. Então é uma responsabilidade que eu ainda carrego: de conseguir devolver o máximo que eu puder dessa experiência que eu vivi por lá.

E aí eu fiz uma apresentação que foi um desafio pra mim: traduzir a monografia e aquela linguagem científica pra uma linguagem popular que fosse entendida por todos que estavam presentes naquele fórum. Então eu reestruturei a minha apresentação da monografia e as informações que eu tinha no sentido de transformar aquilo ali numa forma mais acessível. Desde os conceitos mais básicos de reflorestamento, ecologia, tudo isso foi rapidamente revisado e passado pra colocar no mesmo patamar de todo mundo que estava ali presente. Como a minha monografia se propôs a trabalhar com evolução urbana, planejamento urbano, a forma com que a comunidade se relaciona, tanto com a floresta, tanto com a própria comunidade, com toda a dinâmica cultural etc., eu comecei falando um pouco sobre a estrutura urbana e a desordem urbana, como que a nossa evolução da cidade fez gerar esses conflitos que a gente vê de deslizamento, alagamento, falta de saneamento etc... Todas essas questões que deságuam na estrutura urbana que a gente tem hoje, que agente enxerga hoje na comunidade. Então falar um pouco desde o surgimento das favelas, o morro da Providência com os soldados que vieram de Canudos lutando pelo soldo, ocupando as primeiras áreas atrás do Ministério das Guerras. Até a história das comunidades da Tijuca e entre elas a Formiga. Como que isso se estruturou. Eu não entrei tanto nesse assunto por que também tinha outra apresentação, do Lucas, que foi justamente a história da Formiga. Ele deu um apanhado muito mais profundo nisso tudo que eu rapidamente passei falando.

Na verdade, a minha intenção era muito mais entender o como hoje aquilo ali está estruturado, como que a estrutura urbana se inicia e pegando também a arborização e componente arbóreo como o fio condutor dessa análise. Então, entendendo também a importância dessa arborização, tanto a partir da visão da comunidade como da visão da academia, do que a academia tem de informação sobre essa arborização, como a arborização pode se tornar uma ferramenta de tornar uma estrutura urbana mais saudável. Então a regulação da temperatura, a Formiga, por ser vertente norte, ela tem uma questão do sol muito presente, muito calor durante o verão. O controle dos mananciais hídricos de todo o rio Cascata, que é um rio que corta a Formiga e toda a cultura desse lugar e como as árvores controlam os mananciais hídricos, a estabilidade do solo, a beleza cênica. Todas essas consequências que a arborização bem estruturada, bem pensada, ela pode gerar pra uma comunidade. Eu expliquei quais foram os objetivos da pesquisa que eu fiz: saber quais são as espécies existentes dentro da comunidade (saber quais são elas, aquilo que estava na planilha), como elas se estabeleceram, como elas estão distribuídas, quais as relações da comunidade com as árvores, quais as relações das árvores com as áreas de reflorestamento. Então foi aquele apanhado dentro daquela metodologia que eu expliquei que é quanto o censo quanto à pesquisa qualitativa das entrevistas.

Dentro dessa pesquisa qualitativa acho que ficou faltando falar um pouco do como se estruturou o questionário que foi aplicado. Primeiro ele começou sendo aplicado com seu Dejair que é o encarregado do mutirão de reflorestamento. Então ele tem uma proximidade muito grande com tudo que tem a ver com as árvores de dentro da comunidade, como fora. Foram feitas perguntas no sentido de saber como os moradores se relacionam com essas árvores que estão ali: se ele já plantou alguma árvore, qual árvore ele plantou, quando, onde, por que ele plantou, se existem usos alimentícios ou medicinais ou espiritual, na construção de lazer. Não só ele, mas como ele enxerga a comunidade se relacionando com essas árvores, qual frequência o reflorestamento é visitado. Enfim todo esse tipo de informação que gerou

um entendimento da relação cultural das árvores com as pessoas que estão presentes nesse lugar.

Acabando essa parte metodológica que teve que ser um pouco enxugada pra conseguir essa comunicação com todo mundo que estava lá, a gente parte pros resultados. Eu coloquei uns resultados mais brutos, assim, mais relevantes da pesquisa, porque a coleta de dados se mostrou muito relevante e teve informações de diversas naturezas que muitas vezes não cabiam naquela oportunidade de se aprofundar. Então, a partir do censo, a gente percebeu um mil e quarenta e dois indivíduos diferentes, de cento e quarenta e oito espécies, de quarenta e duas famílias. Então a gente viu as espécies mais presentes que foi a manga, a goiaba, o abacate, a jaca, o coco, a Leucena, o mamão, a acerola, o limão e a pitanga. Então, dessas dez mais observadas apenas uma não é frutífera. A gente percebeu uma proximidade muito grande da relação da comunidade com as espécies alimentícias, contribuindo com uma segurança alimentar da comunidade, que olha pra essas espécies como um complemento da refeição. São espécies que produzem muito: a manga, o abacate, a jaca. Então, de fato, a gente percebeu que foi um limitante muito grande da escolha das espécies que ficavam lá. A gente percebeu muito isso dentro da comunidade. Nada estava ali por acaso. Se tivesse alguma espécie que não fosse interessante pra comunidade, eles iam tirar na mesma hora. O que sobrava mesmo, na grande maioria, eram espécies frutíferas porque tinham um motivo de deixarem aquilo ali. Não era à toa.

Esse censo georreferenciado gerou três mapas que mostraram: foram cento e dezessete pontos diferentes de distribuição de árvores dentro da comunidade. A gente percebeu uma distribuição muito heterogênea. Que ela está presente em muitos lugares, mas ela apresenta uma predominância nos lugares de borda na relação da favela da Formiga com as áreas de reflorestamento, que formam uma ferradura em torno da comunidade. E o mais interessante, depois fazendo a interpolação entre as áreas entendidas pela prefeitura como favela e as áreas estendidas como bairro, a gente viu que o número de indivíduos na favela é oitenta e um por cento das árvores encontradas. Enquanto dentro do bairro, que sofreu processos de urbanização feitos pelo governo, apenas dezoito por cento das árvores encontradas estavam nesse espaço. A gente percebe que a gestão comunitária da arborização é muito mais sensível do que a governamental, que mostra nesses dados. Na área de favela, entendida como aglomerados subnormais pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que é um eufemismo pra áreas abandonadas da cidade. Tem uma grande quantidade dessas espécies: oitocentos e quarenta e cinco indivíduos dentro da favela contra cento e oitenta e oito na área entendida como bairro. A área da favela é um pouco maior e é mais perto do reflorestamento, mas existe uma noção de comunidade cultural que vai além das zonas administrativas da prefeitura, que entende tudo isso como a comunidade da Formiga. Dentro dos mapas da prefeitura, existe essa diferenciação gerencial ali, que ela é até expressa no mapa da UPP que mostra um pouco disso. A gente percebe isso microclimaticamente, andando pela comunidade nas áreas que tiveram o reflorestamento. Nas áreas que são entendidas como bairros é muito mais quente o sol na cabeça. Parece um maçarico. Você vai chegando perto da floresta e nas áreas entendidas como favelas é bem mais fresco e tem a gestão comunitária dessas áreas, não só das águas como também das árvores.

Um terceiro mapa que a gente desenvolveu foi pra saber a concentração e distribuição das árvores dentro do território. E a gente percebeu que não só nas

extremidades das florestas e nos lugares entendidos como favela existe uma concentração muito maior de árvores, mas que também nas áreas próximas ao Rio Cascata e em corpos hídricos secundários essa concentração se acentua. Isso se explica tanto pelas características física de umidade e etc., quanto como um importante nicho para espécies dispersoras, com as aves em geral. Mas a gente viu uma relação muito grande do rio Cascata e dos outros corpos hídricos que passam dentro da comunidade como lugares também de concentração de espécies de aves. Então isso pode ser percebido como uma proposta de reabilitação da mata ciliar daqueles córregos, porque existe uma relação de sucesso de plantio em lugares de corpos hídricos, assim como uma ajuda aos próprios corpos hídricos de deixar menos poluído. Enfim, é uma estratégia que pode ser tomada. Então, algumas conclusões que a gente pode tirar da pesquisa é que houve uma rica mistura cultural na comunidade e os processos ecológicos a ela associados que são refletidos na quantidade e na diversidade de espécies encontradas. Antes de a gente começar o estudo, achávamos que iam ser quatrocentos indivíduos de poucas espécies, foi ver que foram mil e tantas de cento e tantas espécies. Foram as conclusões que a gente mostrou pra comunidade entender que eles têm uma relação com as árvores de lá. E nas entrevistas a gente percebeu que eles têm essa noção também. A maioria das espécies ser frutífera foi outro ponto muito forte. As entrevistas mostram que as árvores são entendidas como bens culturais da comunidade. Alguns indivíduos são citados nas entrevistas, como o ipê-rosa na frente do posto de saúde, que é um ipê maravilhoso que a comunidade toda vai lá visitar, tirar foto quanto tá florido e outras árvores; perto de tal figueira de tal lugar. Então acaba sendo um lugar georreferencial e um bem cultural que tem de ser preservado. Foi entendido também que as árvores presentes dentro da comunidade servem como uma conexão, de fluxos ambientais como corredores ecológicos. Então a arborização dentro dessas comunidades é essencial para o reflorestamento, pra conexão de fluxo com espécies e diversidade dos reflorestamentos do entorno.

As florestas do Rio de Janeiro têm uma proximidade muito grande com as áreas reflorestadas, então entender essa conexão de fluxos, tanto pelos padrões das espécies que a gente encontrou, que muitas delas são nativas e dispersas pelos pássaros e pelo vento. Então, todas essas características ecológicas das espécies mostram pra gente que existe uma conexão de fluxos das espécies muito relevante, que em última análise vai ajudar na restauração dessas áreas reflorestadas. Isso era o objetivo inicial do refloresta pra restauração ecológica de áreas de reflorestamento. Então, você pensar em plantar árvores dentro da favela, você não só tá ajudando na qualidade ambiental, como na qualidade de vida, como estrutura cultural daquele lugar, mas você vai ajudar as áreas do reflorestamento do entorno. Então, todos esses bons resultados reforçam a importância de se pensar todas as partes da cidade como interdependentes. Não só uma arborização dentro das ruas e das áreas de planejamento já estruturadas, como nas favelas, como nos aglomerados subnormais, em todos os ambientes da cidade entendendo a interdependência e que se você não tiver uma boa estrutura hidrológica na favela vai ter alagamento nas áreas de baixada. Se você não tiver uma boa coleta de resíduos, eles vão ir para corpos hídricos e vão prejudicar todo mundo. Esse planejamento não pode ser separado, como a gente vê hoje em dia que existem privilégios nas horas de você dar as estruturas urbanas na cidade.

E aí eu termino com algumas propostas de como essa arborização pode ser pensada pra Formiga. Então, elas podem ser pensadas, porque no final isso pode realmente

implementado de alguma forma. A gente pensou em algumas diretrizes que podem nortear o planejamento urbano das favelas, das arborizações dentro das favelas. As espécies pra plantio mais indicadas são de acordo com a intenção e a localidade a serem plantadas das áreas prioritárias. Pra cada lugar e pra cada comunidade vai ter que ser feito um zoneamento pra identificar os lugares a serem plantados e cada lugar vai ter uma característica que vai dizer qual espécie que vai caber ali. Têm lugares extremamente estreitos que vão ser espécies que têm um diâmetro menor. Têm lugares mais abertos que precisam de sombra que vão ser com copas maiores. Os padrões gerais que a gente identifica como sendo interessantes pro plantio são espécies nativas, espécies frutíferas, medicinais, flores e ecológicas. Esses padrões gerais são entendidos desde as questões culturais levantadas no projeto das frutíferas da segurança alimentar, da questão paisagística de flores, como também questões de espécies ecológicas, que muitas vezes as pessoas não conseguem enxergar a consequência de uma espécie que não gera um alimento, uma medicina pra eles, mas que ecologicamente são interessantes, que devem também ser pensadas. E os padrões específicos é um limite no DAP, diâmetro na altura do peito, de acordo com a estrutura urbana que está sendo pensada. São padrões hoje muito estreitos etc. E a altura para ser pensada para cada lugar.

A gestão e o manejo, a gente orienta que pode ser a inserção da arborização como uma estrutura fundamental no processo de expansão da cidade. O mutirão reflorestamento, que já é um grupo que tem uma proximidade com a gestão da floresta do entorno, pode também ampliar a know-how⁶⁸ e trabalhar também nas árvores de dentro da comunidade. Pra gestão dessas comunidades é uma proposta, claro, sendo acompanhada numa melhora nas condições de trabalho dessa equipe.

E o diálogo com a comunidade é fundamental, entendendo a pluralidade de relações existentes na comunidade. A gente sabe que também não é todo mundo dentro da Formiga que ama e gosta de árvores e entende toda a importância delas. A gente vê também que existe um nicho de pessoas que muitas vezes perguntavam pra gente “quando que vocês vão derrubar tal árvore”, porque estava sujando meu quintal, estava fazendo sombra, estava num sei que lá. Entender esses dois grupos é fundamental pra qualquer projeto de planejamento. Então você entende que o diálogo com a comunidade é fundamental. Pra qualquer planejamento, a pergunta e saber onde vão ter áreas que vão ser bem aceitas o plantio é fundamental.

Eu escutei uma frase de alguém que falou que o melhor lugar pra se plantar uma árvore é onde querem que ela seja plantada. Não adianta você plantar num lugar que a pessoa não quer e amanhã ela vai vandalizar. Vai tirar de alguma forma. Então algumas áreas prioritárias que a gente identificou são as praças, as linhas de transmissão que não tem vegetação nenhuma, nas ruas principais e nas secundárias, como sendo essa malha a ser pensada prioritariamente, as margens dos rios e os lugares onde os moradores apontam, são os principais lugares que a gente percebeu.

O projeto não quis esgotar todo o tema. Existem diversas particularidades da comunidade que têm que ser pensadas e entendidas, mas eu fico muito satisfeito com o resultado quando ele se torna um convite pra gente pensar a integração da cidade de todos

⁶⁸ habilidade adquirida pela experiência; saber prático.

os territórios que são presentes nela, a interdependência desses lugares e entender que tá todo mundo no mesmo barco.

Avaliação do fórum

Eu achei muito legal a ideia do fórum, foi o primeiro passo. Foi primeiro momento que a gente reuniu os estudos de todos que trabalham lá, dentro de um lugar para essas experiências serem trocadas. É engraçado porque todo mundo acaba tendo alguma opinião sobre o processo da pesquisa do outro. Torna-se um processo muito rico. Foi bem dinâmico, foram apresentações muito rápidas. E foi legal, porque no final se formou uma roda e para mim, foi o espaço mais importante do Fórum. Foi o momento em que começou a germinar uma sementinha de um projeto sobre o rio Cascata que juntasse a urbanização, floresta, água. Foi um momento de todas essas potências que estavam trabalhando de forma separada se unirem e atingirem um objetivo. E logo após o fórum, eu soube que ainda teve uma reunião que foi fruto desse encontro final. E isso tem se desdobrado dentro das pesquisas aqui do LEF, eu vejo com muito otimismo essa possibilidade. Aquele momento foi o primeiro passo e eu espero que isso se torne uma referência de como se trabalhar de forma participativa, com diálogos ativos com a acadêmica, órgãos governamentais e todos esses atores juntos para que se consiga o objetivo de tornar esse lugar mais harmônico.

Natalia: “Você acha que a estrutura e formulação do evento foi legal? A forma como foi feita? E acha que o mesmo pode ser replicado?”

Eu achei muito bom, eu acho que tem suas limitações naturais de um primeiro encontro com muita informação que já foi vivida por cada pessoa ali. O lugar tem de ser dinâmico, para gerar as conclusões e próximos passos. Óbvio que é um início, acredito que a continuação do projeto e esse processo vai ficando mais maduro. Eu acho que ele pode ser ampliado, ele foi pensado para ser um teste, o primeiro mesmo, para sentir a energia. Eu gosto desse modelo participativo, que abre espaço para algumas falas pré-estabelecidas, mas que não são engessadas. Para um primeiro passo foi incrível, eu espero que venham muitos frutos disso aí. E me coloco a disposição para ajudar dentro da minha força. Muito bom, muito positivo. Amei.

Capítulo 10

O olhar da universidade sobre as Sociedades da Água do morro da Formiga⁶⁹

Autores

Júlio Vitor Costa da Silva e Celso Sánchez

Primeiros Passos

Venho frequentando o Morro da Formiga desde o ano de 2011, quando na ocasião trabalhava com projetos sociais da prefeitura do Rio de Janeiro. Desde essa época percebi que a Formiga tinha uma característica diferente das outras comunidades por onde trabalhei. A questão ambiental era tema central em diversas ações realizadas naquele território. Diversas instituições governamentais e do terceiro setor realizavam ações ligadas ao meio ambiente. Além disso, muitos moradores, organizados em grupo ou não, apresentavam uma sensibilidade profunda em relação às questões ambientais.

A situação que mais me surpreendeu neste período foi a forma como os moradores do Morro da Formiga reagiram ao problema da falta de acesso a água, este recurso natural tão importante para a sobrevivência humana. A sabedoria, criatividade e a organização comunitária dos moradores foram fundamentais para diminuição dos impactos frente ao problema da falta d'água. As histórias de superação desta comunidade me fizeram ter a vontade de estudá-la de forma mais aprofundada. Com base nesse desejo, no ano de 2014, ingressei no mestrado em educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

A presença da floresta e as características do terreno possibilitaram a formação de inúmeras nascentes de água, que irrigam a Formiga e escorrem pelas suas encostas. Essa água, no entanto, tem sido manejada de forma autônoma pelos moradores da localidade. É sobre esta forma de organização social em torno do uso público e manejo das nascentes, e os consequentes processos educativos ambientais que daí emergem, que minha pesquisa de mestrado se debruçou.

Sociedades de Água do Morro da Formiga

O Morro da Formiga, localizado na Zona norte do Rio, segundo o censo demográfico (2010), tem uma população de 4312 habitantes, tendo o início da sua ocupação na década de 1940. A comunidade historicamente tem enfrentado problemas no que diz respeito ao acesso aos diversos serviços públicos, como educação, saúde, assistência social e principalmente o acesso à água. Os moradores, experientes na carência do acesso a serviços públicos, têm um histórico de organização social com o objetivo de minimizar essas lacunas. No âmbito da educação, por exemplo, organizaram creches e escolas comunitárias, assim como uma associação de moradores para reivindicar por melhorias estruturais na

⁶⁹ O presente texto é fruto do seguinte trabalho de pesquisa: SILVA, J.V.C. Elementos para a Gestão Ambiental Popular: Um Estudo de Caso sobre o Uso Público da Água na Comunidade da Formiga, Zona Norte do Município do Rio de Janeiro. 2013; **Monografia** (Pós-Graduação em Gestão Ambiental) – Universidade Candido Mendes.

comunidade. No que diz respeito à falta de água, organizaram as chamadas Sociedades de Água, que são “grupos de pessoas que se reúnem em torno de uma nascente cuja água dividiam, zelando por ela e pelo abastecimento dos associados.”⁷⁰

Vale lembrar que as favelas sempre foram associadas a problemas diversos, como por exemplo, pobreza, violência, crescimento desordenado e conseqüente degradação do meio ambiente. Subvertendo o senso comum à respeito da favela e sua relação com o meio ambiente, a comunidade da Formiga dá diversos exemplos de cuidado e preservação da natureza. As Sociedades de Água auxiliam no trabalho de preservação da mata ao redor das nascentes, recuperando as áreas desmatadas e fazendo o manejo das mesmas. Essas sociedades são responsáveis pela distribuição da água para os seus sócios, que na maioria das vezes não são atendidos pela Companhia Estadual de Água e Esgoto.

O Morro da Formiga é limítrofe com ao Parque Nacional da Tijuca (PARNA Tijuca), tem entre suas características o terreno de alta declividade, muito íngreme e relativamente adensado, porém, aos olhos dos visitantes, é perceptível uma agradável característica da comunidade: a grande quantidade de árvores e áreas verdes entre as moradias, como podemos ver na figura I.

Segundo o SABREN – Sistema de assentamentos de baixa renda, órgão da prefeitura do Rio de Janeiro que reúne “informações sobre assentamentos precários e informais”, a comunidade da Formiga é considerada uma comunidade urbanizada, pois já passou por programas de urbanização como “Favela Bairro” e “Morar Carioca”⁷¹. Nas visitas feitas para realização da pesquisa de campo, foi possível perceber que, de fato, a maior parte das ruas tem pavimentação e sistema de esgoto, com diversas vias carroçáveis e asfaltadas, o que faz com que a mobilidade interna seja melhor do que nas favelas onde a presença de becos e escadarias é predominante.

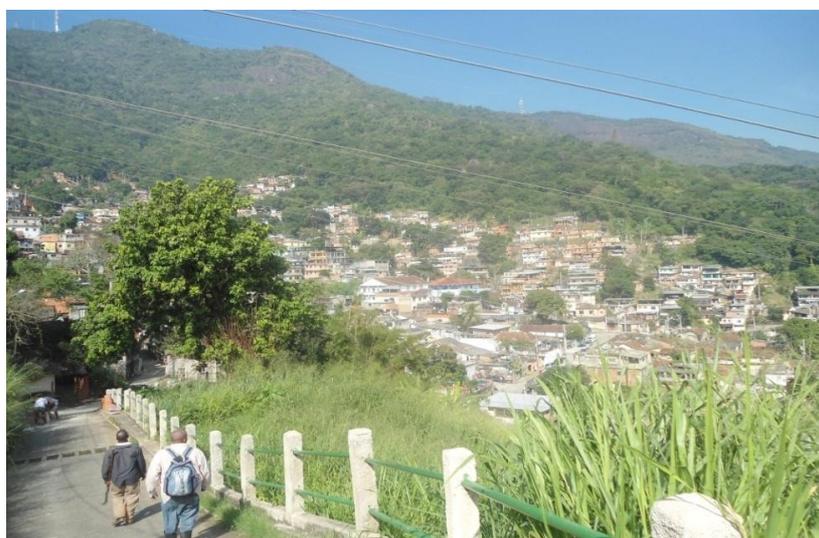


Figura I -Morro da Formiga e sua integração com a Floresta da Tijuca (Foto: Júlio Vitor)

⁷⁰ A favela fala: depoimentos ao CPDOC/Organizadores Dulce Chaves Pandolfi e Mario Grynspan – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁷¹ Fonte: SABREN – Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html>> acessado em 14/05/2015

Em relação aos dados socioeconômicos, podemos ver na tabela I que alguns itens como esgotamento sanitário e coleta de lixo possuem números satisfatórios, entretanto no item “abastecimento de água adequado”, podemos ver que apenas 47,8% dos domicílios do Morro da Formiga possuem acesso à água encanada proveniente da companhia abastecedora, no caso a CEDAE.

Comunidade	Água	Esgoto	Lixo	Condição de Ocupação	Educação
	Abastecimento de água adequado (%)	Esgotamento sanitário adequado (%)	Coleta de lixo (%)	Condição de ocupação (% de domicílios próprios)	Analfabetos entre moradores maiores de 15 anos (%)
Morro da Formiga	47,8	97,7	99,8	87	7

Tabela I - Dados Socioeconômicos da Formiga. (IBGE, 2010 *apud* RIO MAIS SOCIAL,2012).

O estudo de Silva (2014) sobre o uso da água na Bacia do Rio Cachoeira (no Maciço da Tijuca) aponta que algumas comunidades do Alto da Boa Vista dependem quase que exclusivamente da água captada em nascentes. Enquanto em Mata Machado, 40% dos moradores entrevistados dependem da nascente, na comunidade do Tijuacu, 90% dos domicílios “são abastecidos por águas provenientes de nascentes próximas à comunidade, situadas mais à montante do Córrego do Açude e seus afluentes.” (SILVA, 2014, p.111). Segundo o mesmo estudo, 100% dos domicílios das comunidades Agrícola e Comunidade Açude da Solidão são abastecidos por captação de águas das nascentes próximas. No caso da Formiga, como podemos ver no quadro acima, 52,2% dos moradores não contam com abastecimento oficial da CEDAE. Muito destes moradores recorrem às Sociedades de Água para terem acesso ao recurso hídrico.

Em relação às áreas carentes do entorno do parque, o PNT assume que existe uma situação de conflito ambiental por conta da água. No plano de manejo existe a ponderação de que o problema é mais profundo e que não se resolve com a simples fiscalização por parte do PNT. “A fiscalização e a retirada das captações irregulares podem resolver temporariamente essa situação de conflito, mas somente a extensão da rede de abastecimento para as áreas carentes desse serviço e a otimização do mesmo podem solucionar definitivamente o problema” (ICMBIO, 2008a, p.269).

Em conversa com os moradores do Morro da Formiga, nunca houve menção a nenhum conflito com o Parque Nacional da Tijuca em relação as Sociedades de Água. Muito dos representantes nem sabem dizer se a água que estão captando está dentro dos limites do parque. Segundo esses moradores, nunca houve contato por parte da direção do parque no sentido de abrir um diálogo em relação a questão da água captada.

Os sistemas autônomos de captação de água existem desde o início da ocupação do Morro da Formiga. É possível verificar, com base nas entrevistas que realizamos, que naquela época havia diferenciação entre os moradores da parte baixa (com poder aquisitivo

melhor) e da parte alta do morro (os mais pobres). Nesse cenário, a água foi um quesito agregador, o ponto em comum, o elo entre esses grupos de moradores. A pirâmide social era invertida, pois os mais pobres, devido à proximidade com a mata, tinham acesso à água que os moradores próximos do asfalto tanto desejavam. Pode-se pensar que as Sociedades de Água desempenharam papel importante no processo de unificação do Morro da Formiga.

Nesse sentido consideramos que o movimento popular das Sociedades de Água vem, ao longo dos anos, educando a comunidade da Formiga no sentido de resolver ou amenizar os seus problemas cotidianos relacionados à água.

Um aspecto interessante é verificar, nas sociedades pesquisadas, o caráter associativo e sem fins lucrativos da Sociedade de Água. Algumas sociedades cobram mensalidades dos seus sócios, porém os valores pagos são irrisórios. O que se valoriza, na verdade, é a presença dos associados na resolução dos problemas. É muito raro, pelo que foi visto na maioria das sociedades, um morador ter sua água cortada por falta de pagamento. O que se valoriza, como foi dito acima, é a participação do morador para ajudar a resolver os problemas.

Os entrevistados que participam ativamente das Sociedades de Água relataram que adquiriram o conhecimento sobre a captação com os mais velhos, acompanhando os mesmos nas idas a mata e observando a técnica de manejo do recurso hídrico desde a nascente até a casa dos moradores. “Existe uma técnica, essa técnica a gente aprendeu com os nossos tios antigos, com os nossos avós”, diz um dos entrevistados. Na mesma direção, outro entrevistado diz que aprendeu com seu pai que era sócio e sempre que ia na mata levava os filhos.

O que acontece hoje, segundo relato de muitos moradores, é que as novas gerações de moradores do Morro da Formiga não demonstram nenhum interesse em participar das Sociedades de Água. “É agora tá difícil, nem meu filho quer saber disso, inclusive eu tava conversando com o Zé sobre isso hoje, quando nós morrer como é que vai ser?”.

Talvez a chegada da água pela companhia distribuidora, mesmo com as suas deficiências, em algumas regiões da Formiga, aliada ao fato dessa geração não ter participado das lutas históricas da comunidade, como por exemplo, a luta pela permanência, pela água e luz, faz com que os mesmos não valorizem todo esse movimento. Foi possível perceber que os três entrevistados são muito pessimistas quanto o futuro das Sociedades de Água.

Muitos jovens que recebem água pela sociedade nem sabem ao certo de onde vem a água consumida por eles, segundo os entrevistados, muitos nem sabem com detalhes da existência das sociedades. Talvez falte aí um trabalho de divulgação e sensibilização desses jovens por parte das próprias sociedades em conjunto com outras entidades atuantes no morro.

Existe uma escola municipal localizada no alto do morro. Essa escola poderia ser uma aliada no sentido de trabalhar junto aos seus alunos a questão da importância da preservação desses grupos populares. A sua participação é ainda mais necessária a partir do momento que se constata que a mesma recebe água através de uma das Sociedades de Água. Um trabalho que trouxesse os personagens da água para dentro da sala de aula e levasse os alunos, moradores da Formiga, para conhecerem de perto o sistema de

abastecimento. Pois, como um dos entrevistados disse, “só se valoriza aquilo que se conhece”.

Algumas Considerações

O sistema de distribuição do recurso hídrico realizado pelas Sociedades de Água, se comparado à distribuição das grandes companhias de abastecimento, aparentemente não apresenta um grau de complexidade elevado. Por outro lado, esse sistema também não pode ser considerado tão simples quanto, por exemplo, seria a perfuração de um poço artesiano. Existe uma prática, que leva em consideração vários fatores técnicos e que é trabalhada ao longo do tempo pelas matas do Morro da Formiga.

Todos eles relatam que aprenderam a manejar o recurso hídrico através da vivência na sociedade, no cotidiano de idas a mata observando os mais velhos e mais experientes. Assim adquiriram conhecimento sobre a água e as nascentes. Ocorreu uma aprendizagem não formal, nenhum deles frequentou curso ou algo do tipo. Segundo Gohn (2006) a educação não formal tem várias dimensões, entre as quais “a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos” (GOHN, 2006, p.28). Os moradores se organizaram com “objetivos comunitários” visando a resolução de “problemas coletivos cotidianos”, no caso da Formiga a falta de água.

A comunidade da Formiga levou em conta o saber popular na construção do sistema, e da gestão comunitária e democrática na sua manutenção. Este sistema é, sem dúvida, um exemplo de gestão ambiental comunitária e participativa (SILVA, 2013) e pode ensinar muito sobre como lidar com as questões ambientais contemporâneas, principalmente em uma época onde muito se fala na escassez dos recursos hídricos em várias regiões do Brasil.

Nas observações e conversas no campo, verificou-se a existência de vários formatos de Sociedades de Água. Não existe “a Sociedade de Água”, existem as sociedades. Cada uma com seu nome, algumas sem nome, umas com poucos sócios, outras com muitos, umas cobrando mensalidades e outras não. Mesmos com suas contradições e limitações, aparentemente o objetivo de todas⁷² é o mesmo: resolver a dificuldade de acesso à água na comunidade de forma sustentável.

Os moradores envolvidos com as sociedades têm, em sua maioria, além do conhecimento técnico, para fazer com que o abastecimento de água funcione, diversos outros conhecimentos ambientais. Esse conhecimento, como foi dito anteriormente, foi adquirido segundo os próprios moradores, por transmissão oral, dos mais velhos para os mais novos, de maneira não formal. Esse processo de formação é contínuo e se realiza nas reuniões que algumas sociedades realizam periodicamente, e também nas idas à mata que os grupos fazem para realizar a manutenção e reparo do sistema. Os personagens da água demonstraram, nas entrevistas e nas conversas informais, uma preocupação com a sustentabilidade e com a preservação ambiental no morro. A maioria deles percebe que a

⁷² A questão do número exato de Sociedades da Água existentes no morro é controversa, muito entrevistados deram números diferentes e pouco aproximados uns dos outros, a certeza que tenho é que são mais de dez grupos organizados.

continuidade da abundância das águas das nascentes também depende disso.

Ficou ainda evidente nas falas dos entrevistados que as novas gerações de moradores do Morro da Formiga, mesmo os que recebem água das nascentes, não demonstram interesse em participar da dinâmica das Sociedades de Água. Na perspectiva mais pessimista corre-se o risco de, num futuro próximo essa tradição, iniciada pelos primeiros moradores da formiga, se encerrar. Entendemos que a reversão desse panorama se dará através da educação, e a escola⁷³ poderia ajudar nessa empreitada, trazendo para dentro dos seus muros o saber popular comunitário engendrado por esses intelectuais orgânicos do Morro da Formiga, e trabalhando a ecologia de saberes (SOUZA SANTOS, 2007) em prol da preservação tanto dos conhecimentos quanto da natureza do Morro da Formiga. A escola não deve ficar alheia a toda a dinâmica social que está ao seu redor.

Se quisermos pensar em iniciativas de educação ambiental para o Morro da Formiga, se faz imprescindível considerar as experiências populares desenvolvidas ao longo dos anos pelos seus moradores como espaços formadores. Esses personagens, como já foi dito anteriormente, têm muito a ensinar sobre educação ambiental, e o diálogo com os detentores do saber científico, como as universidades e a escola, é primordial para que se tenha bons resultados.

Portanto, entendo a educação ambiental de base comunitária como sendo a educação promovida no âmbito das comunidades populares, tradicionais, subalternas, indígenas e quilombolas, que tenha como objetivo a promoção de sociedades ambientalmente e socialmente mais justas, capazes de incorporar a ecologia de saberes e promover a alteridade epistemológica, ou seja, o encontro com o outro e suas formas de ver, conhecer e vivenciar o mundo.

Não queremos dizer com isso que a responsabilidade de promover o diálogo entre as diferentes formas de saberes, conforme se almeja na proposta da ecologia de saberes, seja exclusividade dos moradores da Formiga, mas sim que o exemplo das Sociedades de Água pode dar pistas de como esse caminho pode ser construído.

Fórum Olhares Sobre a Formiga – Impressões

O Morro da Formiga é um lugar que recebe de forma muito acolhedora os que vêm de “fora”. Além dos muitos projetos socioambientais que já passaram pela comunidade, nos últimos anos diversos pesquisadores de diferentes instituições têm frequentado a Formiga para realizar seus projetos de pesquisa científica.

A UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, é uma das instituições que mais está presente na comunidade. O GEASUR/UNIRIO (Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur) realiza estudos no Morro da Formiga desde 2013. Como resultado destas incursões, podemos destacar a pesquisa de Silva (2013), intitulada “*Elementos para a Gestão Ambiental Popular: Um Estudo de Caso sobre o Uso Público da Água na Comunidade*”

⁷³ Existe uma escola municipal no alto do Morro da Formiga que atende várias crianças moradoras da comunidade.

da Formiga, Zona Norte do Município do Rio de Janeiro”, que trabalha com o conceito de gestão ambiental popular e faz uma investigação preliminar sobre o caso das Sociedades de Água. Cunha (2015), em “*Os organismos internacionais e a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro: as macrotendências da Educação Ambiental nos projetos socioambientais coordenados pela Secretaria de Meio Ambiente no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ*”, realizou um estudo sobre conjuntura internacional e os projetos socioambientais implementados pela prefeitura na comunidade, com destaque para o Mutirão de Reflorestamento e o projeto Hortas Cariocas. Vale destacar que essa monografia foi defendida no Morro da Formiga, mais precisamente na Escola Municipal Jornalista Brito Broca, na presença de moradores, professoras e da diretoria. Essa foi uma tentativa bem sucedida de dar um retorno em relação aos resultados das pesquisas realizadas no território.

Além do GEASUR/UNIRIO, que continua realizando pesquisas na comunidade, o LEF - Laboratório de Ecologia Florestal da UNIRIO, também vem desenvolvendo diversas pesquisas na região.

O Laboratório de Ecologia Florestal da UNIRIO, sob coordenação do professor André Zaú, vem desenvolvendo um grande projeto multidisciplinar de pesquisa chamado REFLORA⁷⁴. No âmbito desse projeto, e como consequência do mesmo, diversas pesquisas foram e vêm sendo realizadas naquela comunidade.

Apesar de todos estes exemplos de pesquisa acadêmica no território da Formiga, o número ainda é baixo. Vale lembrar que esta série de estudos se iniciou no ano de 2013. Realizando buscas por pesquisas sobre a área da Formiga houve uma grande dificuldade em encontrar fontes anteriores, a exceção está na série de publicações feitas pelo IBASE (2006)⁷⁵. Em comparação com favelas de maior porte como, por exemplo, Rocinha e Mangueira, os estudos sobre a Formiga ainda são escassos.

Ao contrário do que se pode pensar, não é apenas o Morro da Formiga, seus moradores e suas instituições como, por exemplo, a escola, que se nutrem do conhecimento universitário. Sobretudo os pesquisadores universitários adquirem diversos conhecimentos que não teriam contato nos limites dos muros da universidade. O intercâmbio de saberes faz bem para universidade no momento em que seus pesquisadores não vejam a comunidade e seus moradores como meros objetos de pesquisa, se colocando abertos para realização de trocas de saberes horizontais, sem hierarquia, com respeito e valorização das pessoas envolvidas. Nesse sentido a ideia de ecologia de saberes (Souza Santos, 2007) deve ser colocada em prática.

A ecologia de saberes assenta na ideia pragmática de que é necessária uma reavaliação das intervenções e relações concretas na sociedade e na natureza que os diferentes conhecimentos

⁷⁴ Segundo BRASIL (2015) o REFLORA é um projeto financiado pela SMAC - Secretaria Municipal do Ambiente para verificar os motivos do projeto Mutirão de Reflorestamento não ter obtido os resultados esperados ao longo dos anos. Este projeto é desenvolvido pelo LEF-UNIRIO em parceria com a UFRJ e escolheu a formiga como estudo de caso.

⁷⁵ A ONG IBASE publicou em 2006 “Histórias de Favelas da Grande Tijuca Contadas Por Quem Faz Parte Delas”. Apesar de não ser um trabalho específico sobre a Formiga os textos traz boas histórias sobre a comunidade.

proporcionam. Centra-se, pois, nas relações entre saberes, nas hierarquias que se geram entre eles, uma vez que nenhuma prática concreta seria possível sem estas hierarquias. Contudo, em lugar de subscrever uma hierarquia única, universal e abstracta entre os saberes, a ecologia de saberes favorece hierarquias dependentes do contexto, a luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber. (SOUZA SANTOS, 2007, p.28)

Ou seja, dependendo do contexto, alguns saberes possuem maior validade do que outros. Não pode existir uma hierarquia geral que indique que o saber universitário/científico seja superior aos demais.

Nessa direção, uma iniciativa interessante foi realizada em novembro de 2015. Trata-se do fórum “Olhares sobre a Formiga”, que aconteceu na Escola Municipal Jornalista Brito Broca, no alto do Morro da Formiga. Esse fórum foi organizado pelo LEF - Laboratório de Ecologia Florestal da Unirio, em parceria com o GEASUR – Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde el Sur da Unirio e com a Escola Jornalista Brito Broca. A atividade foi pensada como um espaço de compartilhamento de saberes sobre a Formiga, tanto a partir das pesquisas científicas realizadas naquele território, quanto por parte do olhar das professoras e diretoras da escola, mas, sobretudo a partir do conhecimento acumulado pelos moradores que de alguma forma se envolvem com a questão ambiental no morro. Segundo Figueiredo e Chaves (2015):

A ideia do evento surgiu a partir da percepção da existência de projetos de pesquisa de estudantes da UNIRIO, de diversos cursos, desenvolvidos no Morro da Formiga. Apesar de se desenvolverem no mesmo local, o conhecimento construído nessas pesquisas é pouco compartilhado entre os próprios alunos/pesquisadores e com a comunidade do local. Assim, o evento se caracteriza como um encontro para o compartilhamento dos resultados obtidos nessas pesquisas, e dos conhecimentos e experiências da comunidade e demais atuantes na área. (FIGUEIREDO e CHAVES, 2015, p.1)

Sendo fiel à essa ideia de horizontalidade e não hierarquização, o professor Doutor André Zaú teve o mesmo tempo para expor suas considerações sobre o projeto de reflorestamento quanto o Sr. Dejair Santos, que é morador da comunidade e encarregado do projeto na região da Formiga. Houve nesse dia uma tentativa de diálogo de saberes com igual valorização dos conhecimentos universitários e do conhecimento popular dos moradores da Formiga.

No meu caso específico, pude realizar uma apresentação sobre os resultados preliminares da minha pesquisa de mestrado e também ouvi as considerações do Sr. Dornel que, além de morador antigo do morro, é um especialista no fenômeno das Sociedades de Água. Essa troca de saberes foi importante para a consolidação dos resultados da minha pesquisa, que estava no momento de finalização.

Além do historiador Lucas Brasil, a Sra. Nilza Rosa, liderança histórica do morro, também fez sua explanação sobre a história ambiental do Morro da Formiga. Foi possível perceber que a fala de Dona Nilza, mesmo não estando sistematizada segundo os padrões

acadêmicos, foi suficientemente esclarecedora e mostrou total domínio sobre o assunto abordado. Dona Nilza é para mim uma intelectual sem diploma, uma educadora popular, assim como algumas outras figuras daquela comunidade. Podemos destacar, com enorme risco de cometer injustiças, moradores como Sr. Amadeu, Sr. Francisco Marcolino, Seu Barulho de Asa, o próprio Dornel e Sr. Djair e Sra. Nanci Rosa que mesmo sem o diploma universitário desempenham papel de protagonismo no ato de educar. O Morro da Formiga é um celeiro de educadores que, compartilhando os seus conhecimentos, têm muito à contribuir com a universidade.

As professoras e demais funcionárias da escola tiveram espaço de fala garantido e puderam fazer suas colocações a respeito dos temas abordados. Para além do evento em si, foi importante perceber o engajamento das professoras e da direção da escola que desde o primeiro momento se mostraram muito dispostas a trabalhar na construção da atividade.

Após as falas programadas o público presente iniciou um debate sobre os assuntos abordados. Mais uma vez, moradores, pesquisadores da universidade, e representantes da escola, tiveram condições igualitárias de participação nesse debate, o que por si só, considero um ponto positivo.

A partir da realização do fórum, acredito que as possibilidades são muitas e já foi possível verificar alguns desdobramentos. A Escola Jornalista Brito Broca escolheu como tema central das suas atividades no ano de 2016 “a poluição do rio cascata”, ou seja, todas as ações que serão realizadas na escola esse ano vão tratar desse assunto. No final do ano de 2015, uma professora se antecipou e realizou um trabalho em sala de aula sobre a poluição neste rio. O resultado foi o envolvimento das crianças e dos pais e a realização de um filme e uma música sobre o rio cascata. As expectativas para o futuro são animadoras e apontam para uma maior integração entre universidade, escola e comunidade em prol da construção de iniciativas que levem a um ambiente mais justo e equilibrado. Que venham mais fóruns como esse.

REFERÊNCIAS

BRASIL, L. Uma história ambiental da comunidade da Formiga, Zona Norte do Rio de Janeiro: apropriação e autogerenciamento de recursos naturais. 2015. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)* - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CUNHA, L.N; Os organismos internacionais e a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro: as macrotendências da Educação Ambiental nos projetos socioambientais coordenados pela Secretaria de Meio Ambiente no Morro da Formiga, Rio de Janeiro, RJ. *Monografia* (Bacharelado em Ciências Ambientais), UNIRIO. 2015.

FIGUEIREDO, T.F; CHAVES, N.H.R. *11º Relatório do Projeto de extensão da UNIRIO “Aprender brincando com a Natureza” -Referente ao Fórum “Olhares sobre a Formiga”*. Rio de Janeiro, RJ. 2015.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Aval. Pol. Públ Educ.*;14(50):27-38, jan-mar 2006.

IBASE. *Água – Bem público em unidades de conservação*. 2006. Disponível em: <<http://www.ibase.br>> Acessado em 20 de abril de 2015.

IBASE: Agenda Social Rio. *Histórias de favelas da grande Tijuca contadas por quem faz parte delas*. 2006. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/liv_ibase_memo_01n.pdf> . Acessado em: 31 de maio de 2015.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>> Acessado em: 14 de maio de 2015.

ICMBIO. *Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca*. Brasília: 2008a. 1365p.

IPP (Instituto Pereira Passos). *Panorama do Território Formiga 2014*. Disponível em: <<http://www.riomaisocial.org/wp-content/uploads/2014/09/1-Panorama-dos-Territ%c3%b3rios-UPP-Formiga.pdf>>. Acessado em 20/11/2014.

PANDOLFI, D; GRZYNSZPAN, M (orgs). *A favela fala: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SABREN, *Sistema de Assentamento de Baixa Renda*. Disponível em <<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/>>. Acessado em 22 de Abril de 2015.

SILVA, F. R. S. Uso da Água na Bacia do Rio Cachoeira, Maciço da Tijuca (RJ): qualidade, escassez e conflitos locais. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, J. V .C. Elementos para a Gestão Ambiental Popular: Um Estudo de Caso sobre o Uso Público da Água na Comunidade da Formiga, Zona Norte do Município do Rio de Janeiro. 2013; *Monografia* (Pós-Graduação em Gestão Ambiental) – Universidade Candido Mendes.

SMAC – Secretaria Municipal do Ambiente da Cidade. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/>> Acessado em 03 de setembro de 2014.

SOUZA-SANTOS, B. “Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes”. *Revista Crítica Ciências Sociais*, 2007.

Capítulo 11

‘Aprender brincando com a Natureza’: o Morro da Formiga como espaço de extensão e formação universitária

Tainá Figueroa Figueiredo

Neste capítulo conto a minha vivência nesta comunidade, como bolsista, durante os anos de 2013 a 2015, do projeto de extensão “Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro”, coordenado pelo professor André Scarambone Zaú do Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (LEF/UNIRIO)⁷⁶.

Esse projeto existe desde 2008, surgiu a partir do anseio de estudantes do laboratório de fazer atividades lúdicas de educação ambiental (EA) e sempre ocorreu em escolas municipais públicas próximas ao Parque Nacional da Tijuca, objeto dos estudos ecológicos e botânicos do laboratório.

O projeto tem um caráter itinerante e em 2013 foi iniciado na comunidade do Morro da Formiga, em decorrência de um trabalho de pesquisa do laboratório sobre a restauração ecológica no reflorestamento existente no entorno da comunidade. O “REFLORA – Restauração ecológica em áreas de reflorestamento” foi realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e durou de 2013 a 2015. Neste contexto, o desenvolvimento de um projeto de EA na escola local estava incluído na parte socioambiental do Reflora. Com isso, foi proposta uma parceria com a Escola Municipal Jornalista Brito Broca, que recebeu com muito carinho o projeto de extensão.

No I Fórum “Olhares sobre a Formiga”, apresentei o “Aprender Brincando” e as principais percepções ao longo de três anos de vivência na escola. Também, expus junto com a Aline Silva Machado os resultados da pesquisa socioambiental do projeto REFLORA, que investigou a relação de moradores com o reflorestamento, realizada entre 2013 e 2014 (os detalhes desta pesquisa estão dispostos em outro capítulo deste livro).

Para falar das principais percepções do projeto de educação ambiental na escola, começo contando brevemente como foi o meu primeiro ano de trabalho na comunidade.

No início do ano de 2013, a coordenadora pedagógica da escola propôs que eu e o Victor Hugo Pinheiro⁷⁷ desenvolvêssemos atividades com a turma do quinto ano do ensino fundamental do turno da manhã, pois os temas que sugerimos se relacionavam mais com o currículo desta turma, e ela considerou que um projeto sobre meio ambiente seria adequado para eles. Foi um desafio, pois eu nunca tinha trabalhado com crianças nessa faixa etária, o

⁷⁶ Esse relato inspirou a elaboração do capítulo intitulado “Relato sintético de realização de projeto de extensão universitária: ‘Aprender brincando com a Natureza’ na comunidade do Morro da Formiga, de 2013 a 2015”, presente no livro *Floresta aos Montes: a recuperação das matas no Rio de Janeiro*, organizado por André Zaú e Richieri Sartori (no prelo).

⁷⁷ Licenciado em Ciências Biológicas na UNIRIO e bolsista de extensão do projeto de 2012 a 2014.

que fez com que tivéssemos que aprender a construir atividades com uma linguagem adequada a esse público.

O objetivo do projeto na escola foi contribuir em aspectos formativos de longo prazo, gerando mudanças de atitude e ações multiplicadoras na comunidade participante (LEF, 2013). A turma era composta por trinta e dois estudantes. Desenvolvemos quinzenalmente atividades lúdicas de educação ambiental sobre temas relacionados à comunidade e o seu entorno, como relações ecológicas, água, biodiversidade, Mata Atlântica, solos e deslizamento de terra, as quais eram construídas por nós bolsistas. Também, facilitamos uma trilha interpretativa e uma caça ao tesouro no Parque Nacional da Tijuca. Para encerrar o ciclo deste ano do projeto, construímos uma dinâmica dos sonhos para saber o que as crianças desejavam para a comunidade. Nessa atividade, a maioria dos escolares apontou que gostaria que tivesse uma batalha de barbeiros na comunidade. Além disso, exibimos um vídeo com as lembranças do ano e organizamos um lanche coletivo, totalizando assim nove atividades com os estudantes.

A avaliação do projeto junto a turma foi feita através da aplicação de questionários com perguntas sobre os temas abordados, um no início e outro no final do ano, para que fosse possível mensurar a influência do projeto na aprendizagem dos escolares. Eu nunca havia aplicado um questionário para crianças e me chamou atenção o nervosismo delas ao responder as perguntas, mesmo com o esclarecimento de que aquilo não era uma prova e de que não “valia nota”. Outra coisa que me instigou foi a dificuldade de compreensão de várias palavras presentes no questionário, que apesar de serem palavras aparentemente simples para nós, não faziam parte do vocabulário das crianças. Posteriormente, ao analisarmos as respostas, percebemos que elas não haviam compreendido as questões, pois várias crianças marcaram todas as opções das perguntas de múltipla escolha. Isso nos fez questionar a validade do questionário para indicar a sua aprendizagem.

Diante da insuficiência dos questionários como forma de avaliação prévia (no início do ano), optamos por fazer uma avaliação qualitativa participativa no final deste ano, que ocorreu de forma mais tranquila que o questionário anterior e indicou que as crianças haviam gostado mais das atividades realizadas na floresta e dos experimentos nos quais elas interagiram com materiais. Uma vivência marcante nesta turma foi o contato com uma estudante com Síndrome de Down, a qual nos exigiu uma atenção específica em todas as atividades. Durante a aplicação do questionário ela começou a chorar discretamente e ao conversarmos com ela percebemos que ela só sabia escrever o seu nome e não sabia ler. Diante disso, lemos as perguntas para ela para que entendesse as perguntas, e também participasse da atividade.

Nesse momento comecei a compreender as dificuldades e a complexidade de uma educação inclusiva, pois uma turma composta por mais de trinta crianças dificulta um cuidado individualizado, mesmo que a criança seja acolhida pela classe e acompanhada por uma monitora. Neste caso, o fato de a estudante não conseguir ler foi um fator de constrangimento e exclusão para ela. Este momento me marcou muito, pois ficamos profundamente tristes de tê-la oprimido, que chorou por não conseguir acompanhar a atividade como todos os outros estudantes por não saber ler.

Ainda em 2013, houve uma greve de professores da rede municipal no segundo semestre e ficamos sem realizar atividades na escola. Durante este movimento, eu e o Victor

iniciamos a pesquisa para a parte socioambiental do projeto REFLORA, que visou entender a relação dos moradores com o reflorestamento, com as encostas e com outras questões socioambientais da comunidade, como qualidade de moradia, coleta de lixo, relação com a floresta. Por questões de segurança e para facilitar a nossa relação com os moradores, estabelecemos uma parceria com o Centro Municipal de Saúde Professor Júlio Barbosa para acompanhar os agentes comunitários de saúde em suas visitas aos moradores, assim entrevistamos aproximadamente 60 pessoas.

Caminhamos por grande parte da comunidade junto aos agentes e o contato com os moradores foi um grande aprendizado. Conhecemos melhor a comunidade e as diversas histórias de vida dos moradores, e percebemos que há um histórico de envolvimento e luta dos moradores pelas questões ambientais do local. Essa vivência também nos auxiliou muito na construção das ações na escola, pois nos aproximou mais da realidade dos estudantes.

A comunidade possui várias nascentes e organizações sociais que fazem a gestão da água. Também tem um projeto de reflorestamento, pois já houve deslizamento de encosta, é limítrofe a zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca, possui moradores engajados com as questões ambientais e por isso os temas das ações de extensão eram selecionados de forma a se aproximar da realidade dos estudantes e do currículo escolar.

Além disso, aprendi muito com as práticas na escola, pois construíamos atividades e as crianças respondiam de forma muito espontânea se elas gostaram ou não, sendo possível observar a importância de elas participarem ativamente nas ações, de ter materiais para todos, de ouvi-las, de estar sensível ao que elas estão dispostas a fazer no momento e de alterar o planejamento.

Outro aprendizado se relaciona à dificuldade que tínhamos de atrair a atenção delas. O fato de ser estudante universitária e de a maioria das minhas aulas serem expositivas me levou a construir atividades deste tipo para as crianças. Entretanto, ao tentar executar uma atividade expositiva e pouco interativa, percebemos que elas não eram atraídas pela atividade, conversavam entre elas, levantavam da cadeira toda hora, me interrompiam com perguntas não relacionadas ao assunto da atividade. Diante dessa experiência, compreendemos que é preciso ter sensibilidade para perceber que, às vezes, as crianças não estão no “clima” para a sua proposta e que temos que usar a energia delas na construção da atividade e no diálogo. Assim, começamos a construir atividades mais participativas com perguntas, jogos, desafios, dinâmicas, surpresas e experimentos para despertar a curiosidade e motivá-las.

Esses aprendizados foram fundamentais para as atividades do projeto no ano seguinte, 2014, no qual trabalhamos com uma turma do quinto ano do ensino fundamental (indicada pela coordenadora pedagógica), composta por quatorze estudantes, chamada de Acelera 1. Essa turma fazia parte de um programa estratégico da Secretaria Municipal de Educação em parceria com o Instituto Ayrton Senna, que visava o reforço escolar. Este programa teve como objetivo atender crianças que participaram do projeto “Realfabetização 1” e os que estavam com defasagem idade/ano escolar, alfabetizados, nos 3º e 4º anos do ensino fundamental da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. O material pedagógico utilizado pelos estudantes foi produzido pelo Instituto Ayrton Senna.

Assim como no ano anterior, o primeiro contato com os estudantes foi feito através de uma dinâmica de apresentação lúdica, que nos possibilitou conhecer a turma e a professora, além de nos apresentar para eles. Desenvolvemos atividades lúdicas sobre temas relacionados ao conteúdo que seria estudado por eles e contextualizados à realidade da comunidade de forma crítica, como por exemplo, água, solos, biomas, consumo e lixo. Também facilitamos uma trilha interpretativa no Parque Nacional da Tijuca, na qual os estudantes observaram os detalhes da floresta usando lupas, participaram de uma caça ao tesouro e plantaram mudas de espécies nativas da Mata Atlântica.

De forma semelhante ao ano anterior, em 2014 o projeto visou “discutir distintas visões e construir valores socioambientais dentro de uma perspectiva crítica, estimulando a ação presente e futura de cada participante como um agente replicador de valores” (LEF, 2014). Buscamos construir atividades nas quais os estudantes participassem ativamente e interagissem com materiais, e o reduzido número de estudantes na turma facilitou o diálogo permitindo que nos aproximássemos mais de cada criança. Apesar dos temas terem sido quase os mesmos do ano anterior, foi fundamental a avaliação ao final de cada atividade e a reconstrução das mesmas.

A partir da experiência não muito positiva da avaliação quantitativa do ano anterior através de questionários, modificamos a aplicação do questionário de forma que as perguntas direcionassem uma roda de conversa com as crianças sobre os temas abordados ao longo do ano. A diferença foi grande, a avaliação se transformou num momento agradável de conversa informal e reflexão. A professora da turma também participou das atividades, o que motivou mais os estudantes, possibilitou a construção de um vínculo maior com eles, e ao final ela avaliou positivamente as nossas ações.

Nesses dois anos trabalhamos com turmas que já estavam saindo da escola e não conseguimos acompanhar os estudantes, uma vez que a escola contempla a educação infantil e o ensino fundamental I. Apesar de notarmos mudanças na percepção ambiental das crianças, sempre nos questionávamos sobre a real efetividade do projeto na escola, pois um ano é muito pouco e não construíamos nossas ações em conjunto com as docentes. A partir dessa reflexão percebemos que trabalhar apenas com uma turma não era suficiente para incentivar a educação ambiental na escola. Era necessário se aproximar mais das professoras da escola como uma forma de ampliar o alcance e a perenidade do projeto, construindo multiplicadores, sendo esse um dos principais objetivos para o ano seguinte.

Além disso, a coordenadora pedagógica nos pediu para ajudar as professoras do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental a trabalhar ciências, uma vez que no conteúdo programático desse ciclo, destinado para a alfabetização, havia apenas conteúdos de matemática e português. Esta demanda me motivou a analisar os cadernos pedagógicos produzidos pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, usados pelas professoras, para entender melhor os conteúdos abordados e se havia algo relacionado à educação ambiental, sendo esse o início inconsciente do meu trabalho de conclusão do curso de graduação.

Diante dessas reflexões e demandas, em 2015 decidimos mudar o foco do projeto e nos aproximarmos das professoras da escola. O projeto passou a visar “contribuir na formação de estudantes, professores e demais participantes da comunidade escolar e

arredores de maneira a fundamentar visões críticas e transformadoras da relação sociedade – natureza” (LEF, 2015).

Essa alteração foi bem recebida e apoiada pela direção da escola. Além disso, a equipe do projeto também foi modificada, o Victor se formou e até o mês de março eu e Aline Machado ficamos à frente do projeto. A partir de maio outra estudante de Ciências Ambientais, Natália Helena Chaves, passou a integrar o projeto como bolsista junto comigo, e o professor Daniel de Andrade, que tem experiência na área da educação ambiental, passou a orientar a nossa formação enquanto educadoras ambientais e a participar das nossas ações de extensão na escola. Este ano também foi o meu último na faculdade quando escrevi meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Lembro que antes de sair, o Victor me alertou que mudar o projeto em 2015 podia não ser uma boa ideia, pois entraria um bolsista novo, a mudança ia requerer mais envolvimento e participação no cotidiano escolar e eu ainda teria que fazer o TCC (trabalho de conclusão de curso). Realmente, ele tinha razão, foi um dos anos mais agitados da minha vida, quase ou pior que o ano do vestibular, mas foi também um período de muito trabalho e aprendizado, sendo o Fórum um desses.

O Fórum foi no final do ano e não estava no nosso plano de ação inicial. Como mencionei acima, o objetivo do ano era se aproximar das docentes e começamos isso participando das reuniões semanais de planejamento das professoras para compreender o cotidiano da escola, construir as ações do projeto em conjunto com elas e alinhadas aos objetivos da equipe escolar.

Aos poucos nos aproximamos das professoras, participamos das reflexões coletivas e de algumas reuniões de planejamento, construímos uma relação de confiança e com isso surgiram demandas para que ajudássemos algumas delas a trabalhar os conteúdos de ciências de forma prática. Sendo assim, passamos a fazer atividades com quatro turmas do ensino fundamental, duas do quarto ano e duas do quinto ano, a partir da demanda das professoras, o que possibilitou contato com crianças de outras idades e o desafio de construir atividades pedagógicas adequadas a elas.

Em 2015 foram feitas treze atividades na escola e menos atividades com as crianças. Entretanto, gostaria de destacar as conversas sobre a crise hídrica que o Estado do Rio de Janeiro e a comunidade estavam vivendo, quando a escola ficou alguns dias sem água e as professoras aproveitaram o tema e desenvolveram diversas atividades e conversas com os estudantes envolvendo essa questão. Nesse contexto, construí um flanelógrafo (recurso didático) para abordar o fluxo da água, sendo este tema um início de algumas reflexões coletivas na escola sobre as questões ambientais.

A decisão de se aproximar das professoras foi um objetivo que eu não imaginava que seria tão difícil. A rotina delas é bem intensa e atarefada, havia poucos momentos previstos para o encontro de toda a equipe e poucas vezes conseguimos espaço e tempo para conversar com elas. Ao mesmo tempo em que queríamos dialogar sobre questões ambientais, construir atividades e ouvi-las, não queríamos tomar o tempo e nem nos impor na rotina delas, sendo essa vivência da realidade do cotidiano escolar muito importante para a minha formação.

Apesar dessa dificuldade, considero que conseguimos nos aproximar bastante das professoras, que com a nossa constante presença na escola passaram a se sentir a vontade como se fôssemos parte da equipe. Outro fator que colaborou foi a decisão de fazer meu TCC sobre a escola, visando entender como era desenvolvida a educação ambiental lá. Ao longo do percurso a proposta passou a ser uma análise do conteúdo dos materiais didáticos e do Projeto Político Pedagógico, que estava em fase de revisão, a fim de entender como a educação ambiental aparece em alguns materiais pedagógicos usados na escola. A equipe da escola foi muito receptiva a ideia do meu trabalho, me apoiou bastante e cedeu gentilmente alguns materiais didáticos para que eu analisasse na pesquisa.

E o Fórum? Enquanto eu estava desenvolvendo o projeto na escola, diversos estudantes da UNIRIO, de diferentes cursos, estavam fazendo pesquisas na comunidade, muitas dessas relacionadas ao projeto REFLORA. Os pesquisadores, no entanto, não compartilhavam informações entre si. A ideia inicial era que o fórum fosse um evento acadêmico e depois decidimos que teria mais sentido realiza-lo na comunidade, uma vez que eram estudos sobre lá e que contavam com a parceria de muitos moradores locais. A aproximação com a escola facilitou, uma vez que a equipe gostou da ideia e cedeu o espaço escolar para a realização do encontro, além de colaborar na organização.

A ideia do evento era confrontar os diferentes olhares sobre os temas semelhantes, dar voz aos moradores e devolver para os moradores o conhecimento construído pelos universitários em suas pesquisas.

O evento foi um encontro lindo e agradável. Foi muito formativo participar da sua organização e também ouvir as histórias das lideranças locais, apresentar o meu trabalho para a equipe da escola e para os moradores, e ouvir a percepção deles sobre a nossa atuação na comunidade. Acredito que por sermos de “mundos” diferentes, adaptar a linguagem acadêmica foi difícil, mas acho que o evento cumpriu a proposta de ser um encontro de saberes. Me senti muito honrada e feliz com a confiança que construímos com a escola e alguns moradores, que trataram muito bem os universitários e elogiaram os trabalhos e a atitude de apresentar os resultados para eles. Ver a expressão deles de concentração e a atenção durante as apresentações das pesquisas foi gratificante.

Na minha formação quanto educadora percebi as dificuldades do cotidiano escolar, de ter pouco tempo para planejamento e para encontro dos docentes, e de lidar com as difíceis realidades de alguns estudantes. Também compreendi a importância de a aprendizagem ser um momento de prazer, diversão e interação com o outro, de estimular a curiosidade, de trabalhar através de perguntas, de surpreender as crianças e aproximar os temas do cotidiano delas, para que vissem sentido naquele conteúdo.

A Escola Municipal Jornalista Brito Broca é um exemplo para mim, a equipe é muito empenhada, comprometida, acessível, carinhosa e motivada. Costumo dizer que a minha relação com a escola foi construída na base do sim. Sim para os desafios, sim para a colaboração com as professoras, sim para o que precisavam e eu podia colaborar. A resposta delas foi mútua, dentro das suas possibilidades e limites. Cada dia em contato com elas me motivou a seguir o caminho da educação.

Adicionalmente, na minha formação pessoal acredito que trabalhar na Formiga me tornou mais humana e simples, aprendi a ouvir. Conheci um mundo que eu via pelo olhar

da mídia ou de outras pessoas. A organização da comunidade, a receptividade dos moradores e o carinho das crianças conosco foi encantador. Ao longo do trabalho nos envolvemos com as questões socioambientais locais e participamos em alguma medida da vida desses seres. Emociona-me muito quando ando por lá e encontro crianças que fizeram parte do projeto, e me impressiona o quanto elas mudam com o tempo.

Sempre morei próximo a favelas e a violência sempre afetou negativamente a minha vida. Estar na Formiga, ir às casas dos moradores e interagir com as crianças me fez perceber as dificuldades de morar em locais de difícil acesso e com poucas ações do poder público, a diversidade de realidades e de modos de vida. Também compreendi o sentido de comunidade, que apesar dos conflitos, todos se conhecem, há união, há luta e mobilização em prol do coletivo. É também um espaço cultural, com muitos saberes e pessoas conectadas com a natureza.

A experiência do Fórum me possibilitou ter contato com realidades e saberes diferentes que contribuíram muito na minha formação pessoal, desenvolver uma escuta sensível aos saberes diferentes, valorizar as vivências e as pessoas de fala simples.

Por fim, entrei no projeto de extensão como estudante de Ciências Ambientais, virei cientista, educadora ambiental e professora de Ciências e de Biologia, foi uma experiência transformadora⁷⁸. A vida seguiu o seu curso, não estou mais no projeto, mas ainda mantenho contato com a escola. Ser extensionista foi uma escola, um laboratório de testes, trabalho, experimentações e aprendizados. Espero que para a equipe da escola, estudantes e moradores participar do projeto e do Fórum tenha sido uma experiência agradável e formativa também.

Referências Bibliográficas

FIGUEIREDO, T. F.; PINHEIRO, V. H. dos S.; ZAÚ, A. S. Aprender Brincando com a Natureza: experiências de educação ambiental em uma escola municipal pública, em uma comunidade de baixa renda. *RETTA – Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, v. 6, n. 09, 2014. 149 – 169 p.

FIGUEIREDO, T F; MACHADO, A S; ANDRADE, D. F de. Diagnóstico socioambiental na comunidade do Morro da Formiga - olhares sobre o reflorestamento. In: Encontro de Iniciativas Ambientais Externas e Internas à UNIRIO, 6., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. 113-121 p.

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Plano de Ação do projeto “Aprender Brincando com a natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro”*, 2013.

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Plano de Ação do projeto “Aprender Brincando com a natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro”*, 2014.

⁷⁸ Algumas dessas vivências foram sintetizadas e registradas em relatórios e artigos citados nas referências bibliográficas.

LEF. Laboratório de Ecologia Florestal da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Plano de Ação do projeto “Aprender Brincando com a natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro”, 2015.*

FIGUEIREDO, T. F. Um olhar sobre a educação ambiental presente nos materiais didáticos adotados em uma escola municipal do Rio de Janeiro. *Monografia* (Bacharelado em Ciências Ambientais). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orientador: Daniel Fonseca de Andrade.

Créditos finais

Sobre colaboradoras e colaboradores

REVISORES

Bernardo Amado Lauria

Graduando em Bacharelado em Ciências Ambientais (UNIRIO). Atua na área de educação ambiental crítica e permacultura. Foi integrante do Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPeAr) de 2017 à 2019, período em que teve grande formação no que diz respeito à atuação do educador, contextualizando prática com realidades locais. Contato: bernardo.lauria1@gmail.com.

Flávia Moura Fernandes

Bióloga, educadora ambiental e mestranda em educação pela UNIRIO. Atua como professora de ciências e biologia. Contato: mourafer@edu.unirio.br

João Marcelo Quintiliano

Foi bolsista de extensão, do projeto Articula-Ação em 2016. Somando com o engajamento comunitário, no Morro da Formiga. Hoje como cientista ambiental, formado pela Unirio, cursa a pós-graduação em Análise Ambiental e Gestão do Território, pela ENCE/IBGE. Sua área de pesquisa se baseia nas questões voltadas às mudanças climáticas, racismo ambiental e refugiados. Além disso, é membro do grupo de pesquisa de Educação Ambiental crítica - Geasur e da rede YCL - Youth Climate Leaders.

Luiza Sjostedt

Bacharel em Ciências Ambientais pela UNIRIO, com especialização em Análise Ambiental e Gestão de Território pela ENCE/IBGE. Foi bolsista do projeto de extensão “Articula-Ação: gestão local e fortalecimento comunitário”. Atualmente, trabalha na área socioambiental do aquário do Parque Lage com projetos de Educação Ambiental.

Max Murilo Alexandre

Estudante de Graduação em Matemática na UFMS. Atuou como extensionista no projeto de extensão chamado “Articula-Ação: gestão local e Fortalecimento comunitário”.

Nina Neder

Cientista ambiental em formação, com foco na permacultura agroecologia e na preservação da memória biocultural das religiões afro-brasileiras. Contato: neder.lima@gmail.com

Pammella Casimiro de Souza

Graduanda em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Atua na área de Ciências Ambientais com foco em educação ambiental crítica. Contato: pamicasimiro@gmail.com

ENTREVISTADORAS, TRANSCRITORAS E REVISORAS

Natália Chaves

Bacharel em Ciências Ambientais com especialização em Gestão de Energias Renováveis. Estagiou no projeto de extensão “Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro, no Laboratório de Ecologia Florestal (LEF), em 2016, e no Programa de Extensão "Tecendo saberes: escola e comunidade na gestão ambiental local" do LAPEAr, UNIRIO, em 2016, onde teve a oportunidade de entrevistar diferentes atores comunitários para a elaboração deste livro. Atualmente trabalha com projetos de sustentabilidade nas áreas de energia e formação profissional.

Tainá Antonio Fernandes

Cientista Ambiental e pesquisadora da origem africana das práticas de autocuidado. Atua com Yoga nas periferias.

Contato: taina-fernandes@hotmail.com

Sobre autoras e autores

Alexandre Rosa

Filho de Nilza Rosa, vulgo Xandy. É encarregado do projeto Mutirão Reflorestamento, sucessor de seu pai Dejour Thomé, um dos líderes comunitários.

Alice Sá Rego de Azevedo

Bacharela em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), especialista em Análise Ambiental e Gestão do Território pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Conservação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2019-2021). Coordenadora Institucional da Associação Casa dos Saberes (Nova Friburgo/RJ). Trabalha com agricultura, agroecologia, gestão ambiental e sustentabilidade.

Aline Silva Machado

Doutoranda em Educação na PUC-Rio, possui mestrado na área de Ecologia Vegetal pelo JBRJ e bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Integra o Grupo de Estudos em Diversidade, Educação e Controvérsias, Diversias - PUC-Rio, e é professora de ciências Naturais e biologia na educação básica. Atua principalmente nos temas: ensino de ciências naturais e biologia, questões sociocientíficas controversas e educação sobre drogas.

Contato: machado.alinesm@gmail.com

André Scarambone Zaú

Professor Doutor, docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Coordenador do Laboratório de Ecologia Florestal (LEF/UNIRIO). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: ECOTROPICOS – Ecologia, Conservação e Restauração ecológica de Florestas Tropicais. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação – PPGEC/UNIRIO.

Contato: andrezau@unirio.br

Angela Josefa Almeida Guedes

Diretora da Escola Municipal Jornalista Brito Broca.

Início na prefeitura em 1986 em sala de aula. Formada pela Escola Estadual Ignacio azevedo do Amaral. Formada em psicologia pela Universidade Gama Filho. Diretora da Escola Municipal Jornalista Brito Broca de 2012 a 2019.

Contato: angelajguedes@ig.com.br

Celso Sanchez

Biólogo, licenciado em Ciências Biológicas, Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e coordenador do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur, GEASur/UNIRIO.

Contato: celso.sanchez@hotmail.com

Daniel Fonseca de Andrade (organizador)

Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre e Doutor em Ciência Ambiental. Docente do Instituto de Biociências da UNIRIO, coordenador do Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental - LAPEAR.
Contato: daniel.andrade@unirio.br

Dejair Tomé dos Santos

Também chamado de Jair, é morador do Morro da Formiga, foi líder do projeto Mutirão Reflorestamento.

Gildete Barros

Pedagoga, professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Jornalista Brito Broca.
Contato: gildetebarros@hotmail.com

Gustavo Alves Cunha Martins

Bacharel em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestrando em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ), onde desenvolve pesquisa em ecodesign e materiais ecológicos. Sócio fundador da empresa MundoLivres atuando com pesquisa e desenvolvimento de soluções para resíduos sólidos.
Contato: gustavocunha0509@gmail.com

Júlio Vitor Costa da Silva

É morador de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, cientista social formado pela UFRJ. Mestre em Educação pela UNIRIO, trabalhando com a temática de educação ambiental e ecologia de saberes no Morro da Formiga. Membro do GEASUR – Grupo de estudos em educação ambiental desde el sur (UNIRIO).

Lucas Neves da Cunha

Bacharel em Ciências Ambientais (UNIRIO), mestre em Práticas para o Desenvolvimento Sustentável (UFRRJ), atua como colaborador do Grupo de Trabalho Saúde e Meio Ambiente (ABRASCO-Fiocruz) com a pesquisa com incentivos fiscais aos agrotóxicos e como Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental (Secretaria de Planejamento e Modernização da Gestão da Prefeitura Municipal de Niterói) na área de orçamento público e gestão de projetos.
Contato: lucas.nevesc@gmail.com

Maria Lucia Salatiel Braga

Formada em Normal Superior Habilitação em Educação Infantil no ISEPS, professora II do Município do Rio de Janeiro desde 1988, Coordenadora Pedagógica de 2012 a 2017 e Diretora Adjunta de 2018 a 2019 na E.M. Jornalista Brito Broca.
Contato:maria.braga@rioeduca.net

Marise de Oliveira Motta

Professora II e I de Educação Física do município do RJ desde 1992.
Participou da Equipe de direção entre 2012 e 2017 na EM Brito Broca.

Nilza Rosa *in memoriam*

Também chamada de Iza para os familiares. Mulher, forte liderança comunitária, sempre preocupada com o bem estar de todos e o desenvolvimento da comunidade do Morro da Formiga, Tijuca, RJ. Liderança livre formada na faculdade da vida.
Biografia gentilmente narrada pela Nanci Rosa, irmã de Nilza Rosa.

Paulo Sérgio de Oliveira dos Santos

Também chamado de Toliu, atuou no projeto Mutirão Reflorestamento. Atualmente é presidente da Associação de Moradores da Comunidade do Morro da Formiga.

Rafael Soares Gonçalves

Advogado e Historiador. Doutor em História pela Universidade de Paris VII, pós-doutor em antropologia pela EHESS. Professor associado do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS). Pesquisador do CNPq e Jovem Cientista pela FAPERJ.
Contato: rafaelsgoncalves@yahoo.com.br

Tainá Figueroa Figueiredo (organizadora)

Bacharel em Ciências Ambientais e Licenciada em Biologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Mestre em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ). Educadora e Pesquisadora voluntária no Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAr/UNIRIO) e no Laboratório de Limnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Contato: tainaff12@gmail.com

Victor Hugo dos Santos Pinheiro

É consagrado de uma Comunidade missionária da Igreja Católica, tem 28 anos, formado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UNIRIO, atualmente não exerce a profissão de professor e nem de Biólogo. Foi bolsista de extensão do projeto Aprender Brincando com a Natureza: educação ambiental em escolas municipais públicas do Rio de Janeiro de 2012 à 2014. Contato: (21) 99353-8284.

